



.....

# IMIGRANTES POLONESES NO BRASIL EM 1891

*Pe. Zygmunt  
Chelmicki*

EDIÇÕES DO  
SENADO FEDERAL

*Volume 139*

## SENADO FEDERAL

*Imigrantes Poloneses no Brasil em 1891* é o testemunho vivo e vibrante de um aspecto da historiografia nacional sobre a imigração, do qual ela é carente.

O autor, Pe. Zygmunt Chelmicki, jornalista de Varsóvia, revela as mazelas da política imigratória do Império e da nascente República, por ele levantadas de perto. Chegando ao país 17 meses após sua Proclamação, ele emite avaliações severas sobre personalidades e cenários políticos da época.

Com autenticidade, reporta fatos que viu e entrevistas que fez e anota em primeira mão relatos e depoimentos lamentáveis sobre a situação dos imigrantes poloneses que por aqui encontrou.

Ver texto sobre o autor,  
Pe. ZYGMUNT CHELMICKI,  
em “Nota Geral da Tradutora”.



A tradutora e o revisor

Sofia Winklewski Dyminski, a tradutora deste livro, é mais conhecida como pintora, com telas e outras formas de expressão plástica.

Nascida na Polônia em 1918, reside desde 1929 no Brasil, onde se naturalizou. Desde 1950, fixou-se em Curitiba, onde fez carreira artística.

Presente em numerosas exposições individuais e coletivas de pintores, em enciclopédias e dicionários, Sofia surge agora com *Imigrantes Poloneses no Brasil em 1891*.

Não é novidade esta “Sofia dos livros”, pois sua biblioteca está recheada de obras raras. De fato, ela – no devenir da vida – também se envolveu a fundo com o polonês, que lecionou a convite, em 1988 e 1989, na Universidade Federal do Paraná.

Enfrentando medos de conterrâneos (como ela confessa em “Nota Geral da Tradutora”), Sofia oferece ao público brasileiro este inédito relato jornalístico sobre os poloneses no Brasil em 1891, testemunho de coragem e de preocupações com a verdade histórica da realidade nacional nos primórdios da República.



Edifício Memorial do Imigrante (SP), ilustração de Daniel Lima (1989).  
Ilustração de imigrantes por Henryk Piatkowski (1853-1932).



.....

IMIGRANTES POLONESES  
NO BRASIL DE 1891



*Mesa Diretora*

Biênio 2009/2010

Senador José Sarney  
*Presidente*

Senador Marconi Perillo  
*1º Vice-Presidente*

Senadora Serys Slhessarenko  
*2º Vice-Presidente*

Senador Heráclito Fortes  
*1º Secretário*

Senador João Vicente Claudino  
*2º Secretário*

Senador Mão Santa  
*3º Secretário*

Senadora Patrícia Saboya  
*4º Secretário*

*Suplentes de Secretário*

Senador César Borges  
Senador Cícero Lucena

Senador Adelmir Santana  
Senador Gerson Camata

*Conselho Editorial*

Senador José Sarney  
Presidente

Joaquim Campelo Marques  
Vice-Presidente

*Conselheiros*

Carlos Henrique Cardim

Carlyle Coutinho Madruga

Raimundo Pontes Cunha Neto

.....  
*Edições do Senado Federal – Vol. 139*

# IMIGRANTES POLONESES NO BRASIL DE 1891

*Pe. Zygmunt Chelmicki*

Tradução de  
*Sofia Winklewski Dyminski*



*Brasília – 2010*

EDIÇÕES DO  
SENADO FEDERAL  
Vol. 139

---

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país.

Projeto gráfico: Achilles Milan Neto

© Senado Federal, 2010

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – DF

CEDIT@senado.gov.br

[Http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm](http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm)

Todos os direitos reservados

ISBN: 978-85-7018-308-8

.....

Chelmicki, Zygmunt.

Imigrantes poloneses no Brasil de 1891 / Zygmunt Chelmicki ; tradução de Sofia Winklewski Dyminski. – Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2010.

356 p. – (Edições do Senado Federal ; v. 139)

1. Poloneses no Brasil, Século XIX. 2. Imigrante, condições sociais, Brasil, Século XIX. 3. Brasil, descrição, Século XIX. 4. Viagem, Brasil, Século XIX. I. Título. II. Série.

CDD 325.24380981

.....

.....

## *Sumário*

### NOTA GERAL DA TRADUTORA

Sofia Winklewski Dyminski

*pág. 15*

### I PARTE

#### I

Na redação – Mikolaj Glinka – Proposta inesperada – Motivação –  
Minhas reflexões e temores – Destino de Dygasinski – Partida

*pág. 29*

#### II

Berlim – Espantosa transformação – Chegada a Bremen –  
Detalhes sobre os emigrantes – Associação São Rafael –  
Padre Schlosser e a Lloyd: um acordo – Visita a emigrantes –  
Vás advertências – Cidade nova e a velha – Bremerhaven –  
Partida para Paris – Recordações

*pág. 35*

#### III

Chegada a Paris – Entrevista com Winnicki – Notícias sobre nossa viagem –  
Visita a Argolo Ferrão – Páscoa – Ceia na residência do Conde Z. –  
Conversa com Santana – Audiência com o núncio apostólico –  
Provisão de artigos de viagem – Saída de Paris – Caminho para Madri –  
Madri – Chegada a Lisboa – A capital portuguesa

*pág. 46*

#### IV

Diário de bordo

*pág. 65*

V

Desembarque e primeiras impressões – Febre amarela –  
Boas-vindas dos jornalistas – Artigo do *Jornal do Comércio* –  
Minhas reflexões – Outros jornais –  
Gentileza de Álvares Franklin e seu filho,  
bem como do Senador Gomensoro  
*pág. 102*

VI

O imigrante no Rio – O que o trouxe para cá? – Clima – Lamentável jornada  
– Pai e filho – Salários – Preço dos mantimentos e da manutenção –  
Infalível extermínio – A energia do governo brasileiro – Na igreja  
*pág. 107*

VII

Calor do Rio – Aspectos de higiene – Vila Isabel – Barracão –  
História do morávio – Declaração da Polícia – Dois engenheiros –  
Brincadeira dos Milusinskis locais – Último serviço – Ponta do Caju –  
Indescritível miséria – Sampaio – De novo os barracões –  
Varsovianos – Minha incapacidade  
*pág. 113*

VIII

A imigração e os agentes – Escravidão e imigração – As nobres intenções e o caráter  
de D. Pedro II – Lutas difíceis – Primeira forma de arregimentação – Crescimento  
da imigração – Leis de 1871 e de 1865 – Diminuição do número de escravos – Bons  
exemplos – Total abolição da escravatura – Clamor dos fazendeiros – Segunda forma  
de arregimentação – Santos e Fioritta, famosos empresários da arregimentação –  
Enormes recursos e lucros – Queda do Império – Administração do governo –  
Incríveis doações e concessões – Lei imigratória de 28 de março de 1890 –  
Perspectivas para o futuro – Polpuda recompensa  
*pág. 122*

IX

Póitica

Motivos que levaram ao golpe de estado –  
A surpresa de 15 de novembro de 1889 – Principais ativistas –  
Circunstâncias favoráveis – Realização do golpe – Diodoro da Fonseca –  
Os alunos da Academia Militar – Política repugnante – Lealdade do Sr. P. –  
O exílio do Imperador – Governo provisório: sua administração e reformas –

Glicério e Rui Barbosa – Constituição brasileira –  
Eleição de Fonseca para presidente – Convocação do novo Ministério –  
O Barão de Lucena – O tesouro e o comércio – Perspectivas para o futuro  
*pág. 135*

## X

Primeiras impressões – Praça Dom Pedro II – Ruas principais – Bondes – Lapa –  
Botafogo – Jardim Botânico – Corcovado – Tijuca – Hipódromo – Vila Isabel –  
Santa Casa de Misericórdia – Febre amarela – Beribéri – Docas – Igrejas –  
Administração das irmandades – Duas visitas – Últimas impressões  
*pág. 158*

## II PARTE

### I

Partida do Rio – Recordações – Estrada – Reflexões – São Paulo –  
Primeiros contatos – Poloneses estabelecidos há mais tempo –  
Imigrantes novos – Condições de trabalho – Salários – Preços –  
Trabalhos extras – O ideal da volta – Saudade – Na igreja  
*pág. 183*

### II

Casa do imigrante – Primeira impressão – Narração uníssona –  
Lamentáveis influências – Momento crítico – Conversa com o diretor –  
Hospital – Verdadeiro desespero – Em terra apropriada – O adeus  
*pág. 189*

### III

Plantações de café – A febre do café – Preços – Especulação –  
Origem das informações – Características de três fazendeiros exemplares –  
O trabalho dos escravos – O trabalho dos brancos – Acordos primitivos –  
Mudança do sistema – Salários atuais – Seu nível e espécie de trabalho –  
Resumo geral – O imigrante polonês na fazenda – Primeiros passos –  
Experiências amargas – Dimensão global da desgraça e suas causas –  
O exemplo de Paulino – Sem exagero – Impressões gerais  
*pág. 195*

#### IV

Motivos que me levaram a Campinas – O negro como trabalhador –  
Branco em relação a negros – Uma noite sem sono –  
Bate-papo com Carlos – “O castigo de S. Benedito”  
*pág. 212*

#### V

Surpresas – “Paciência!” – Hospital em São Paulo –  
Assistência aos doentes – Santos – Mais uma vez “Paciência!” –  
Imigrantes – O que os traz a Santos? – Lamentável destino – Cegueira  
*pág. 237*

#### VI

Paranaguá – Morretes – Antonina – A maravilhosa estrada para Curitiba – Recepção  
inesperada – Cortesia brasileira – *Suum cuique* – Feliz escolha – Leviana febre  
imigratória – Casas de imigrantes em Tomás Coelho – O episódio de 10 de maio  
– Barbárie – O estado de espírito dos imigrantes – Exploração – Dois irmãozinhos –  
Os estrangeiros em Curitiba – Falta de entendimento – Os preços dos mantimentos  
– “Cascudos” e Farrapos – Um provérbio – A maneira de ser dos partidos  
*pág. 242*

#### VII

Colonização – Sua heterogeneidade – Qual a parte do Brasil mais adequada  
para colonização? – Italianos, portugueses, espanhóis e habitantes do Norte –  
Total despreparo para a colonização – Multidão à espera – Lamentável ociosidade –  
Floresta virgem – Problema de engenheiro – Primeiros passos – Roça – Queimada  
– Época difícil – A tribo selvagem dos botocudos – A absolvição de Dygasinski –  
Primeira colheita – Salários do governo – Pagamento – Mercantilismo – Condições  
de escoamento – Comunicações – São Mateus – Rio Negro – Ponta Grossa –  
São Bento – Rio Grande – Colônias em Curitiba – Lamenha e o Dr. Blumenau –  
A história dessas colônias e as condições de seu sucesso –  
Exemplos de insucesso – Não há comparação  
*pág. 251*

#### VIII

Volta ao Rio – Irregularidade de comunicação –  
Ainda a febre amarela – Desvelo malfadado – Meus escríptulos –  
Uma carta aberta ao *Jornal do Comércio* – Um artigo do Barão de Taunay –

Audiência com o Ministro da Agricultura, Barão de Lucena –  
Memorial – Destino dos que ficaram – Senador Gomensoro –  
Imigração comprometida – Visão do futuro – Atraso do navio – Partida  
*pág. 272*

IX  
EPÍLOGO

Inúmeras perguntas – Falta de fé – Condições gerais – Quem emigrou até agora –  
O que concorreu para a infelicidade do imigrante polonês no Brasil –  
Desconhecimento do idioma – Salários – Alimentação – Clima –  
Trabalho – Salubridade – Miséria moral  
*pág. 294*

BEM-TE-VI  
Um quadro que tem por fundo a vida no Brasil  
*pág. 304*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DA TRADUTORA  
*pág. 345*

APÊNDICE  
*pág. 347*



## A TRADUTORA AGRADECE

a todos aqueles com os quais esta obra é o que é, especialmente:

a *Fábio de Gonzaga Paul, João Luís de Gonzaga Paul e Pedro Haluche*

*Paul* – pelo escaneamento dos originais em polonês e dos datilografados;

a *Ana Paula Carvalho da Luz, Camila Bahia dos Santos, Luana Dombrowski*

e *Tainã Marcela de Oliveira* – pela revisão dos textos escaneados;

a *Antonio José Correia Ribas* – pela facilitação dessa revisão;

a *Mariana Paul de Souza Mattos* – pela implantação das várias revisões do texto;

a *Verônica de Marino Alves* – pela obtenção de dados, junto ao INSEE, para atualização dos valores monetários;

a *Luiz César Savi* – pela assessoria financeira quanto a valores monetários da época e atuais;

a *Karl e Gerhard Grube e Leszek Celinski* – pela tradução de textos do alemão e polonês; *Celinski* colaborou também com informações sobre a cultura polonesa atual;

a *Marcos Alves de Souza* – pela assessoria em matéria de direitos autorais internacionais;

a *Halina Dyminska Paul*, pela dedicação em todo o processo que viabilizou este livro;

a *Antonio Alvaro Tosi*, pela ajuda na busca da editora;

a *Luiz Gonzaga Paul*, pela revisão dos textos, editoração e coordenação geral, e

a *Deus*, pela felicidade de poder concluir esta obra e vê-la publicada.



.....  
*Nota geral da tradutora*

SOFIA WINKLEWSKI DYMINSKI

*P*ARA melhor compreensão deste livro, senti que o leitor – além de notas pontuais em rodapé – poderia necessitar de informações mais gerais e conhecer os critérios adotados na tradução de uma obra de quase 120 anos. É o que apresento aqui.

A TRADUTORA E O LIVRO

*Entre tantos objetos deixados por meu falecido pai, Edward Valerian Winklewski, encontrei um livro que me despertou especial interesse: W BRAZYLIU. Notatki z podróży, em português NO BRASIL – ANOTAÇÕES DE VIAGEM, escrito por Zygmunt Chelmicki e publicado em Varsóvia em 1892.*

*Em suas muitas viagens, meu pai procurava se informar sobre o país do próximo destino da família. Foi o que aconteceu quando viemos para o Brasil, em 1929. Tive muitos contatos com a obra antes de me dedicar à sua tradução há trinta anos. Nesse trabalho, houve momentos de medo quando conterrâneos me alertaram que as pesadas críticas do autor (A.) ao governo do Brasil poderiam resultar em dificuldades pessoais para mim. Mas não me deixei levar pelo medo. Houve também momentos de quase desânimo, quando – já concluída a tradução – me dei conta de que o texto, pela preocupação com a fidelidade ao original, ficava de leitura difícil para o público de língua portuguesa. Não desanimei: reformulei o texto, sem faltar com a fidelidade ao original.*

#### O AUTOR

*Zygmunt Chemicki (1851-1922) foi um sacerdote polonês, dedicado a causas sociais e publicista. Desde 1882, trabalhou na redação do jornal Slowo (Palavra), editado em Varsóvia. Como narrado na obra, no início de 1891 ele foi convidado para viajar ao Brasil, com três objetivos: (i) verificar em que condições os imigrantes poloneses eram acolhidos em nosso país e encaminhados para as terras a eles destinadas e como depois se situavam social e economicamente; (ii) dar meios financeiros e outros aos imigrantes desejosos de retornar à Polônia; nesse retorno, eles poderiam dar testemunho sobre seu desencanto com a emigração e sobre as dificuldades encontradas no Brasil; e (iii) incorporar esse testemunho e as informações reunidas em livro numa campanha de esclarecimento do povo polonês sobre a realidade da vida do imigrante no Brasil, opondo-se firmemente à Febre Brasileira (Goraczka Brasyłjska),*

que grassava na Polônia (FILIPACK, 2002, s.v. polonês). O livro ora traduzido fez parte dessa campanha.<sup>1</sup>

Ao final de sua viagem, Chelmicki “confia sua missão [de propiciar recursos para o retorno de imigrantes poloneses descontentes com sua situação no Brasil] a um homem de sua confiança, que infelizmente não corresponde a ela e desaparece com o dinheiro que muitas dezenas de colonos lhe tinham entregue para retornar à Polônia”. (CICHOCKA, 2002, p. 3.)

#### O ILUSTRADOR

*O original não indica o autor das ilustrações. Interpretando, porém, a assinatura que consta nas ilustrações como sendo H. Piatkowski, seu autor pode ser Henryk Piatkowski (1853-1932). Esse artista estudou desenho com R. Hadziewicz, A. Wagner e K. Piloty. Foi co-fundador da Sociedade Pró-Arte. Pintava temas genéricos, panoramas, retratos e antiguidades.*

#### A TRADUÇÃO: ‘IMIGRANTES POLONESES’ NO BRASIL ‘DE 1891’

*O título traduzido da obra original, em dois volumes (reunidos nas duas partes deste livro), totalizando 424 páginas, é*

---

1 Os resultados dessa campanha podem ser avaliados por este relato histórico. Após 1891, “ocorre uma diminuição da onda imigratória da Polônia, para nos anos 1895-1896 intensificar-se. Era o chamado segundo período da febre brasileira”. Os imigrantes eram sobretudo habitantes da então Galícia Oriental, de onde vieram 7 mil colonos. Nos primeiros anos do século XX ocorreu o terceiro período da febre brasileira”. Nos anos 1897-1905 vieram 8 mil poloneses do Reino da Polônia, e no período do dez anos seguintes, mais cerca de 24 mil pessoas. Dessas ondas imigratórias participava o povo simples, e apenas uma pequena porcentagem era constituída por intelectuais, professores e religiosos. Somente após a revolução de 1905 encontra-se entre os imigrados um número maior de intelectuais. A imigração desse período tinha muitas vezes o caráter político, visto que desse grupo faziam parte jovens poloneses que haviam participado do movimento revolucionário, ou ainda pessoas que fugiam do serviço militar no exército imperial russo”. (MALCZEWSKI, 2007, p. 5.)

*simplesmente No Brasil – Anotações de viagem. Embora esclarecedor para o ambiente e o público da época (uma vez que a viagem e o livro de Chelmicki tiveram cobertura do Slowo), para o leitor atual a tradução precisou do sobretítulo ‘Imigrantes Poloneses’ para evidenciar melhor o conteúdo, com o ano ‘de 1891’.*

*Na realidade, o A. não poupa críticas, às vezes contundentes, ao tratamento recebido pelos imigrantes em nosso país. Encontra-se ainda em vários pontos do texto certo tom de desprezo, de pouco caso pelas coisas, costumes e pessoas do Brasil. É necessário, no entanto, levar em conta os objetivos por ele visados, para entender por que são carregadas as tintas de sua narração a ponto de parecerem exageradas, sobretudo se feito um confronto entre as condições de então e as atuais. Mas o que era o Brasil nos alvares da República, mesmo nos estados e cidades hoje mais desenvolvidos (Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, e outros)? Em saneamento, saúde pública (doenças tropicais), meios de transporte e comunicações, desbravamento de seu interior, eficiência do serviço público e tudo o mais? É fácil perceber que a realidade de então, descrita na obra, ainda hoje está presente em muitos lugares deste país continental. Essas observações permitem avaliar quanto de verdade há no relato do A.*

*O estilo da obra, as ações e atitudes do sacerdote denotam o fundo também religioso da missão que assumira. Sempre que se oferece oportunidade, Chelmicki desempenha, além do papel patriótico, o pastoral que o impregna nessa viagem, com duração total de mais de cem dias, dos quais 55 no Brasil. Nesse sentido, são compreensíveis algumas digressões do autor, como a de relatar “O castigo de São Benedito”. Aliás, sua viagem é de ‘jornalista inspetor’, como Marta CICHOCKA*

(2002, p. 2) denomina o autor desta e de outras viagens num artigo intitulado *Les Polonais en Amérique latine: un autre regard*.<sup>2</sup>

*Impressionam as informações de Chelmicki sobre a situação política do Brasil, oferecidas ao leitor polonês para deixá-lo a par do ambiente de ebulição por que passa a ordem institucional na transição do Império para a República, proclamada 17 meses antes de sua chegada ao Brasil. O A. deixa mais que transparecer sua preferência pelo regime monárquico. Sua visão e seus julgamentos de estrangeiro sobre fatos e personagens da primeiríssima República indicam quanto deve ter lido e conversado para emitir os conceitos registrados. Talvez esteja aí uma realidade histórica com a qual os brasileiros de hoje não estão familiarizados: uma voz estranha e até certo ponto imparcial apreciando o nascimento de nossa democracia.*

*Por encontrar as instituições republicanas ainda no seu nascedouro, é aceitável – porque na própria realidade nacional também deveria ser assim – a falta de uniformidade na denominação das unidades da federação, chamadas ora de estado ora de província, o que foi respeitado na tradução.*

*O original de No Brasil, apesar de citar várias obras e autores, não possui uma seção de referência, relacionando-as.*

#### A E(I)MIGRAÇÃO: CIRCUNSTÂNCIAS POLONESAS E BRASILEIRAS

*Após ter sido o maior país da Europa no século XVI, como Comunidade Polono-Lituana (Wikipédia, 2009), o território da Polônia foi alvo de sucessivas invasões e guerras, que deterioraram sua unidade para uma situação de anarquia, caindo sob o controle dos países vizinhos. Apesar das reformas tentadas, seu território foi*

---

2 “Os poloneses na América Latina: uma outra visão”. (N. da T.)

*três vezes partilhado entre Rússia, Prússia e Áustria (1772, 1793 e 1795), quase levando o país a ser retirado do mapa.*

*Inconformados com tal situação, patriotas procuraram re-vertê-la mediante rebeliões, lamentavelmente sufocadas. Napoleão instituiu, em 1807, um estado polonês – o Ducado de Varsóvia. Após as guerras napoleônicas, o Congresso de Viena (1815) partilha novamente o país entre a Rússia, a Prússia e a Áustria, situação que perdurou até 1918, quando surgiu a “Segunda República Polonesa”.*

*É, pois, nesse quadro de uma Polônia oprimida pela tentativa de assimilação dos países partilhantes que em meados do século XIX ocorrem as emigrações polonesas ao Brasil. CICHOCKA (2002, p. 1) chega a afirmar “que antes de 1918, a imigração polonesa no mundo inteiro se compõe de... alemães, austríacos e russos”.*

*Na verdade, as emigrações acontecem muito mais por efeito econômico que político, na tentativa de seus participantes encontrarem vida melhor em outro lugar e, no Brasil, atraídos pela ação dos agentes de imigração subsidiados pelo governo brasileiro, primeiro durante do Império e depois na República nascente.*

*No Brasil, a política de imigração surge como necessidade para ocupar espaços despovoados do país e sobretudo para repor a mão-de-obra escrava em face de fatos que, desde meados do século XIX, prenunciavam a abolição da escravatura no país. Em 1850, extingue-se o tráfico de escravos; após a guerra do Paraguai em 1870, os debates sobre o tema ganham maior espaço no próprio Parlamento, onde antes era silenciado. 62% de escravos do Brasil de um total de cerca de 1.540.000 concentravam-se em São Paulo, Minas, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Com o surgimento da revolução industrial na Inglaterra, o trabalho livre e assalariado se torna sempre mais presente nos países, e somente Brasil, Cuba e Costa Rica mantêm, na segunda metade do século, o regime de trabalho escravo.*

*Perante esse quadro, impunha-se a obtenção de outra mão-de-obra, igualmente barata: uma das soluções foi optar pelo movimento imigratório, mediante o envio de agentes ou emissários do governo para a imigração.*

A ação dos emissários do governo brasileiro encontrou terreno fértil na Polônia, onde a perda da independência, o sentimento da ameaça individual e coletiva, os levantes e as subsequentes perseguições políticas conduzidas pelas potências ocupantes, bem como a difícil situação política no país, forçavam os poloneses à busca de segurança, de um pedaço de terra, enfim de melhores condições de vida no exterior. (MALCZEWSKI, 2007, p. 4.)

*A consequência foi o início de um fluxo imigratório polonês mais intenso a partir de 1870, embora outras nacionalidades já antes tivessem chegado ao Brasil.*

*Uma primeira experiência de participação da mão-de-obra imigrante, de caráter particular, ocorreu entre 1847 e 1857, na cafeicultura paulista com a chamada “colônia de parceria”, constituída entre fazendeiros do café e imigrantes trazidos da Europa. Devido, porém, ao insucesso da iniciativa causado pela revolta dessa mão-de-obra, alguns governos daquele continente proibiram a emigração.*

*Nesse meio tempo, a falta de trabalhadores, sobretudo no Sul e Sudeste, foi suprida pelo comércio interno de escravos, vindos do Norte e Nordeste em vista da decadência econômica daquelas regiões e do alto preço do escravo. A adoção dessa medida agravou a situação econômica na origem e não solucionou os problemas das regiões no destino.*

*Contudo, a iniciativa do governo da Província de São Paulo de subvencionar a imigração de mão-de-obra européia em 1871 tornou possível, dez anos depois, a vinda maciça de imigrantes.*

*O afluxo foi tão grande que o Governo da Província de São Paulo foi autorizado, em 1885, a construir vários prédios para abrigar os recém-chegados nos seus primeiros dias em São Paulo. Já em 1887, ainda inacabada, a instituição recebia os primeiros imigrantes. As instalações, com capacidade para mais de mil imigrantes, foram depois denominadas “Hospedaria de Imigrantes”, atualmente transformada em Memorial do Imigrante, na Rua Visconde de Parnaíba. Na Hospedaria, Chelmicki informa que, em 1891, estavam “mais de 500 famílias de emigrantes poloneses, entre os quais muitos são foragidos de diversas colônias, os quais declaram preferir morrer do que arredar o pé dali e unicamente esperam ser devolvidos ao seu país” (V. II Parte, VIII, Carta aberta, p. 292.)*

#### PADRÕES MONETÁRIOS

*Em seu relato, o A. atribui valores monetários a bens e serviços cotando-os em mil-réis e francos, valores monetários de difícil apreciação hoje. Como o franco francês era o padrão monetário internacional corrente de avaliação para os europeus, em muitos pontos do texto o A. converte contos de réis em francos.*

*Para propiciar uma compreensão atual desses valores, procurou-se fazer a correspondência entre eles e o presente sistema monetário brasileiro, anotando em rodapé os respectivos montantes aproximados em reais (agosto de 2009), com base em dados do Banco Central do Brasil e do Institut National de la Statistique et des Études Économiques, da França (INSEE, 2008).*

*O sistema monetário brasileiro vigente até 1942 merece breve explicação. A unidade monetária desde o início da colonização até 10 out. 1942 foi o real, no plural réis (símbolo Rs ou \$, moeda mil-réis), e já passara por duas reformas: a de 1833, que reorganizou o sistema, e a da Lei 59, assinada pela Regência Trina, no Segundo Império, durante a menoridade de D. Pedro II.*

*Por ocasião da passagem de Chelmicki pelo Brasil, a forma de representar valores monetários era, entre outras, Rs 0\$500 ou \$500 = quinhentos réis, Rs 12\$100 = doze mil e cem réis, e Rs 1:000\$000 = um conto de réis, como então se denominavam um milhão de réis. Pela forma como Chelmicki apresenta os valores pelo sistema monetário vigente em 1891, ele nem sempre dá demonstração cabal de o ter compreendido plenamente.*

*No site do Banco Central do Brasil (2008), é dado um exemplo da correspondência em reais de hoje dos réis do passado. Após todas as transformações ocorridas em nosso sistema monetário, R\$ 4.000,00 (quatro mil reais) corresponderiam a “Rs 1.020.100.800:120\$230”, que se lê “um bilhão, vinte milhões e cem mil e oitocentos contos e cento e vinte mil e duzentos e trinta réis”.*

---

*Por último, quero registrar que nunca me faltou dedicação para ser o mais fiel possível ao pensamento do autor. Ao colocar o máximo empenho para que os leitores de hoje compreendam o que foi a saga da imigração polonesa ao Brasil relatada por um quase auditor dela, rendo homenagem aos meus conterrâneos e seus descendentes, que – em meio a tantas dificuldades – optaram por esta terra para viver, conseguiram sobreviver nela e a adotaram como sua.*

Curitiba, agosto de 2009.



*Ao caro Amigo e Companheiro de viagem  
Senhor Mikolaj Glinka,  
o autor  
oferece esta obra,  
lembrança  
dos momentos passados juntos,  
como prova  
de respeitosa admiração  
e imorredoura amizade.*



# I PARTE



.....

## I

NA REDAÇÃO – MIKOLAJ GLINKA – PROPOSTA INESPERADA – MOTIVAÇÃO – MINHAS REFLEXÕES E TEMORES – DESTINO DE DYGASINSKI – PARTIDA

**O** DIA 9 de março ficará gravado para sempre na minha memória. Como de costume, por volta de meio-dia, estava eu sentado à escrivaninha de redator, pesquisando notícias em jornais estrangeiros para publicá-las na *Revista Política*.

Na redação, a essa hora, reina solene silêncio, e nele pode-se ouvir apenas o chio das canetas rabiscando sobre o papel interrompido de tempos em tempos pelo toque da campainha e o típico chamado “*Boy!!!*” Em seguida, detrás de uma pilha de jornais, uma mão, empunhando uma folha de papel escrita com letras miudinhas, estende-se para aquele *boy* – provável futuro orgulho da tipografia, mas no momento apenas um moleque de cara suja. Ele a apanha e o mais rápido possível a leva à impressão, para seu conteúdo ser impresso nas colunas do *Slowo (A Palavra)*, algumas horas mais tarde.

A essa hora do dia, visitas à redação não são recebidas com agrado, pois cada minuto é precioso. A perda de tempo, mesmo na mais agradável das conversas, ameaça de atraso o jornal, não fosse a intervenção desse mesmo “menino”, que, como mensageiro da tipografia, postando-se diante do retardatário infrator, diz com seriedade: “Os tipógrafos estão es-

perando o manuscrito!” Na verdade, na porta da redação está afixado bem visível o seguinte aviso: “Os funcionários desta redação recebem amigos e interessados somente após a 1h da tarde e pedem encarecidamente que até essa hora não sejam importunados em seu trabalho.” Entretanto, como geralmente acontece, é justamente nessas horas que o número dos “prezados visitantes” é bem maior, causando embaraço àqueles que se sentiriam honrados com a presença deles.

Contudo existem visitantes privilegiados. A eles – mesmo sem querer levar em consideração sua posição especial na hierarquia social, mas em função do seu relacionamento amigo e mais próximo com a redação – é permitida certa liberdade para lhes pedir alguns minutos de espera até ser preenchida pelo menos metade da folha que seguirá rapidamente para a tipografia. No grupo desses privilegiados e bem-vindos visitantes, está o benquisto Mikolaj Glinka. A qualquer hora que aparecer, ele é saudado num uníssono geral: “Ah! querido Conselheiro!” e após alguns minutos de compreensível espera, é cercado pelos redatores.



*Mikolaj Glinka.*

Pois bem, naquele dia tão memorável para mim, quando, apesar das relações tensas entre redação e tipografia, lá na parede o relógio um tanto adiantado indicava meio-dia, entrou Mikolaj. Desta vez foi se encaminhando direto para mim e após um breve aperto de mão disse:

– Venho com uma proposta para o Reitor!

Com um ponto no fim de longa fileira de desajeitadas letras e falas entre aspas causadoras do desespero dos pacientes tipógrafos – e graças a eles e somente a eles consigo ler meu próprio texto nas colunas impressas –, dirigi-me com o querido visitante para uma sala contígua à redação.

– Aqui estou – falei. – Em que posso servi-lo?

Parecia-me muito grave e solene a expressão de Glinka.

– Mscilawa e Antônio – disse, segurando-me a mão – peço que apóiem a minha causal!

Senti um calafrio percorrer minha espinha. Como um relâmpago, uma súbita idéia me atravessou a mente: por recomendação de Mikolaj, acaba de chegar a nonagésima sétima candidata de oitenta anos ao Abrigo das Professoras, e lá já não há mais um só lugar disponível. Lentamente, aos poucos, comecei a formalizar uma série de argumentos, a fim de conseguir convencer o conselheiro da impossibilidade de atender à eventual exigência.

Enquanto isso, os outros colegas de redação começaram a se aproximar.

– Pois bem, Reitor, – disse Glinka – para encurtar, vou direto ao assunto: o Reitor terá de viajar comigo ao Brasil!

– O quê? – irrompeu uma só voz das quatro bocas.

– O nosso querido conselheiro está hoje de muito bom humor – retruquei rindo.

– Nunca falei tão sério como neste momento – continuou Glinka. – Vocês mesmos sabem perfeitamente a que proporções chegou a febre emigratória para o Brasil. Gente iludida com as promessas dos agentes está contagiada pela febre emigratória. De nada adianta qualquer persuasão. “Os senhores – retrucam eles – invejam a nossa sorte!” As advertências da parte dos padres não surtem efeito. “Na primavera – dizem também – quem estiver vivo, partirá para além-mar.” Vocês mesmo publicaram algumas das cartas tão desesperadoras, de cortar o coração, daque-

les que seguiram para o Brasil induzidos por aliciadores. O relatório de Dygasinski,<sup>1</sup> por exemplo, é um brado de horror e de dor sobre o destino desses infelizes. Não há outra solução: é preciso que aqueles que se desiludiram com o sonho brasileiro, eles próprios sirvam de advertência e precaução aos ingênuos. Nesse sentido, com a permissão das autoridades, foi decidido buscar algumas centenas desses infelizes oriundos de diversas regiões do país. Pois bem, há pouco assumi essa missão, com a condição de partirmos juntos. Qualquer coisa que aconteça, seja qual for o resultado prático dessa nossa missão, cumpriremos nosso dever caritativo; o resto ficará na mão de Deus!

Quanto mais Glinka falava, mais eu entendia que a viagem ao Brasil não era nenhuma brincadeira, mas um problema realmente grave que inesperadamente recaía sobre meus ombros, como uma obrigação séria. Nada, pois, de estranhar que eu caísse em profunda meditação.

Quando Glinka terminou, seguiu-se um vago silêncio. Estávamos todos impressionados com a súbita e inesperada proposta.

– E então? – insistiu Glinka.

Que deveria eu responder? Se uma pessoa nessa idade e com tantos compromissos se encarrega de empreender uma missão além-mar, como poderia eu vacilar?

– Bem – respondi simplesmente – isso não depende só de mim. O Conselheiro deverá dirigir-se ao meu superior e dele dependerá a decisão final. Padre é como soldado: vai aonde o mandam ir.

– Então partiremos – disse o meu futuro companheiro de viagem, abraçando-me. – Sei que daqui a pouco voltarei trazendo a permissão e a bênção do Arcebispo.

---

1 Adolf Dygasinski (1839–1902) – contista e poeta, considerado um dos mais extraordinários escritores da escola naturalista da Polônia. Foi professor por profissão e um cultor da ciência. Publicou cerca de 50 volumes de contos de variável qualidade literária, sendo os melhores acerca de animais domésticos e selvagens. (BRITÂNICA, 2008, s.v.) *“Como jornalista, foi enviado à América Latina com um grupo de emigrantes em novembro de 1890 e retornou em fevereiro de 1891, tendo passado cinco semanas no Brasil e apenas cinco dias entre os colonos poloneses. Seu relatório sobre o Rio de Janeiro e algumas colônias polonesas de Santa Catarina foi muito desestimulador de futuros emigrantes, mas foi imediatamente contestado em razão de sua breve permanência no país.”* (CHICHOKA, 2002, p. 2.) (N. da T.)

Glinka não se enganara. Uma hora mais tarde estava decidida minha viagem. Foi assim que se arranjou minha ida para o Brasil. Graças a uma gentil deferência de J.E., Superintendente do Estado, em cinco dias chegou, por telegrama, a autorização para a emissão de meu passaporte. Desse modo, só restava me preparar para a viagem.

Confesso que dentro de mim não existia sequer uma única veia a pulsar a favor do turismo. Jamais me atraía a idéia da excursão. Mais que isso: sentia uma invencível aversão em particular às viagens por mar. Somente uma vez na vida, navegara de Trieste a Veneza, mas aquelas poucas horas passadas no mar bastaram para me tirar para sempre o gosto pelas viagens marítimas.

A partir dessa consideração, a perspectiva de uma próxima viagem por mar não representava nenhum atrativo.

Restou apenas a obrigação. Desejei cumpri-la na medida das minhas forças e da minha capacidade, mas o que ouvi sobre o destino dos nossos pobres conterrâneos no Brasil me encheu de angústia. Será que realmente conseguirei, ao menos em parte, resolver o problema? Conseguirei levar-lhes um pouco de consolo espiritual? Por outro lado, poderei trazer de volta ao país material suficientemente desanimador para servir de solução ao menos parcial contra a paranóia que dominou os contaminados pela epidemia emigratória?

Essa última questão deixou-me altamente preocupado. Estou ciente de quanto alta é a escala de exigência de nossa opinião pública em relação a quem foi escolhido para o cumprimento dessa missão. Compreensivos e tolerantes para com nós mesmos, somos implacáveis para com os outros. Tive, aliás, um expressivo exemplo no caso de Dygasinski, o qual, depois de arcar com um penoso encargo e passar por incríveis dificuldades, fora vítima de uma série de infundadas acusações e por vezes de absurdas pretensões. O mesmo destino provavelmente estava à minha espera e talvez até mais severo, pois sob muitos aspectos eu partiria em condições muito mais favoráveis do que ele.

Por isso, não era de admirar que me sentisse apreensivo, com pensamentos de aflição a desfilar insistentemente em minha cabeça. Cheguei ao momento, afinal desejado ardentemente, de me ver dentro de um trem. Tive a mesma sensação do sujeito que, sentindo frio, é obrigado a

pular dentro da água. Por isso, eu queria saltar de uma vez, na esperança de que, em face do fato consumado, outros pensamentos tomassem conta de minha cabeça em lugar da insistente apreensão e inquietação com sombrias previsões.

Por tudo isso, senti-me realmente aliviado, quando, em 25 de março, me encontrei na Estação Central de Varsóvia–Viena e constatei que ao meu redor havia um grupo de pessoas caras ao meu coração de cujas faces pareciam vir palavras de conforto: “Confie em Deus e volte feliz!”, e cada aperto de mão me dava um alento da coragem.

Por isso, ao embarcar no trem, fortalecido na fé e na esperança, disse intimamente:

– Então em frente, em nome de Deus!

Momentos depois, foi dado o sinal de partida. O trem pôs-se em movimento; entre nuvens de fumaça apenas pude ver lenços abanando.

Por longo tempo ainda fiquei em pé junto à janela, com o pensamento fixo naqueles de quem acabara de me despedir. Involuntariamente, uma lágrima quente me rolou pelo rosto. Olhei para meu querido companheiro de viagem e vi que ele também estava com os olhos úmidos. Em silêncio nos demos as mãos, e ambos sentimos que esse forte aperto nos uniria por muito tempo, para sempre.

Enquanto isso, o trem corria, distanciando-se, cada vez mais longe. Aqui e acolá, em algumas estações, estendia-se para nós ainda alguma mão amiga, acompanhada de um sincero e cordial “Que Deus os acompanhe!”

Desceu o crepúsculo, e a pálida luz das lâmpadas do vagão não conseguia nos arrancar da profunda meditação. Pelo acúmulo de pensamentos e sensações que nos apertavam a cabeça e o coração, a tentativa de um diálogo foi inútil.

A aurora de um dia de primavera surpreendeu-nos já perto de Berlim.

.....

## II

BERLIM – ESPANTOSA TRANSFORMAÇÃO – CHEGADA A  
BREMEN – DETALHES SOBRE OS EMIGRANTES – ASSO-  
CIAÇÃO SÃO RAFAEL – PADRE SCHLOSSER E A LLOYD:  
UM ACORDO – VISITA A EMIGRANTES – VÁS ADVERT-  
TÊNCIAS – CIDADE NOVA E A VELHA – BREMERHAVEN  
– PARTIDA PARA PARIS – RECORDAÇÕES

*F*AZIA 19 anos que eu não passava por Berlim. Por isso, Berlim ficara gravada na minha memória como uma cidade fundamentalmente prussiana – rígida, burocrática e casmurra. Desde aquele tempo, procurava cuidadosamente evitar a capital da Alemanha unida, preferindo desviá-la a esbarrar nela, mesmo que isso aumentasse o caminho. Que enorme mudança encontrava agora! A própria entrada de trem urbano já permite sentir que em 19 anos Berlim perdera sua antiga característica e personalidade. Aquelas ruas compridas, magníficas, reluzentes de limpeza, lojas com luxuosas vitrines, prédios semelhantes a palácios, tudo isso acompanhado de um agitado movimento de multidão foi para mim surpreendente novidade. Só as velhas tílias conservavam seu antigo aspecto, apesar de salpicadas de lâmpadas elétricas, pendentes de festões de ferro; porém aquele cunho prussiano, ninguém será capaz de lhe tirar. Eu dispunha de apenas algumas horas, tempo a preencher

com as necessárias compras de livros e mapas. Por isso não havia a mínima possibilidade de visitar a Berlim de hoje. Levei somente uma impressão superficial, percorrendo apenas algumas ruas; mesmo assim, isso foi suficiente para reconhecer que Berlim – da qual os alemães tanto se orgulham – se transformara numa verdadeira metrópole mundial.

Às 12h, o trem partiria para Bremen; era preciso me apressar, pois pretendíamos chegar a Paris na Páscoa e já estávamos na Quarta-Feira Santa. Por isso, continuamos a viagem.

O tempo corria para nós quase na mesma velocidade do trem. Eram tantas as questões a tratar, tantos os projetos a arquitetar, que nem nos demos conta quando, às 9h da noite, estávamos chegando a Bremen.

Já era tarde demais para pensar em encaminhar qualquer coisa. Limitamo-nos, pois, a obter aqui e ali algumas informações soltas sobre emigrantes. Já de entrada, garantiram-nos unanimemente que nos últimos tempos o número de emigrantes oriundos do Reino da Polônia diminuía consideravelmente, e o último navio que partira levava apenas umas 30 famílias para o Brasil. Estes foram os emigrantes mais pobres, sem nenhum recurso, e o seu transporte tinha sido pago pelo governo brasileiro. Outros, com algum recurso financeiro, geralmente vão para os Estados Unidos.

Cada pessoa que interrogamos sobre os nossos emigrantes, quase sempre começava com a seguinte resposta: *“Ah, die armen Leute!”* (“Ah, essa gente pobre!”), seguida do relato de uma série de detalhes sobre o infortúnio, o desamparo e a completa ignorância desses coitados. Parece-me que, no entender desses bremenenses, eles são o sinônimo da própria miséria, de humildade e, acima de tudo, de desmedida ingenuidade. Com toda a razão, posso até afirmar que muitas vezes notei mais sentimento de compaixão por eles do que tendência à exploração ou ao roubo.

É fácil, pois, presumir que esses detalhes não podiam nos agradar de maneira alguma. Resolvemos então procurar a mais farta e mais fidedigna das fontes de informação, e esta nos foi indicada unanimemente na pessoa de dois sacerdotes locais, os padres Schlosser e Prahaz, responsáveis pela Associação São Rafael, que tem por objetivo proteger moral e materialmente os emigrantes.

Essa associação foi fundada em 1872 por ocasião da Assembleia Católica em Mogúncia. O responsável por ela é padre Karol Isenberg-

Bernstein. Ela possui homens de confiança em todos os mais importantes portos da Europa e América, como os de Bremen, Hamburgo, Antuérpia, Havre, Liverpool, Nova Iorque, São Paulo, Rio Grande do Sul<sup>2</sup> e outros. A Associação conta com muitos membros e recebe significativos auxílios de pessoas caridosas. A missão dela consiste em desestimular, por todos os meios, a emigração, porém, quando todos os esforços nesse sentido falharem, então, pelo menos eles levarão aos emigrantes a proteção, o conforto espiritual, a defesa contra a exploração e o aconselhamento.

Em Bremen, o homem de confiança é o padre Schlosser, que tem como seu auxiliar o padre Prahaz, da Morávia. Posso com toda a justiça chamar o padre Schlosser de anjo protetor dos emigrantes. Durante dezenove anos, desde que assumiu essa nobre missão, mais de um milhão dessa gente infeliz passou pelas suas mãos. Quando chegou a Bremen, cidade que se distingue por feroz inimizade aos católicos, ele soube granjear, não só respeito e admiração geral, mas também enorme influência. Capitães de navio e gerentes ferroviários e de hospedarias, que recebem os emigrantes em seus estabelecimentos, o atendem. Foi ele também quem conseguiu que nos navios, tidos como antros de devassidão e escândalo, atualmente são rigidamente observadas as condições de decência, separando os emigrantes de acordo com o sexo: os homens solteiros viajam na proa, os casais na parte central do navio e as mulheres solteiras na popa.

– Aconteceu muitas vezes – contava-me o padre Schlosser – que o hospedeiro, a cujo estabelecimento eu chegava para conversar com os emigrantes, me punha para fora. Atualmente a maioria deles vêm a mim para inscrever na lista aqueles sobre os quais tenho o direito de exercer controle.

É graças a ele que os emigrantes – recebidos de diversas partes em momentos difíceis – conseguem facilidades. Milhares, com a sua ajuda e intercessão, retornaram para suas famílias, milhares veneram o seu nome pelo fato de tê-los dissuadido do infeliz propósito de deixar o país. Em cada navio que parte, ele, com um olhar paternal, previne para algo errado não acontecer; em seguida, com palavras ardentes estimula o amor a Deus e finalmente abençoa os que partem.

---

2 O A. deve se referir à cidade de Rio Grande, RS. (N. da T.)

Eram 8 da manhã quando batemos à porta do padre Schlosser. Minutos depois, ele veio ao nosso encontro e, depois de uma troca de recomendações e esclarecimentos sobre o motivo da nossa visita, já nos sentíamos velhos e bons conhecidos. O padre Schlosser, que já conta com 51 anos, é vigoroso, de estatura mediana, cabelos claros, entremeados de alguns fios brancos, traços muito expressivos, e estranhamente atraente. A miopia é denunciada pelos seus óculos. Fala animadamente e com persuasão, descrevendo vivamente os detalhes da sua experiência fabulosa.

– Observei – contava-nos ele – muita miséria entre os emigrantes, mas o que encontrei entre seus compatriotas ultrapassa tudo. Nenhum deles sequer se dá conta de por que está indo... tentados pelas mais absurdas esperanças. Contam histórias fantásticas sobre o Brasil, que provavelmente são as mesmas com que os agentes os persuadiram a ir, aproveitando-se de sua ingenuidade. Tentei mostrar-lhes a realidade, com toda a força de persuasão que me foi possível. Apresentei exemplos da desgraça que os aguardaria. Nada disso adiantava. O padre Prahaz fazia isso em sermões. Então, murmurando, abandonavam a igreja. Segundo afirmação deles, os motivos que os teriam obrigado a abandonar o seu país eram geralmente falsos, conforme já tive a oportunidade de constatar anteriormente, e neste momento são confirmados pelos senhores. O povo infelizmente costuma mentir. Quantos dos que me procuravam, pedindo esmola ou um pedaço de pão, jurando que estavam morrendo de fome, eu poderia enumerar... Alguns dias depois, eu os vi trocando dezenas e até centenas de rublos<sup>3</sup> com os cambistas, o que, falando entre parênteses, eu mesmo prometera fazer, temendo que fossem enganados. De modo geral, acreditem os senhores, lastimo mais a moral do que a miséria material dessa gente. Quando lhes dava donativos, atiravam-se aos meus pés; logo depois, ao me encontrarem, nem me cumprimentavam, fingindo não me conhecer. E como são fracos fisicamente! Segundo minha experiência, o clima brasileiro matará em pouco tempo todos os mais idosos e as crianças. Apenas os mais jovens se salvarão para enfrentar a mais penosa e medíocre existência.

---

3 Unidade monetária e moeda usadas em transações na Federação Russa, da Belarus e no Tadjiquistão. (HOUAISS, 2001, s.v.) (N. da. T.)

Resumi mentalmente as palavras do padre Schlosser, que dão ideia do quanto foram tristes as experiências que ele deve ter tido. Não demorou muito para que eu próprio tivesse oportunidade de constatar essa realidade.

Soubemos também pelo padre Schlosser, assunto que tratamos de comunicar sem demora aos jornais *Slowo* e *Kurier Warszawski*<sup>4</sup>, que o governo brasileiro proibira a entrada de emigrantes poloneses. A mesma notícia foi recebida pela Nord Lloyd, que se encontra num grande problema, de difícil solução: o que fazer com aqueles que já partiram pois, em vista dessa proibição, o governo brasileiro não permitirá que desembarquem. Os que presentemente se encontram em Bremen não poderão mais ser aceitos a bordo. Parece que o motivo dessa proibição foram os distúrbios provocados já por duas vezes pelos emigrantes poloneses em razão da miséria e desilusão. Maiores detalhes eram esperados à noite.

Acompanhados pelo padre Schlosser, fomos procurar o diretor da Lloyd a fim de acertar o preço do transporte de regresso dos que estão no Brasil. Fomos recebidos por Peters, homem muito gentil. Explicamos o motivo da nossa visita, expressando o desejo e a esperança de que a Lloyd conceda, num gesto humanitário, a maior redução do preço possível. Após breve debate, ao qual padre Schlosser contribuiu com algumas sugestões, Peters concordou com a seguinte concessão:

Pelo transporte do porto de Rio de Janeiro a Bremen:

Adultos – de 150 para 120 marcos.

Menores – de 6 a 12 anos, de 75 para 60 marcos.

Menores, de 1 a 7 anos, de 37,50 para 30 marcos.

Abaixo dessa idade, grátis.

Além disso, a Lloyd tomou a si a responsabilidade de levá-los até a fronteira (Mlava ou Alexandrow) em terceira classe pelo preço de quarta, a saber, o preço inteiro pela primeira categoria (15 anos a 14 marcos), metade do preço pela segunda e terceira categoria.

E por fim cada um receberia 2 marcos para alimentação.

Naturalmente, é fácil imaginar quanto desejávamos entrar em contato com os emigrantes que nessa hora se encontravam em Bremen.

---

4 Em português, *Palavra* e *Correio Varsoviano*. (N. da T.)

Compromissos de Sexta-Feira Santa ocuparam o padre Schlosser, porém o padre Prahaz se ofereceu para nos servir de guia. Este jovem sacerdote, ordenado havia apenas alguns anos, chegou a Bremen para trazer o consolo aos emigrantes eslavos e checos. Fala checo e aos poucos começou a dominar a língua polonesa. Alma proba, no melhor sentido da palavra, e sacerdote totalmente dedicado ao seu apostolado, não poupava esforços nem trabalho a fim de advertir esses tresloucados e ingênuos, abrindo-lhes os olhos, mas infelizmente tudo em vão. Em troca disso, recebia a indiferença, mas na maioria das vezes insultos e até humilhações.

Acompanhados dele é que chegamos ao estabelecimento de um certo Hesse, onde se encontravam 34 emigrantes adultos e 18 crianças. Já no vestibulo demos com três rapazinhos, que soubemos depois tratar-se de operários de Lublin. Com cigarro na boca, ar desafiador e certa dificuldade, travaram conversa conosco. Declararam pura e simplesmente que não têm nada a perder.

Caminhamos adiante.

Numa sala grande, que servia ao mesmo tempo de bar, encontramos emigrantes e suas esposas dormindo sobre bancos e mesas. Pelos cantos, no chão, brincavam crianças, algumas mais velhas jogando baralho.

À tradicional saudação “Deus seja louvado!”, todos se levantaram e se colocaram à nossa volta.

– Onde vem, meu amigo? – perguntei ao homem mais próximo ao meu lado, cujas faces denunciavam estranho abatimento.

– Venho de Makowiec, próximo de Lipno.

Então notei que a mulher que se encontrava a seu lado, começou a dar fortes puxões no seu paletó.

– E como é o seu nome?

– Não digo!

– E por que não quer me dizer seu nome? Não vê quem eu sou?

O homem começou a coçar a cabeça, e sua mulher, provavelmente temendo que ele fosse fraquejar, puxava sua roupa com mais força.

– Bem, não tem importância – falei. – Quantos filhos está levando?

– Seis, e o sétimo, se Deus quiser, virá durante a viagem.

– Por que está indo para o Brasil?

– Porque outros que estavam indo me disseram que lá será melhor.

– E na sua casa você estava mal?

– Que bem que nada: não tinha o que pôr na boca. A gente com as crianças e a mulher por pouco não morre de fome.

O cidadão ao qual eu me dirigi com perguntas sobre alguns detalhes explicou-me, no entanto, que aquele “coitado”, que estava morrendo de fome, tinha chegado lá havia alguns dias. Trouxera consigo 200 rublos, com que já tinha pago pela alimentação para ele e sua família até 10 de abril. Comecei a repreendê-lo pela mentira que havia pregado; sem nada responder, ele se afastou resmungando. Porém não considerei a minha causa perdida. Insisti junto à mulher para que voltasse para casa o mais depressa possível, porque o navio não receberá mais ninguém, já que o governo brasileiro não aceitará novos emigrantes. O padre Prahaz confirmava tudo isso. Finalmente o dono da hospedaria, falando um polônês atrapalhado, garantiu: “Não vão mais viajar”! Tudo isso de nada adiantou.

– Então nós morre aqui, mas pra casa nós não vorta, não! – Essa foi a resposta dada como definitiva.

Procurei outro grupo. Lá se achava um tal Krupa – com sua mulher e filhos – guardião procedente de Varsóvia, da Rua Chmielna. Estes últimos já tinham esgotado todos os seus recursos e passaram a viver de esmola, dada pelos outros emigrantes. Apesar disso, quanto à nossa proposta de oferecer-lhes dinheiro para voltar, rejeitaram sem pensar. Um tanto irritado, exclamei em voz alta:

– Como é então, gente: vocês se deixaram enganar a ponto de estarem partindo às cegas para a infalível derrota, sabendo que nós vamos até lá, para, o quanto possível, salvar ao menos uma parte daqueles coitados que pedem por misericórdia?

– E lá isso é verdade? – disse um deles, mais ousado, apoiado pelo resto do grupo, que sorria ironicamente.

Continuo repetindo o que todos eles já sabem: que não mais viajarão; além disso, é o que lhes foi declarado pela própria Lloyd, que também avisou que somente por mais uma semana lhes dará alojamento. Apesar de tudo, não acreditam e não querem voltar.

– Se houvesse aqui alguns milhares deles, como em novembro, – acrescentou o padre Prahaz – os senhores ouviriam a mesma coisa, só que de forma menos amável.

Não nos restou outra saída senão afastar-nos com o coração apertado, deixando na mão do padre Prahaz uma modesta quantia de dinheiro, para – quando a necessidade apertasse e a crua realidade se tornasse evidente – ele pudesse enviar para casa aqueles coitados, dos quais realmente nada mais se poderá dizer senão apenas isto: “Senhor, perdoai, eles não sabem o que fazem!”

Percorrendo por necessidade várias ruas de Bremen, tivemos a oportunidade de observar a cidade.

Bremen conta atualmente com 100.000 habitantes.

Era justamente Sexta-Feira Santa, e a multidão, sem se importar com a chuva grossa misturada com a neve, caminhava pelas ruas, dirigindo-se às igrejas, donde vinha o som de órgão e cânticos de salmos. Quase exclusivamente protestante, o povo confere à cidade, exatamente nesse dia, um aspecto característico. Não era, como entre nós, aquela peregrinação cheia de tristeza e seriedade pesarosa da multidão que se dirige em visita ao túmulo do Redentor, mas um árido e formal cumprimento do dever prescrito pelo ritual protestante.

Um novo bairro da cidade, que se formou nas proximidades da estação, cheio de hotéis e lojas, não despertava nenhum interesse especial, e nada o distinguia de outras típicas cidades alemãs comuns. Também aqui se encontram hospedarias para emigrantes, onde esses coitados esperam a chegada de um navio vindo do Brasil e onde seu sonho dourado de felicidade no além-mar encontra as primeiras decepções.

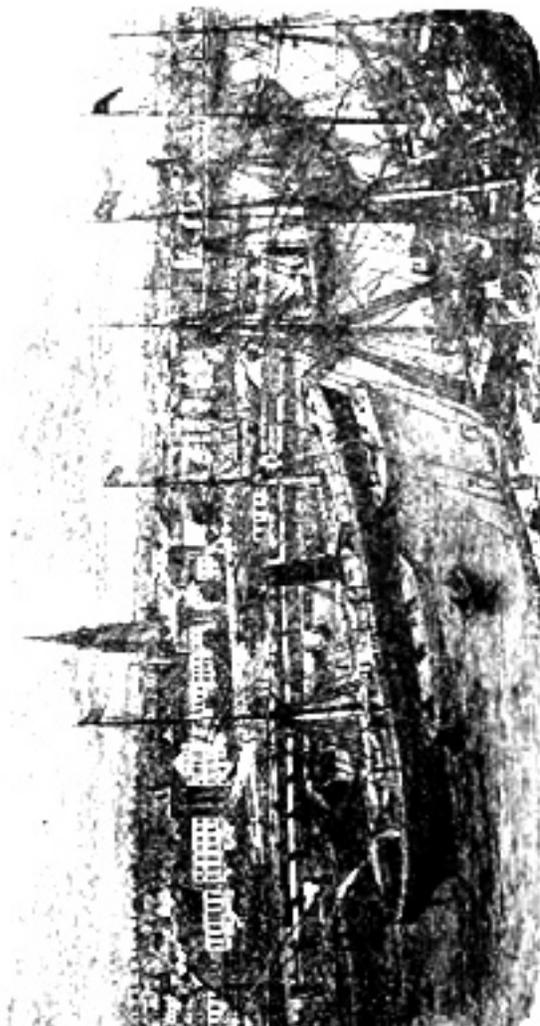
A parte antiga da cidade, entretanto, é extremamente interessante e característica. Sabe-se que Bremen, uma das cidades mais antigas da Alemanha, preserva até hoje o cunho de séculos passados. Basta olhar as esguias e pontiagudas casas, de frente para as ruas, esgueirar-se por entre ruas estreitas e escuras, para logo descobrir que apenas o moderno verniz encobre as obras do passado já corroídas pelo tempo. Entre as obras dignas de ser vistas, está a magnífica catedral gótica, fundada, segundo dizem, no começo do século XI, pelo arcebispo Adalberto e reformada em meados do século XVI, em padrão protestante, porém lembrando, em quase todos os

detalhes, sua antiga finalidade. Não menos digno de ser visto e também em estilo gótico é o enorme edifício da Câmara Municipal, cuja construção teve início no século XI, sendo rigorosamente preservadas as antiguidades primitivas pelo Conselho de Bremen, que atualmente deu início a uma completa restauração. Diante da Câmara Municipal, está erguida a grotesca estátua de Adolfo XIII, de enormes proporções, a qual se acha em evidente abandono, possivelmente com o objetivo de encarregar à ação do tempo sua obra de destruição, que mão humana alguma teria coragem de realizar.

Infelizmente, a escassez de tempo não nos permitiu dar uma chegada a Bremerhaven, distante a mais ou menos três horas de viagem de Bremen, onde se encontra o porto de partida dos navios para o mar. Não só os bremenenses mas os alemães em geral sentem-se orgulhosos do movimento que reina em Bremerhaven. De lá, grandes navios levam produtos alemães para todas as partes do mundo. Da mesma forma, é lá que a Nord Lloyd tem navios, que concorrem com os franceses e ingleses no aperfeiçoamento deste meio de transporte para além-mar. Contaram-nos também, com muito orgulho, que recentemente um dos navios do Lloyd percorreu o trecho Nova Iorque – Bremerhaven em 6 dias. Essa viagem deve marcar época nos anais da navegação marítima quanto à velocidade.

Aproximava-se finalmente a hora de nossa partida.

Deixamos Bremen, levando impressão um tanto triste. A lembrança daqueles pobres – vítimas não só da perversidade e logro dos agentes mas também da sua própria credulidade e estupidez, juntando-se a isso a cega teimosia nas suas absurdas esperanças, – deixa qualquer pessoa profundamente abalada. Somente agora conseguimos convencer-nos de quão infrutífera devia ter sido toda a sorte de persuasão, mesmo baseada nos mais fortes argumentos, uma vez que sofrendo inúmeras decepções, alguns até enfrentando a mais dura miséria, ainda assim sucumbem a uma formal loucura emigratória. Partíamos sem ter conseguido nada, apesar de a notícia sobre a proibição da entrada de novos emigrantes poloneses aos que aguardavam em Bremen a próxima partida ter sido divulgada não só por nós, como também pela Lloyd e donos de hospedarias.



*Bremerhaven*

A missão que por obrigação assumimos estava terminada, portanto não deveríamos perder mais tempo e, sim, partir prosseguindo viagem. Às 4 da tarde, acompanhados pelo padre Prahaz, embarcamos no trem que, passando por Colônia, nos levaria até Paris.

A chuva com neve acompanhava-nos continuamente, desanimando-nos de olhar os arredores mesmo através das vidraças do vagão. A única vez em que pus a cabeça para fora foi na estação de Münster. Tantas lembranças daqui, dos meus tempos acadêmicos, me ligavam à capital da Vestfália!<sup>5</sup>

E depois de quase 20 anos pude ver de novo esta acolhedora cidade, hoje um pouco mudada, enfeitada com novas roupagens, impressionando por inúmeras fábricas, imponentes edifícios e hoje pelos quartéis inseparáveis das cidades alemãs. E, como a desmentir a calúnia de *In Münster ist alles finster* (“Em Münster tudo é escuridão”), entramos na estação iluminada a eletricidade.

Nem sei por quê, mas aquela Münster antiga, pobrezinha, modesta, mas muito viva ainda na minha lembrança, possuía para mim muito mais encanto.

Diante dos meus olhos, vislumbrei uma pequena comitiva de oito colegas, no estrangeiro, ligados por laços de fraternidade, preparando-se, com fé e esperança, para as duras obrigações da vida. Todos esses vultos começaram a me desfilar na lembrança; para eles meu coração ainda hoje vibrava com tão vivo sentimento que involuntariamente me transferi para aqueles tempos.

O som de uma campainha e um estridente assobio da locomotiva me tiraram da profunda meditação. O trem, em louca velocidade, seguiu adiante. De tempos em tempos, as faiscantes luzes refletidas nos vidros das janelas e os violentos puxões do vagão lembravam que estávamos passando por uma estação.

Por volta da meia-noite, paramos em Colônia e meia hora mais tarde partimos para Paris.

---

5 Em Münster, entre 1875 e 1877, o A. realizou seus estudos superiores de Teologia. (N. da T.)

.....

### III

CHEGADA A PARIS – ENTREVISTA COM WINNICKI – NOTÍCIAS SOBRE NOSSA VIAGEM – VISITA A ARGOLO FERREÃO – PÁSCOA – CEIA NA RESIDÊNCIA DO CONDE Z. – CONVERSA COM SANTANA – AUDIÊNCIA COM O NÚNCIO APOSTÓLICO – PROVISÃO DE ARTIGOS DE VIAGEM – SAÍDA DE PARIS – CAMINHO PARA MADRI – MADRI – CHEGADA A LISBOA – A CAPITAL PORTUGUESA

*P*ODERÁ existir algo menos atraente que um chuvisco com neve numa manhã de março? Vidros embaçados das janelas do vagão, frio penetrante, tristonhas nuvens encobrindo o horizonte, incessante bater de gotas de chuva nas vidraças do vagão, mais o monótono barulho das rodas, tudo isso não predispõe para animação. E o que dizer se com tudo isso ainda persistem dentro da alma aqueles tristes pensamentos e amargas lembranças que trazemos de Bremen? Foi nesse estado de profundo abatimento que chegamos à Estação Norte, de Paris, para seguir dali à procura do abrigo num teto de hotel mais próximo.

A cidade estava ainda como que imersa num meio-sono.

Longas filas de carroças carregadas se arrastavam pelas ruas: aqui e acolá, surgia de repente um fiacre<sup>6</sup> bem fechado, puxado por um manguito, que o chicote do bem agasalhado cocheiro animava para se apressar. Nas calçadas, uma multidão, porque, em Sábado de Aleluia, as donas de casa e as empregadas correm às compras para abastecer de comida os dois dias de festas. Por vezes via-se passar o blusão azul de algum operário, ou o guarda-chuva de algum funcionário apressado correndo para o trabalho no escritório. Meio sonolento, um comerciante se apressava para seu estabelecimento, e atrás dele, sem atentar para a chuva, a neve e o frio, vinha correndo um bobo alegre, cantarolando em voz estridente uma canção. Diante de nossos olhos, portanto, desfilava aquela moderna babel, boêmia e enfasiada, arrastando-se distraída pelos imensos bulevares, mas uma Paris laboriosa e agitada, que às vezes sorri, mas na maioria das vezes chora. Limpando o vidro embaçado do fiacre, fiquei observando esta Paris com certa satisfação.

Finalmente nos instalamos no Hotel Dalayrac, na Rua Moncigny.

Momentos após, graças ao invento do nosso patrício Szoberski, pudemos, com grande prazer, aquecer nossos gelados membros no calor de uma pequena lareira de ferro.

Por ser Sábado de Aleluia, não nos foi possível começar a resolver nossos problemas. Decidimos, portanto, nos limitar a fazer algumas visitas indispensáveis e vasculhar as livrarias à procura de livros sobre o Brasil. Mal conseguimos nos virar e nos apareceu um jornalista radicado em Paris e colaborador da imprensa local, Josef Winnicki. Soubemos por ele que a notícia da nossa viagem já chegara a Paris, por intermédio da agência Havas. Glinka, que nutria certa aversão por tudo que dizia respeito ao jornalismo, estava deveras embaraçado com essa visita, mais ainda quando o visitante declarou ter chegado com a intenção de fazer uma entrevista. Aos poucos, porém, a amabilidade de Winnicki conseguiu dissipar esse preconceito jornalístico do nosso querido Mikolaj, e iniciamos um bate-papo muito agradável.

Nessa ocasião, tomei conhecimento de que o verdadeiro motivo da nossa viagem, nas rodas locais, tornara-se motivo de exagero e deturpa-

---

6 “Antiga carruagem de aluguel, em geral puxada por um só cavalo”. (HOUAISS, 2001, s.V.) (N. da T.)

ção. Além do mais, as informações de Dygasinski produziram, nas esferas interessadas em emigração para o Brasil, forte impressão que poderia dificultar nossa modesta missão. Por isso decidi sem demora procurar Argolo Ferrão, redator da revista *Brasil*, editada em Paris, do qual esperava obter informações, ou eventualmente para pedir-lhe uma justa retificação nos jornais brasileiros.

Ferrão recebeu-me, na verdade, com muita gentileza, porém com certo mas evidente ar de receoso descontentamento. Trocadas algumas frases, abordamos a questão da missão de Dygasinski. Precisei gastar muitas palavras e tempo, para convencer Argolo Ferrão de que o objetivo da nossa viagem era simplesmente diferente.

– Estamos viajando – procurei provar – unicamente em missão cristã e humanitária, buscando o apoio que nos devia ser assegurado pelo governo brasileiro. Nosso problema: trazer de volta aqueles infelizes que se tornaram um problema para o próprio Brasil, e aos restantes, tantos quantos nos for possível encontrar, recomendar paciência, consolar e persuadi-los a aceitar os desígnios do destino.

Pareceu-me que os argumentos tinham conseguido convencer o redator, porque em seguida começou a queixar-se do fato de que todo o ódio da imigração recai sobre o governo brasileiro, o qual é movido pelas melhores intenções com relação aos imigrantes; porém, quando acontecem abusos, estes só podem ter vindo da parte dos agentes especuladores da imigração, sobre os quais o governo não consegue manter um controle devido. Afinal, para Ferrão, a ideia da proteção aos imigrantes por parte do governo, ele a considera simplesmente infeliz. Ele julga preferível que isso fique a cargo de uma companhia particular, sujeita a rigoroso controle do governo.

– Creio – acrescentou finalmente – que, quando o governo se convencer de que realmente os senhores vêm com esses objetivos, não lhes negará apoio, tanto mais que não somente aos seus patrícios, mas a ele próprio estarão prestando boa colaboração, denunciando toda a infâmia dos agentes. Com esse propósito, não vacilarei em publicar em minha revista a missão dos senhores e, na minha opinião, isso não ficará sem ter alguma influência durante a sua permanência num lugar onde os jornais começam a culpá-los de intenções semelhantes às de Dygasinski.

Separamo-nos num final feliz, e, para provar isso, Ferrão me ofereceu como lembrança a obra em dois volumes *Le Brésil. Excursion à travers ses 20 provinces*,<sup>7</sup> escrito por Alfred Marx, redator do jornal *Brasil*, recentemente falecido, e vice-presidente da Terceira Seção da Sociedade Geográfico-Comercial, em Paris.

Após deixar a casa de Ferrão, casualmente encontrei os dois Rogozinski, que, cobertos de glória, voltavam da Espanha, onde suas palestras sobre a África tinham sido recebidas com grande reconhecimento. Esse encontro foi para nós duplamente agradável e desejado: primeiro, porque tivemos a oportunidade de apertar as mãos de nossos bravos e incansáveis exploradores e, depois, porque sua farta experiência nos abria uma fonte de informações e indicações úteis. Foi nessa instrutiva conversa que passamos o resto do dia.

E estamos na Páscoa!

Quanto de saudoso encanto tem esse dia para alguém que terá de passá-lo longe dos seus! Veem-se quase ininterruptamente, com os olhos da alma, todos aqueles que nos são caros ao coração, reunidos em volta da mesa pascal, tem-se a impressão de ouvir a voz de cada um pronunciando votos de “Feliz Páscoa!” e chega-se a sentir o aperto da mão amiga e a vontade de gritar em altos brados:

– Estamos aí com vocês!

Infelizmente a voz morre na garganta e a saudade aperta o coração.

Nesse estado de espírito, Glinka e eu nos dirigimos à igreja de L'Assomption na Rua St. Honoré, onde tive a permissão de celebrar a santa missa. No templo, apenas algumas pessoas estavam reunidas: em Paris evidentemente ainda não se costuma rezar a essa hora, e além disso a chuva copiosa certamente deteve muitos dos fiéis fervorosos. O silêncio e a paz dominavam a casa de Deus, permitindo que nossas orações fluíssem livremente para o trono do Eterno, entregando-nos e os nossos entes queridos aos Seus paternos cuidados.

Para comemorar a Páscoa, fomos convidados pelo Conde Z. Lá encontramos numeroso grupo de pessoas, na maioria poloneses radicados

---

7 *O Brasil – Excursão pelas suas 20 províncias.* (N. da T.)

em Paris há muito tempo. Assim tivemos oportunidade de conhecer o famoso oftalmologista Galenzowski, que eu poderia incluir no grupo daquelas cativantes pessoas, de quem, após minutos de conversa, já nos sentimos velhos conhecidos.

Naturalmente, nossa viagem constituía o principal assunto da bem animada conversa. Nessa oportunidade, nos fizeram uma pergunta extremamente original e característica.

Uma das senhoras presentes, que ainda se achava em Paris pela conveniência de lá passar o inverno, aproximou-se de nós e com um sorriso afável disse:

– Então os senhores residem sempre no Brasil?

– Ainda não – respondi com ênfase – mas, em vez disso, estamos indo para lá a fim de trazer de volta pelo menos uma parte daqueles levianos que se aventuraram indo para além-mar em busca de felicidade, mas que só encontraram extrema penúria.

Verdade seja dita, algumas das nossas damas não estão perfeitamente informadas sobre o que se passa na Polônia! Nesse sentido, parece que em certos meios nada mudou para melhor.

Depois de passar alguns minutos na residência do Conde Z., fui à casa dos Mick, e em seguida, com eles, à casa dos Wladislaw Gorski. Senti que estava entre os meus; falando sobre os amigos comuns de Varsóvia. Relembrando diversos momentos passados juntos, nem percebemos que o dia já estava raiando. Então, Paderewski, que se achava presente, nos brindou com um banquete verdadeiramente real. Sentou-se ao piano e começou a tocar... oh! mas como ele tocou!... Não me admiro, francamente, que Paris esteja perdendo a cabeça por ele. Tanta poesia numa música, eu jamais havia ouvido. Sem dúvida, estes foram os melhores momentos de toda a viagem.

Graças à gentileza do jornalista Winnicki, conseguimos fazer contato com Santana Nery. Em Paris, ele ocupa o cargo de secretário da Representação do Ministério da Agricultura, da qual Prado é chefe, o mesmo Prado a quem Wasilewski dedicou uma ampla reportagem no *Kraj*. Prado, parece, foi tempos atrás Ministro da Agricultura do Brasil. Nery, além disso, é presidente do Sindicato de Jornalistas Estrangeiros em Paris, e, ao mesmo tempo, é correspondente do maior e mais lido jornal do Rio

de Janeiro, o *Jornal do Comércio*. Sabendo das distorcidas interpretações do objetivo da viagem, o que certamente precederá a nossa chegada ao Brasil, será fácil imaginar quanto era importante conseguir uma retificação por intermédio de Nery.

De entrada, imediatamente apareceu, como se fosse uma agulha saindo de um saco, o caso do bom Dygasinski. Novamente foi necessário contar-lhe a mesma história, como a Ferrão, sobre o real propósito de nossa viagem.

– Vimos procurar o senhor justamente por ser um jornalista consciencioso e influente, que poderia ter a gentileza de retificar um erro que há na opinião pública brasileira. Esperamos que no Rio de Janeiro, pelo menos, se abstenham de nos julgar, antes de constatar com os próprios olhos, o objetivo pelo qual estaremos chegando e com que finalidade vamos dar cumprimento à nossa missão. Segundo pensamos, não existe nada mais perigoso que um imigrante desiludido em suas esperanças ou inadequado às condições locais; trazer de volta um elemento desses torna-se até para o país uma prestação de serviço. Em absoluto, não temos nenhuma prevenção. Pelo contrário, acreditamos nas boas intenções do governo brasileiro; porém será que ele próprio não estaria sendo explorado e fraudado pelos especuladores ávidos de lucros fáceis? Quantas informações valiosas e verdadeiras, indicações e orientações podemos fornecer-lhe! Não temos força nem suficiente influência para deter a imigração, mas – se conseguirmos, pelo menos, que cada imigrante esteja ciente do que realmente pode esperar em solo brasileiro e deter o desembarque de um bando de alucinados, iludidos pelas falsas promessas dos agentes –, será uma boa prestação de serviço tanto para a Polônia quanto para o próprio Brasil.

Nery reconheceu que estávamos com a razão e acrescentou que o governo brasileiro – informado sobre os abusos dos agentes, que espalham propaganda mentirosa, etc. – exigira a realização de uma pesquisa de opinião, sem conseguir, infelizmente, resultado algum, visto que não fora apresentado nenhum documento provando a existência da propaganda perversa desses agentes. Em seguida explicamos que a maioria dos nossos camponeses não sabe ler; por isso, a propaganda foi veiculada verbalmente. Todavia existem igualmente inúmeros recursos de propagar, tais como ilustrações ou formas de sedução semelhantes, através das quais foram espalha-

das, entre o povo, as mais fantásticas lendas sobre o Brasil e a felicidade que lá aguarda os emigrantes. No entanto, Nery não nos ocultou o fato de que, diante das acusações que a imprensa europeia levantou contra o governo brasileiro, vamos encontrar inúmeras dificuldades.

– Sem dúvida – acrescentou – aos poucos os senhores conseguirão dissipar essas desconfianças. Isso, porém, dependerá somente dos senhores.

Por fim, Nery providenciou algumas cartas de recomendação dirigidas a personalidades influentes do Rio de Janeiro e além disso prometeu mandar sem demora matéria para o *Jornal do Comércio*, em que apresentará o real objetivo de nossa viagem. E aqui de novo fomos agraciados com uma lembrança, a obra *Le Brésil en 1889*, escrita por ele.

Não tivemos motivo para duvidar que Nery se desincumbisse positivamente da promessa feita. Ele nos deu, sob todos os pontos de vista, uma boa impressão.

De modo geral, comeci a me convencer que o próprio governo brasileiro não tem influência direta sobre a hedionda arregimentação de emigrantes. Sua única culpa consiste no fato de – ao estimular os agentes com polpudos prêmios pelo número de emigrantes apresentados – atizar a desmedida ganância deles e se descuidar do devido controle para evitar abusos.

A literatura francesa não é muito rica em obras que tratam do Brasil. Por isso, nossas andanças pelas livrarias não produziram o resultado esperado. Assim, nos livros já conseguidos ou nos que me foram fornecidos, não encontrei mais nada de interessante. Levei somente mais uma obra, de Ernest Michel, *À Travers l'Hémisphère Sud*, com alguns capítulos dedicados ao Brasil. Por isso, em geral, quem desejar conhecer mais profundamente as condições existentes no Brasil terá que se sujeitar, em grande parte, a empreender por conta própria observações e laboriosa pesquisa. As obras escritas pelos próprios brasileiros pecam pela tendenciosidade na maioria das vezes, pois no fundo eles são movidos pelo interesse de, direta ou indiretamente, atrair a imigração e, daí, apresentar tudo de forma cor-de-rosa. Outros autores, por sua vez, limitam-se, geralmente, a descrever impressões de viagem, mas tratam apenas superficialmente das condições sociais, econômicas e até mesmo políticas. Por esse motivo, quaisquer referências escritas, inclusive com menos habilidade, têm o valor de material primi-

tivo, a partir do qual se podem levantar não poucos detalhes interessantes aos quais, entretanto, faltam as dimensões encontradas em obras mais sérias. A essas circunstâncias deve-se atribuir a culpa do pouco conhecimento sobre o Brasil que se tem na Europa, onde na maioria das vezes criamos uma imagem simplesmente em desacordo com a realidade.

Carência ainda maior é a do setor de mapas geográficos. Em Berlim e Paris, encontrei apenas alguns pequenos mapas, totalmente imprecisos. Preveniram-me, além disso, de que no Rio, sob esse aspecto, não serei mais feliz, visto que até a agência colonizadora não possui nada melhor. Nem é para admirar, pois – quando se trata de áreas gigantescas, até hoje inabitadas e selvagens – torna-se difícil levantar mapas precisos. Recentemente foi fundada uma grande companhia francesa, com capital, dizem, de 3 milhões de francos<sup>8</sup>, a qual entre outras tarefas está determinada a levantar, por meio de fotografia, um mapa detalhado e exato do Brasil. Um dos colaboradores dessa companhia é um polonês de Varsóvia, Komierowski, que, para esse fim foi enviado ao Rio e brevemente iniciará a partir dali os trabalhos em todas as províncias. Árduo e marcado de inúmeras dificuldades, esse trabalho estará concluído entre 6 e 8 anos. No momento, é preciso utilizar o que existe.

Restaram só os últimos preparativos para a viagem.

O clima tropical exige inúmeros cuidados e precauções. Antes de tudo é necessário ser criterioso no vestir. Além da forte transpiração, provocada pelo calor tropical, ele predispõe, não raras vezes, a resfriados quando sopra um vento um pouco mais fresco. Por isso, abastecemos-nos de roupas mais leves, sem esquecer, seguindo o conselho dos Rogozinski, de adquirir também peças de flanela e algodão mais apropriados. A questão igualmente era proteger a cabeça contra a insolação. O guarda-chuva é um tanto incômodo. Um recurso muito mais prático, para tanto, é um capacete inglês. Deveríamos chegar ao Brasil em época chuvosa; mas, como estava em nosso projeto realizar excursões a outras províncias, onde, segundo fomos avisados, a maior parte da viagem terá de ser feita a cavalo, compramos as indispensáveis capas de borracha. Um utensílio também indispensável é o filtro de água. Minhas excursões anuais pela região pan-

---

8 O equivalente a cerca de R\$ 49.650.000,00 (ago. 2009). (N. da T.)

tanosa de Polésia<sup>9</sup> me fizeram sentir cruelmente a necessidade de possuí-los nos momentos em que a boca seca pela sede só tem disponível água suja e lamacenta para molhá-la. Por fim, na lista dos medicamentos colocamos o quinino, sal amargo, uma pequena farmácia portátil, que possuo com outros remédios indispensáveis para a viagem, graças a amigos generosos. Dessa maneira, em qualquer emergência poderemos nos medicar de imediato, e, como o falecido Stanczyk já provou que cada um se considera o melhor médico, com essas providências nos sentimos armados até os dentes contra a doença.

Devíamos, por fim, decidir sobre a companhia que deveria nos transportar através do oceano Atlântico para o Brasil.

Uma viagem por mar não tinha, pelo menos para mim, o menor encanto, porque, a partir de experiências por que passei até agora, só podia esperar muita indisposição durante a viagem pelo oceano. Então resolvemos viajar por terra, até o ponto mais extremo possível da Europa e só lá embarcar em navio. Quase todos os navios, exceto os italianos, os espanhóis e os que partem de Marselha, fazem escala em Lisboa. Entre as companhias inglesas, portuguesas e francesas que por ali navegam, recomendaram-nos preferencialmente a da última nacionalidade, a Messageries Maritimes, com sede em Bordéus, como sendo a mais conveniente e a mais segura. Essa companhia envia para a América do Sul cinco grandes navios: *Plata* e *Brésil*, com 5400 cavalos de força, *Portugal*, 4800, *Équateur*, 2900, e o *Orénoque*, 2000. Eles partem de Bordéus no dia 5, fazendo escalas em Lisboa e Dacar, e no dia 20 de cada mês ancoram também na Bahia e em Pernambuco. No dia 5 de abril, deveria largar de Bordéus, e no dia 8, de Lisboa, o *Brésil*. Após uma breve reflexão, decidimos aproveitar a oportunidade para fazer a viagem nesse navio. Seguimos para a agência da companhia Messageries Maritimes, na Rua Vignon, n.º 1, onde por 1.275 francos<sup>10</sup> cada um de nós recebeu uma passagem de primeira classe, com direito à volta dentro de um ano. Reservaram-nos uma cabine dupla, n.ºs 7 e 8.

---

9 Região ao sul da cidade de Lodz, na Polônia. (N. da T.)

10 O equivalente a cerca de R\$ 21.101,25 (ago. 2009). (N. da T.)

Todos os preparativos estavam concluídos, não restando outra coisa senão partir em viagem.

Na quarta-feira, 2 de abril, às 8 da noite, deixamos Paris, partindo da estação de Orléans, com destino a Madri, por onde passava a ferrovia para Lisboa.

Lamentavelmente, a noite não permitiu ver as férteis e ricas regiões entre Paris e Bordéus. Dali em diante começa um caminho cada vez menos interessante. Durante algumas horas, o trem percorre as pobres landas<sup>11</sup>, e os olhos, com certa tristeza, se deparam obrigatoriamente com infundáveis campos pantanosos. De quando em vez, aparece um bosque de pinheiros, mas as árvores são tão pequenas e subdesenvolvidas, que por elas é fácil concluir a pobreza do solo onde nasceram. Os proprietários dessas florestas encontraram um meio muito original do lucro certo, embora modesto. Junto ao pé de cada pinheiro, foi colocado um pequeno pote, para dentro dele escorrer devagar, em gotas, a seiva. Segundo dizem, essa fonte fornece ao proprietário alguns francos por ano, mas também às vezes muitos milhares, antes que a árvore fique pronta para o corte.

Podia sentir-se no ar o despertar da primavera. Se bem que os sinais do inverno ainda não tivessem desaparecido por completo, aqui e ali já se via o verde do capim, e em alguns galhos de cerejeiras desabrochavam níveas flores, antes mesmo de surgirem as folhas em brotos.

Quanto mais nos aproximávamos da fronteira espanhola, tanto mais árida se tornava a região. Em vez de banhados e florestas, viam-se, apenas, tanto quanto a vista conseguia alcançar, pedras desnudas, entre as quais, aqui e ali, crescia humilde e arqueada uma oliveira. Às vezes só o trem se esgueirava por entre os campos mais férteis ou pequenos parreirais, mas em seguida irrompia por entre rochas, e de novo os olhos não viam nada além de pedras e oliveiras.

Depois de Irún, atravessamos a fronteira espanhola. Então nos apareceu a mais completa penúria da natureza. Aqui e acolá só se viam míseras choupanas de pastores e pequenos rebanhos de ovelhas negras. Esse é o único testemunho da existência de seres vivos nesta região tão

---

11 “Descampado onde só crescem ervas selvagens; charneca”. (HOUAISS, 2001, s.v.) (N. da. T.)

estéril. Raramente acontece de alguma ave cruzar o ar. Francamente, vendo isso, me faço a pergunta: do que aquela pobre gente pode e precisa viver?

Enquanto isso, o sol se inclinava cada vez mais para o poente, inundando de luz vermelha os picos dos Pirineus cobertos de neve. Por fim, fomos envolvidos por uma noite escura, no meio da qual só o ruído mais forte das rodas do vagão fazia sentir que passávamos por túnel ou ponte. O sono, companheiro inseparável da fadiga, aos poucos nos fez cerrar as pálpebras.

Ao romper da manhã despertamos em meio a um areal amarelo, que circunda a capital da Espanha.

Não pretendo descrever Madri, pois quem não a conhece através de inúmeras descrições? A cidade não me impressionou positivamente. Ruas sujas e estreitas, com multidão se apertando de um lado para outro. Chegamos numa véspera de touradas; por isso, tudo respirava e palpitava no anseio de assistir a esse cruel espetáculo. Nas ruas, todo um enxame de vendedores de entradas e programas oferecidos ao público os apregoava em altos brados. Na Puerta del Sol, a praça que marca o centro da cidade e onde se encontrava nosso hotel, a algazarra e o barulho eram indescritíveis. Penetravam pelas janelas quarto adentro e persistiam no ouvido por muito tempo ainda.

As igrejas de Madri, a julgar pelo seu valor arquitetônico, não representam nada de especial. Visitamos, entre outras, a recém-restaurada San Francisco, el Grande, que constitui de certa maneira o panteão nacional, onde repousam os restos mortais e se encontram os bustos dos mais famosos heróis da Espanha. A igreja, construída em forma de rotunda, resplandece de riqueza. As paredes estão cobertas de afrescos gigantes, representando os principais episódios da vida de S. Francisco e também os mais grandiosos acontecimentos da história espanhola. A sacristia é magnífica, toda entalhada em madeira. Nos corredores que levam até lá, estão os retratos dos reis e outros vultos notáveis. Apesar do brilho e esplendor, o conjunto não dá a impressão de um templo sério.

Entre outros edifícios, destacarei o Real Museo, que abriga em seu interior uma das mais ricas galerias de arte do mundo. As escolas italiana e flamenga estão representadas por grande número de obras. É conheci-

da a não menos importante posição que ocupa a pintura espanhola na arte contemporânea: o museu de Madri possui as melhores obras-primas dos mestres contemporâneos.

O próprio prédio está entre os mais belos edifícios da cidade.

O palácio real, um prédio de estilo indefinido e pesado, chama a atenção mais pelo seu tamanho do que pelas formas. Alguns palácios particulares, espalhados em diversas ruas, ou as mansões nas avenidas, não se destacam em nada que pudesse prender nossa atenção mais detidamente.

As avenidas que se estendem ao longo da zona sul da cidade são belas para passeio, assim como o enorme Jardim Botânico, onde aos domingos e dias-santos a aristocracia madrilenha faz magnífico desfile. Centenas de carruagens serpenteiam pelas alamedas, deslumbrando a alguns milhares de pedestres pela riqueza, trajes e faustosos arreios.

Não conheço outras cidades espanholas, mas me asseguraram que sem dúvida Madri é a menos interessante.

Infelizmente, a escassez de tempo não nos permitiu fazer excursões pelos arredores, que dizem ser especialmente encantadores no lado sul. Depois de um descanso de trinta e seis horas, no dia 5 de abril, à noite, partimos para Lisboa, levando ainda nos ouvidos, por muito tempo, o eco do vozerio e do barulho da capital espanhola.

O sol que nascia descortinou diante de nós quase a mesma paisagem que aquela entre Irún e Madri. O quadro é igualmente sombrio e pobre. Apesar de estarmos viajando com o Sud-Express, o trem arrastava-se lentamente por entre os rochedos devido às inúmeras curvas.

Não era muito numerosa a companhia dentro do vagão, mas por sinal muito original. Não se afastava de nós principalmente uma dupla de alemães, pai e filho, fabricantes de sabão em Darmstadt. Ambos viajavam em excursão de férias. O filho era, além de caixa, a memória e o mentor estético do pai, que, a cada momento, com um sorriso de satisfação dirigia-se para o filho e com o seu costureiro “Nun, Heinrich, erzähle mal, wie war’s in...”<sup>12</sup> e então Heinrich narrava os detalhes à maneira de Badecker, por vezes interrompido pelo enlevo paterno: “Nein! Wie schön!”

---

12 “Nun, Heinrich, erzähle mal, wie war’s in..:”, em português: *Conte então, Heinrich, como era em...* E “Nein! Wie schön!”, em português: *Não diga! Que bonito!* (N. da T.)

O contraste dos dois alemães era um português, comerciante de vinhos, domiciliado em Bordéus. Este, por sua vez, nos divertia contando histórias incríveis sobre suas aventuras e relações. Certa vez, por pouco não naufragou, fazendo excursão no seu próprio navio. Numa outra, tomou parte, a cavalo, de uma tourada que se realizava em Lisboa em homenagem ao rei. Já dera volta ao mundo, deixando amigos em cada lugar, sempre entre os mais altos dignitários, aos quais, em troca, abastecia com vinhos por preços fantasticamente baixos, e que nós também devíamos aproveitar. Se nos quiséssemos dar ao trabalho de calcular o seu movimento comercial, somaríamos não só milhões, mas até bilhões. Numa palavra, este era o tipo de um consumado mentiroso. Quando lembramos que estávamos viajando para o Brasil, logo começou a contar-nos sobre seu amigo D. Pedro, ao qual recentemente fizera uma visita em Cannes, e que ele lhe assegurou solenemente jamais retornar para aquele país ingrato. Lamentavelmente o imperador não se encontra mais no Rio, pois o português teria muito gosto em apresentar-nos a ele. Os dois alemães ouviam essas lorotas boquiabertos.

O restante dos companheiros de viagem era constituído de um senhor muito sério, que Mikolaj, com seu espírito clarividente, pressentiu tratar-se de um diplomata. Revelou-se que realmente ele era cônsul da República Argentina em Viena e por coincidência embarcaria no *Brésil* rumo a Buenos Aires. Assim como o português não parava de falar, o cônsul não abria a boca.

Por último, estava viajando também um engenheiro francês com sua esposa e o filhinho, que voltavam para o Brasil, depois de cinco anos de permanência na Europa, para reassumir a direção da obra de uma nova estrada de ferro.

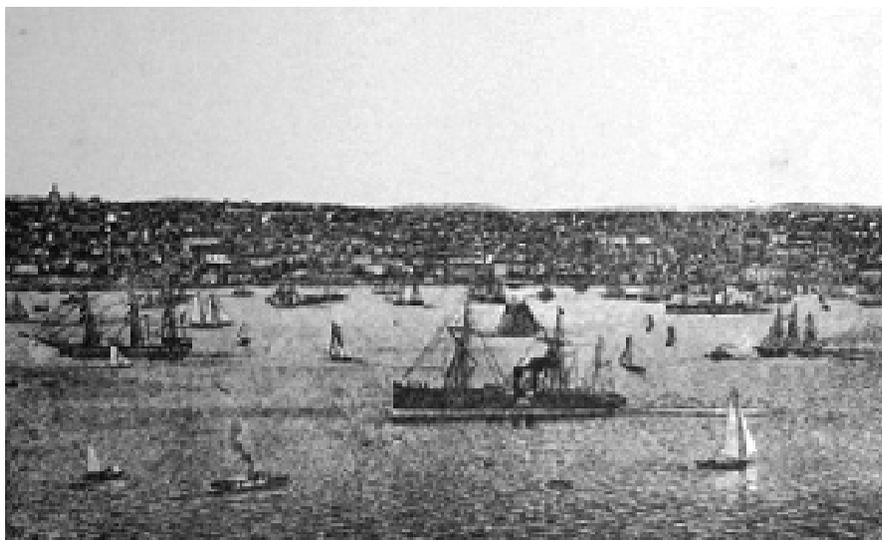
Enquanto isso, o trem avançava por uma estrada ladeada de arbustos, que formavam assim uma cerca original de ambos os lados da linha férrea.

Aproximadamente às 11h atravessamos a fronteira de Portugal.

Aos poucos a paisagem começou a mudar. Desapareceram as rochas nuas e os intermináveis campos pontilhados de pedras, dando lugar a campos verdejantes. Vez por outra, já se viam plantações de laranjeiras, e no meio delas pontilhavam telhados vermelhos das casas de camponeses. Ao longo, aqui e ali, apareciam brancos povoados e vilas, e o sol penetra-

va alegremente através das vidraças do vagão. Era até preciso proteger os olhos com a palma da mão, para olhar essa região sorridente, porém o calor sulino começou atormentar-nos para valer. A uma hora de Lisboa, o trem corria na margem direita do Tejo, que, como gigantesca faixa escura, se estende através de imensa região. Barcos maiores e menores deslizam nesse possante rio, e uma infinidade de gaivotas plana no ar.

Às 4 da tarde, paramos finalmente em Lisboa. O subúrbio contíguo à estação não apresentava nada de interessante. As ruas sujas, as casas não muito grandes e mal cuidadas, e o povo que circula pelas ruas simplesmente não têm aspecto atraente. Entretanto, quanto mais se aproxima o centro da cidade tanto mais os olhos curiosos se prendem em diversos detalhes. Antes de tudo, são chocantes os altos e baixos do terreno, onde está implantada a cidade. No trecho de algumas ruas, praticamente, a gente é obrigado a escalar. E é de admirar a habilidade do cocheiro e a resistência das pernas do cavalo quando uma carruagem de um só animal vai descendo a rua. As casas são lindas e as lojas resplandecem com suas magníficas vitrines; de vez em quando, algum prédio imponente ou uma igreja; tudo isso passa diante de nossos olhos, dando assim uma impressão favorável sobre a capital de Portugal.



*Lisboa.*

Ficamos hospedados no hotel Bragança, de onde se descortina uma belíssima vista sobre o Tejo e arredores. Veem-se grandes navios ancorados, pequenos rebocadores cortando as ondas com a velocidade de uma flecha e outras embarcações menores, movimentando-se sobre o rio.

A chegada do *Brésil* estava anunciada para o dia seguinte; por isso tivemos tempo disponível para dar uma volta pela cidade.

Atualmente, Lisboa conta com 300.000 habitantes e se estende pelas colinas numa área de mais de 12 quilômetros na margem direita do Tejo. Vista do lado do rio, a cidade apresenta uma vista maravilhosa, lembrando Nápoles ou Gênova, particularmente à noite, quando as ruas e as casas se iluminam com milhares de luzes. Orgulhosos da sua capital, os portugueses mostram-se sempre muito solícitos com os visitantes que querem conhecer suas maravilhas.

Nossos primeiros passos foram naturalmente em direção ao correio, onde nos estariam aguardando cartas de Varsóvia. Contudo, mal chegamos à Praça do Comércio, deparamos com uma inusitada gritaria, que vinha de uma das ruas laterais. De súbito apareceram correndo a toda velocidade duas carruagens fortemente fechadas, protegidas por forte escolta montada, acompanhada por uma centena de arruaceiros, que vinham correndo e gritando. Apenas deu tempo de se afastar para o lado, quando todo aquele cortejo barulhento passou à nossa frente. Em seguida nos esclareceram o motivo de tamanho tumulto: é que havia poucos instantes o Superior Tribunal de Justiça aprovava a sentença do Tribunal Militar condenando à deportação os autores da revolução da cidade do Porto. Nesse momento, estavam sendo levados para um navio de guerra, que deveria partir para uma das colônias portuguesas. No dia seguinte, apareceram artigos nos jornais com manchetes pomposas como “Grande Demonstração Republicana”, descrevendo em exageradas proporções aquela demonstração do populacho lisboeta, que, involuntariamente, havíamos testemunhado. Soubemos mais tarde que a imprensa da capital – que em sua malícia desconhece limites – apoia na maioria das vezes os ideais republicanos. O povo, porém, apesar de não gostar do atual monarca, devido à sua ascendência germânica e seu procedimento rude e intolerante, mostra-se indiferente em questões políticas, porque antes de tudo é desejoso de paz e da melhoria da situação financeira, já um tanto periclitante. Por outro lado,

a jovem rainha, filha do Conde de Paris, goza de grande popularidade por suas obras de caridade e com sua amabilidade soube cativar a simpatia dos portugueses, compensando assim as inúmeras grosserias do marido.

Volto ainda a descrever um pouco a Praça do Comércio. Essa praça, que do lado do rio é completamente aberta e dos três lados restantes cercada por belos edifícios de todos os ministérios, que há séculos escolheram este local para sede definitiva. No centro da praça, ergue-se a estátua equestre de D. José I e, para se chegar a uma das ruas adjacentes, passa-se por um magnífico arco-do-triunfo, coberto por inscrições e emblemas comemorativos de lutas vitoriosas.

Se por acaso alguém for a Lisboa, aconselho a passar pela Avenida da Liberdade, larga, arborizada com plantas exóticas. Nessa via se encontram os mais belos palácios e residências. É também o lugar preferido para passeio dos lisboetas. No centro da Avenida, entre frondosas palmeiras, ergue-se a estátua da Liberdade em forma de pirâmide, muito bonita. Dignos de serem vistos também são os jardins São Pedro d'Alcântara e Estrela, situados no alto de morros, e por isso oferecem uma vista encantadora da cidade e do rio. Em dia de tempo bom, pode-se até avistar o oceano.

Entre as igrejas – Lisboa conta com mais de sessenta –, está em primeiro lugar a catedral, chamada Sé Patriarcal. É um dos mais antigos templos da capital, em estilo gótico. Infelizmente, estrangulada entre casas, só mostra a bela fachada com as torres ainda inacabadas. O interior mantém igualmente o estilo gótico e não apresenta nada de singular.

Também merece atenção a igreja de São Roque, em estilo romano, e na praça com o mesmo nome ergue-se o templo Estrela.

O palácio real, construído em lugar mais elevado, impõe-se unicamente pelo tamanho. A segunda residência do monarca, na encantadora Cintra, a 27 quilômetros de Lisboa, faz lembrar sob todos os aspectos os mais belos lugares da Suíça e arrebatava tanto pelo estilo como pela localização.

Dos numerosos arrabaldes, Belém está em primeiro lugar, com o antigo castelo, que de sua fantástica torre mantém a guarda do rio Tejo, bem como o mosteiro, que tanto pelo aspecto exterior como pela decoração interna está entre as mais esplêndidas edificações de Lisboa.

De modo geral, pode-se dizer com a maior certeza que a capital de Portugal está entre as mais interessantes e encantadoras cidades da

Europa. Os interessados nas mais belas paisagens lá podem satisfazer seu desejo e saciar-se à vontade. Apesar disso, Lisboa é uma das cidades menos visitadas pelos turistas. O porquê se deve em parte à situação geográfica de Portugal, na parte mais extrema da Europa, e ainda à escassez de meios de transporte. Mas o que espanta o estrangeiro é, principalmente, a exploração sem precedentes, que encontra a cada passo.

Como exemplo, vou citar nosso caso. A fim de atender a uma das formalidades da administração da Messageries Maritimes, enviamos nossos passaportes para obter o visto da Polícia Marítima. Qual não foi o nosso espanto quando fomos obrigados a pagar cerca de 5 mil réis<sup>13</sup> por esta pequena formalidade, ou seja, mais de 20 francos por pessoa. Devo mencionar que mil réis portugueses valem o dobro da moeda brasileira. Os preços dos hotéis são igualmente elevados, a partir de quatro mil réis<sup>14</sup> a diária. Nem tampouco se pensou em oferecer conforto e algumas facilidades aos visitantes. Como prova, podem servir as insuportáveis formalidades da quarentena. Quem não pretende desembarcar em Lisboa vê-se obrigado a descer em outra cidade para não cumprir a quarentena. Realmente, há algumas dezenas de anos, a capital de Portugal foi acometida de febre amarela, e desde aquele tempo – apesar de nenhum caso dessa doença ter-se repetido – os meios de prevenção, então exigidos dos navios que chegam do Sul, são mantidos até hoje. Naquele tempo, a prefeitura construiu, à custa de muito sacrifício, na outra margem do Tejo, enorme hospital para os que devem cumprir a quarentena. Assim, sem levar em consideração se o navio tem ou teve algum doente durante a viagem, todo passageiro procedente de lugares ameaçados por essa epidemia é obrigado a passar 2, 4, 8 e até mais dias nesse isolamento. Esse tipo de precaução é simplesmente descabido, visto que esse mesmo passageiro pode desembarcar 18 horas mais tarde em Vigo ou 28 horas em Bordéus e de lá, em 2 ou 3 dias, chegar a Lisboa viajando por terra. A única razão para manter esse incômodo meio de prevenção consiste em continuar a atividade para o hospital não ficar vazio. Do contrário, deixariam de fluir para os cofres municipais 20 francos por pessoa, se não houvesse

---

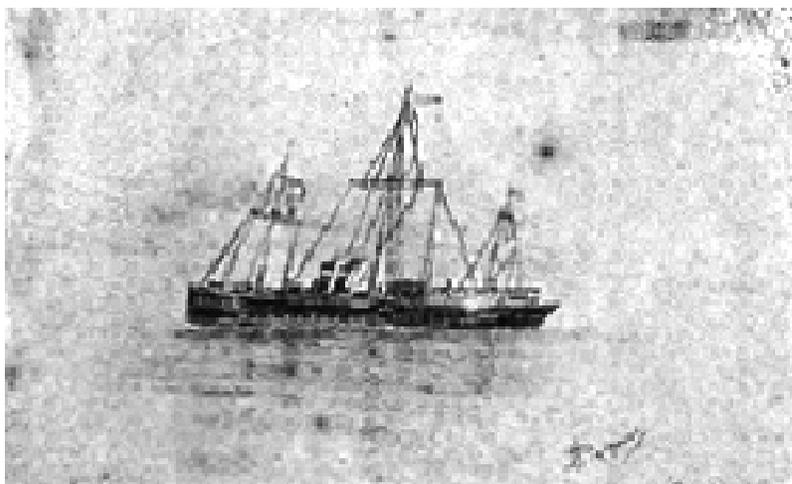
13 O equivalente a cerca de R\$ 331,00 (ago. 2009). (N. da T.)

14 O equivalente a cerca de R\$ 264,00 (ago. 2009). (N. da T.)

a obrigação da quarentena. Informaram-me também que – quando se trata de passageiros de terceira classe, que a municipalidade é obrigada a alimentar por conta própria – as autoridades sanitárias não são nada exigentes e o mais rápido possível os desembarcam dos navios. Contudo quem, senão os próprios, pode muito bem transmitir a doença pelo desleixo que nesse aspecto reina no navio? Não é, pois, de admirar, que nessas condições quem pode, deixa de visitar Lisboa para não se expor à espera do término do enfadonho e dispendioso tempo da quarentena. E isso é uma pena, porque na verdade Lisboa é digna de ser vista.

Tínhamos em nosso poder algumas cartas de recomendação para pessoas residentes em Portugal. O tempo, entretanto, não nos permitiu aproveitar os contatos. Limitamo-nos apenas a visitar a família Jarosz, pela qual fomos recebidos de braços abertos. Jarosz fora até pouco tempo cônsul da Alemanha e sua esposa é polonesa, possuindo parentes e amigos na Polônia, na Galícia e no condado de Poznan. O casal é extremamente atencioso, reside em Lisboa há 20 anos, conhece perfeitamente as condições locais, pelo que a conversa com eles foi, além de agradável, proveitosa e instrutiva.

Quando voltamos para o hotel, das janelas avistamos o nosso *Brésil* ancorado. À sua volta, um enxame de pequenas embarcações parecia pintinhos piando junto à galinha choca cacarejando.



*Brésil.*

Havia chegado o momento em que devíamos dar adeus à Europa por um longo tempo, para ver uma nova parte do mundo, misteriosa e desconhecida, que nos atraía unicamente pelo infortúnio dos nossos levianos e ingênuos patrícios. Postado junto à janela, instintivamente, pela força do pensamento, fui ao encontro dos meus, para levá-los comigo na lembrança e no coração para além do oceano.

No dia 8, ao meio-dia, o navio deveria sair para mar aberto.

.....

## IV

### DIÁRIO DE BORDO

8 de abril

**T**ERMINADOS os últimos preparativos para a viagem, perto de meio-dia, tomamos um barco que nos transportou ao *Brésil*, ancorado a um quilômetro da margem.

No mercado reina inusitado movimento, pois a saída de um navio da *Messageries Maritimes* constitui um acontecimento e tanto. Não são apenas os próprios passageiros, com suas famílias e amigos, mas muitos comerciantes, agentes, comissários, etc., estão interessados nisso. De vários lados se aproximam barcos trazendo passageiros com suas bagagens ou muitos outros interessados, mas todos se apressam a embarcar no gigante que respira pesadamente seu vapor como se estivesse preparando forças para a longa luta com o oceano.

Pequenos rebocadores arrastam chatas carregadas de carvão ou mercadorias, que o *Brésil* deve transportar no seu bojo, para o outro hemisfério. Sopra forte o vento norte, provocando ondas, que balançam impiedosamente nossa casquinha.

No mesmo barco, está viajando um agente ambulante de alguma companhia inglesa. Ele vai com destino a Buenos Aires para salvar da

bancarrota argentina o que puder. Já viajou pelo mundo inteiro. Esteve até em terra russa e, para provar isso, se exhibe falando algumas palavras em russo. Antes de chegarmos ao navio, ele conseguiu contar-nos quase toda a história de sua vida.

Finalmente chegamos ao destino, ao navio.

O *Brésil* tem uma aparência imponente. Acima do nível da água, aparece seu possante casco de 155 metros de comprimento, com mais de dois andares de altura, na parte superior, estando a debaixo imersa a 27 pés, segundo mostram os números ao lado do leme. As ondas afagam suavemente os seus possantes flancos negros. Das duas enormes chaminés, rolos de fumaça negra vão subindo ao ar, e, das três aberturas laterais, jorram cascatas de água usada pela máquina. O gigante, com longas fileiras de janelinhas redondas, que brilham à forte luz do sol como olhos de raposa, parecia estar atento para algo muito longe, além do infinito, permitindo pacientemente que carreguem em seu lombo gente e mercadoria. A gritaria e a atividade no convés desce até nós, no barco, misturando-se ao som da água que bate nos cascos das embarcações.

Perceberam-nos.

Um breve apito e num piscar de olhos o guincho apanhou a nossa bagagem; nós mesmos, porém, fomos levando nossa bagagem de mão, subindo devagar pela escada, para o convés.

Já na entrada fomos recebidos por uma multidão de curiosos medindo os novos companheiros de viagem da cabeça aos pés. Apresentamos nossas passagens ao funcionário de plantão, que, com gesto habitual, entrega-nos ao comissário de bordo, acrescentando por entre os dentes: o Sept et huit. Suivez, messieurs! <sup>15</sup> soa como se fosse ordem vinda de um sujeito bem escanhado. Vamos em frente! Abrindo caminho por entre passageiros e marujos, descemos por estreita escada para dentro do navio; através de um corredor comprido, iluminado por algumas lâmpadas elétricas, seguimos adiante. De ambos os lados se encontram os números das duas fileiras de camarotes, que lembram gaiolas. A passadeira que reveste o corredor abafa os passos, emprestando à nossa caminhada certo ar de mistério. Desviamos alguns passos à esquerda. Nosso guia abre com chave

---

15 “Sete e oito. Sigam, senhores!” (N. da T.)

uma pequena porta, afasta a cortina de feltro verde, e dirigindo-se a nós com aquela gentileza estereotipada: *Voilà, messieurs, votre cabine!*<sup>16</sup> e se afasta em seguida, deixando-nos sós.

Estamos finalmente em nossa morada. Aqui dentro desta pequena gaiola, de três e meia varas<sup>17</sup> de comprimento e outro tanto de largura e altura, devemos passar 14 noites.

Examinamos nossa residência em miniatura. De ambos os lados estão fixadas duas camas estreitas, e entre elas um lavatório com espelho. As paredes são pintadas de branco. A janela redonda está fixada num caixilho móvel de ferro, de onde se descortina uma vista para o mar. No meio do forro há uma lâmpada elétrica, de vidro leitoso, que – com um movimento do botão, colocado ao lado de uma das camas, – inunda nosso camarote de luz suave. Por toda a parte, reina aqui uma ordem e higiene exemplares.

Depois de arrumar nossas coisas, voltamos ao convés. Desta vez passamos pelo salão-refeitório, saindo para o corredor e entrando por uma larga escada com corrimões de ébano. Luxuosamente mobiliado, o salão ocupa um quarto de todo o convés. As paredes são forradas com tecido e ao longo delas estão encostados confortáveis sofás. O espaço entre as janelas é decorado com diversas paisagens; estas na verdade têm como função lembrar a terra que se perde por longo tempo durante a viagem marítima. No centro do salão está instalado um grande armário de ébano, sendo o espaço restante ocupado por fileiras de mesas, para 6, 8 e 12 pessoas, todas guarnecidas de poltronas parafusadas no chão. Do teto, pendem lustres de lâmpadas elétricas. Provavelmente o mar estará agitado porque sobre as mesas foram colocadas peças chamadas de “violino”, que consiste em pequenas tábuas amarradas com cordas para fixar copos e garrafas quando o navio balança muito.

É justamente a hora do almoço.

Aqui e ali grupos de passageiros começam a ocupar lugares à mesa. A eles é servido consommé, frios, frutas secas e vinho. Um garçom vestido de paletó azul-marinho chega até nós, convidando-nos para a mesa. Agradecemos, preferindo assistir à cerimônia da partida.

---

16 “Eis, senhores, a sua cabine!” (N. da T.)

17 “Unidade de comprimento do antigo sistema metrológico brasileiro, que equivalia a 1,10 m.” (HOUISS, 2001, s.v) (N. da T.)

Uma vez e outra soou uma possante sirene. É o primeiro sinal. Mais barcos vêm chegando com os retardatários. Parece que eles não tinham pressa em deixar terra. Logo mais, reparamos num rebocador puxando uma grande chata, e sobre dela umas cem pessoas de ambos os sexos e em meio a verdadeiras montanhas de volumes. São os emigrantes portugueses com destino ao Brasil para, em condições similares às de nossos patrícios, encontrar o sustento que lhes foi negado na terra natal. Nos rostos as marcas de recentes e dolorosas despedidas. As mulheres se desfazem em lágrimas, os homens, em pé, estão resignados e tristes. “Meu Deus”, pensei comigo, “até para estes é difícil abandonar sua terra, apesar de estarem indo praticamente para junto dos seus! O que é que não se passará nos corações dos nossos coitados compatriotas, quando – atordoados por esperanças absurdas num momento como este – estiverem eles conscientes, ao menos parcialmente, do passo que se propuseram dar?” Todos, cabisbaixos, vão pesadamente avançando para o convés.

E assim foi chegado o momento decisivo. O guincho já parou de carregar os pesados volumes e calmamente ficou suspenso sobre a abertura do depósito de cargas, por onde ainda há pouco as mergulhava para dentro do navio. Os marinheiros correm apressados para todos os lados. O comandante dá o sinal, que é respondido com prolongado bramido da máquina, espalhando seu eco, como um lamento, pelos morros dos arredores. Os oficiais e toda a tripulação, tudo está a postos. Três marinheiros com muito esforço puxam a escada de bordo, que range triste como se quisesse, ao menos por alguns momentos mais, continuar fazendo a ligação entre navio e terra. Porém seis braços fortes vencem essa teimosia, e aí está ela suspensa ao longo do casco do navio.

Nisso, o gigante estremece, e as ondas espantadas com seu despertar entram em reboliço. Demos a partida! Atrás de nós, aos poucos foi aparecendo uma larga faixa de espuma branca, que as pás da hélice destroçam em milhões de gotas d’água.

Estamos nos deslocando com vista para o encantador panorama da cidade. A fortaleza de São Sebastião parece observar-nos com olhar severo, apontando bocas de canhão. Passamos ao largo da fantástica Torre de Belém, que nos acena pela ultima vez com a bandeira portuguesa fixada no topo. Agora, restam somente as margens arenosas de ambos os lados, e

até elas, à medida que o rio vai se alargando, vão desaparecendo da vista. Vindo de longe, percebe-se estranho rugido: é o eco das ondas do mar agitadas por forte vento.

Descemos para a sala de refeições iluminada al giorno<sup>18</sup>, onde o som da campainha nos chamava para o almoço. Em volta das mesas, alegria ruidosa; diversas figuras vão se introduzindo a seguir. Todos os companheiros de viagem apareceram em conjunto, são perto de 200 pessoas. Uma verdadeira babel. Ouvem-se quase todos os idiomas, prevalecendo o francês e o português. O *maître d'hôtel*, com ar festivo, indica nossos lugares. Sentamo-nos, fazendo leve mesura com a cabeça para cumprimentar os quatro companheiros de mesa. Eles são portugueses. Um deles, Leonardo, professor de música no Rio de Janeiro, fala um pouco de francês; enfim, é preciso se entender arranhando o português, o que não impede que a conversa transcorra animada.

Ao mesmo tempo, começamos a sentir um movimento até agora desconhecido, um suave oscilar de um lado para outro. Espiei pela janela e vi uma onda bem pertinho ou, quando ela desaparece, se descortina de novo uma imensidão de água até onde a vista consegue alcançar. O navio começa a balançar. Quanto mais avançamos, tanto mais o balanço se torna aborrecido. Momentos depois, alguém sai da mesa e nervosamente corre para baixo: é a infeliz vítima do mal do mar. Rangem as paredes do navio, vagalhões batem com estrondo contra o casco; só a hélice, zombando da braveza do oceano, continua acionando do mesmo jeito o poder de suas pás e vai impulsionando o gigante para frente. Com ingenuidade de novato, pergunto se o navio sempre balança dessa maneira. “Mais ou menos sempre”, respondem-me, “só que no momento, por causa da proximidade do vento e da terra, o balanço é um pouco mais forte”.

Bela perspectiva!

Ao redor, já se fez noite escura. Do convés só se pode enxergar a pouca distância o rolar das ondas. O vento frio não nos permite permanecer ali por mais tempo; aliás, estou sentindo uma vontade invencível de ir para a cama. Apesar de não serem ainda oito horas, desço ao camarote e procuro descansar.

---

18 “Como se fosse dia.” (N. da T.)

O dia de hoje foi horrível.

Ainda não fiquei doente, mas sinto que estaria bem melhor, se isso acontecesse. Minha cabeça pesa como se fosse de chumbo. O marulho da água deslizando pelas paredes do navio e o monótono e contínuo ruído da hélice me despertaram seguidamente.

Por fim, levantei-me. Nova frustração. Impossível manter-me em pé. Para me vestir, fui obrigado a fazer incríveis evoluções acrobáticas. Saio finalmente para o corredor, ali também cambaleei, caindo contra a parede. Com dificuldade, segurando-me no corrimão, me arrastei até o convés. Pior ainda! Aqui o balanço do navio é mais acentuado: ele se faz sentir muito maior. Há certos momentos em que parece que o navio inclinado pelo peso vai virar e junto nos levar para o fundo do mar. Porém uma força misteriosa nos levanta, mas é só para nos atirar de novo ao outro lado. Não há outro jeito, atiro-me na primeira poltrona. Infelizmente, aqui também sou obrigado a manter-me equilibrado sobre os pés. Tento ler, momentos depois deixo o livro de lado. Fico observando o mar. Estranha sensação! A água que era azul-escura tornou-se esquisitamente grossa, cor de chumbo. Ela se encolhe apenas em alguns lugares e rola, o seu dorso brilha aos raios do sol que vêm até nós. Muitas vezes essa montanha de água não consegue nos alcançar, espatifando-se no caminho, e seu ponto mais alto cobre-se de espuma branca, que depois, como por castigo dessa impaciência, precipita-se no abismo líquido, formando um vale profundo. Muitas vezes, duas dessas montanhas se encontram e então, com surdo estrondo, desmoronam para as profundezas ou, chiando, se espalham para todos os lados. A vida e a luta fervilham na superfície fulgurante ao oceano. Sopra um forte vento norte, por isso foram abertas as velas. Estamos navegando com a velocidade de 16 milhas inglesas por hora, ou seja, a quase 27 quilômetros por hora. É uma velocidade comparável à de um trem de carga. Comenta-se por aqui que, se continuar assim, chagaremos um dia mais cedo em Dacar. É um consolo muito pequeno em vista de cada hora ser intolerável. Desço ao salão com o intuito de transmitir ao papel minhas impressões. Mas o navio sacode tanto que não me é possível firmar a caneta, saindo por isso uns ziguezagues disformes, que eu mesmo terei dificuldade para decifrar. Não travei conhecimento com ninguém até agora, pois todos aparentam

um profundo abatimento. Mikolaj não sai do camarote; eu volto ao meu periodicamente para descansar na cama. De comida, nem é bom falar. O próprio som da campainha chamando à mesa causa repugnância.

O dia de hoje se passou nessa contínua luta com o mal-estar.

*10 de abril*

O navio é no mais completo sentido da palavra uma pequena cidade com todos os seus defeitos. Basta conhecer uma ou outra pessoa, para saber da vida dos outros, de onde vêm, o que fazem, para onde vão, etc. Convenci-me disso exatamente hoje, quando, ao subir ao convés, muito mais animado, travei conhecimento com um casal uruguaio, que, depois de passar alguns meses na Europa, estava voltando para Montevideú. No decorrer de quinze minutos, fiquei conhecendo quase todo o navio, se não pessoalmente, pelo menos através das minuciosas informações que os meus recém-conhecidos prazerosamente prestaram.

– Aquele senhor, por exemplo, – dizem eles – é um rico fazendeiro de São Paulo. Ele torrou em menos de seis meses perto de 600.000 francos<sup>19</sup> em Paris. Aquele outro, em tempos passados, um nababo em Buenos Aires, agora, em consequência da crise argentina, está liso como barriga de cobra, mas a pose é arrogante, não é mesmo? Eles são todos assim, esses argentinos! Ou este casal, por exemplo, com numerosa prole, não poderia ficar em casa e cuidar dos negócios, que francamente não andam lá essas coisas? O senhor está vendo essa senhora que passou por nós agora há pouco? Nenhuma mulher direita lhe estende a mão.

Dessa maneira tive um relato detalhado sobre quase todos. Não consigo imaginar de onde essas pessoas, que nunca antes se conheciam e que provavelmente nunca mais se encontrarão na vida, sabem tanto umas sobre as outras. São os mistérios das relações humanas, que infelizmente encontramos não só no navio.

Naturalmente, nessas condições não me entusiasmo em ampliar a roda de meus conhecidos. Basta-me, por enquanto, o meu companheiro de mesa, Leonardo, com quem a conversa é proveitosa em vista de seu perfeito

---

19 O equivalente a cerca de R\$ 9.930.000,00 (ago. 2009). (N. da T.)

conhecimento sobre as condições brasileiras. Podemos andar à vontade e, forçando o corpo para um lado ou para outro, manter um razoável equilíbrio.

A bordo, reina um rigor quase militar. O comandante, Meunier, cabelos brancos, marinheiro de aparência muito atraente, mantém a ordem com mão férrea. Contaram-nos que numa das viagens três turbulentos portugueses foram por ele presos durante cinco dias, não os deixando sair do camarote durante esse tempo. É sabido que o poder do comandante num navio é autocrático, e sobre isso correm diversas lendas entre os passageiros. Isso é muito bom sob todos os aspectos, visto que, em caso contrário, ninguém passaria sem muitos incidentes desagradáveis ou excessos com os diversos tipos de pessoas que se encontram num navio.

O programa de cada dia é o seguinte: levantamos às 7 ou 8h. Então, os camareiros já trazem café ou chá ao camarote; às 9h30; uma refeição com quatro pratos; à 1h da tarde, o lanche; às 17h30, jantar muito farto; às 21h, chá; às 23, as luzes são apagadas no convés. O ponto culminante do dia é às 12h, ocasião em que é apresentado o cartaz com o número de milhas percorridas durante as últimas 24 horas. Motivados com isso, os passageiros fazem diversas apostas, que naturalmente atijam a curiosidade geral. Ajudados por vento favorável, fizemos aproximadamente 380 milhas inglesas em 24 horas. Uma pequena hélice, mergulhada na água e, ligada por um cabo a um aparelho marcador, indica a velocidade do percurso.

Os passageiros preenchem o tempo como podem. No convés formam-se pequenos grupos: uns jogam loto, outros fazem brincadeiras sociais ou apenas conversam sobre um tema preferido, que geralmente é o próximo. As senhoras têm seus trabalhos manuais ou cuidam das crianças, que continuamente andam pelas dependências do navio, deixando as mães aflitas. Os homens jogam baralho, xadrez e damas. Uma vez ou outra, alguém se senta ao piano e em breve fica cercado de musicomaníacos de ambos os sexos. Duas senhoras periodicamente se exibem cantando, mas infelizmente até no navio seu talento não deixa de causar danos aos ouvidos.

Para amanhã os jovens estão organizando um sarau dançante, isso se o mar permitir.

Glinka hoje já se sente bem melhor: passou a maior parte do dia no convés, só descendo ao camarote de vez em quando. Em suma, o “mal do mar” não está fazendo tantas vítimas no momento.

Algum dia, por acaso, esperava eu ver com meus próprios olhos as costas do Saara? Pois vi essas costas durante várias horas. Durante a noite passamos ao largo das ilhas Canárias, mas no momento estamos beirando a costa oeste da África. De longe já se pode avistar aquele oceano de areia. A região é plana e deserta; em alguns lugares aparecem pontos escuros com forma de cabana: são moradas de pescadores. Correntes de ar quente chegam até nós e logo se desmancham pelo ímpeto do navio. Todos, agarrados à amurada do convés, olham atentamente essas infundáveis areias talvez à espreita de algum sinal de vida. Inutilmente! É só deserto morto por toda a parte; nuvens de poeira se levantam levadas pelo vento para muito longe. A paisagem é triste, mas mesmo essa lúgubre perspectiva da terra nos enche de certo ânimo. Instintivamente lembra-nos que salvação contra o mar só se pode procurar lá.

Hoje, fui até a proa do navio. A vida lá é simplesmente diferente. Nos diversos cantos e becos, grupos de passageiros abrigam-se das fortes raios do sol. Uns dormem, outros conversam, outros ainda, deitados, observam as ondas distantes. Estes com certeza estão pensando naqueles que talvez deixaram para sempre.

Estamos levando a bordo um destacamento de soldados franceses, que vão para o Senegal. Lá os esperam os horríveis dois anos de luta mortal contra o clima e as doenças. Quantos deles não mais verão a França?! Nos rostos, a marca da tristeza e abatimento.

Algum português está tocando bandolim, uma menina pequena, com mãozinhas frágeis, apanha as bordas do próprio vestido e tenta dançar. O navio inclinou-se mais forte para um lado e a pobrezinha cambaleou. Não fosse a atenção da mãe, que a abraçou na hora, ela teria caído. Mas a pequena não se apavorou e continuou a dar passinhos com os pequeninos pés.

Logo adiante, de ambos os lados do navio, estão gaiolas, em que são levados bois vivos, novilhas, carneiros e aves, e, graças a isso, temos sempre carne fresca. Já ao lado, está o matadouro e uma padaria, de onde a toda hora saem grandes quantidades de carne e de pão assado. A proa do navio propriamente dita é destinada para alojamento da tripulação e dos serviços de bordo. Lá é quente e abafado. As camas são estreitas, três ou quatro superpostas.

Ao voltar para o nosso convés, visitei a cozinha, que foi instalada bem no centro do navio. Oito cozinheiros e uns quinze ajudantes se empenham ao redor de mesas e fogões, preparando justamente o jantar. Ordem e limpeza exemplares por toda a parte. Ao lado da cozinha, sentados em banquinhos, alguns soldados, com as mangas dos seus uniformes arregaçadas e os quepes caídos para trás, descascam batatas e legumes. Fazem isso provavelmente como passatempo.

Pela primeira vez observei o pôr-de-sol no mar. Não tenho dentro de mim nenhuma pitada de expressão poética. Contudo não consegui tirar os olhos desse imponente espetáculo. O ar está tão puro que até parece ser possível transpor, com a vista, centenas de milhas além.

No lado do poente, o céu se tornou alaranjado e na direção do resto do céu foi se suavizando cada vez mais, até chegar a uma tonalidade dourado-pálida, num contraste encantador com o azul profundo do mar. Espalhadas pelo céu, aqui e ali, pequenas nuvens compõem fantásticos quadros coloridos. Aqui se vê um estranho monstro expelindo fogo vermelho. Mais adiante aparece uma cidade afundando em nuvem cor-de-rosa, que descansou sobre as cristas das ondas do oceano. Ali, uma floresta pegando fogo: até rolos de fumaça envolvem as árvores, das quais mal se podem reconhecer as formas. Adiante, um gigante camelo andando no deserto; duas corcovas lhe nascem nas costas, e o pescoço curvado em arco mal consegue sustentar a cabeça cansada. Provavelmente abandonou o seu *habitat*, as areias do Saara, e agora caminha no horizonte. Para qualquer lado que se dirija o olhar, depara-se com novos quadros, em que a imaginação, despertada para fantasiar, procura descobrir novas formas.

Por fim, a gente fica a observar essa possante esfera de fogo que apareceu de trás de uma nuvem e ficou suspensa sobre as águas. O seu fulgor deu a elas um estranho brilho resplandecente como de aço polido. Enquanto isso, ela oscila e estremece, mergulhando seus ardentes raios nas profundezas do oceano ondulante. A água e o fogo entram em luta. O mar quer envolver a esfera solar atirando nela toda a carga das ondas. Mas não é tão fácil derrotar o sol. A coragem das ousadas é severamente castigada, pois retrocedem banhadas de sangue e desaparecem nas profundezas. O oceano insiste mandando novos emissários, mas eles também, atingidos pelo ofuscante brilho do sol, têm o mesmo destino dos que vieram antes.

É terrível, contudo, a potência das águas, porque parece que o sol já está perdendo forças. A parte de baixo da esfera começa a se afogar. Em instantes, as ondas vão alcançar a sua orla e milhões de braços começarão a puxá-lo para as profundezas. O sol se defende, mas em vão. Está submergindo cada vez mais fundo, e o triunfante oceano o engolfa dentro de sua enorme boca. Só por uns momentos, a última faixa de fogo se mantém na superfície das águas, mas por fim ela também desaparece, dando adeus ao dia com um possante clarão de luz, que inunda o céu inteiro com sangue escarlate!

Por muito tempo ainda fiquei no convés, imerso em muda adoração. Àquele que oferece aos olhos humanos tamanhas maravilhas e com a Sua onipotência domina o mar, o sol e a natureza inteira, o homem se rende diante da Sua sabedoria e onipresença.

Hoje tivemos noite muito animada e alegre. Os jovens, no salão de música, situado acima da sala de refeições, começam a dançar. É de fato engraçada a dança com o navio a balançar. A cada instante algum par perde o equilíbrio e se atira impetuosamente contra a parede, poltrona, sofá ou mesa. Mas isso não atrapalha a brincadeira e a dança continua.

Bem ao lado do leme reuniu-se um grupo de crianças. Formaram uma roda bem grande e cantando davam voltas. As mães acompanham de perto essa brincadeira, que vez por outra necessita de intervenção.

Ao lado do grande mastro, também se reuniu uma numerosa roda. Lá P., colaborador do jornal parisiense *Le Temps*, seguindo viagem de estudos jornalísticos à América do Sul, provoca a cada instante, entre os presentes, frenéticas gargalhadas com seu monólogo cheio de humor.

Mas igualmente a sala-de-estar, bem próxima do camarote do comandante, também está animada. Os homens jogam baralho, bebendo champanhe. Os jogos de azar estão proibidos, por isso alguns matam o tempo como podem com um *wist*, *écarté*, *piquete*<sup>20</sup>, etc.

---

20 Está *wist* no original. No entanto, o A. deve se referir ao *whist*, uíste – “jogo muito difundido no s. XVIII e, especialmente, no s. XIX, ancestral do *bridge* (que o acabou eliminando), disputado com um baralho de 52 cartas, que é dividido equitativamente por quatro jogadores em duas parcerias, valendo um ponto cada vaza acima das seis que compõem o *book*” (HOUAISS, 2001, s.v.); *écarté*, em francês, é um jogo de cartas; e *piquete*, vinho ruim. (N. da T.)

O dia de hoje passou rápido e, só apagadas as luzes no convés, é que os passageiros foram obrigados a se recolher aos camarotes.

*11 de abril*

Todas as nossas esperanças de chegar mais cedo a Dacar resultaram vãs. Alguma coisa estragou em nossa máquina; estão dizendo que foi superaquecimento do eixo, e em consequência estamos parados desde a manhã, abandonados ao sabor das ondas. Não conhecia até agora, graças a Deus, o que vem a ser o desconforto numa tempestade, mas acaso existe algo mais insuportável que o descontrolado balançar de um navio, feito joguete nas ondas do mar? A força da propulsão, pelo menos, dá ao navio certa resistência ao balanço. Em dado momento, ele reúne todas as energias para arrancar das profundezas um dos seus flancos e debruçar-se sobre o outro lado; essa energia é em parte transmitida automaticamente ao homem, que assim sente que aquele gigante não se deixa dominar pelas ondas. A situação é bem diferente quando a máquina está parada, inerte, e o mar joga o navio como se fosse uma casquinha de noz. Desaparece por completo toda e qualquer resistência ou pelo menos ela não é sentida. O navio parece estar caindo numa sonolência da qual não se pode despertá-lo e deixa que as ondas façam dele um brinquedo. Mas, por Deus!, como essa brincadeira nos custa caro! Metade dos companheiros de viagem está deitada nos seus camarotes, doente, e os outros vagueiam pelo convés macambúzios e deprimidos. Cada oficial, cada marinheiro, cada servente é coberto pela única pergunta que parte de dezenas de bocas: “Será que a máquina já foi consertada?” E a resposta, com certa fleuma, é sempre a mesma: “Ainda não.”

Um terrível desânimo começou a tomar conta de mim. Tristeza, saudade, aborrecimento, tudo isso vem de mãos dadas, para me atormentar impiedosamente. Gostaria que caísse uma tempestade, que o navio fosse para o fundo do mar de uma vez, contanto que parasse de balançar e permitisse, ao menos por um momento, sentir uma estabilidade tranquila.

Mas, até o momento, só chega até nós o som das batidas de martelos no ambiente das máquinas. Quando ele pára por um instante, acende a esperança: talvez já terminaram. Que nada, continuam batendo! Procuo um lugar mais calmo em todos os cantos ao navio. Desço ao camarote para ver se na cama me sinto melhor. Em vão! Por toda a parte, o

mesmo balanço lento e descontrolado. Cessou o vento, não adianta içar as velas. Nesse momento, o oceano está liso como um espelho, mas se empina só para fazer conosco a aborrecida brincadeira. Na hora do almoço o salão está quase vazio. Quem teria disposição para comer em semelhante situação? No convés, como semimortos, deitados em poltronas, os nossos companheiros de viagem só ficam se queixando do comandante, das máquinas, do navio, do mar, de tudo enfim!

Mal começou a anoitecer, e já procuramos abrigo no camarote; talvez o sono nos traga alívio!

*12 de abril*

Somente às 3h da madrugada seguimos caminho.

Estávamos navegando, mas Deus nos ajude, de que modo! E já circula o boato de que vai ser assim a viagem inteira, até o Rio. Por quê? Só lá existe possibilidade de fazer conserto completo da máquina. Seja lá o que for, pelo menos cessa este insuportável balanço, e o navio balança apenas normalmente. O fato é que nesta altura provavelmente já nos acostumamos e não nos causa nenhuma aversão. Em vez disso, o calor começa a nos atormentar. Não se sente nem o mais leve sopro de vento, e, apesar de estenderem toldos sobre todo o convés para nos proteger contra os raios solares, o calor abafado domina por toda a parte. A água mudou de cor e de azul-escuro passou para violáceo, porém o navio vai abrindo caminho entre as ondas, que se movem molemente como se fossem de óleo. A superfície inteira do oceano está encrespada fazendo lembrar um campo recém-arado. De tempos em tempos, bandos de peixes-voadores levantam voo mantendo-se bom tempo no ar sobre as águas, as escamas brilhando à luz do sol, e alguns metros adiante atiram-se novamente no mar. Parece que essa é para eles a única maneira de escapar do seu predador. Acontece às vezes que alguns deles ao fugir entram em pânico e se atiram no navio e até pelas janelas abertas dos camarotes.

Hoje conheci um personagem muito interessante, dr. Gaad, dinamarquês, que já residiu quinze anos no Brasil e que conhece profundamente o país. Passamos algumas horas numa palestra muito útil. Não lhe é desconhecida a sorte dos emigrantes, pois há alguns anos tinham chegado a São Paulo várias centenas de dinamarqueses, igualmente atraídos pelas

falsas promessas dos agentes. Causaram um bocado de problemas para ele. Uma parte deles já faleceu, outra parte retornou ao país de origem, apenas um ou outro, depois de muita luta e por necessidade se estabeleceu no Brasil. O dr. Gaad prometeu apresentar-me a um fazendeiro, que está voltando para casa, na Europa, com sua mulher e o filhinho. Dele devo obter informações sobre as condições de trabalho nas plantações de café. Travei conhecimento, também, com dois brasileiros, que com a maior boa vontade me deram todas as dicas necessárias.

Tenho esperança de que – juntando tudo aquilo que aprendi nos livros mais os dados fornecidos pelo gentil companheiro de viagem, – não estarei desembarcando em solo brasileiro de olhos vendados.

*13 de abril*

*(Dacar)*

O silêncio e a paz me tiraram de profundo sono. Sim, com o ouvido já acostumado ao ruído da hélice e ao marulho das águas deslizando nos flancos do navio, silêncio e paz se tornam algo incomum e despertam do sono.

Meu primeiro pensamento foi: a maquina enguiçou de novo! Atirei o paletó às costas, corri para o convés. Não! Meus temores eram infundados!

Estamos em Dacar.



*Vista de Dacar.*

O sol ainda não apareceu na linha do horizonte, mas a tênue luz da aurora já banhava de tons róseo-arroxeados o povoado e os morros dos arredores. É isso: realmente, Dacar só merece a denominação de povoado. Algumas casas brancas, espalhadas sem nenhuma simetria aqui e ali; compridos e escuros depósitos de carvão; raramente aparecem algumas palmeiras apontando para o céu, ou um frondoso coqueiro; também mais ao longe, os escuros telhados das cabanas dos negros. É apenas isso que no primeiro momento a vista consegue alcançar.

O navio ainda não havia ancorado, quando um verdadeiro enxame de canoas com negros se aproximaram de nós. São embarcações pequenas, esguias e compridas, cavadas numa tora. Uma delas vem trazendo peixe, outra verduras, outra ainda, com três adolescentes negros, que com remos pontiagudos a vêm empurrando rapidamente em nossa direção. Esses garotos estão quase nus, apenas uma pequena tanga lhes cobre os quadris. As cabeças descobertas, quase sempre raspadas até a metade, assim como a pele da testa, brilham à luz do sol, que começa a aparecer. A julgar pelo nervosismo, com que obrigam a canoa a navegar mais depressa, daria para pensar que eles têm algum compromisso muito sério a cumprir a bordo. O enigma logo foi esclarecido. Falando um francês quase incompreensível, eles vêm esmolar o meio franco<sup>21</sup> que deve ser atirado ao mar. No momento em que a pequena moeda de prata cai na água, com a velocidade de uma enguia, uma dezena desses negrinhos se atira ao mar. Na superfície da água só se veem as solas brancas dos seus pés, para depois ser visto um emaranhado de corpos, em movimentos de rã, desaparecer nas profundezas transparentes. Passados alguns segundos, eis que emerge das águas esmeraldinas a primeira cabeça, depois a segunda, a terceira, a décima, até aparecer por último o vencedor, segurando a moeda nos dentes. Do seu nariz escorrem dois filetes de água e ele sacudindo o corpo para se livrar do resto da água salgada, exhibe triunfante e feliz o troféu. Em seguida, provavelmente com medo de ser roubado por parte de companheiros invejosos, guarda-a dentro da boca e continua pedindo esmola. Isso dá uma triste impressão, porém outras moedas continuam caindo no mar, repetindo-se a mesma luta.

---

21 O equivalente a cerca de R\$ 8,27 (ago. 2009). (N. da T.)

Reparei num garoto de uns oito anos, que não conseguindo igualar-se aos desafiantes mais velhos, nadando, afastou-se para um lado e com voz chorosa implora para que lhe deem também oportunidade nessa hedionda competição. De dentro da água só aparece sua cabeça encaracolada e um par de brancos olhos esbugalhados. Vem a onda e enche-lhe a boca, o que o faz se engasgar, mas o coitadinho não para de bradar. Não sei se por piedade ou por brincadeira, alguém lhe atirou uma moeda, mas logo aparece um companheiro mais velho e num piscar de olhos pesca do fundo do mar a moeda faiscante. Aí o pequeno desata a chorar, enquanto os outros se regozijam. Mas, assim mesmo, ele não se dá por vencido e, esfregando os olhos com a mão molhada, continua tentando nova oportunidade.

Não posso entender como é que a polícia marítima pode consentir tão revoltante mendicância. Sem falar do lado moral dessa pesca aviltante, há o perigo que ela representa, uma vez que as costas de Dacar são famosas pela quantidade de tubarões, que todos os anos, dizem, fazem numerosas vítimas. Como única defesa contra esses vorazes monstros, todo negro usa no peito o “cricri”, uma espécie de escapulário, feito de couro, dentro do qual o pajé costura um pedaço de tubarão ou uma pequena concha ou pedrinha. Esses “cricris” às vezes alcançam preços bem altos. Muitas vezes um pai o indica como herança para o filho, e este com veneração quase religiosa cuida do talismã como a menina dos olhos.

Admiro muito a resistência desses adolescentes, pois alguns deles por um preço combinado, atravessam nadando por baixo do navio. Essa perigosa travessia demora, de acordo com o relógio, uns 40 segundos.

Fiquei sabendo que por diversas vezes as autoridades locais tentaram proibir tais exhibições, mas os negros sempre conseguem driblar a vigilância; por isso, agora elas tomaram uma atitude de tolerância.

Aos poucos, estão chegando também embarcações maiores com mercadores diferentes. Eles vestem adornos fantásticos, geralmente uma espécie de casula grande de algodão multicolorido, parecida com um poncho. Nas cabeças usam o fez, isto é, o turbante. Cada um faz propaganda da sua mercadoria: bengalas feitas de espinha de tubarão, papagaios, macacos, tigelas feitas de casca de coco, alfanjes, lanças e outros objetos do gênero. Outros ainda se oferecem como cicerones em Dacar. Aproveitamos

essa oportunidade e resolvemos dar uma volta em terra senegalesa, para conhecer sua capital.

O Senegal, desde tempos imemoriais, é colônia francesa. Ainda no século XVI, foi visitada por mercadores de Dieppe, mas desde 1664 tornou-se oficialmente uma possessão francesa. Até o século passado, não se conhece nenhuma referência sobre o Senegal. Somente em fins do século XVIII, a competição da Inglaterra provocou uma série de conflitos, que terminaram em 1817 com a permanência da França nessa colônia. Desde 1855 o general Faïdhérbe assumiu a administração do Senegal e com o seu governo prudente contribuiu para um real desenvolvimento.

O Senegal inteiro se divide em dois distritos: Saint-Louis e Gorée. Ao primeiro, chega-se atualmente pela estrada de ferro que sai de Dacar, distrito de Gorée, que, no entanto, se situa sobre os rochedos defronte a Dacar e constitui um pequeno posto avançado francês, sendo ao mesmo tempo a principal sede da guarnição militar.

Em Dacar só existem aproximadamente 500 brancos junto com a guarnição e 600 negros. O povoado expandiu-se sobre as areias e por isso dá impressão de desolação. As casas européias são construídas de madeira ou de pedra, com espaçosas varandas e janelas com venezianas verdes, completamente fechadas. Existem aqui uma igreja católica muito limpa, correio junto à estação de comunicação de cabo submarino, o comando superior, o quartel da cavalaria de spahis<sup>22</sup>, o hospital e ainda dois restaurantes mantidos por franceses. Além disso, as companhias Messageries Maritimes e Chargeurs Réunies fundaram em Dacar um grande depósito de carvão, que abastece seus navios em travessias transatlânticas. Logo que desembarcamos em terra firme, fomos cercados por uma turba de mendigos negros. Ignoro qual seja o processo de civilização que os franceses implantaram aqui, mas que ele não produziu frutos atraentes, isso eu pude constatar em pessoa. A população negra de Dacar transformou-se num bando de aviltados vadios, que só ficam se aquecendo ao sol, às vezes pescam, mas na maioria das vezes mendigam de maneira impertinente. Realmente, é preciso repelir de forma enérgica aquela insistência insuportável. A chusma de

---

22 *Spahi* – cavaleiro do exército francês pertencente a uma unidade criada em 1834 na Argélia, e em princípio recrutado localmente. (LAROUSSE, 1989, s.v.) (N. da T.)

vadios corre atrás de cada europeu, empurrando-se uns contra os outros, que aos gritos desesperados procuram chamar atenção. Entre tantos, notei crianças de apenas alguns meses dependuradas nas costas das mães, porém já estendendo as mãos, e com jeito simiesco agarram a moeda dada, olham para todos os lados e em seguida a entregam à mãe. Os franceses residentes em Dacar não fazem muita cerimônia com esses vadios: quando não há outro meio de se livrar desses impertinentes importunos, batem neles com a mão fechada ou mesmo com pau. O negro então se encolhe como animal fugitado por chicote, afasta-se alguns passos, mas não desiste e caminha a distância, pedindo esmola em voz mais alta ainda.

Com certa dificuldade fomos em frente, atolando os pés na areia vermelha; a nuvem de pó levantada pelos pés dos pedintes cai na roupa, no rosto, nos olhos e chega até a entrar na boca, estalando desagradavelmente entre os dentes.

O objetivo da nossa caminhada é visitar o rei de Dacar. O título real não tem nada a ver com poder, função que é cumprida pelo governador francês de Saint-Louis. É um sucessor tradicional desde os tempos antigos, quando o cacique de Dacar realmente possuía súditos. Não consegui descobrir se o rei atual herdou a dignidade real *in partibus infidelium*<sup>23</sup>, ou se exercia ainda alguma autoridade. Basta dizer que ele é o ponto culminante da curiosidade dos passageiros que desembarcam em terra senegalesa por algumas horas.

O nosso cicerone nos antecipou que Sua Majestade Dial-Diop é amigo pessoal dele. A julgar pela aparência, fica provado que o soberano de Dacar não é muito exigente na escolha de amizades. Mas isso é de somenos importância porque afinal não é a roupa – neste caso, um casaco curto bem gasto e rasgado, um acinturado *spencer* e um par de calças que mal chega até os joelhos – que prova o valor de uma pessoa. Apesar de nossos pés afundarem na areia até os tornozelos e o sol nos queimar impiedosamente, caminhamos mais, com a curiosidade nos estimulando a apressar o passo. Atravessamos o bairro europeu inteiro, o que nos tomou uma boa meia hora.

---

23 Expressão com que a Igreja Católica indica o caráter meramente honorífico e não efetivo do título de um bispo encarregado de missão especial, em localidades com predomínio de não católicos. (HOUAISS, 2001, s.v.) (N. da T.)

Finalmente penetramos no povoado dos negros.

Diante de nós aparece incontável quantidade de cabanas baixas, cobertas com folhas de palmeira, que lembram montes de feno pelas formas cônicas. Não há nenhuma espécie de rua ou caminho; somos forçados a esgueirar-nos por entre elas, prestando muita atenção onde pisamos, porque o conceito de higiene ainda não havia chegado a Dacar, fazendo os narizes sofrerem bastante.



*Choça de africanos em Dial-Diop, Dacar.*

Depois de estafante caminhada de um quarto de hora, paramos, por fim, diante de uma cabana um pouco maior, mas que difere das outras quanto à forma e ambiente desmazelado.

– Eis aqui o palácio do rei de Dacar – anunciou com certo orgulho o cicerone.

Paramos com a convicção de que certamente algum camareiro de Sua Majestade nos conduziria até a digníssima presença do monarca, porém o nosso cicerone não nos deixa indecisos por muito tempo, e ele primeiro se enfia para dentro por uma pequena abertura, fazendo sinal

com o dedo para seguirmos seu exemplo. Bastou isso para nos convencer que realmente laços de confiança devem ligá-lo ao rei. Curvando, então, as costas, entramos. O mesmo é repetido por mais alguns companheiros de viagem, que se juntaram a nós durante a caminhada.



*O Rei de Dacar.*

Já na entrada somos dominados pela escuridão, que no primeiro momento não nos permite distinguir objetos. O único acesso de luz é pela abertura pela qual entramos há pouco, e ele infelizmente é no momento fechado pelos companheiros. Aos poucos a vista vai se acostumando e com curiosidade começa a vagar por essa original sala de recepção. A própria terra batida serve de assoalho, na qual engatinham algumas crianças negras, fugindo, é provável, por causa dos recém-chegados, para um canto mais escuro. Não se veem móveis de espécie alguma, no entanto de um amontoado de trapos começam a erguer-se pesadamente alguns vultos escuros, seminus, ou parcialmente cobertos de ponches rasgados. Uma negra corre apressada para um canto e volta trazendo um enorme chapéu todo enfeitado de penduricalhos, colocando-o em seguida sobre a cabeça de um velhote que começa a levantar-se com dificuldade. É o símbolo de nobreza real. O nosso guia se aproxima dele, sacode

fortemente seu ombro, tentando provavelmente acordá-lo de vez, pois ele ainda está meio adormecido e num tom triunfante declara:

– Voilà le roi de Dacar!<sup>24</sup> Sua Majestade está doente com febre – acrescentou –, mas assim mesmo ele saúda os senhores cordialmente.

Nisso, vemos se estender para nós sua mão seca e ossuda. Como me encontrava mais próximo dele, fui o primeiro a pegá-la e senti que dela vinha um calor doentio. Tentei puxar a mão, mas a Sua Majestade a segura fortemente e ao mesmo tempo estende a outra, mantendo-a verticalmente aberta no ar.

– Que significa isso? – pergunto admirado ao guia.

– Nada – ele me esclarece –. O rei de Dacar apenas pede um donativo.

– O quê? – escapou-me involuntariamente.

– O senhor deve lhe dar alguma moeda – me sussurrou ao ouvido um dos franceses ali presentes.

– Ao rei de Dacar! alguma moeda! – repliquei admirado. – Nunca! Entretanto, apanhei um franco<sup>25</sup> reluzente e depositei-o na pele branca da palma de sua mão estendida.

O rei examinou atentamente a moeda, sorriu, acenou com a cabeça em sinal de satisfação e guardou o franco na bolso.

A mesma cerimônia repetiu-se com Glinka.

Nossa generosidade impressionou a assistência negra.

Nisso, vem se aproximando uma velha negra, que o guia nos apresenta como sendo a rainha de Dacar, Mal-Diop. Ela também nos saúda com uma mão enquanto estende a outra para pedir esmola. Não querendo semear discórdia no meio monárquico, cada um de nós a presenteia igualmente com um franco. Eis, porém, que vêm se insinuando as princesas, com os pequenos príncipes às costas, e pedem esmola com a maior sem-cerimônia. As mães recebem meio franco, seus nobres descendentes, dois centavos<sup>26</sup> cada um. Agora somos rodeados por uma chusma de pre-

---

24 “Eis o rei de Dacar!” (N. da T.)

25 O equivalente a cerca de R\$ 16,55 (ago. 2009). (N. da T.)

26 O equivalente a cerca de R\$ 0,33 (ago. 2009). (N. da T.)

tenhos ministros e dignitários, que bradam insuportavelmente. Atiramos algumas moedas miúdas para eles disputarem e fugimos o mais depressa desse “palácio” real, perseguidos por uma turma de súditos inferiores, pretendentes à esmola.

Assim foi nossa visita ao rei de Dacar, ao qual, dizem, a generosa França destina 600 francos<sup>27</sup> por ano para sustento seu, de suas esposas, filhos, corte, etc.

É de admirar que ele peça esmola? Em tempos antigos, provavelmente seus antepassados vendiam milhares de escravos aos brancos, mas hoje ele, seu descendente, por alguns míseros centavos vende apenas... a própria dignidade.

*Tempora mutantur!...*<sup>28</sup>

Esse é um dos frutos negativos do processo de civilização mal encaminhada no continente africano.

Voltamos ao bairro europeu para depositar cartas no correio e expedir telegramas para Varsóvia. A agência dos correios está fechada e, segundo nos informou um funcionário negro, ela só estará aberta às 2h. Como faltava ainda meia hora, resolvemos esperar.

Enquanto isso, começaram a chegar de diversas direções outros passageiros do *Brésil* com o mesmo propósito. O tempo de espera é preenchido com narrativas das aventuras vividas no dia.

Entre outros, vem se aproximando aquele monologista do convés e jornalista parisiense, P., trazendo, num estojo colorido pendurado no ombro, uma espada africana. Examinamos com curiosidade a aquisição e perguntamos onde se pode adquirir algo igual. Aí comecei a propor a Glinka procurarmos o lugar por ele indicado. Apenas tinha pronunciado as primeiras palavras, um negro se apresenta e nos diz em polonês bastante fluente:

– Se os senhores permitirem, eu os levarei.

– Por Deus! – exclama surpreso Mikolaj. – Quem é você? De onde você apareceu por aqui?

27 O equivalente a cerca de R\$ 9.930,00 (ago. 2009). (N. da T.)

28 “Os tempos estão mudados!...” (N. da T.)

– É que morei durante dez anos em Varsóvia – respondeu tirando o chapéu e citou para nós uma serie de nomes de pessoas conhecidas, das quais tinha sido empregado.

O encontro desse negro, falando polonês em pleno Senegal, deve ser incluído entre as mais originais surpresas desta viagem, até agora.

Armand foi só o que eu soube sobre o nome desse negro; de Varsóvia foi para Petersburgo. Saindo de lá, vagou alguns anos por quase toda a Europa. Recentemente encontrado por aquele jornalista, ele passava miséria e abandono em Lisboa, e fora levado agora pelo mesmo jornalista a bordo do *Brésil* como empregado. Fala ainda as seguintes línguas: francês, alemão, italiano, português, espanhol e russo. É realmente uma pessoa curiosa. Suspeitamos que ele deve ter praticado algum delito e por isso encontrava proteção nessa vida errante pelo mundo.

Resolvido o compromisso do correio, sentimos que nosso estômago começava a reclamar pelos seus direitos. Assim, fomos levados a um restaurante francês, que fica próximo à praia, onde encontramos uma porção de companheiros de viagem e oficiais franceses, que tinham ido renovar a língua na Europa. Aqui reina enorme confusão, barulho, calor e humores excitados, o que se comprova pela batelada de garrafas de champanhe vazias.

O dono do restaurante, querendo agradar seus clientes, reuniu no grande terraço uma porção de negros e negras, que começaram a sua dança nativa. Dois deles, um pouco afastados, marcam o compasso num tambor alongado. Diante deles formou-se grande roda de mulheres, parecendo escutar essa música monótona. De repente, uma delas corre para o centro e começa bater os pés no mesmo lugar e agitar os braços. Os tambores estão batendo cada vez mais forte e mais depressa, a multidão grita e urra de entusiasmo, o que estimula muito a dançarina, que cai num ritmo frenético, até que, exausta, afasta-se para um lado, deixando o lugar livre para outra. A dança em si não tem nada de pitoresco, sendo apenas uma dança selvagem e rítmica. O maior entusiasmo foi provocado entre os presentes por uma dançarina, manca, cuja perna mais curta obrigava-a a executar, com o corpo, diversas evoluções menos estéticas.

Contudo, logo chega a hora de voltar para o navio, pois a partida estava marcada para as 4h. Tranquilizaram-nos em nossa pressa de voltar, dizendo que o navio não sairá antes do anoitecer. Preferimos, porém, ser

pontuais, mesmo porque aquela caminhada de algumas horas nos cansara realmente e nos faz sentir a necessidade de um bom descanso.

Pelo caminho compramos ainda algumas quinquilharias locais e, repelindo os mendigos, às 4h já estamos no convés do navio. Por várias razões, os negros nos deixam preocupados ainda aqui, pois as canoas com os moleques negros continuam rodeando o navio, mergulhando de vez em quando no mar, para apanhar a moeda que lhes é atirada.

Enquanto isso, oito grandes chatas abastecem de carvão o navio. Ele necessita de grande reserva para alimentar nos próximos nove dias as possantes fornalhas que suas máquinas consomem. São 75 toneladas nem mais nem menos. Uma poeira preta cobre todo o convés, penetra até no salão de refeições e nos camarotes, de tal maneira que é impossível permanecer nesses lugares. Procuramos nos proteger junto ao mastro maior, aguardando com impaciência a hora da partida.

*14 de abril*

Partimos somente à meia-noite, porque até essa hora estavam consertando as máquinas. Isso nos faz alimentar a esperança de viajarmos com maior rapidez e sem interrupções. Infelizmente, essas previsões não se concretizaram. De manhã, na hora do café, apareceu o comandante e anunciou que o navio vai parar. Realmente estamos parados, balançando da mesma e insuportável forma como da vez anterior. Além disso, o calor está atormentando terrivelmente. O termômetro indica 30 graus Réaumur<sup>29</sup> à sombra. Aqueles que conseguiram resistir à doença do mar, tentam, com um improvisado caniço, pescar algum peixe. Mas até agora não vi ninguém conseguir apanhar algo das profundezas do mar. Em vez disso, um garotinho – debruçando-se demais na borda do navio para observar atentamente essa pesca infrutífera – por pouco não caiu na água. Esse quase acidente distraiu por alguns momentos todas as pessoas, tirando-nos do torpor que nos tinha acometido.

A cada passo, alguém desce até o compartimento das máquinas, mas volta sempre com a mesma notícia. Ainda estão consertando!

---

29 30 graus Réaumur equivalem a 37,5°C. (N. da T.)

Ao cair da tarde, a uma distância talvez menos de cem metros, passou um cardume de golfinhos. Esses vigorosos animais fazem evoluções dentro da água muito à vontade e de forma muito divertida. A cada momento aparecem à tona seus dorsos robustos, desaparecendo em seguida, para logo adiante reaparecer repetindo a mesma evolução. Essa corrida leva quase meia hora; depois disso, ainda ao longe se podem ver seus dorsos reluzentes. Naturalmente, cada movimento desses animais é observado com a maior curiosidade. Um dos oficiais me explicou que os negros apreciam muito a carne dos golfinhos, mas para os europeus ela não parece saborosa, pois cheira a óleo de bacalhau, que é o único proveito que se tira da pesca desses animais.

Ao cair da noite, o convés fica deserto e silencioso. Quanto à diversão, nem falar: quem ainda não se recolheu para o camarote dirige-se para ele apressado, apesar de pressentir que lá o espera o sufoco do calor terrível. Paciência, talvez o sono proporcione algum alívio, ou pelo menos permita matar algumas horas que se arrastam pesadamente.

*15 de abril*

Hoje faz precisamente uma semana que estou no mar, mas parece já estar há um século inteiro. É bem verdade que dentro de uma semana deveremos estar no Rio, mas ninguém pode determinar a data exata da chegada devido ao estado lamentável de nossa máquina. Perto do meio-dia foi dado sinal de partida. Sentimo-nos aliviados e mais animados, mas já estão profetizando que a qualquer momento a máquina pode encrencar e de novo seremos obrigados a parar. Essa incerteza é torturante.

Procuo reunir o resto das minhas energias para pegar no livro, mas encontro certa dificuldade e as letras se deslocam preguiçosamente diante dos meus olhos.

Felizmente, o dr. Gaad cumpriu o que prometeu e fez as apresentações entre mim e o fazendeiro Negreiros. É um homem bom, ainda muito jovem, pois só tem 26 anos, sendo casado há oito. Possui plantação de café nos arredores do Rio Claro, na Província de São Paulo. Tem uma conversa agradável e muito boa vontade para prestar esclarecimentos e detalhes. Sentamo-nos próximo ao timão, onde costuma haver menos gente e lá passamos quase duas horas, prometendo mutuamente, quando aparecesse oportuni-

dade, repetir tão interessante bate-papo. Negreiros convidou-me para visitar sua fazenda, o que prometi fazer com a maior boa vontade.

Hoje temos lua cheia.

Lamento não ter sido pintor, porque realmente esta paisagem do oceano iluminado pelo clarão da lua é algo tão maravilhoso que não é possível descrever com palavras. O céu está faiscante de estrelas, e longa faixa de luz desce sobre a superfície do oceano, prateando-lhe a superfície ondulante. Dentro dessa luminosidade, as ondas se enrolam, espalhando milhões de brilhantes. Da parte menos iluminada, mais escura, brotam novas ondas, que se comprazem com o clarão do luar, mas apenas por um momento, porque em seguida se retraem cedendo lugar a outras e desaparecem na escuridão. Tem-se a impressão de que a água começa a viver, que a lua animou a dança das ondas, e na sua luz elas giram com prazer. Quanto mais se fica a observar a reluzente superfície tanto mais esse magnífico caleidoscópio se torna móvel e muda a cada instante de colorido. Realmente, pode-se ficar observando durante horas esse quadro encantador, porque os olhos sempre descobrem novos encantos. Até o sono abandona os olhos, e dificilmente alguém é capaz de se desligar desse espetáculo para descer ao abafado camarote aquecido durante o dia inteiro pelo sol escaldante.

*16 de abril*

Quanto mais nos aproximamos do Equador tanto mais densa se torna a atmosfera; o calor arde pelo corpo inteiro, como se fosse ferro em brasa. Sentem-se as mãos e o rosto como se estivessem cobertos de óleo. Gotas de suor escorrem da testa sem parar. E, para piorar ainda mais a situação, o nosso camarote fica do lado oeste, portanto durante a maior parte do dia ele é banhado pelos abrasadores raios solares. É impossível pregar os olhos durante a noite. A maior parte dos passageiros dorme no convés, o que, porém, considerando as correntes de ar noturnas, um tanto mais frescas, é muito perigoso.

A máquina até agora está trabalhando mais ou menos. Avançamos com uma velocidade de quatorze milhas inglesas por hora, e o comandante jura que amanhã, se nada de ruim ocorrer, vai acelerar a marcha.

*17 de abril*

Estamos atravessando agora a zona chamada chuvosa. Realmente, as chuvas caem aqui seguidamente. Sobre a água a neblina paira no ar; a toda hora torrentes de água quente caem sobre nós. O oceano depois de Dacar recuperou a cor azul-escura, mas agora se tornou quase negra; a própria água dá a impressão de gelatina. O ar abafado lembra em parte a aproximação de uma tempestade, que lá em nossa terra quase não permite respirar. Apesar de todos vestirem roupas mais leves, o calor está insuportável. Nos camarotes e salões, é impossível permanecer sequer por um instante, pois se tem a impressão de estar dentro de uma sauna romana. Escrever nessas condições é um verdadeiro suplício.

*18 de abril*

De madrugada atravessamos o Equador. Apesar de estarmos com os nossos miolos quase cozidos pelo sol, os passageiros engraçadinhos pregavam toda espécie de peças aos ingênuos. Isso aconteceu, por exemplo, com um passageiro bonachão a quem garantiram que – na linha do Equador – de um lado estaria a polícia francesa e do outro, a brasileira, fazendo continência ao navio que passa. O coitado fazia perguntas e pedia explicações sobre onde e de que maneira foram colocados aqueles homens de segurança. Naturalmente, essas explicações eram dadas na forma mais engraçada possível, no meio da mais franca alegria dos presentes. Uma senhora garantia que alguém que já atravessara o Equador vira com seus próprios olhos uma linha preta, que marca o limite entre os dois hemisférios. Lamentava imensamente que a noite não lhe permitisse ver o fenômeno. Circulam também alguns boatos sobre brincadeiras e travessuras que os marinheiros costumam pregar. Cada um, tanto quanto possível, procurava se prevenir contra qualquer surpresa. A noite, porém, paralisou todos os projetos. Até o simples banho, obrigatório para os novatos da terceira classe, desta vez não aconteceu.

Aqui também a chuva não para, apesar de cair a intervalos maiores e já não tão violenta. A neblina continua cobrindo sempre a superfície da água.

Dizem que é possível acostumar-se a tudo, provavelmente nós também já nos acostumamos com o calor: pelo menos agora já não está nos molestando tanto.

À noite o mar fica fosforescente. Só percebi isso hoje. Às vezes dá a impressão que as cristas das ondas ardem em fogo pálido. Isso dura apenas instantes, e logo o fenômeno desaparece, ressurgindo em milhares de pontos diferentes, o que parece um jogo de luzes, que lançam ondas contra ondas, em curiosa brincadeira.

Parado no convés, à noite, começo a sentir correntes de ar frio cada vez mais frequentes. É fácil supor que se trata de uma aragem relativamente normal, correntes refrescantes, tal qual o abano de um leque. Mas isso logo mudou para torrentes de calor envolvendo-nos de todos os lados como brasa, dificultando a respiração. Muita gente, por causa disso, começou a ter tosse e catarro. Essas são as consequências da violenta e brusca mudança de temperatura.

*19 de abril*

Estamos agora em frente de Pernambuco, contudo algumas centenas de milhas inglesas ainda nos separam do continente. Nosso navio, tal como os outros que partem de Bordéus dia 5 de cada mês, não faz escala nem em Pernambuco nem na Bahia. Deixamos essas duas províncias a considerável distância.

Pela primeira vez durante todo esse tempo de viagem, nós avisamos um navio. É apenas um ponto minúsculo, que se esboça entre a superfície da água e o céu. Todos, armados de binóculo, correram para o convés a fim de observar mesmo de longe o companheiro de travessia marítima. Somente depois de uma hora é que começamos a distinguir certas formas. Já se podem ver as velas armadas e o resto de fumaça escura, mas a distância ainda é tão grande que nosso navio nem içou bandeiras de avisos. Com toda a probabilidade, conforme nos garantiam os oficiais, trata-se de um navio mercante de companhia inglesa. Durante muito tempo ainda pudemos vê-lo, mas cada vez está menos visível, até desaparecer da vista como se fosse varrido por um sopro do vento.

Existe um costume a bordo de organizar uma festa, cuja renda é destinada para a caixa da sociedade de assistência aos náufragos e suas famílias. Por isso, o comandante convocou hoje o comitê encarregado de planejar o programa.

Já existem, segundo comentários, diversos projetos. Uns sugerem um concerto. Fico arrepiado só de pensar que certamente seremos obrigados a ouvir o dueto das duas senhoras que diariamente sacrificam nossos ouvidos. Parece que temos a bordo um violinista amador, mas tudo indica que ele próprio tem opinião muito modesta sobre seu talento, porque é só à noite, quando poucas pessoas se encontram no convés, que ele fica tocando perto do timão. Quem já teve oportunidade de ouvi-lo diz que ele arranha o violino impiedosamente. Os jovens movem céus e terra clamando por um baile. Também há quem ache a tômbola a maneira mais prática de tirar o dinheiro do bolso dos passageiros. Os observadores mais práticos por sua vez afirmam que a forma mais correta é deixar livre o critério do donativo sem qualquer espécie de coação. Dentro do próprio comitê, já existe discórdia, motivo por que alguns membros, homens e mulheres, apresentaram sua demissão. O coitado do comandante já está muito preocupado. Será que valerá a pena tanto por tão pouco? Seja como for, em vista disso reina grande agitação a bordo. Cada um procura contribuir com o tesouro da sua sabedoria e experiência, dando conselhos aos membros do comitê e sugerindo idéias. Todos estão ativos, correm, cochicham, como se fossem responsáveis por um extraordinário acontecimento. Não faltam também aqueles que, zangados por não terem sido consultados, ficam sentados, macambúzios e irônicos, convencidos de que sem eles nada pode sair direito. *Tout comme chez nous!*<sup>30</sup>

Mas, segundo diz o provérbio, como a noite é a melhor conselheira, aguardemos com paciência o que nos trará o dia de amanhã.

*20 de abril*

Não temos nem concerto nem tômbola nem danças, apenas uma simples coleta. Os frios observadores venceram, e o desenrolar dos acontecimentos, ou melhor, a razão dessa vitória é interessante e instrutiva.

---

30 “Tudo como entre nós!” (N. da T.)

A bordo existem três partidos: o dos brasileiros, o dos argentinos e o dos selvagens. O partido dos selvagens é na maioria composto de franceses que só pensam em matar o tédio. Pouco se preocupam com quem ou como podem se divertir, desde que se distraiam. No entanto, os argentinos e os brasileiros são consumidos pelo recíproco desdém e intolerância. Àquilo que uns querem, com certeza os outros se oporão; soberbos, olhando-se de esquelha, com desprezo.

– O senhor já viu alguma coisa mais vulgar, que esses brasileiros – cochichou-me ao ouvido um argentino. – Pode-se sentir à distância o cheiro de mercadores de escravos. Eles estragam cada momento mais agradável que há no navio. Por Deus! eu preferia viajar de barça chinesa se soubesse que ali não encontraria esses insuportáveis mulatos.

– Não! – revida por sua vez um brasileiro – com esses argentinos ninguém aguenta. São tão soberbos, insuportáveis e geralmente tolos. Também, não é de admirar, pois são usurários e arrivistas. Nem a bancarrota nacional lhes serviu de lição. Garanto que no bolso deles o senhor não encontrará nem uma moeda de ouro, a não ser um maço de míseros papeizinhos argentinos, que em breve colarão nas paredes. Mas são tão orgulhosos como se fossem no mínimo uns Rothschilds.

Ouçó tudo isso murmurando qualquer coisa, partindo do princípio de que Deus nos deu duas orelhas para sair pela segunda o que entrou pela primeira.

Nesse estado de coisas, como poderia chegar a se realizar qualquer projeto de festa em comum?

Os homens talvez chegam ainda a um acordo, mas as duas repúblicas femininas jamais! Foram enviados diversos parlamentares para levar os discordantes a um denominador comum. Vãos esforços! Mais provável o fogo e a água se acertarem, mas as senhoras brasileiras com as argentinas, nunca! Então a luta continua fervendo silenciosa, reservada, mas feroz e implacável. Como dentro do comitê os dois partidos possuem forças iguais, cada projeto, à medida que era apresentado por uns, foi sendo aniquilado por outros. E eis o resultado disso agora: no lugar de qualquer brincadeira, hoje temos apenas uma simples coleta.

O nosso comandante, felizmente, soube explorar muito bem essa situação. A coleta dos donativos, ele a confiou às senhoras mais repre-

sentativas dos dois campos em luta, determinando antes com exatidão as fileiras de mesa que deverão percorrer.

Simultaneamente, entre nós, os neutros, ele conquistou para sua causa agentes secretos, cuja tarefa era, durante o dia inteiro, soltar diversos boatos entre os boatos dos beligerantes. Portanto, garantíamos aos brasileiros que os argentinos já tinham feito acordo entre eles sobre qual seria o montante da quota depositada. A notícia correu com a rapidez do raio, atingindo o campo inteiro, excitando para um secreto leilão “in plus”<sup>31</sup>. Os mesmos segredos passamos para os argentinos, obtendo o mesmo resultado.

Chegou finalmente o momento da decisão.

Assim que foi servida a sopa, em cada lado da sala de refeições apareceram as duas financeiras, com bandejas nas mãos e o rosto ardendo com o rubor da esperança de vitória. As duas se encaram com olhar abrasador. Cada papel, cada peça de ouro é no mesmo instante percebida pela adversária, que tão agradecida e eloquente apela para a generosidade de suas vítimas e lança um olhar triunfante em direção às suas inimigas.

– Lá o sr. B. (brasileiro) deu 200 francos<sup>32</sup> – exclama alguém de outra mesa.

– Pois o sr. W – responde uma senhora argentina – depositou neste momento 300<sup>33</sup>.

Quanto mais avançam as coletoras tanto mais aumenta a generosidade.

Como tudo tem seu fim, também as nossas financeiras voltam cheias de gloria e seguras da vitória.

Faz-se a contagem da bandeja. O resultado mostra que foram recolhidos cerca de 5.000 francos<sup>34</sup>. Mas, que azar! Depois do minucioso exame da lista dos doadores, verificamos que os argentinos doaram exatamente tanto quanto os brasileiros. Os dois partidos estão altamente insatisfeitos com o resultado.

---

31 “*In plus*”, no mais alto valor. (N. da T.)

32 O equivalente a cerca de R\$ 3.310,00 (ago. 2009). (N. da T.)

33 O equivalente a cerca de R\$ 4.956,00 (ago. 2009). (N. da T.)

34 O equivalente a cerca de R\$ 82.750,00 (ago. 2009). (N. da T.)

Assim foi o resultado da luta dos partidos do navio. Graças a Deus, pelo menos desta vez ela terminou beneficiando os pobres e os infelizes.

O eco do vozerio dos partidos ressoava ainda noite afora no convés, sendo motivo de animada conversa.

*21 de abril*

Quanto mais nos aproximamos do término da nossa viagem, tanto mais vagaroso parece o passar do tempo. O comandante nos garante que chegaremos ao Rio amanhã. A máquina até agora não nos decepcionou, por isso há esperança de que nos levará ao destino sem problemas. Estamos viajando agora com velocidade normal.

*22 de abril*

Desde as 11h da manhã estamos vendo a costa. Até agora ela aparece em forma de rochas lisas, que à primeira vista e em consequência da distância se assemelham a nuvens deitadas na linha do horizonte. A vista, como que ansiosa pela prolongada ausência da terra, custa acreditar que ela se estende adiante, e lentamente apenas começa a identificar essa velha e bondosa conhecida. Sim, é ela realmente! Os cumes dentados das rochas apontam audaciosamente para o céu, o oceano banha suas bases, tentando arrebentar essa barreira. Em alguns lugares ele conseguiu se entranhar entre elas, mas quanto esforço isso lhe custou! Basta observar as ondas que batem continuamente nesses paredões rochosos, cobertos de espuma, e gemendo de cansaço cedem lugar a outras, para entender quanto esforço exigiu essa luta titânica. Em alguns lugares se interrompe essa corrente rochosa, e ali o oceano irrompe com toda a força no espaço aberto. Seria de supor que o descanso das ondas – aproveitando o espaço livre – inundaria centenas de milhas de planície; mas da terra se eleva diante delas nova barreira: são as montanhas cobertas de mata virgem, que se achegaram aos rochedos, procurando, sob sua proteção, segurança contra o devastador avanço do oceano.

À medida que avançamos, vão desaparecendo rochedos, sobresaindo-se em primeiro plano as montanhas.

Estamos nos aproximando de Cabo Frio.

É o ponto mais alto que avança para o mar em forma de comprida língua, em cujo cume foi instalado um posto de observação junto ao farol. Nosso navio envia sinalização, indagando sobre a liberação da entrada no Rio. Momentos depois, da torre vem a resposta em forma de uma bandeira branca com listras vermelhas. Isso significa que fomos percebidos, entendidos e telegraficamente nossa pergunta foi encaminhada para a capital. O farol de Cabo Frio lembra, por um momento, o faroleiro de Sienkiewicz<sup>35</sup>, com uma diferença que, segundo me explicaram, o faroleiro daqui cumpre sua função só durante um mês, sendo então substituído por outro. Decorrido um mês, o primeiro volta a ocupar o posto.

De Cabo Frio até a capital faltam ainda 100 milhas inglesas. Nesse ínterim o relógio do navio marcava 1h da tarde. Às 6h devemos estar já no porto; caso contrário, receberemos ordem de desembarque somente amanhã. Portanto, é preciso acelerar para aproximadamente 18 milhas por hora. O comandante ordenou navegar a todo vapor e não perde a esperança de chegarmos a tempo.

Navegamos apenas a um quilômetro da costa. Os rochedos desapareceram por completo, só vemos montanhas cobertas de vegetação tropical com toda a sua grandeza. Frondosas palmeiras inclinam para nós seus verdes braços, como se estivessem nos saudando. Superam as outras árvores que representam uma única massa verde-escura compacta. Sobre elas sobrevoam lentamente algumas garças, junto do navio, porém, as gaiotas fazem um verdadeiro balé aéreo.

Aqui e ali, por entre as árvores, insinuam-se faixas de fumaça branca. São os recém-chegados colonos queimando as matas, para – depois de livrar das árvores a terra – prepará-la para a lavoura. O clima por aqui é insalubre e por isso muitos desses infelizes encontrará a morte antes mesmo de colher os frutos desse trabalho insano. Os que restarem levarão existência lenta e miserável. Calculando pela distância com que vejo se erguerem as faixas de fumaça, são algumas talvez dezenas de milhas que devem separar cada uma das famílias isoladas dos colonos.

---

35 Henryk Oszyk-Sienkiewicz (1846-1916), escritor polonês, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura (1905), autor entre outras obras de *Quo Vadis?* que tem versões homônimas para o cinema. (N. da T.)

O tempo corre depressa. Distraídos com sempre novas paisagens, nem percebemos aproximar-se a hora ao almoço. Dirigimo-nos, portanto, para as mesas, mas com aquela disposição impaciente em que cada momento dedicado à refeição é considerado prejuízo. Os pratos são servidos com demasiada lentidão, os serviçais se movem com sonolência. Resumindo, estamos sentados como estivéssemos em cima de brasas.

– Já dá para ver! – exclamou de repente uma voz lá do convés.

Num instante a sala de refeições ficou vazia. Como movidos por choque elétrico, levantamos da mesa e corremos rápido para o convés.

– Onde se vê? O que é que se vê? – entrecruzam-se perguntas de todos os lados, engasgadas pela impaciência.

– Lá – responde com fleuma um viajante habitual, mostrando ao mesmo tempo, com a mão, na direção em que vai o navio.

Realmente, percebi ao longe, saindo de dentro do oceano, uma rocha, que, apontando diretamente para o céu, parece reinar sobre as águas. É o Pão de Açúcar, sobressaindo à entrada da baía do Rio. Suas formas realmente fazem lembrar um pão de açúcar. Dentro de meia hora passaremos bem ao lado dele. Já se pode ver cada vez mais nitidamente a estreita passagem que será nosso caminho. Próximo ao navio, uns mais perto, outros mais distantes, passam navios e barcos de pesca. Todos eles saúdam o *Brasil* com certo respeito, e com razão, pois ele vem chegando do outro hemisfério de onde, durante 15 dias, o oceano possante o trouxe no dorso.

Desviamos para a direita, onde começa o istmo. O navio diminuiu a marcha, pois os rochedos submersos obrigam cautela.

Não se pode ver nada ainda, porque o Pão de Açúcar encobre como uma cortina toda a visão da baía. Detrás dele, somente o soberbo Corcovado desponta o seu pico, que domina o imensurável espaço das águas com o formato de púlpito gigante.

O mesmo apito da máquina, com que a gente se despediu de Lisboa, agora saúda o Rio ainda invisível para nós. Ele penetrou no misterioso interior da baía, e seu eco volta abafado, talvez deslumbrado com o que viu.

Agora o *Brasil* quase roça seu flanco no Pão de Açúcar. De súbito, como se uma mão invisível afastasse uma cortina diante dos nossos olhos, se descobre a baía do Rio em toda sua visão majestosa.



*Rio de Janeiro: vista da baía.*

O impacto emocional é tão forte e inesperado que involuntariamente a gente solta um grito de admiração. Num enorme espaço, a área das águas da baía se estende diante de nós como num espelho.

De todos os lados ela é cercada por uma cadeia de montanhas, numa curva em forma oval e neste momento se apresenta inundada pela luz vermelha do sol no poente. Foi justamente esse formato oval que enganou os primeiros navegantes, que a confundiram com um magnífico rio em, ao avistá-lo pela primeira vez no primeiro mês do Ano Novo, denominaram-no Rio de Janeiro, assim como, mais tarde, a própria cidade. Nunca visitei a baía de Bósforo, mas dizem que só ela pode ser comparada com a encantadora visão do Rio. O esmeraldino verde da vegetação que cobre maciçamente as montanhas cintila à luz do sol, e milhares de palmeiras de ambos os lados da baía, agitando-se ao sabor da brisa suave, saúdam gentilmente os recém-chegados. De todos os lados movimentam-se vivamente as lanchas, que – em meio a gigantes aprisionados por âncoras – parecem andorinhas rodeando corvos sonolentos. À direita está a nos espreitar a

fortaleza de Santa Cruz. Contudo é diferente a missão dela, sem ser a de preocupar-se com os navios inocentes, que transportam viajantes ou mercadorias. Ela monta guarda à segurança da capital do Brasil. Por isso, navegamos tranquilamente ao lado dela.

A vista, extasiada com a primeira impressão da paisagem da baía, começa avidamente a procurar a cidade. Infelizmente, os vapores que se elevam das águas a encobrem; apenas aqui e ali despontam sobre elas algumas torres ou telhados de casas e edifícios construídos em planos mais altos. Pode-se apenas presumir que a cidade se aconchegou às encostas das montanhas e lá, no fundo dos desníveis, encontrou uma confortável acomodação.

Aos poucos, o crepúsculo vai encobrendo com escuro manto a encantadora paisagem. À medida que vai escurecendo, como vaga-lumes, luzes começam a brilhar em diversos pontos da cidade. Agora elas são vistas por toda a parte, bem próximas de ambos os lados da baía e mais adiante em toda a planície; brilham nos morros, cintilam até bem alto, ao longe, quase nos cumes das montanhas. Às vezes agrupadas em centenas como que reunidas para um festival noturno; ou ainda brilham separadas, solitárias, órfãs. São lampiões e lâmpadas de casa. Agora pode-se calcular a enorme área ocupada pela cidade: a planície não lhe foi suficiente, por isso subiu os morros e lá respira o ar fresco em meio à vegetação.

Do lado da Praça Dom Pedro foi içado um lampião vermelho. Devemos, portanto, lançar a âncora e somente amanhã teremos permissão para desembarcar.

Ninguém, no entanto, se zanga com esse adiamento, pois o encanto da emoção sentida faz a gente permanecer no convés. Cada um apenas se encolhe num canto separado, esperando que ninguém venha perturbar esse momento de absorção e embevecimento.

Da cidade chega até nós, trazidos pelas ondas, o som e o barulho parecido com o zumbir das moscas, que, com o silêncio que desceu sobre a baía, forma contraste com o burburinho da vida ativa da cidade. Na capital, pode-se perceber, há alguma comemoração a julgar pelas centenas de foguetes soltos em diversos pontos, deixando uma faixa de faíscas. Informaram-me que isso representa a brincadeira predileta dos brasileiros,

para os quais os fogos de artifício são algo assim como a música para os italianos, a dança para os espanhóis e a cerveja para os alemães.

Tudo isso excita a imaginação, desperta a sensibilidade, encanta e inebria. De tempos em tempos, contudo, quando os olhos se fecham, desligando-se desses quadros maravilhosos, e a mente percorre as ondas escuras do querido Rio, a saudade faz a gente se sentir entre os nossos.

.....

V

DESEMBARQUE E PRIMEIRAS IMPRESSÕES – FEBRE AMARELA – BOAS-VINDAS DOS JORNALISTAS – ARTIGO DO *JORNAL DO COMÉRCIO* – MINHAS REFLEXÕES – OUTROS JORNAIS – GENTILEZA DE ÁLVARES FRANKLIN E SEU FILHO, BEM COMO DO SENADOR GOMENSORO

Q

UANDO a aurora apenas deu de iluminar a baía com sua luz prateada, dentre a neblina começou a surgir o fantástico Rio. Os barcos e os pequenos rebocadores, como que movidos por um sinal dado, foram chegando de todos os lados para junto do navio. Algazarra e movimento cercam o *Brésil*. Estridentes apitos de sirenes e chamadas de barqueiros se misturam ao vozerio do convés. Todos os passageiros deixam seus camarotes, carregando pequenos embrulhos. Devido à febre amarela, só desembarcam os passageiros realmente com destino ao Rio, enquanto os restantes foram obrigados a permanecer a bordo, a fim de evitar a superdesagradável quarentena em Montevideú e Buenos Aires. Isso não impediu, contudo, que também eles se arrancassem das camas de madrugada. O desembarque tem em si um tanto de encanto e, além do mais, era conveniente, sem dúvida, apertar as mãos dos diversos amigos e conhecidos pela última vez; depois de quinze dias de convivência em viagem, eles provavelmente nunca mais se encontrarão de novo. Por isso há grande movimento por toda a parte, chamadas em altos brados, risos, últimas ordens dirigidas aos

serviçais, cordiais “Até mais ver!” ou “Feliz viagem!” espalhados por aqui e por ali; numa palavra, nervosismo e atividade febril, assistidos com certa curiosidade pelas gaivotas que circulam no ar.

Finalmente, às 7h da manhã chegaram a polícia marítima e a comissão sanitária. Momentos depois, dezenas de bocas gritaram alegremente “Para a terra!”

Aproveitando a amabilidade do dr. Gaad, recepcionado pelo seu irmão residente no Rio, que chegara de lancha a vapor, não tivemos necessidade de tomar uma incômoda e frágil canoa. Estávamos ansiosos por sentir finalmente o solo firme debaixo dos pés; além disso, cada momento perdido em relação aos compromissos que nos aguardavam e que só aqui deveriam começar, nos parecia irrecuperável. Então, com pressa febril, esgueirando-nos com dificuldade no meio da multidão que aguardava condução, descemos correndo pela escada em direção à lancha, onde já nos esperavam os funcionários da alfândega, a fim de revistar nossas bagagens miúdas. Deveríamos retirar o resto da bagagem já na cidade, na Alfândega Central.

Mais um grito de *Adieu!*, respondido com um acenar de lenços, e a nossa lancha, com velocidade de flecha, começou a cortar as ondas da baía. O *Brésil* foi aos poucos desaparecendo de nossas vistas, enquanto cada vez mais nítida aparecia a imagem da Praça Dom Pedro, onde meia hora mais tarde desembarcávamos em terra firme.

Enfim chegávamos ao destino!

Cessara o insuportável balanço, e as pernas, como que não acreditando na possibilidade de pisar na calçada firme da cidade, cambaleavam sob o peso do corpo. Depois de tantos dias de sossego, o movimento e o alarido da cidade grande nos pareciam algo esquisito, estonteante, mas ao mesmo tempo sentimos inconstante necessidade de abrigo.

Infelizmente, os boatos sobre a febre amarela reinante no Rio se confirmaram. Neste ano ela se manifestou mais virulenta, e a temporada epidêmica prolongou-se de forma incomum. Como ela é inimiga particularmente dos estrangeiros, não nos restava outra alternativa senão seguir o conselho dos mais experientes e nos instalar fora da cidade, na Tijuca, onde a permanência costuma ser muito mais segura. Mas conseguir isso não foi tão fácil assim. Todos que possuem algum recurso fogem da cidade para o subúrbio. Em consequência, todos os hotéis e residências se encontravam

superlotados. Inútil bater de porta em porta: nada de vaga em parte alguma. Finalmente, depois de horas de procura, quando a noite já ia caindo, conseguimos, com boa conversa, um quartinho no Hotel Moreau, de onde resolvi ir todos os dias pela manhã à cidade e de lá voltar à noite.

O calor intenso, principalmente na cidade, domina por completo. O ar abafado, impregnado de odores que exalam dos canais, somados à desordem reinante nas ruas, faz com que a permanência realmente se torne insuportável. Os arredores próximos ao porto são piores ainda. Simplesmente é impossível passar por lá. Tenho de lembrar isso para dar idéia da situação em que se encontram os imigrantes no Rio.

Cansados e extenuados com a viagem e com as dificuldades do dia, tratamos de nos recolher para descansar.

No dia seguinte, bem cedo, já tivemos a primeira satisfação quanto à receptividade de nossa missão. O engenheiro polonês Rymkiewicz, primo da falecida senhora Sienkiewicz e companheiro do Henryk em Barcelona, que na época estava no Rio, nos trouxe o diário local *Jornal do Comercio*, que nos deu as boas-vindas da seguinte forma.

Passarei a transcrever o artigo tal como foi publicado, isto é, na íntegra, pois ele dá a mais expressiva idéia de como devem ser encaradas as questões em relação à imigração, já que é dessa maneira que são recebidas as pessoas, que chegam com o propósito de estender as mãos aos infelizes.

O artigo traz este título: “Russos no Brasil”.

*Lemos no Nord, de 26 de março, de Bruxelas. De Varsóvia, nos chegam as seguintes notícias: em breve será levado a efeito o propósito de trazer de volta do Brasil algumas centenas de camponeses, a fim de que esses infelizes, ao narrar aos seus patrícios o triste destino que encontraram no Brasil, ponham fim à irresponsável e leviana corrente emigratória que vem do Reino da Polônia. Dentro de alguns dias partirão de Bremen o padre Z. Chelmicki, colaborador do jornal de Varsóvia Slowo, e o sr. Mikolaj Glinka, proprietário de terras, a fim de estudar, durante algumas semanas, a situação dos emigrantes poloneses e mandar de volta 700 ou 800 deles, escolhidos entre aqueles que o desejarem. Os círculos locais depositam grande confiança na missão do sr. Glinka e do padre Chelmicki.*

Nord, *jornal semioficial* – continua o órgão da imprensa mais lido e mais influente do Brasil – *não publicaria levemente uma notícia*

*tão significativa para nós. Não temos a intenção de julgar a sinceridade e a retidão de intenções desses dois filantropos, que chegam ao Brasil, pois devem estar movidos por magnanimidade, já que na sua própria terra teriam bastante oportunidade de aliviar muita pobreza e carências.*

*A missão, todavia, assumida pelo pe. Chelmicki e pelo sr. Glinka, não é puramente de reportagem, como no caso do sr. Dygasinski, que, para despertar o interesse de seus leitores, precisou empregar muita imaginação e exuberante fantasia. Os novos emissários – cuja missão é pesquisar de perto as condições do crédito, da prosperidade e da ordem pública no Brasil, fato ao qual nós chamamos a atenção particularmente do Governo – esses mensageiros, de cuja chegada teremos notícia, têm uma missão nociva para o Brasil, e, com o mesmo direito com que as autoridades russas perseguem os agentes de emigração, parece-nos que também o nosso Governo deve pedir aos srs. Chelmicki e Glinka que deixem o nosso território, assim que aqui chegarem. Dessa maneira, deve-se proceder com todo estrangeiro que tencione subverter a ordem!*

Confesso que há muito tempo algo não me alegrava tanto como com esse artigo.

Em primeiro lugar, ele deixava bem claro em que condições vamos realizar nossa missão.

Em segundo, me permitia formar idéia sobre o pensamento liberal dos republicanos brasileiros. E, o mais importante, dava ótima oportunidade para provar uma grande verdade àqueles que em nosso país ainda tenham quaisquer ilusões quanto às condições imigratórias no Brasil: a simples notícia – sobre a chegada de duas pessoas que vêm socorrer emigrantes e com as quais ninguém do Rio sequer trocou duas palavras acerca dos reais propósitos de sua missão – servira de motivo suficiente para ameaçá-las de expulsão do país antes que pudessem de algum modo dar pretexto à desconfiança sobre sua pretensa atividade nociva.

É fácil supor que não desisti da grande satisfação de comunicar minhas reflexões a Rodrigues, prezado colega de pena. Pode-se imaginar a expressão do redator à sua pergunta sobre quanto tempo tencionávamos permanecer. Disse que – ao invés de ficar algumas semanas, como pretendíamos – no momento esperamos que, de acordo com seu jornal, seja o tempo necessário para sermos embarcados de volta, no primeiro navio com destino à Europa.

Acrescentei que na verdade não tivemos a menor presunção de paralisar a imigração com nossa humilde missão; pretendíamos, isto sim, tão-somente abrir os olhos dos poloneses enlouquecidos pelos agentes. Entretanto artigos semelhantes aos do *Jornal do Comércio* certamente nos ajudarão a levar o nosso propósito muito mais adiante.

Além disso, aconteceu algo engraçado. Como já me referi, no mesmo navio veio a correspondência de Santana Nery, convenientemente redigida, que só agora me fora aberta pelo redator. No dia seguinte, o *Jornal do Comércio* publicou essa correspondência, simultaneamente com a minha carta de contestação abordando o que seria nossa missão oficial, com destaque para o verdadeiro motivo de nossa vinda.

Outro diário *O Jornal do Brasil* criticou, sem dúvida, o seu colega pela ameaça apressada de expulsar-nos, mas não menos mordaz e sarcasticamente descreveu o lado filantrópico e humanitário de nossa missão. *A Gazeta de Notícias* e *O País* se restringiram a noticiar secamente nossa chegada.

Naturalmente, no Rio só se falava nisso. Na rua nos apontavam com o dedo. Alguns ficavam indignados com a indecência dos jornais, mas acredito que no fundo estavam satisfeitos; é claro que lhes ofendia a vaidade termos a ousadia de vir aqui para socorrer infelizes na própria terra dos nativos.

Apesar da rude acolhida de certa parte da imprensa local bem no início de nossa estada no Rio, não posso deixar de mencionar o meu sincero reconhecimento e gratidão ao cônsul russo, Álvares Franklin e seu filho. Ambos se revezavam em amabilidades e atenções para conosco. E o faziam com tanta elegância que, sinceramente, nos deixavam por vezes encabulados. Da mesma forma muito gentil para conosco, o senador Gomensoro, que tem grande popularidade no Rio, nos ofereceu seus préstimos e influência.

.....

## VI

O IMIGRANTE NO RIO – O QUE O TROUXE PARA CÁ?  
– CLIMA – LAMENTÁVEL JORNADA – PAI E FILHO – SALÁRIOS – PREÇO DOS MANTIMENTOS E DA MANUTENÇÃO – INFALÍVEL EXTERMÍNIO – A ENERGIA DO GOVERNO BRASILEIRO – NA IGREJA

**C**AMINHANDO pelas ruas da cidade, nas proximidades do cais ou becos malcheirosos, ao encontrar um ser parecido com pessoa humana, expressão doentia nas faces, rosto chupado, olhar anuviado, abatido e arrastando os pés com dificuldade, com roupa rasgada e na cabeça um boné surrado, nem pergunte quem é ele, de onde vem. Pode estar certo: é um imigrante polonês.

Essa é a descrição que faço daquele cujo destino, por acaso, o levou ao Rio, onde por compaixão sou movido a procurar as infelizes vítimas do infortúnio.

No momento da nossa estada no Rio, encontravam-se lá cerca de 1.700 emigrantes nossos.

A maioria deles é fugitiva de colônias distantes; eles procuraram resguardar-se do fantasma da morte devido à fome que os esperava nas florestas virgens, ou da penúria e da miséria nas plantações. Vieram ao Rio na esperança de sentir um pouco do ar da terra abandonada, trazido pelos

navios, e também nutrir com eles a esperança de um retorno mais fácil. Eu ainda não tinha esse conhecimento pessoal, apenas pressentia, pelas narrativas desses coitados, a vida dos colonos nas diversas províncias, mas tive a impressão de que, quaisquer que elas fossem, a chegada deles ao Rio foi um ato de grande desespero.



*Imigrante típico.*

Antes de tudo, afirmo sem dúvida nenhuma que o clima do Rio é simplesmente mortífero para o europeu, particularmente para o habitante de país mais ao norte. Não só a febre amarela, causadora de tantas vítimas entre eles, já é uma calamidade suficiente, mas também mesmo sem ela essa atmosfera sufocante, malcheirosa, esse calor que penetra até a medula dos ossos torna-se um tormento contínuo e indizível. Por isso, dos 500 imigrantes que encontrei nos primeiros seis dias da minha estada aqui no Rio, não encontrei nenhum – repito – nenhum que não ficasse doente pelo menos uma vez com moléstia mais prolongada. Muitos, porém, periodicamente, a cada dois

dias, caíam doentes. As doenças mais frequentes e mais comuns são dores de cabeça, disenteria, debilidade, feridas, erupções pelo corpo inteiro.

Já não falo das crianças, porque essas de antemão estão condenadas à morte.

Não! Não aconselho ninguém a olhar para esses míseros rostinhos, enrugados, amarelados, nos quais o anjo da morte já deixou marca. Não encontrei uma só família que não chorasse a morte de um, alguns ou até mesmo de todos os filhos.

Mas as coisas não terminam aí. Muitos chegam à capital já com as forças totalmente esgotadas. Encontrei alguns que vieram a pé do Rio Grande do Sul, distância comparável à de Nápoles a Varsóvia, talvez até um pouco maior, caminhando durante três meses, na maioria das vezes à custa de esmola e caridade. Fizeram esse percurso sempre acompanhando a orla marítima. Esgueiraram-se por florestas virgens, escalaram montanhas. É fácil, pois, imaginar a aparência deles e a capacidade de enfrentar o duro trabalho que é aqui necessário para ganhar inclusive o mais miserável sustento.

O que eles sofreram no caminho pode ser avaliado pela seguinte narrativa, que repetirei quase ao pé da letra.

– Andamos dia e noite – assim contava Mateus, camponês proveniente dos arredores de Rypin – até onde as forças nos permitiam. Durante semanas inteiras, não pusemos nenhuma comida quente na boca. No mato colhíamos frutas, sem saber se eram venenosas ou não. Num espaço de semanas, encontrávamos alguma colônia ou povoado. Nada pedíamos, porque não nos entendiam, mas chorávamos de fome tão desesperadamente que aquela gente, de compaixão, nos oferecia o que podia. Em Porto Alegre, sepultei minha mulher e um filho de quatro anos. Trouxe minha filha, Marysia, de seis anos. A pobrezinha desmaiou e não podia mais andar. Carreguei-a

nos braços e a levaria até o fim do mundo, mas ela estava tão esgotada e magra de tanta fome que a qualquer hora pensei que ia morrer. Aí, um brasileiro, a quem Deus não deu nenhum filho, insistiu para que eu lhe cedesse a minha. Pensei que ia morrer de tanta pena, mas ela estava quase à morte, e lhe entreguei a criança. Ele queria me dar dinheiro, mas não aceitei, pois isso seria como se estivesse vendendo meu próprio sangue. Preferi caminhar em frente, pedindo esmola ou morrer de fome, de uma vez.

A narração demorou bastante, porque um choro tão desesperado a interrompia que jamais o esquecerei na vida. Eu poderia citar um número sem conta de tais exemplos, em que – Deus seja testemunha! – não há palavra de exagero.

Aqueles para os quais o destino foi menos cruel estão tão abatidos e desesperados com a situação de seus companheiros que é justo colocá-los no mesmo nível quanto às reservas morais e físicas. Todos estão atordoados, como que tontos de tanta infelicidade.

Agora mesmo, de forma resumida, gostaria de apresentar as condições de trabalho e vida no Rio.

Pois bem, das profissões, somente as de pedreiro, carpinteiro e marceneiro oferecem mais oportunidades de ganhar a vida. Empregados recebem aqui 3, 4 e às vezes até 5.000 réis<sup>36</sup> por dia, o que é considerado salário bastante alto devido ao aumento das construções em consequência do grande crescimento da população no Rio nos últimos anos. Em seguida, vêm os ferreiros e os serralheiros. Desses, contudo, o salário é mais baixo e mais difícil. Os alfaiates e sapateiros nem encontram trabalho. O motivo disso, explicaram-me, é o sistema de trabalho que é completamente diferente, e também porque essas profissões são exercidas por franceses e alemães, bem como porque, devido ao sistema industrial, existem muitos fabricantes especuladores. Por isso estes últimos profissionais, bem como todos os outros imigrantes, têm uma única maneira de ganhar a vida: como ajudante de pedreiro, carregando pedra, cal e areia. Seu salário começa em

---

36 O equivalente a cerca de R\$ 99,30, 132,40 3 e 165,50, respectivamente (ago. 2009). (N. da T.)

1.500 réis<sup>37</sup>, chegando ao máximo de 2.500<sup>38</sup>. É por essa reação que os empresários lhes construíram barracos, onde lhes cobram o pernoite a 200 réis<sup>39</sup> por pessoa.

À primeira vista, os salários acima podem até parecer razoáveis. Porém eles têm outra expressão quando comparados com o preço dos alimentos e com o custo de vida em geral. Citarei aqui os preços de alguns artigos de primeira necessidade: por exemplo – 1 kg de carne custa 500 réis<sup>40</sup>; 1 kg de feijão, 300<sup>41</sup>; 1 litro de farinha de mandioca, 200; um pãozinho de fubá, muito pouco nutritivo, 100<sup>42</sup> réis. Quanto às batatas, nem é bom falar, porque estas, como artigo importado da Europa, são algo supérfluo. Resumindo, de acordo com os preços locais, a mais necessária e a mais simples alimentação para uma pessoa custa 1.500 réis<sup>43</sup>. Acrescentem-se a isso os 200 réis de pernoite.

Certamente alguém me dirá que uma pessoa sozinha poderia, dessa maneira, levar uma existência mais ou menos garantida. Pois sim! Em primeiro lugar, trabalham pessoas geralmente não adaptadas a um tipo de atividade pesada e extenuante. Eles conseguem aguentar tal esforço apenas três ou quatro dias por semana, porque os restantes são levados pela doença. Os mais fortes, acostumados ao trabalho pesado, aguentam por mais tempo, mas ninguém, apesar disso, evitou cair doente por algumas semanas ou talvez até alguns meses devido às enfermidades citadas. Além disso, existe aqui a presunção de que, baixando ao hospital local, todo doente acaba morrendo. Por essa razão, os doentes permanecem nos barracões. Tais doenças consomem todas as forças e todas as possíveis economias, e ainda obrigam a contrair dívidas.

Tudo o que relatei, entretanto, diz respeito a pessoas solteiras; mas o que é que se pode dizer quando se trata de homens casados com fa-

37 O equivalente a cerca de R\$ 49,65 (ago. 2009). (N. da T.)

38 O equivalente a cerca de R\$ 82,75 (ago. 2009). (N. da T.)

39 O equivalente a cerca de R\$ 6,62 (ago. 2009). (N. da T.)

40 O equivalente a cerca de R\$ 16,55 (ago. 2009). (N. da T.)

41 O equivalente a cerca de R\$ 9,93 (ago. 2009). (N. da T.)

42 O equivalente a cerca de R\$ 3,31 (ago. 2009). (N. da T.)

43 O equivalente a cerca de R\$ 49,65 (ago. 2009). (N. da T.)

mília numerosa? Aí, a miséria reina por completo seguindo-se a decadência física e a impossibilidade de ganhar a vida. À vida deles, só posso chamar de lenta agonia. É o inevitável triste fim!

Francamente, não consigo entender como o governo brasileiro pode permitir que essas pessoas tenham vindo ao Rio, onde tudo conspira para o seu extermínio! Por isso, algumas semanas antes, ao ver uma multidão de maltrapilhos poloneses, perambulando pelas ruas da cidade, a opinião pública começou a se indignar com a indiferença do governo. Mais ainda porque – em consequência da febre amarela que grassa na ilha das Flores, onde se encontra a Casa do Emigrante – não foi possível acomodá-los lá, sendo eles obrigados a pernoitar nas praças, a céu aberto. Então o governo tomou uma atitude decisiva. Qual? Os coitados foram cercados pelo exército e polícia, embarcados à força em navios e distribuídos por diversas colônias. Naturalmente isso não se passou sem a prática de abusos e desatenções, tais como a separação de casais, divisão de famílias e coisas assim.

Meu coração ardia ansioso por prestar o conforto religioso a esses coitados. Alguns dias depois, consegui permissão para – numa pequena igreja, a do Porto, na Rua São José, – celebrar para eles a santa missa e ouvi-los em confissão.

A minha missão, sacerdotal por natureza, me permitiu observar muitas cenas dilacerantes, mas esta, porém, não a esquecerei jamais quando pela primeira vez me encontrei dentro da igreja, cercado de imigrantes. O que ouvi não era um simples choro, mas um terrível gemido. Parecia-me que não só de olhos humanos, mas também dos frios muros escorriam lágrimas sangrentas de dor e mágoa. Sentia-me tão deprimido e arrasado que até as palavras de consolo me morreram na garganta.

.....

## VII

CALOR DO RIO – ASPECTOS DE HIGIENE – VILA ISABEL – BARRACÃO – HISTÓRIA DO MORÁVIO – DECLARAÇÃO DA POLÍCIA – DOIS ENGENHEIROS – BRINCADEIRA DOS MILUSINSKIS LOCAIS – ÚLTIMO SERVIÇO – PONTA DO CAJU – INDESCRITÍVEL MISÉRIA – SAMPAIO – DE NOVO OS BARRACÕES – VARSOVIANOS – MINHA INCAPACIDADE

**S**E SIENKIEWICZ, ao falar do sol da Espanha, disse que ele morde, então sobre o calor daqui deve-se dizer que ele suga. Sim, realmente senti que esse calor se entranhava em meu corpo, no cérebro, nos nervos, nos ossos, sugando aos poucos a energia, a força e a vida. Não há como evitá-lo; ele atormenta tanto dentro de um quarto quanto fora de casa, em pleno sol ou à sombra. Pesa sobre a cabeça como chumbo, aperta as têmporas como tenazes, e a pele inteira fica coberta com uma espécie de óleo.

Essas peculiaridades do calor do Rio, eu as senti mais intensamente, percorrendo os diversos becos dos subúrbios onde estavam instalados os barracões em que os imigrantes encontravam abrigo, e quero lembrar tal fato porque – para se ter uma idéia sobre as condições de higiene desses abrigos *sui generis* – deve-se levar em conta também a situação climática. Aquilo que em nosso clima poderia ser suportável aqui é simplesmente mortífero.

Como já lembrei anteriormente, o principal trabalho que a maioria dos imigrantes encontrou foi como operários braçais, quebradores

de pedra e seus carregadores para as construções, que presentemente surgem no Rio da noite para o dia, como cogumelos após a chuva. Diversas empresas construtoras recrutam imigrantes que perambulam pela cidade e, pelos preços já mencionados, lhes oferecem trabalho a 200 réis<sup>44</sup> por pessoa, por dia, pela moradia, se é que um barracão com pocilga num canto pode ter esse nome.

De manhã, segui para Vila Isabel, situada a alguns quilômetros fora da cidade. Descendo do bonde, caminhei por uma rua mal calçada e cheguei ao lugar. Como chovia intensamente, os trabalhos estavam parados. Então encontrei os imigrantes dentro dos barracões.

Esse barracão é uma construção feita às pressas, estreita e comprida, de madeira, edificada em lugar úmido; por isso mal consegui chegar lá devido às enormes poças de água barrenta. Em vista disso, para que essa pobre gente não se deitasse literalmente dentro d'água, ela foi levantada a meio metro do chão, mas basta entrar lá para sentir o mofo abafado e se convencer da maléfica influência da umidade. O barracão comporta umas 120 pessoas. As camas estão dispostas em duas fileiras, uma ao lado da outra. São camas de ferro nas quais está colocada uma espécie de colchão, mas que na verdade não passa de um emaranhado de capim do mar, envoltos numa espécie de trapo esburacado.



*Barracão de imigrantes denominado “Isabel”, no Rio.*

44 O equivalente a cerca de R\$ 6,62 (ago. 2009). (N. da T.)

Ao perguntar-lhes se alguma vez os colchões foram trocados, me responderam:

– Sim, mas só quando alguém é levado para o hospital, ou quando morre; se o colchão dele é menos rasgado, então empurramos o nosso pior e pegamos o outro.

Essa troca não acontece raramente, pois quase todo dia alguém é levado ao hospital, de onde em geral não volta mais.

Mulheres, homens, crianças, meninos e meninas, todos dormem juntos. O espaço entre as camas é tão estreito e o corredor central tão apertado que só com certa dificuldade a gente pode se esgueirar entre elas. Soube que além dos 200 réis<sup>45</sup> por pernoite dentro dessa espelunca fedorenta e úmida, cada um é obrigado a pagar 1.600 réis<sup>46</sup> por mês para o guardião. Nos feriados, quando alguém não trabalha, ou nos dias em que o trabalho é suspenso, como neste dia por causa da chuva, os trabalhadores não recebem nenhum pagamento. A empresa é tão gananciosa pelos recebimentos que até desconta 400 réis<sup>47</sup> mensalmente pelo tempo gasto para fazer as contas. Não existe cozinha: ela é substituída por dois tijolos, colocados em frente a cada família, fora do barracão, onde se cozinha feijão-preto com gordura ou um pedaço de carne na panela, se o salário permitir.

Não vou descrever a dilacerante cena de boas-vindas. Cada um, com lágrimas nos olhos, se achegava a mim e contava a sua desdita aos soluços. Encontrei aqui uma órfã, menina de doze anos, cujos pais tinham morrido. A colônia inteira a alimenta. No meio de todos eles, o que chamou minha atenção foi a figura hercúlea de um homem, personificação da força física. Era o único não polonês, um morávio, Francisco Niederle, procedente de Brno<sup>48</sup>. Conversei com ele em alemão e após algumas palavras, porque ele falava com conhecimento e de forma objetiva, pedi que me contasse detalhadamente suas vivências no Brasil. Fiz isso não por simples curiosidade, mas

---

45 O equivalente a cerca de R\$ 6,62 (ago. 2009). (N. da T.)

46 O equivalente a cerca de R\$ 52,96 (ago. 2009). (N. da T.)

47 O equivalente a cerca de R\$ 13,24 (ago. 2009). (N. da T.)

48 Brno é cidade da República Checa, a sudeste de Praga, próxima da atual na fronteira com a Áustria. (N. da T.)

apenas para me certificar de que os nossos não estavam exagerando ao contar o próprio infortúnio, porque, além disso, suas declarações me despertaram especial interesse visto ser um tipo de colono forte e esperto.

– Cheguei ao Brasil – começou contando – com minha mulher e quatro filhos no propósito de trabalhar, embora no pesado, mas mais bem remunerado que em meu país. Fui para a Província de Minas Gerais, e lá, na fazenda do Barão Geraldo, encontrei alojamento. Parece que agradei a esse patrão, porque me propôs que eu fosse ao Rio buscar dezoito famílias morávias, prometendo pagar-me por isso 5 mil réis<sup>49</sup> por dia. Esta foi a minha primeira decepção. Quando voltei do Rio, cumprindo o trato, o Barão me pagou apenas 2 mil réis<sup>50</sup>, de maneira que fui obrigado a tirar dinheiro do meu próprio bolso para cobrir as despesas da manutenção na capital. Por fim, encarregaram-me de tratar da plantação, mas em vez de 6.000 pés de café, que é a medida que cabe a cada família, recebi 11.000. “Não faz mal”, pensei, “terei mais trabalho, mas também ganharei mais.” Minha mulher, eu e meus filhos nos empenhamos num trabalho pesado. Trabalhamos por seis pessoas. Esperei a colheita. Qual foi o resultado? Depois de três meses e meio de trabalho insano, depois de descontados os custos de manutenção, me pagaram 36 mil réis<sup>51</sup>. Além disso, o administrador começou a me causar diversos aborrecimentos. Não havia outra saída: abandonei a colônia e vim para cá. Olha, padre – continuou – moro nesta pocilga e ganho 3 mil réis<sup>52</sup> por dia. Todos os recursos se foram. Com isso é possível eu me manter com minha família? Pretendo sair daqui e procurar sorte melhor lá para as bandas da Bahia.

Ao lhe explicar que lá o clima é muito pior e as condições mais insuportáveis, disse:

– Então, velha – disse à mulher que se debulhava em lágrimas – então só nos resta morrer aqui mesmo!

---

49 O equivalente a cerca de R\$ 166,50 (ago. 2009). (N. da T.)

50 O equivalente a cerca de R\$ 66,20 (ago. 2009). (N. da T.)

51 O equivalente a cerca de R\$ 1.191,60 (ago. 2009). (N. da T.)

52 O equivalente a cerca de R\$ 99,30 (ago. 2009). (N. da T.)

Ao pronunciar isso, tomou com ambas as mãos a cabeça do filho mais novo e duas torrentes de lágrimas lhe rolaram do rosto...

Voltando a falar sobre o barracão, o que melhor atesta seu deplorável estado é o fato de que, alguns dias atrás, até a polícia local o declarou inadequado pelas condições higiênicas e recomendou que se tomassem algumas providências de melhoria. A empresa, entretanto, apresentou uma defesa, e provavelmente tudo continuará como está.

Falaram-me de dois engenheiros poloneses. Um é pessoa compreensiva e humana, porém o outro, um silesiano, encontra prazer não só em maltratar os homens, como também em debochar da sua desventura. Ele sente uma grande aversão particularmente pelas práticas religiosas. Imagens sacras, escapulários, medalhinhas provocam seu escárnio. Não vou citar o nome desse senhor na esperança de que – um dia, quando estas palavras chegarem até ele e penetrarem em sua consciência – ele mude seu indigno procedimento.

De Vila Isabel segui para o outro lado do subúrbio, para a Ponta do Caju, distante quinze minutos, de bonde.



*Carro funerário para mortos de febre amarela.*

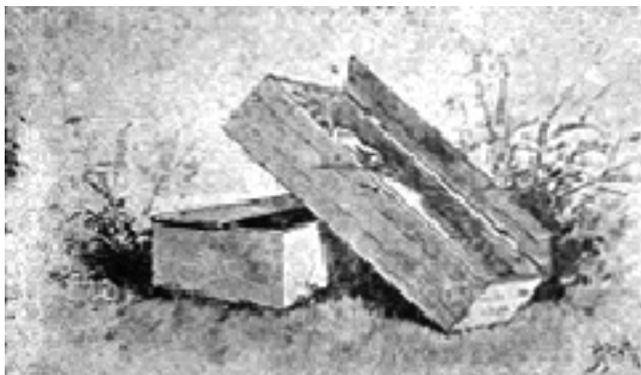
Numa das ruas me deparei com uma cena que considerei apropriado descrevê-la. Três meninos atrelaram a um pequeno carrinho um cabritinho, provavelmente de um ano. O quarto menino estava refeste-

lado dentro desse original equipamento, e o pobre animal arrastava com dificuldade o pesado fardo. Para obrigá-lo a se apressar, o menino maior surrava-o com um pau, enquanto os dois mais novos, armados com varas pontiagudas, as espetavam nos seus flancos. O infeliz animal, com sangue escorrendo e, caindo a cada passo, arrastava-se.

Sem nada dizer, pensei: que bela formação de caracteres têm os filhinhos deste lugar! Certamente hão de crescer valentes protetores de imigrantes!

Nossa rua seguia ao longo do cemitério.

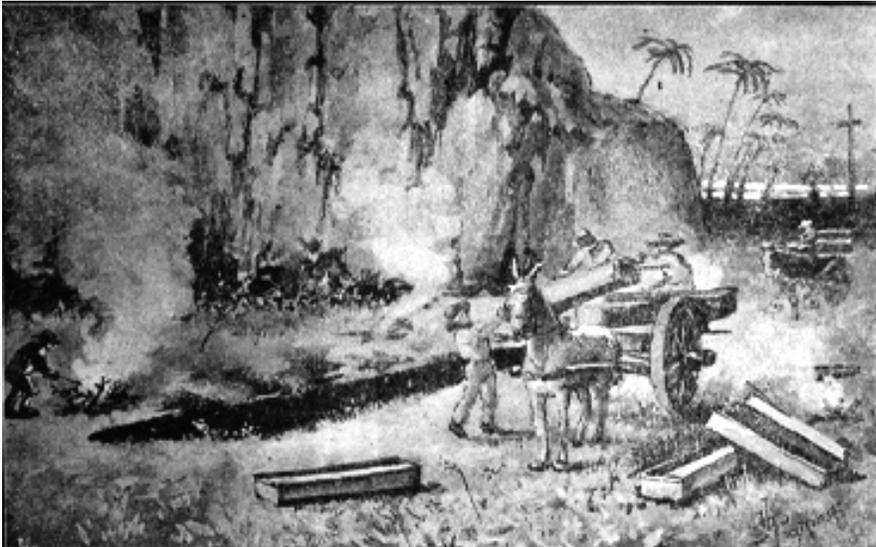
Minha vista deu com um carro de formas um tanto originais: seu feitiço parecia um grande caixão preto com enorme cruz pintada de amarelo, encimada com a inscrição “Hospital S. Francisco Xavier”. Interessado, perguntei ao meu vizinho o que era aquilo.



*Caixões provisórios para mortos de febre amarela.*

– Ah! estão levando mortos de febre amarela para o cemitério – respondeu simplesmente.

O carro estava justamente entrando no portão do cemitério. Desci do bonde e segui atrás dele, ansioso para ver como é que aqui prestam o ultimo serviço a esses infelizes, e ao mesmo tempo desejoso de fazer uma oração. Talvez aqueles que jogariam um punhado de terra por cima do caixão, já dentro do túmulo, talvez se encontrem muito longe, do outro lado do oceano.



*Sepultamento de mortos de febre amarela no Rio.*

O carro parou em frente à administração. Apareceu um funcionário, abriu a porta, verificou o conteúdo, deu sinal com a mão, e o carro, puxado por duas mulas, seguiu adiante no trote.

Caminhando, segui seu rumo.

Alguns minutos após, encontrei-me numa vasta área toda revolvida, no sopé de uma montanha rochosa. Dos lados ardiavam fogueiras. Quatro homens com as mangas da camisa arregaçadas se movimentavam. Logo apareceu outro carro de duas rodas, igual àqueles de transportar tábuas, puxado por uma mula só, e se aproximou do primeiro recém-chegado. Os homens se puseram mais perto dele, puxaram dois caixões estreitos e baixos, um tanto compridos, com uma metade da porta com dobradiças, pois a outra metade nem havia. Dentro de cada caixão jazia um corpo.

Compreendi então o que significava aquela porção de caixões iguais espalhados em diversos cantos do terreno. Eram caixões provisórios, de emergência.

Enquanto isso, os dois caixões foram atirados para dentro do carro de duas rodas com uma mula só, que os levou para perto de uma grande cova, onde foram atirados ambos os corpos e em seguida cobertos

por uma camada de cal e terra. Os caixões foram deixados de lado, pois eles servirão ainda para as centenas de outros mortos, já que a municipalidade local foi bastante sovina para não lhes dar as quatro tábuas.

Asseguraram-me mais tarde que da mesma maneira sepultam os outros cadáveres de mortos no hospital, não necessariamente de febre amarela, mas sempre que os familiares não aparecem para sepultá-los.

Meu Deus! Quantos dos nossos coitados não estariam debaixo da terra, daquela maneira desumana!

Dez minutos depois, cheguei à Ponta do Caju. É um lugar sujo, pestilento, onde a proximidade do cemitério, do hospital e do curtume o torna insuportável. Atolando na lama, atravessando diversos becos, me encontrei finalmente no lugar de meu destino.



*Pocilga na Ponta do Caju.*

À margem da água, está sendo construída uma fábrica, que emprega aproximadamente doze famílias de nossos imigrantes, num total de 36 pessoas, das quais oito são mulheres e doze, crianças. Até não faz muito tempo, esses coitados dormiam ao lado de um muro. Contudo, tiveram piedade deles, deixando que se transferissem para um galpão. Como ali havia água escorrendo, trouxeram tábuas velhas para servir de assoalho. Do colchão ou

palha, não se tem o que falar. Até então não tinham recebido nenhum pagamento, tão-somente comida em dia de trabalho e isso apenas para os adultos. Ao perguntar-lhes que salário iriam receber, responderam:

– Não sabemos, pois não os entendemos.

Todos eles são famílias de camponeses da região de Kalisz. Se eu dissesse que eles representam a imagem da miséria e do desespero, ainda seria pouco. É infortúnio e miséria que nem sequer se pode imaginar. Todos maltrapilhos, miseráveis. As crianças chorando de fome. É impossível não entregar-lhes mesmo que seja a última moeda do bolso. Todos eles voltaram para sua terra, pois seria impossível deixá-los aqui.

Apesar de ser já três horas da tarde, resolvi seguir para Sampaio, aonde se chega de trem em três quartos de hora.

Lá encontrei situação um tanto mais suportável, do que em Vila Isabel. Existem vários barracos e não tão úmidos quanto os outros. Para os casais, pelo menos, foram feitas divisórias. Por isso, o aperto é maior; por ser uma construção baixa, seu interior fica muito abafado. Trabalhavam lá aproximadamente 200 imigrantes, das mais diversas profissões, na maioria provenientes de Varsóvia. Estes conservaram a sua própria característica: tendência para bancar os sabichões e mandar nos outros. Apesar de serem os salários pagos com certa regularidade, muitos com família numerosa passavam miséria. Em todo o caso, a situação em Sampaio me causou impressão menos chocante que os outros abrigos. As doenças, contudo, aqui também existem. Satisfeito mesmo, aqui não encontrei ninguém, porém todos deixavam, às vezes, de comer para economizar dinheiro com vistas ao retorno à Polônia. São particularmente as crianças que despertam maior pena: elas, ao me verem, me cercaram em número de umas sessenta, apertando minhas mãos e minhas pernas.

Com isso, terminei a minha jornada pelos barracos. Acho que a tal “felicidade brasileira” – que tanto apregoavam os agentes, criando tentação nos incautos – não poderia me parecer mais monstruosa. A caneta é por demais fraca para descrever a verdadeira realidade, mas em minha memória continua vivo o quadro dessa terrível desdita e ele certamente não se apagará jamais de meus olhos.

.....

## VIII

A IMIGRAÇÃO E OS AGENTES – ESCRAVIDÃO E IMIGRAÇÃO – AS NOBRES INTENÇÕES E O CARÁTER DE D. PEDRO II – LUTAS DIFÍCEIS – PRIMEIRA FORMA DE ARREGIMENTAÇÃO – CRESCIMENTO DA IMIGRAÇÃO – LEIS DE 1871 E DE 1865 – DIMINUIÇÃO DO NÚMERO DE ESCRAVOS – BONS EXEMPLOS – TOTAL ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA – CLAMOR DOS FAZENDEIROS – SEGUNDA FORMA DE ARREGIMENTAÇÃO – SANTOS E FIORITTA, FAMOSOS EMPRESÁRIOS DA ARREGIMENTAÇÃO – ENORMES RECURSOS E LUCROS – QUEDA DO IMPÉRIO – ADMINISTRAÇÃO DO GOVERNO – INCRÍVEIS DOAÇÕES E CONCESSÕES – LEI IMIGRATÓRIA DE 28 DE MARÇO DE 1890 – PERSPECTIVAS PARA O FUTURO – POLPUDA RECOMPENSA

*F*ALANDO de emigração, surge em todos, instintivamente, a imagem de um bando de agenciadores de emigrantes, que – como chacais famintos – se espalhariam por todos os cantos do país e, visando tão-somente ao próprio benefício, recrutariam e seduziriam os ingênuos com promessas mentirosas, mas, como resultado final, os lançariam sob o domínio do mais cruel destino. Esse repugnante recrutamento – mesmo aqui no próprio Brasil, entre pessoas honestas, imparciais, particularmente desinteressadas na afluência da mão-de-obra vinda da Europa a qualquer preço

– ganhou o nome de “comércio de mercadoria viva”, que basicamente não difere muito do antigo comércio de escravos.

Tanto quanto eu saiba, toda essa máquina muito complicada de recrutamento de emigrantes não é bem conhecida em nosso meio<sup>53</sup>. Sabemos que ela existe, porque presenciamos seus lamentáveis resultados, mas quem a movimenta, onde abastece suas forças, de que fontes recebe afinal o sanguíneo pagamento, isso – pelo menos até o dia de minha partida – era um fato obscuro e apoiado mais em conjecturas do que na própria realidade. Parece-me, portanto, que o esclarecimento desse triste problema deverá ser sob todos os aspectos muito interessante e proveitoso.

Infelizmente, para ser explícito, não posso entrar de repente no assunto *in medias res*<sup>54</sup>, mas preciso recuar e ao menos superficialmente tocar em outro – a abolição da escravatura. Ela tem ligação estreita com a questão imigratória em geral e mais ainda com as agências e os agentes de forma mais diversa e detalhada.

Não resta dúvida que a página de ouro da história do Brasil sempre será o reinado do Imperador Dom Pedro II, destronado em 15 de novembro de 1889. Esse monarca – animado pela mais nobre e generosa das intenções, embora sendo muitas vezes talvez por demais influenciado por idéias das doutrinas liberais – almejava realmente encaminhar o Brasil para novos rumos. Todo seu reinado de quase 50 anos foi marcado praticamente por lutas incessantes contra os elementos que se opunham a seus nobres propósitos. Entre esses propósitos, o prioritário dizia respeito à questão da abolição da escravatura, que Dom Pedro II colocou na ordem do dia desde 1866.

A história da luta que o nobre monarca foi obrigado a enfrentar em prol da liberdade do homem constitui a parte mais interessante, mas ao mesmo tempo a página mais triste do Brasil.

Infelizmente, não me é possível apresentá-la aqui em detalhes, por isso vou descrevê-la apenas em linhas gerais.

---

53 O A. se refere, evidentemente, à Polônia. (N. da T.)

54 Literalmente, “*No meio das coisas*”. A expressão é usada para se referir à técnica de iniciar a narrativa no meio da história e não em seu início, à semelhança da técnica moderna do *flashback*. (N. da T.)

Desde 1866, os Ministérios mudavam um após o outro. As grandes idéias de liberdade e de humanidade ressoavam igualmente tanto entre os liberais como entre os conservadores. Os projetos de abolição da escravatura se sucediam um após o outro na ordem do dia. Ao chegar, porém, o momento de realizá-los, geralmente o Gabinete que os apoiava caía, e o novo cobria com um profundo silêncio a obra dos antecessores, até que – pressionado pela opinião pública – ele próprio novamente retomava as pegadas do anterior, mas ao mesmo tempo em breve era obrigado a compartilhar o mesmo destino.



*Dom Pedro II.*

Por esses mesmos motivos, atualmente, ambos os partidos, o Conservador e o Liberal, tomaram para si o mérito da abolição da escravatura, mas na realidade ele coube unicamente ao Imperador.

O principal obstáculo na abolição da escravatura se resumia nos interesses econômicos do país. Temia-se que dessa maneira faltasse mão-de-obra, e as extensas fazendas de café fossem abandonadas, o que, resumindo, ocasionaria a ruína do país. Por isso, cada novo Ministério, simultaneamente com o projeto da abolição da escravatura, engendrava as mais diferentes formas de atrair a imigração. Prometiam-se aos imigran-

tes diversas vantagens, destinavam-se vultosas somas para as agências e os agentes da Europa para dessa maneira atraírem multidões de interessados. O mesmo faziam os fazendeiros mais ricos por sua própria conta, prevendo que mais cedo ou mais tarde poderia lhes faltar a mão negra para o trabalho.

Essa foi a primeira forma de recrutamento: a de agentes pagos diretamente.

Realmente a imigração começou a crescer. Os que mais afluíam eram em particular italianos e portugueses.

Para poder avaliar como semelhantes meios estimularam a imigração, citarei alguns números. De 1864 a 1872, principalmente pelos portos do Rio de Janeiro e Santos, haviam chegado 66.623 imigrantes, ou seja, 9.869 em média por ano. No momento, porém, em que foram adotadas as formas mencionadas de agenciamento, de 1873 a 1886, o número total dos imigrantes subiu para 304.796 só pelos portos do Rio e Santos, ou seja, 21.771 em média por ano. De acordo com as nacionalidades chegaram: 110.691 portugueses, 112.279 italianos, 23.469 espanhóis, 15.684 espanhóis e assim por diante.

Da Rússia, nesse tempo afluíram somente 417 imigrantes. Do Reino da Polônia, a emigração maciça começou somente em 1889 e seguintes, depois de adotadas outras formas de agenciamento, das quais falarei adiante.

Entretanto, o Imperador não se deu por vencido. Em 1870 em particular, o gabinete se alvoroçou. À frente do movimento, estava o líder dos conservadores, o Conde de S. Vicente, que elaborou o novo projeto de gradual abolição da escravatura. Infelizmente, não conseguiu enviá-lo à Câmara e foi obrigado a ceder. Após demoradas negociações, foi constituído em 7 de março de 1871 o novo ministério Visconde do Rio Branco. O Imperador, nesse tempo, pela primeira vez partiu em viagem à Europa, deixando a regência para a herdeira do trono, Dona Isabel. Em setembro, o gabinete recomeçou na Câmara uma luta quase corpo-a-corpo e após longos debates conseguiu afinal em 28 de setembro aprovar a nova lei que determinava que fossem declaradas livres, no Brasil, todas as crianças nascidas a partir dessa data, filhas de mães negras.

A primeira brecha foi então aberta. O segundo passo foi dado em 1885, quando foi decretada – no gabinete Saraiva, em 6 de maio, em continuidade à lei anterior – a liberdade de todos os negros acima dos 60 anos de idade, com a condição de que deveriam servir ao seu senhor ainda por três anos, pelo salário combinado.

Ambas as leis citadas faziam com que a libertação total dos negros fosse apenas uma questão de tempo. E realmente, desde 1872 o número de escravos começou a diminuir tanto que – quando em 1870 o “mar” de negros já atingira 1.800.000 – em 1873 havia caído para 1.584.000, em 1885, para 1.050.000 e, em 1887, para apenas 743.419.

Dessa maneira, o monarca preparava o país, aos poucos, para a grande obra da emancipação que era imposta ao Brasil por todas as condições e considerações próprias de um país com pretensões a civilizado.

Sobre as nobres intenções de Dom Pedro, contudo, sempre pendia ameaçadora – como espada de Dâmocles – a crise econômica que os fazendeiros apresentavam em dimensões superdimensionadas. É verdade que as pessoas mais sérias, encarando o problema de maneira mais profunda, percebiam a necessidade de abolir a escravatura e elas mesmas, por conta própria, empreendiam meios com o objetivo de substituir mãos negras por mãos brancas. Isso diz respeito principalmente a alguns fazendeiros muito ricos da Província de São Paulo. Muitos deles se esforçam por atrair imigrantes, de preferência italianos e portugueses. Alguns foram tão bem-sucedidos em seus esforços que, mesmo antes de ser anunciada a total libertação, já a faziam de própria iniciativa. Quer dizer, essa iniciativa foi tomada pelos senadores e seguida pelos fazendeiros mais ricos, tais como Correia de Oliveira e Antônio Prado. Este último foi por duas vezes ministro, mas atualmente reside em Paris.

Entretanto, estava chegada enfim a hora, o momento decisivo.

Substituindo o Imperador durante a sua terceira viagem à Europa, Dona Isabel, a sucessora do trono, decidiu resolver definitivamente a questão da emancipação dos escravos. Logo depois da queda do Ministério Cotegepe, em 10 de março de 1888, a regente convocou para o governo o Ministério de Correia de Oliveira, que – depois de quatro dias de debates na Câmara, com quase a unanimidade de votos – aprovou a total abolição da escravatura em 13 de maio desse ano.



*A Regente Dona Isabel.*

O passo final, portanto, tinha sido dado.

Não pretendo julgar, de forma alguma, se um acontecimento tão importante não teria sido realizado por demais abruptamente, se não seria melhor dar mais um pouco de tempo, ou talvez indenizar os fazendeiros de maneira adequada, que, segundo cálculos de Santana Nery, tiveram um prejuízo de 485.225 contos de réis,<sup>55</sup> ou seja, 1 bilhão e 213 milhões de francos. Mas, afinal de contas, o fato foi consumado, e a opinião pública do Brasil inteiro o recebeu com incrível entusiasmo. Em diversas cidades foram decretadas grandes festas nacionais: adoraram e aplaudiram unanimemente o decreto da regente. A lei emancipadora passou a chamar-se “Lei Áurea”.

Quem, contudo, conhecia mais de perto e mais profundamente as condições locais sentia que uma tempestade vinha se armando de forma lenta e sorrateira e que em breve um raio atingiria os que tiveram a ousadia de apagar a hedionda mancha da escravidão.

Restara ainda considerável maioria de fazendeiros pronta a mover céus e terra a fim de vingar seus prejuízos, proclamando aos quatro ventos a inevitável falência do país devido ao abandono da principal fon-

---

55 O equivalente a cerca de R\$ 16.060.947.500,00 (ago. 2009). (N. da T.)

te de riqueza – as plantações de café – por falta de braços. Foi, então, permito-me assim dizer, para calar a boca dos gritalhões, que no decreto imperial ficou decidido apoiar firmemente a imigração. Com esse objetivo, lançou-se mão de um meio que, a meu ver, foi o mais desastroso, como o de firmar contratos com pessoas físicas ou com companhias a fim de prover certo número de imigrantes da Europa.

Foi dessa maneira, já no crepúsculo da monarquia, que foram firmados contratos de fornecimento de 750.000 pessoas com os seguintes agentes: com os Visconde Figueiredo e Joaquim Caetano Pinto – 250.000 imigrantes; com Ângelo Fioritta e José dos Santos – igualmente 250.000, sendo o restante dividido entre outros seis, com cotas entre 100.000 e 25.000 imigrantes.

Vejamos, a seguir, o aspecto financeiro das contas desses agentes.

Pelo fornecimento de cada emigrante, o Tesouro se obrigava a pagar aos contratados 168 francos<sup>56</sup> (em outras versões 75 mil réis em ouro, o que significava muito mais). Levando-se em conta que a companhia transportadora cobrava 125 francos<sup>57</sup>, no bolso do empresário sobravam, portanto, 43 francos<sup>58</sup>.

Naturalmente, hoje compreendemos que recursos fabulosos dispunham Santos e Fioritta para estender suas redes e pescar nossos ingênuos coitados. Recursos esses que, nem mais nem menos, somavam 10.750.000 francos<sup>59</sup> (= 43 x 250.000). Se é verdade que tais agenciadores pagavam para cada agente encarregado de aliciar diretamente a quantia de 5 réis<sup>60</sup>, ou seja, 16 francos<sup>61</sup> *per capita*, ainda lhes sobrava um lucro de 27 francos<sup>62</sup> por imigrante pescado; isso significa que – depois de completado o fornecimento – a soma é de 6.750.000 francos<sup>63</sup> limpos.

56 O equivalente a cerca de R\$ 2.780,40 (ago. 2009). (N. da T.)

57 O equivalente a cerca de R\$ 2.068,75 (ago. 2009). (N. da T.)

58 O equivalente a cerca de R\$ 711,65 (ago. 2009). (N. da T.)

59 O equivalente a cerca de R\$ 177.912.500,00 (ago. 2009). (N. da T.)

60 Este é o valor que consta no original, em nada equivalente ao que o A. apresenta adiante, em francos.

61 O equivalente a cerca de R\$ 264,80 (ago. 2009). (N. da T.)

62 O equivalente a cerca de R\$ 446,85 (ago. 2009). (N. da T.)

63 O equivalente a cerca de R\$ 111.712.500,00 (ago. 2009). (N. da T.)

O mesmo lucro sorriu a Figueiredo e Caetano, do grupo dos seis menores empresários, ou seja, em outras palavras, todos eles dispuseram para fins de agenciamento, da quantia de 32.250.000 francos<sup>64</sup>, dos quais 20.250.000<sup>65</sup> representam eventual lucro.

Eis aí o preço desse abominável comércio de mercadoria viva!

Quero mencionar que o número total contratado dessa forma não foi ainda fornecido, e esses senhores continuam exercendo essa profissão sangrenta e ainda continuarão colhendo lucros por toda a Europa.

Essa é, portanto, a segunda forma de agenciamento. Quero complementar, ainda, que os contratos acima foram firmados em 1889.

Deixo de dar maiores detalhes, pois basta levar em consideração apenas a forma como foi entregue na mão dos empreiteiros – que principalmente visavam aos próprios benefícios – o destino de 750.000 pessoas, para com toda a repugnância condenar semelhante forma de agenciar e compreender o lado estarrecido dessa máquina de recrutamento.

Se, entretanto, as autoridades imperiais consideravam que dessa forma, merecedora de total condenação, conseguiriam evitar a tormenta que pairava ameaçadora sobre suas cabeças, em breve os acontecimentos a seguir as convenceriam de como eram infundadas suas previsões.

Apesar de pertencerem ao Partido Conservador, os intransigentes fazendeiros estenderam a mão aos republicanos. Em grande parte, em consequência dessa união de maneira totalmente inesperada, no dia 15 de novembro de 1889, foi dado o golpe de estado. O Império caiu, e em seu lugar foi proclamada a República com um governo provisório, à frente do qual ficou o General Diodoro da Fonseca.

Realmente, nunca na história uma república teria nascido em condições mais estranhas. Resultado em parte da vingança e represália ao mais nobre ato de humanidade e civilização, como terei oportunidade de demonstrar no próximo capítulo, ela criou um grande contratempo. Anular a abolição da escravatura se tornara inconcebível: seria teoricamente um suicídio, e por isso um ato com toda a certeza muito inoportuno para a República. Restou, portanto, a única saída que seria ampliar tanto quanto

---

64 O equivalente a cerca de R\$ 533.737.500,00 (ago. 2009). (N. da T.)

65 O equivalente a cerca de R\$ 335.137.500,00 (ago. 2009). (N. da T.)

possível os privilégios relativos à imigração e despertar a expectativa de um maciço fluxo imigratório que – conforme pensam todos os brasileiros – é a base do desenvolvimento, do progresso e do futuro da nação.

Os primeiros seis meses da administração republicana, durante o chamado Governo Provisório, serão para sempre considerados como a mais caricata página da história universal, sobre a qual escreverei mais amplamente ao abordar assuntos políticos. No momento, basta mencionar que todo brasileiro – ao falar sobre essa época de transição – fica seriamente indignado.

Em meio a semelhante atmosfera, criou-se uma nova lei imigratória, sancionada em 28 de março de 1890<sup>66</sup> pelo chefe do Governo Provisório, General Manuel Diodoro da Fonseca.

É certo que ela contém todas as qualidades para um amplo fluxo imigratório, mas na realidade escancara as portas a especulações de toda espécie, e, como veremos adiante, torna impossível o controle efetivo da máquina imigratória.

Esse documento – sou obrigado a resumi-lo – representa toda a base do movimento imigratório e ao mesmo tempo põe à mostra seu lado fraco. Tanto quanto eu saiba, os que escrevem sobre a emigração na Polônia silenciaram completamente sobre a existência dele. No entanto, seu conhecimento, na minha opinião, é indispensável para se saber a quem e por que se deve expor à opinião pública a maior parte dos abusos e injustiças que decorrem de sua defeituosa e incompetente execução, praticados contra os nossos emigrados.

Já na introdução, o General Diodoro da Fonseca, chefe do Governo, declara que – diante da necessária afluência de trabalhadores estrangeiros para o Brasil – considera indispensável regulamentar as condições imigratórias e estabelecê-las com precisão e clareza mediante leis definitivas. Ele pretende conseguir esse objetivo através do decreto mencionado, cujos pontos principais são os seguintes.

---

66 A palavra *lei* é empregada pelo A. em sentido genérico de *norma*. De fato, se trata do Decreto n.º 528, de 28 jun. 1890, cuja súmula é “*Regulariza o serviço da introdução e localização de imigrantes na República dos Estados Unidos do Brasil*”. Na p. 283 do capítulo VII da II parte, o A. registra a data correta, 28 jun. 1890.

Só poderá ser aceita a vinda ao Brasil de imigrante sadio, capacitado para o trabalho e não atingido por sentença penal. As companhias transportadoras que fizerem desembarcar na terra imigrantes que não atendam a essas condições estarão sujeitas a multas.

Terão direito a transporte gratuito ou a abatimento:

- a) famílias de lavradores, pais e filhos, com idade de até 50 anos;
- b) solteiros com idade entre 18 e 50 anos;
- c) operários, serventes, etc., que atendam às exigências acima.

O Governo se compromete a pagar às companhias transportadoras 120 francos<sup>67</sup> de prêmio por imigrante adulto colocado em terra, desde que atendam às condições prescritas no decreto e se comprometam a nada cobrar dos imigrantes além dos 120 francos, pelo simples transporte. Todas as questões imigratórias serão atendidas pela fiscalização que compete à colonização. Para essa fiscalização, devem-se habilitar tanto os proprietários particulares quanto as companhias colonizadoras, indicando o número de imigrantes necessário. Perante a fiscalização deverá ser firmado contrato com os imigrantes, devendo ser vigiada sua execução.

No período dos seis primeiros meses, os imigrantes têm o direito de exigir a troca de lugar por eles previamente escolhido. Os proprietários ou as companhias que não cumprirem as condições do contrato estarão sujeitos às penalidades estabelecidas em lei. Cada companhia ou agência que trazer 10.000 imigrantes para o Brasil receberá 100.000 francos<sup>68</sup> de prêmio, caso nada tenha sido reclamado contra ela.

Terão direito de retorno ao país de origem por conta do Governo:

- 1) viúvas e órfãs, que perderam seus maridos ou pais durante o ano a contar da data de sua chegada ao Brasil;
- 2) imigrantes que, em consequência de causas independentes da sua vontade, se tornaram incapazes para o trabalho, igualmente no decorrer do primeiro ano de sua permanência.

---

67 O equivalente a cerca de R\$ 1.986,00 (ago. 2009). (N. da T.)

68 O equivalente a cerca de R\$ 1.655.000,00 (ago. 2009). (N. da T.)

Essas duas categorias ainda devem receber do Governo de 50 a 150 mil réis<sup>69</sup> a título de indenização.

Os colonos recebem terra com casa de moradia, pagando o preço de 25 mil réis<sup>70</sup> por hectare, se a terra não estiver cultivada ou 50 mil réis se ela se encontrar em certo estado de cultivo. Quanto à dívida que recai sobre a terra, o colono se compromete a pagá-la com juros de 9% ao ano, em dez anos. Em caso de não pagamento durante dois anos consecutivos, ele será obrigado a desocupar a propriedade, retornando esta às mãos do proprietário ou da companhia. As colônias não deverão se situar a mais de 13 mil metros distantes de estrada de transporte e abranger grupos de no mínimo dez famílias.

O decreto concede aos proprietários e às companhias significativos prêmios divididos em três categorias:

*a)* um colonizador que acomoda pelo menos 30 famílias recebe 2 mil réis<sup>71</sup> por família e 250<sup>72</sup> pela casa para cada uma delas;

*b)* um colonizador com 200 famílias, além dos pagamentos já mencionados, recebe ainda 1 mil e 500 réis<sup>73</sup> para cada quilômetro de estrada;

*c)* um colonizador com não menos de 500 famílias, além das duas vantagens acima citadas, recebe ainda 800 mil réis<sup>74</sup> por quilômetro de estrada interna. Finalmente, cada concessionário que instala colônias, de pelo menos 100 famílias, nas terras a ele concedidas pelo Governo, recebe prêmio de 5 mil réis<sup>75</sup>. Isso sem mencionar o oferecimento de concessões para a construção de estradas de ferro, com um lucro garantido de 6%, etc.

---

69 O equivalente a cerca de R\$ 1.655,00 e 4.965,00, respectivamente (ago. 2009). (N. da T.)

70 O equivalente a cerca de R\$ 827,50 (ago. 2009). (N. da T.)

71 O equivalente a cerca de R\$ 66.200,00 (ago. 2009). (N. da T.)

72 Está 250 réis no original, equivalentes a cerca de R\$ 8,28 (ago. 2009). (N. da T.)

73 O equivalente a cerca de R\$ 49,65 (ago. 2009). (N. da T.)

74 O equivalente a cerca de R\$ 26.480,00 (ago. 2009). (N. da T.)

75 O equivalente a cerca de R\$ 165,50 (ago. 2009). (N. da T.)

Desse decreto, destaquei os pontos mais importantes, que permitem formar a idéia de como na teoria o governo brasileiro entende e determina as condições imigratórias. Afinal, basta ler essas condições para se chegar à conclusão de como são falsas as notícias e promessas que os agentes espalham sobre a distribuição gratuita de terras e sobre outras tantas vantagens que estariam à espera daqueles que vêm se estabelecer no Brasil.

Observemos agora como essa lei se apresenta na realidade.

Se o governo nos tempos do Império pôde, tanto quanto queria, estender superficialmente o controle sobre as atividades dos agentes pagos por ele (primeira forma de agenciamento), ou se os empresários Santos, Fioritta e outros, contratados em 1889, poderiam igualmente, no momento oportuno, ser repreendidos pela maneira impulsiva de recrutamento, então a atual terceira forma da máquina agenciadora escapará de qualquer vigilância. Quem, portanto, irá enviar agentes nessas condições?

As empresas de transporte, às quais só interessa reunir a qualquer preço 10.000 unidades da “mercadoria viva”, pela qual não só receberão os 120 francos<sup>76</sup> por cabeça, mas ainda o prêmio de 100 mil réis.<sup>77</sup> Por isso, tais empresas não vacilarão em recrutar imigrantes de todos os modos possíveis, a torto e a direito.

As companhias ou particulares são favorecidos com doações de terras e detentores de concessões para trazer determinado número de famílias. Esta categoria de recrutador, por sua vez, também se divide em dois tipos:

*a)* aqueles que, tendo em mãos um áureo negócio, pretendem tirar dele vantagens contínuas e duradouras e por isso colonizarão racionalmente, assegurando aos colonos uma existência suportável, ou

*b)* outros especuladores e caloteiros, que somente se ocuparão em arrebatam imediata e falsamente as ações na bolsa, para conseguir lucros rápidos, sem tampouco se preocupar com o destino dos colonos.

---

76 O equivalente a cerca de R\$ 1.986,00 (ago. 2009). (N. da T.)

77 O equivalente a cerca de R\$ 3.310,00 (ago. 2009). (N. da T.)

Não quero prejudicar qual das categorias de colonizadora prevalecerá. Na verdade, tive a oportunidade de contatar representantes de duas grandes companhias do Paraná e Minas Gerais, que são movidos por boas e sérias intenções.

Mas que o Governo Provisório não tinha em mente considerar o aspecto humanitário desse empreendimento, disso me convencem os números e fatos, constatados nos dados oficiais publicados no diário *Jornal do Comércio*. Por exemplo, foram distribuídas nas províncias do norte da Amazônia 1.460.000 hectares e a concessão para a vinda de 36.000 famílias; no Maranhão, 360.000 hectares para 21.000 famílias; no Piauí, 650.000 hectares para 21.500 famílias. E assim por diante, numa região onde o clima é insuportável para os europeus, sendo praticamente mortífera uma permanência mais prolongada.

Nesses traços gerais, são apresentadas a antiga, a atual e a futura condição da imigração e seus agentes no Brasil. Ao reproduzir os dados acima, procurei ser, tanto quanto possível, objetivo e até mesmo abafar dentro de mim as impressões que tive da miséria e infortúnio, para não julgar tendenciosamente e influenciado por pessimismo. Citei fatos e números, obtidos nas fontes e de pessoas indubitavelmente fidedignas ou por mim mesmo constatados e averiguados ou, finalmente, obtidos em fontes que não dão margem a nenhuma dúvida.

Será que diante de tais condições se poderia falar de imigração racional? Acho que cada um encontrará com facilidade a resposta. O destino de centenas de milhares de pessoas está nas mãos dos agentes, que não são motivados por nenhum outro objetivo senão este – o maior lucro possível. Ninguém se preocupa em saber se os imigrados que aportam a este país se adaptam às condições locais, se estão capacitados a assumir o trabalho que está à sua espera e enfim a suportar o clima. Isto é, no mais completo sentido da palavra, eles são “mercadoria”, e mercadoria adquirida arditosamente e com mentiras, no caso da Polônia, mercadoria pela qual o ganancioso agente arrebatou o seu quinhão sem se preocupar absolutamente com a sorte do imigrado nem tampouco com a utilidade dele ao país para o qual o forneceu. Os agentes são, pois, uma praga dupla, que causa desgraça tanto aos crédulos imigrados quanto ao Brasil, do qual usurpam milhões, oferecendo em troca um proveito muito duvidoso.

.....

## *IX*

### Política

MOTIVOS QUE LEVARAM AO GOLPE DE ESTADO – A SURPRESA DE 15 DE NOVEMBRO DE 1889 – PRINCIPAIS ATIVISTAS – CIRCUNSTÂNCIAS FAVORÁVEIS – REALIZAÇÃO DO GOLPE – DIODORO DA FONSECA – OS ALUNOS DA ACADEMIA MILITAR – POLÍTICA REPUGNANTE – LEALDADE DO SR. P. – O EXÍLIO DO IMPERADOR – GOVERNO PROVISÓRIO: SUA ADMINISTRAÇÃO E REFORMAS – GLICÉRIO E RUI BARBOSA – CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA – ELEIÇÃO DE FONSECA PARA PRESIDENTE – CONVOCAÇÃO DO NOVO MINISTÉRIO – O BARÃO DE LUCENA – O TESOURO E O COMÉRCIO – PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

**N**O CAPÍTULO anterior, fiz menção a que a insatisfação provocada em consequência da abolição da escravatura e o temor quanto ao futuro entre os plantadores de café prepararam a base para a derrubada do Império e a proclamação da República. Porém, se existe alguém que pensa que os autores do golpe de estado de 15 de novembro de 1889 foram os fazendeiros, ou em suma que foi um passo devidamente preparado e organizado, esse alguém incorre em erro grave. É bem verdade que idéias republicanas já palpitavam dentro da cabeça dos brasileiros, mas poucos se atreviam a pensar na introdução dela em suas vidas e na efetiva realização do ideal republicano. Um governo humanitário e liberal levado ao exagero

por Dom Pedro II, um país enorme, quase igual ao tamanho de toda a Europa incluída a Rússia européia, a desigualdade de densidade populacional e a capacidade produtiva das províncias isoladas, a falta de meios de transporte e enfim a influência da inerte indolência política inata dos brasileiros, foi tudo isso junto que apagava qualquer manifestação esporádica das aspirações republicanas e todas as probabilidades de um verdadeiro poder e respeito.

É bem verdade que, no Brasil, como acontece em todos os países subdesenvolvidos, existe a tendência de imitar a civilização naquilo que ela tem de mais extremo, e por esse motivo a França republicana, bem como os Estados Unidos, constituíam o ideal sonhado por alguns míopes políticos brasileiros. Preocupava-os, ao mesmo tempo, a idéia de que o Brasil é o único país de regime monárquico da América do Sul. Quem, afinal de contas, levaria em consideração esses fatores isolados como realmente importantes?

Por isso, pode-se dizer sem temor que o golpe de 15 de novembro de 1889 irrompeu no Brasil como um raio vindo de um céu azul, que surpreendeu a todos inesperadamente, inclusive aqueles que se consideravam republicanos. O fato é que hoje os republicanos falam muito de sua atuação preparatória, dos esforços, da extensa organização e coisas do gênero, mas isso são apenas vãs bravatas, porque na realidade a República nasceu sem eles e foi obra, se não de um completo acaso, foi pelo menos um empreendimento calculado por poucas pessoas.

Duas pessoas, a bem dizer, trabalhavam a questão republicana e é a eles unicamente que coube a triste e inglória incumbência de destronar o nobre monarca Dom Pedro II: estes eram o General Benjamim Constant Botelho de Magalhães e Quintino Bocaiúva.

Benjamim Constant exercia o cargo de diretor do Colégio Militar e gozava de particular estima e confiança do monarca, isso é o que pelo menos é proclamado por seus admiradores. O motivo dessa confiança era, por assim dizer, o caráter reto e aberto do general. Dizem que quando Dom Pedro o nomeou para o cargo tão alto e importante de diretor do Colégio Militar, ele estava prestes a declarar abertamente suas convicções republicanas.



*Benjamim Constant.*

– Estou tranquilo porque, como general e homem honesto, cumprirás devidamente tua obrigação em relação a mim e ao país – foi a resposta do Imperador.

Infelizmente, o nobre monarca se decepcionou amargamente dessa confiança.

Bocaiúva era redator-chefe do jornal republicano *O País* e era considerado um dos mais talentosos escritores brasileiros. A sua pena desafiadora e a ousadia das suas convicções lhe granjearam grande reputação e extensas influências. Bocaiúva e Benjamim constituíram, mais tarde, o orgulho do Governo Provisório, e só após a morte do segundo abriram-se de par em par as comportas da monstruosa administração com que se onerou para sempre a República.

Mas não antecipemos os acontecimentos.

Uma coisa é quase certa: entre Constant e Bocaiúva existia há tempos entendimento, e ambos, com um pequeno círculo de amigos confiáveis, sigilosamente conduziam intrigas republicanas. Porém, quanto à realização de seus intentos, nenhum deles sequer a pensava; seus planos se referiam a partir da morte de Dom Pedro, visto que a popularidade e o amor generalizado do país inteiro pelo monarca parecia-lhes um obstáculo

intransponível. De maneira geral, deve-se reconhecer que não havia no Brasil pessoa que tivesse a ousadia de pensar que o velho monarca, um verdadeiro pai para seus súditos e o maior benfeitor do país, poderia tornar-se um dia um exilado. Bastaria lembrar o indescritível entusiasmo com que alguns meses antes fora saudado ao voltar da Europa; após longa estada e a grave doença por que passou, para considerar essa brusca reviravolta como algo completamente impossível.



*Quintino Bocaiuva.*

Aconteceu, porém, de maneira diferente.

As circunstâncias favoreciam o golpe.

Os conservadores – considerados até então o sustentáculo do trono – dividiram-se em dois partidos inimigos do Império: o primeiro, com João Alfredo à frente, não perdoava a perda das rédeas do governo; o segundo, constituído por fazendeiros, tinha sido atingido profundamente pela abolição da escravatura. Além disso, o chefe do governo na época, o Visconde de Ouro Preto, diga-se de passagem um excelente administrador e financista, teve a infeliz idéia de pôr em prática um projeto que atingia a sensibilidade do exército da maneira mais contundente.

Desde muito tempo, nos círculos próximos ao Imperador começou a se fixar a convicção de que o exército – exposto a contínuas sugestões republicanas e não possuindo, em termos europeus, noção de disciplina

– não oferecia o devido amparo ao trono. De mais a mais, um exército regular custava à nação muito dinheiro, e – como o Brasil tampouco sabia o que fazer com seus enormes espaços não habitados, e o resto da América do Sul estava por demais ocupado consigo mesmo para pensar em atacar seu vizinho – por isso esse exército não era necessário nem para a invasão nem para a defesa. Cogitou-se então em reduzi-lo ao mínimo aos poucos, substituindo-o pela Guarda Nacional, esta inteiramente dedicada ao Imperador. Esse plano – que redundou em ofensa ao orgulho do exército, além de abalar a vida de oficiais e soldados, que no exército encontravam subsistência confortável sem esforço nem trabalho – tomou conta do coração do Visconde de Ouro Preto. Ele pretendia inicialmente mandar para a província alguns batalhões, há muito de prontidão no Rio de Janeiro. Essa notícia provocou grande alvoroço dentro da guarnição da capital. Precisava-se apenas uma faísca para provocar a explosão.



*Conde D'Eu.*

Finalmente, um dos grandes motivos da revolução, que me foi contado inúmeras vezes, vinha do ódio geral contra a filha do Imperador, a Princesa Isabel, e seu marido, o Conde D'Eu. Na verdade ninguém sabia explicar o motivo real desse ódio. Concordavam, por exemplo, que ela era muito solícita, gentil e caridosa. A abolição da escravatura era atribuída à sua energia e determinação. Os boatos de que ela cedia às influências dos jesuítas e do clero eram simplesmente absurdos. Primeiro,

porque não havia mais jesuítas no Brasil há muito tempo, e, quanto ao clero, basta conhecê-lo superficialmente aqui no Brasil para considerar sua influência completamente inofensiva. A única acusação séria era o fato de ela ser estrangeira, principalmente por ser alemã, nacionalidade que não goza de simpatia entre os brasileiros. O Conde D'Eu, por sua vez, já deu indubitáveis provas de coragem e sacrifício durante a guerra com o Uruguai<sup>78</sup>. Além disso, dedicava-se de corpo e alma ao exercito. Acusavam-no, enfim, de ser orgulhoso e sovina. Não ouvi outros motivos de ódio ao principesco casal.

Todas essas circunstâncias favoreciam enormemente os propósitos revolucionários de Constant e Bocaiúva. Apesar disso, eles ainda não tinham coragem de sonhar com a declaração da república, porém procuravam forçar o Imperador a demitir o odioso Ministério do Visconde de Ouro Preto. Com esse objetivo, na noite de 15 para 16 de novembro, o general Constant, munido de armas, à frente de seus discípulos do Colégio Militar, seguiu para o palácio imperial. Dizem que o velho monarca não se encontrava no Rio, e sim em Petrópolis, na propriedade que tanto estimava. Um falso telegrama devia trazê-lo à capital somente pela manhã. Em vista do que estava acontecendo, conforme me foi dito, o nobre Imperador teria chorado e declarado que – se essa era a vontade do povo – ele estava pronto a abandonar o Brasil naquele instante.

Colocando guardas nos portões e em todas as entradas de acesso ao palácio, Constant, com o restante de sua comitiva, seguiu para o quartel. Aqui, foi bastante garantir que o exército não seria reduzido, que a guarnição militar ficaria no Rio, e por fim prometeu um significativo aumento aos militares, para que o exército passasse para o seu lado.

Só aí então, segundo todos confirmam, encorajado pelo inesperado sucesso, Constant decidiu proclamar a república. Foi ao encontro do Marechal Diodoro da Fonseca, que – era abertamente sabido – estava em conflito com o governo. Dizem que, procurado de surpresa, Diodoro vacilou por momentos, porém, quando lhe explicaram que tudo já estava acabado, faltando apenas que ele assumisse o comando da República, então ele concordou em nome do princípio: “Se não for eu, aparecerá outro”.

---

78 Assim está no original. O autor deve ter querido aludir à guerra do Paraguai. (N. da T.)



*Diodoro da Fonseca.*

Tendo seguido para o quartel, o Marechal Diodoro ordenou que o exército se apresentasse na Praça da Aclamação, e a República foi proclamada.

Algumas dezenas de transeuntes embasbacados observaram a cena desse ato incomum além de perjuro do exército, enquanto o resto da cidade estava imersa em profundo sono e somente algumas horas mais tarde, surpresa, soube que a República brasileira era um fato consumado.

Quanto ao caso, não posso garantir se detalhes aqui apresentados sobre o golpe de 15 de novembro de 1889 são exatamente precisos; ouvi-os, contudo, de tantas e tão responsáveis bocas que não posso duvidar de sua veracidade.

Agora, alguns traços típico daquele momento.

Os alunos do Colégio Militar foram a mola-mestra do golpe de estado. Contudo, esses mesmos alunos – seis meses antes, com a notícia do retorno do Imperador da Europa, com risco da própria vida – escalaram a íngreme encosta do rochedo chamado Pão de Açúcar, à entrada da baía de Guanabara e com altura de 400 metros acima do nível do mar, a fim de colocar em seu cume uma grande bandeira com os dizeres “Salve”. E pensar que esses mesmos alunos logo iriam servir de instrumento para derrubar do trono o Imperador, que sem o menor constrangimento exerceriam a

função de carcereiros, vigiando o velho Imperador, agora seu prisioneiro. Ao fazer um comentário parecido, respondeu-me um brasileiro:

– Ah! Lá isso é outra coisa; aqui agia a política!

– Obrigado por esse tipo de política, senhores – respondi com indignação.



*Almirante Barão de Ladário.*

Outro fato. Bastante famoso como escritor e poeta no Rio, um certo sr. P., mulato, 75% negro, conservou em si, não só a cor da pele quase preta, mas também os traços característicos da raça.<sup>79</sup> Este sr. P. era republicano, pelo menos proclamava ideias republicanas em suas obras e publicações. Quando aconteceu a abolição da escravatura, o sr. P. profundamente comovido com esse ato de humanidade, procurou a Princesa Isabel, então regente, para lhe externar sua veneração e ao mesmo tempo confessar-se um ardoroso fã do Império. Trazendo pela mão sua única filhinha, implorou, como se fosse o maior favor, que a princesa tivesse a bondade de abençoá-la. Comovida até as lágrimas com a conversão desse fanático republicano, Dona Isabel – depois de atender ao pedido – beijou afetuosamente a criança. Pois esse mesmo sr. P.,

---

<sup>79</sup> Nesta, como em outras passagens, o A. deixa transparecer certo preconceito de raça. (N. da T.)

em 16 de novembro, foi o primeiro a hastear a bandeira republicana no Paço Municipal do Rio e, num êxtase de alegria, proferiu na Câmara Municipal um fulminante discurso contra o Império, louvando a República.

Por fim, e isto é talvez o mais expressivo, o grande Dom Pedro II – cujo reinado ficou gravado com letras de ouro na história do Brasil e que continua vivendo na grata lembrança de toda a nação – encontrou naquele dia apenas um único homem, o Almirante e Ministro da Marinha, o Barão de Ladário, que caiu morto atingido por onze balas defendendo a jurada fidelidade ao monarca.

Não sei bem, mas parece-me que a tão orgulhosamente chamada “revolução sem sangue” da República brasileira, ao lembrar aqueles dias da subversão, por vezes deve baixar a cabeça de vergonha.

Angustiadados e intranquilos foram os dois dias seguintes dos heróis da República, pois lhes parecia que sobre o seu feito pairava a maldição “*Mane, Tekel, Fares*”<sup>80</sup> e que a qualquer momento poderia se erguer contra eles a mão vingadora, pulverizando sua frágil obra. Mas a inércia brasileira também desta vez predominou. Até os mais ardorosos adeptos da monarquia caíram num indiferente torpor.

Em 17 de novembro, antes do nascer do sol, carruagens fechadas, cercadas por forte escolta, levavam o nobre Imperador com sua família até o porto, onde já os aguardava de prontidão um navio de guerra, protegido por dois encouraçados.

Quando a esfera solar começou a emergir do oceano, inundando com sua radiosa luz os morros, os rochedos e a capital ainda imersa em sono, Dom Pedro se despedia do ingrato Brasil.

O Governo Provisório respirou mais aliviado.

A primeira composição do “Governo Provisório, constituído pelo exército e pela marinha em nome da nação”, foi a seguinte: Marechal Diodoro da Fonseca – Chefe do Governo, Rui Barbosa – Ministro

---

80 “*Mane, Tekel, Fares*” ou “*Mane, Tecel, Farés*” é expressão do episódio bíblico denominado festim de Baltasar, a qual, conforme “A Bíblia de Jerusalém” (BÍBLIA, 1973, p. 1287), significa na interpretação do profeta Daniel (5:25): “*Mane – Deus mediu o teu reino e deu-lhe fim, Tekel ou Tekel – tu foste pesado na balança e julgado deficiente; Parsin ou Farés – teu reino foi dividido e entregue aos medos e aos persas*”. (N. da T.)

das Finanças, Quintino Bocaiúva – Ministro do Exterior, Campos Sales – Ministro da Justiça, Demétrio Ribeiro – Ministro da Agricultura, de Obras Públicas e Comércio, Aristides Lobo – Ministro do Interior, Gen. Benjamim Constant – Ministro de Guerra, Contra-Almirante Eduardo Vandellkok – Ministro da Marinha.

Imediatamente foram expedidos avisos a cada um dos governadores das províncias sobre a proclamação da República. Devido à comunicação ainda tão deficiente no Brasil, em muitos lugares a notícia demorou a chegar. Em algumas províncias ela foi recebida quando o Imperador Dom Pedro II com sua família já se achava próximo da Europa.

Aqui se anota outro fato característico. Para os altos cargos de governador, foram enviados altos funcionários de irrepreensível folha de serviços prestados em cargos do regime monárquico, geralmente pessoas que gozavam de especial confiança do Imperador. A nenhum desses senhores sequer ocorreu qualquer gesto de oposição, aceitando cada um em calada resignação a queda do Império como um fato consumado. Da mesma forma agiam os comandantes das regiões militares nas províncias. Contaram-me que um destes últimos de fato, no primeiro momento, depôs a espada e declarou que não poderia servir à República, mas passados alguns dias mudou de idéia e aceitou a nomeação de governador provisório e comandante militar da região daquela província.

Resumindo, todas as províncias seguiram o exemplo do Rio, e aconteceu um fato talvez único na história: num país em que uma significativa maioria era monárquica, a República em menos de uma semana festejava o seu triunfo sem a mais leve oposição.

Na imprensa da capital, somente dois jornais, um, o diário do Visconde de Ouro Preto – a *Tribuna Liberal* – e outro – o *Jornal do Brasil* – tiveram a coragem de submeter o golpe a uma severa crítica, tomando posição hostil à República. O Governo Provisório, porém, resolveu pôr fim a qualquer forma de oposição. Nesse mesmo Brasil – onde existia a mais completa liberdade de palavra e de imprensa, tão avançada a ponto de denegrir descaradamente a pessoa do próprio monarca, da regente e da família imperial – um dos primeiros decretos do Governo Provisório, publicado em 23 de dezembro, declarava: “Qualquer pessoa que for revelada culpada de conspirar contra a República e o seu Governo; provocar através

da palavra, por escrito ou por ações, tumulto civil ou indisciplina militar; espalhar no meio do exercito notícias desfavoráveis à República, será submetida à corte marcial.” Diante disso, a *Tribuna* parou de ser publicada, sobretudo depois que alguns moleques, suados e armados de revólveres irromperam dentro da redação e a destruíram; e o *Jornal do Brasil* tomou uma posição inexpressiva.

Por força desse decreto, o Visconde de Ouro Preto, seu irmão Carlos Afonso, o senador Gaspar da Silveira Martins e o então Ministro da Justiça, Cândido de Oliveira, suspeitos de favorecerem a monarquia, foram exilados. O terrorismo disparou a toda. Homens, de quem nunca se ouvira falar, apareceram inesperadamente – pelos caminhos da hipocrisia republicana, por proteção ou nepotismo – em cargos de destaque, manifestando sua autoridade mediante a irradiação do terror e de ameaças. Escritórios e repartições publicas apinhavam-se de novatos que não possuíam qualquer noção do serviço publico. O protecionismo invadiu até o exército, e, graças a isso, por qualquer motivo, tenentes eram promovidos aos postos de major e coronel. A subversão estava patente em toda a parte.

O Governo Provisório, por sua vez, estava com pressa de iniciar as reformas internas. Por isso começou por dissolver a Câmara dos Deputados, a destituir os membros do Senado e do Conselho Nacional, a dispersar o corpo legislativo das províncias, prometendo que, em troca, dentro de um ano, convocaria a constituinte, a fim de compor e aprovar uma nova constituição. Na trilha dessas reformas, seguiram-se outras, tais como: a separação da Igreja em relação ao Estado; a outorga de caráter leigo às escolas e aos cemitérios; a extinção da religião estatal; a dissolução da Guarda Nacional, exceto no caso de guerra; a mudança radical da lei bancária; a anulação de todos os títulos honoríficos e sua substituição pelo democrático tratamento “vós”, etc.

Quando ouvia a narração de todos esses benefícios, que caíram sobre o Brasil como chuva de pedra, perguntei a um dos narradores se aquilo não era demais para ser estabelecido de uma só vez, se o país tão jovem e pouco desenvolvido conseguiria absorver tantas reformas.

– Ora! – respondeu-me ele. – Isso é porque vocês europeus são anêmicos e fracos. Nós, americanos, temos sangue jovem e quente. Absorvemos com facilidade o que estraga o estômago de vocês!

Enquanto isso, no seio do Governo Provisório, começou a surgir certo azedume. Benjamim Constant deu de ficar descontente com os incômodos encargos de Ministro de Guerra, entregando, por isso, sua pasta ao general Floriano Peixoto. Preferiu ele assumir o cargo de Ministro da Educação Pública, Correios e Telégrafos. O sr. Aristides Lobo, Ministro do Interior, não conseguia se entender com o restante dos colegas, e em vista disso cedeu lugar a Cesário Alvim. Em situação idêntica, encontrou-se o Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, Demétrio Ribeiro, que foi substituído pelo famigerado Glicério.

A este último, desejo dedicar algumas observações, pois é a ele que se deve o fato de o Governo Provisório ter-se tornado memorável, durante longo tempo, no sentido negativo.

Francisco Glicério era advogado, ou melhor, como dizem alguns, procurador de advogado, pois não possuía curso de direito algum, numa pequena cidade, porém muito rica pelas grandes plantações de café na Província de São Paulo, a cidade de Campinas. Considerado homem capaz e esperto, desempenhava com sucesso o papel de magistrado provinciano da República. Sua fama, porém, não ultrapassava os limites de Campinas e seus arredores. Que caminhos exatamente Glicério trilhou para conseguir um cargo junto ao Governo Provisório e por cima um cargo tão importante quanto o de Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas – atividades sobre as quais não possuía então o menor conhecimento –, isso ninguém foi capaz de me explicar. Mas que não seja por isso, basta dizer que sem mais nem menos Glicério tomou posse da pasta desocupada por Demétrio Ribeiro.

O novo ministro possuía mão aberta. Distribuía o que quisessem a torto e a direito, por todos os lados, a qualquer pessoa que o desejasse. Em menos de seis meses de sua gestão, ele autorizou, sem tirar nem pôr, perto de 2.000 concessões e privilégios. Contudo, isso ainda não lhe era bastante: partindo do princípio de que o país possuía terras ociosas e que as companhias e particulares as aproveitariam melhor, distribuía de graça, ou quase isso, pois passou a entregar 30.691.000 hectares de terras devolutas

por preços irrisórios. Sem repressão em sua generosidade, avançou tanto que, em algumas províncias, doou mais terras do que o governo possuía. Assim por exemplo, de acordo com o “Relatório da Agricultura”, em 1887, na Província de Pernambuco o governo não possuía mais nada em terras, porém Glicério distribuiu lá 910.000 hectares; na Província do Espírito Santo, o governo era proprietário de perto de 500.000 hectares, mas esse Ministro liberou simplesmente 2.020.000. O mesmo aconteceu em algumas outras províncias. Além disso, como já se mencionou, autorizou concessão para virem 1.415.750 famílias de imigrantes com os privilégios aprovados pela lei imigratória de junho de 1890. Em termos gerais, os compromissos contraídos a título de desenvolvimento por Glicério somam em números redondos a bagatela de 787.956 contos e 271 mil réis,<sup>81</sup> ou seja, mais de um milhão e meio de francos.

A tudo isso, somemos, ainda, que o mesmo Ministro Glicério autorizou a concessão para a construção de mais de 20.000 km de estradas de ferro, firmando os devidos contratos com as companhias. Algumas dessas estradas têm um lucro garantido de 7%. Muitos contratos e concessões que Glicério assinou, jamais serão executados, e os concessionários não deixarão por menos, pois contam com polpuda indenização. Quanto a isso, contudo, existe um agravante, cuja responsabilidade já não é de Glicério, mas, sim, um mal que vem do tempo do Império. Ainda em 1880, foi dada para certa companhia concessão para a construção de 4.000 km de estrada de ferro na Província de Santa Catarina, com garantia de 7% de lucro. A companhia executou o levantamento da obra, mas depois o governo refletiu e desistiu da obra, pois a estrada lhe traria enorme prejuízo e por isso resolveu resgatar a concessão por 4.000 contos de réis<sup>82</sup>, o que significa uma quantia de 8 milhões de francos.

Assim, os concessionários de Glicério se acharão na mesma situação.

Citaram-me entre outros o nome de Napoleão Poeta, que, republicano fanático, ganhou a concessão para a construção da estrada de ferro

---

81 O equivalente a cerca de R\$ 25.419.352,57 (ago. 2009). (N. da T.)

82 O equivalente a cerca de R\$ 132.400.000,00 (ago. 2009). (N. da T.)

Estrelo-Chopim<sup>83</sup>, com muitas ramificações, num total de 2.000 km, com a garantia de 7%. Essa estrada nunca foi implantada, segundo me garantiram, porque transporte marítimo é mais curto e mais barato e já existe há dezenas de anos entre esses lugares. Hoje circulam rumores de que Poeta receberá 6.000 contos de réis<sup>84</sup> de indenização, e a concessão repousará no arquivo do Ministério de Obras Publicas.

Mas ainda existe mais um fato sobre a generosidade de Glicério, publicado no *Jornal do Comércio* em 30 de abril do mesmo ano. Na Província do Rio Grande do Sul, o governo brasileiro possuía 6 km<sup>2</sup> de excelentes pastos, que, situados na fronteira com o Paraguai<sup>85</sup>, se tornaram ótima aquisição do Poder Público. Em 1867, o governo paraguaio tratou de comprar essas pastagens e ofereceu 400 contos de réis<sup>86</sup> por eles, mas o governo imperial não chegou a firmar acordo por ter considerado muito baixo o preço. Todavia, não foi essa a opinião de Glicério e ele vendeu as mesmas pastagens por 4 e meio contos de réis<sup>87</sup>. Depois, o governo atual cancelou a venda.

É fácil, portanto, presumir que, em face desse tipo de administração, Glicério se tornou-se o ministro excêntrico no Brasil, circulando em torno de sua pessoa, bem como de sua atividade, um verdadeiro folclore.

Digno companheiro de Glicério, embora não nas mesmas dimensões, tanto quanto ele ministro de mão aberta, foi o ocupante da Pasta das Finanças, Rui Barbosa. Liberal convicto, ex-monarquista, chegou ao Rio vindo da Bahia, como deputado. Jurista, perspicaz, esperto e imensa-

---

83 No original, está “Estrelo–Chopin”. Deve ser Estreito-Chopim. Trata-se do projeto da Estrada de Ferro Estreito-Chopim, que partiria do Estreito, hoje bairro de Florianópolis “*seguindo até o vale do rio Iguacu, em frente à foz do rio Chopim, com ramais para o porto de São Francisco do Sul, Passo Fundo e Porto Alegre. (...) O Decreto 896 de 18 de outubro de 1890 concedeu o privilégio e a garantia de juros de 6% ao ano para Dionísio Cerqueira, Carlos Napoleão Poeta e João do Rego Barros construírem*” essa ferrovia. (GOULART F.º, 2009, 14.) (N. da T.)

84 O equivalente a cerca de R\$ 198.600.000,00 (ago. 2009). (N. da T.)

85 Está Paraguai no original. O autor deve querer se referir ao Uruguai, já que o Paraguai não faz divisa com o Rio Grande do Sul. (N. da T.)

86 O equivalente a cerca de R\$ 13.240.000,00 (ago. 2009). (N. da T.)

87 O equivalente a cerca de R\$ 148.950,00 (ago. 2009). (N. da T.)

mente hábil, gozava também de bastante fama como jornalista. Todavia, a fortuna não lhe foi favorável. Dizem que houve momento em que o Visconde de Ouro Preto queria oferecer-lhe a pasta das Finanças em seu Ministério. Esse propósito, contudo, não chegou a realizar-se por motivos desconhecidos. Assim, Rui Barbosa vivia na capital não muito folgadamente, trabalhando um pouco na advocacia e um pouco no jornalismo.



*Rui Barbosa.*

Na época do golpe de estado, subitamente transformou-se, de liberal e monarquista, num ferrenho republicano e tornou-se Ministro das Finanças no Governo Provisório, ele que exercera inclusive o alto cargo de conselheiro do Imperador. Como Glicério decidia sobre terras, Rui Barbosa criava bancos, fundava sociedades anônimas, que o elegiam seu presidente, emitia vales públicos, mas principalmente excitava a febre na Bolsa de Valores. Fortunas enormes surgiam em poucos dias, para também desaparecer rapidamente. Os mais espertos, agarrando um pouco de dinheiro, iam abrigar-se na Europa. Resumindo, os tempos áureos tinham chegado para os especuladores.

Finalmente veio o basta até para Rui Barbosa, pois foi obrigado a abdicar da pasta, deixando fama não tanto elogiável, da mesma forma que Glicério. Seja como for, hoje ele é tido como um dos homens mais ricos do Rio. Enquanto tempos atrás pagavam-se 330 réis por um franco<sup>88</sup>, atualmente pagam-se 560<sup>89</sup>.

Quanto ao Marechal Diodoro da Fonseca, dizem que ele é honesto, inacessível a qualquer tipo de suborno, mas em compensação completamente inepto e sem a menor noção de como governar um país. Os demais ministros do Governo Provisório eram insignificantes e sem nenhuma influência sobre o destino da nação.

A mão vingadora, entretanto, acabou com a paz dos responsáveis pelo golpe de 15 de novembro: Benjamim Constant morreu, como contam, atormentado, nos últimos instantes da sua vida, por horríveis fantasmas e pelo remorso; Bocaiúva teve um fim idêntico; os dias do marechal Fonseca estão contados, devido à insuficiência cardíaca e à asma que ameaçam sua vida, mantendo-o totalmente distante das questões públicas.

Aproximava-se finalmente o término do famigerado Governo Provisório.

Em novembro do ano passado<sup>90</sup>, de acordo com a promessa do Governo Provisório, reuniu-se a Constituinte com o objetivo de elaborar as bases da vida política e social do Brasil. Os republicanos naturalmente representavam nela a maioria absoluta, a ponto de, segundo foi possível saber, nenhum monarquista sentar-se entre eles. Isso seria talvez um grande trunfo para a República que granjeou reconhecimento de toda a nação, se não fosse o fato de que na América do Sul sempre ganha as eleições aquele que tem mais força. Sob esse aspecto, aliás, os republicanos brasileiros não fizeram a menor cerimônia: pelo contrário, clara e abertamente aterrorizavam seus adversários por todos os meios.

---

88 A cotação do franco adotada nestas equivalências é de R\$ 16,55 (ago. 2009). (N. da T.)

89 Os valores em réis equivalem a cerca de R\$ 10,923 e R\$ 18,536 (ago. 2009). (N. da T.)

90 O A. se refere a 1890, já que ele realizou a viagem ao Brasil em 1891, ano da primeira Constituição da República, promulgada em 24 de fevereiro de 1891. O original deste livro foi publicado em 1892. (N. da T.)

Tanto no nome quanto na constituição, a nova República tomou como modelo os Estados Unidos; por isso, não há como citar o nome do autor ou autores da carta magna, por ser ela cópia autêntica da daquele país. Cada estado possui autonomia e é governado por uma Assembléia própria, composta por 35 membros. Os assuntos gerais são da alçada do Congresso Federal e do Senado, como Câmara superior, para o qual cada estado elege, segundo me parece, três representantes. A autoridade suprema é exercida pelo Presidente, eleito para a primeira vez pelo Congresso e pelo Senado; daí em diante, o Presidente será eleito pelo povo. Do mesmo modo, no futuro, serão eleitos os Presidentes dos Estados. Por enquanto, estas eleições serão efetuadas pelas Assembléias Estaduais. O presidente exerce o Poder Executivo por intermédio dos secretários de estado, sendo somente ele próprio responsável diante do Congresso Federal e o Senado. O mandato é de quatro anos.

A constituição igualmente assumiu todas as reformas do Governo Provisório já citadas, a saber: separação da Igreja em relação do Estado, extinção da religião nacional, anulação de qualquer título de nobreza e condecorações, e assim por diante. Quanto a estes últimos, a constituição foi de uma severidade tão extrema que toda pessoa que aceitar condecoração ou título perderá os direitos de cidadão. Sob esse aspecto, entretanto, os brasileiros, que adoram condecorações reluzentes e honorarias, sabem dar um jeito, de forma que a proibição seja válida para o futuro, não incluindo títulos e condecorações já adquiridos. O próprio Lucena, atual chefe do Governo, no exercício da sua função pública, tranquilamente se intitula barão, fato que naturalmente provoca grande indignação nas esferas destituídas de títulos. Além da Constituição Federal, cada estado possui uma Constituição própria, que é elaborada pela sua Assembléia, sendo em seguida apresentada ao Congresso Federal e ao Senado para aprovação. Justamente no momento em que eu deixava o Brasil, eram iniciados os trabalhos constitucionais das assembleias estaduais.

Dessa forma, a República no fim do ano passado passou da situação provisória à normal. Ela, porém, demonstrou bem pouca gratidão a seus criadores. Como prova mais expressiva, serve o fato de que o Marechal Diodoro da Fonseca foi eleito por uma maioria insignificante para Presidente. Esperava-se mesmo que diante de voto de confiança tão fraco

dados à sua pessoa, ele não aceitasse o privilegio que lhe fora oferecido, mas – por insistência dos colaboradores mais próximos – manteve-se no cargo. O Marechal jamais gozou de popularidade junto à opinião pública; todavia, essa falta de nobreza e a vontade de permanecer *à tout prix*<sup>91</sup> no poder cercou sua pessoa de generalizada aversão. Para isso concorrem ainda diversos primos do Presidente, os quais – abrigados pela impunidade garantida pela proteção do poderoso tio – se permitem as mais diversas extravagâncias e abusos.

No desempenho normal do cargo de Presidente, a primeira ação realmente positiva do Marechal Diodoro foi a dispersão aos quatro ventos dos membros do Governo Provisório. Se nesse sentido ele agiu por inspiração alheia, ou se ele realmente entendeu que a opinião pública exigia dele esse passo, é impossível julgar; basta dizer que o Ministério por ele nomeado nada tinha em comum com as antigas autoridades. A maioria dos novos ministros de estado, ainda do tempo da monarquia, já dera provas de competência, mas principalmente proporcionava certa garantia, que se havia rompido completamente com o Governo Provisório. Nada mais há para acrescentar, senão o fato de que o novo Ministério foi recebido como uma promessa de tempos melhores para o Brasil. Seus componentes foram: Barão de Lucena – Agricultura, Comércio e Obras Públicas, Justo Leite Chermont (ex-Governador do Pará) – Ministro do Exterior, Tristão de Alencar Araripe – Ministro do Interior e provisoriamente das Finanças, até quando esta última pasta foi ocupada pelo atual Governador da Província de São Paulo, Américo Brasiliense, Gen. Antônio Nicolau Falcão da Frota – Ministro da Guerra, Antônio Luís Carvalho – Ministro da Justiça, João Barbalho Uchoa Cavalcanti – Ministro da Educação, Correios e Telégrafos, e finalmente o Contra-Almirante Fortunado Forster Vidal – Ministro da Marinha.

Apesar de o novo Ministério satisfazer aparentemente a opinião pública, muitos republicanos, contudo, julgaram sua composição uma grande afronta. É que, entre os novos ministros de estado, tinham sido empossados inclusive quatro monarquistas declarados: o Barão de Lucena, Araripe, Cavalcanti e Vidal.

---

91 A qualquer preço, custe o que custar. (N. da T.)

– Como pode ser isso?! – bradavam indignados. – Então é preciso buscar pessoas até no campo inimigo para formar um governo decente?! Será que entre nós não existe bastante gente que possa arcar com as responsabilidades e os interesses da República?!

Cá entre nós, cada um tinha mais ou menos em mente a própria pessoa; aliás, os brasileiros nesse ponto são parecidos com os poloneses. Sentem dentro de si talentos adormecidos, capazes de tudo, e não podem perdoar que até agora não sejam devidamente aproveitados, convencidos de que só assim o mundo admiraria verdadeiros gênios.

Desde os primeiros momentos do novo governo, surgiu em seu caminho uma dupla oposição: uma, a pessoal, e a outra a republicana, a espreitar obstinadamente cada passo seu, para pôr a boca no mundo ao menor pretexto. Na realidade, durante a minha estada no Brasil em que fui testemunha dos fatos por força das circunstâncias, devo reconhecer que tanto os antigos ministros de estado quanto os atuais precisariam, antes de tudo, ter nervos de aço para se manterem surdos e insensíveis a tudo o que se passava a seu redor. Admirei principalmente o Barão de Lucena, o qual, já pela importância da sua pasta, já pelas habilidades que o destacam do resto de seus colegas, ocupa um cargo de liderança no Governo, como também serve ao mesmo tempo de escudo do Governo contra o qual são atiradas pedras de todos os lados. O que exigem dele e de quanta coisa o acusam? Por acaso, alguém, senão o Barão de Lucena, é pessoa que nasceu para ser ministro brasileiro? Ele vai seguindo o caminho já determinado, não ligando a ninguém. Já tive a oportunidade, em outro lugar, de descrever os traços característicos desse atual Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, sendo, portanto, bem conhecido nosso.

Um membro igualmente notável do atual Ministério é Araripe, Ministro provisório das Finanças. Ele não se destaca por habilidades excepcionais, mas – apenas pelo fato de ser a antítese de Barbosa – merece o respeito de toda pessoa decente. Enquanto este especulava com o dinheiro publico por todos os lados e meios, Araripe segura com mão de ferro praticamente cada réis. Qualquer negociata ou trapaça encontra nele um inimigo implacável. Chamam-no popularmente de “cão” deitado sobre a arca do Tesouro.



*Barão de Lucena.*

Os ministros restantes não despertam maior interesse.

Já mencionei que o governo atual tem contra si uma oposição dupla e obstinada. Cada governo no Brasil terá, mais ou menos, dificuldades desse tipo: o atual deu, contudo, um passo, geralmente atribuído ao Barão de Lucena, mas que realmente pode trazer ao país consequências desfavoráveis. É que, sob o pretexto da necessidade de arrecadar ouro, foi instituído, desde março do corrente ano, um imposto alfandegário em ouro. Esse recurso, que nos países onde o progresso industrial está em franco progresso e pode constituir poderosa alavanca, no Brasil esse imposto é meio insensato e pernicioso, pois o país até o momento quase não possui indústria e por isso é obrigado a importar tudo da Europa. Mas não só os produtos industrializados das fábricas européias abastecem o mercado brasileiro: manda-se buscar do outro hemisfério até alguns produtos alimentícios: batatas, farinha de trigo, vinho, etc. Pode-se, portanto, calcular facilmente como o advento do imposto alfandegário provocou alta nos preços desses artigos e, daí, no custo de vida, e isso num momento em que a moeda brasileira sofre impiedosa desvalorização.

Os negociantes se encontraram numa situação desesperadora, pois os preços dos produtos subiram o dobro. Organizaram-se protestos, memoriais foram enviados ao governo, a imprensa fez grande alvoroço; o governo, porém, permaneceu impassível. Não vendo outra saída, os negociantes se

agarraram a um recurso radical. Eles simplesmente firmaram um pacto entre si, para – enquanto o governo não anulasse o mencionado imposto em ouro – nada mais importar da Europa. Essa foi, pelo menos, a decisão que tomou o setor comercial na Bahia, Pernambuco e Santos. É obvio que isso tinha que causar séria estagnação no comércio. O Tesouro igualmente leva com isso grandes prejuízos, pois as alfândegas durante semanas não tiveram nenhuma receita. Mas o que é mais importante é que o número dos descontentes com o estado atual das coisas aumenta notavelmente. E isso é um volume de água capaz de mover o moinho da oposição, que levanta alarme e prognostica as mais lamentáveis consequências para a economia.

Como terminará esse impasse: o governo cederá, e aos poucos as relações comerciais se acomodarão? É difícil prever; por enquanto, reina enorme confusão, e todos cerram os punhos contra as atuais autoridades brasileiras.

Tive oportunidade de entrar em contato com representantes de diversas correntes políticas. Não me admirou tampouco que os adeptos da monarquia se achassem feridos até o âmago por um negro pessimismo, pois só viam pela frente profundo abismo, para o qual, mais cedo ou mais tarde, terá de afundar toda a República; mas o que realmente me deixava admirado é o fato de que não encontrei um republicano sequer que estivesse satisfeito com o atual estado de coisas. Os republicanos são mesmo os que mais reclamam contra o governo. Eles previam que a presente legislatura do Congresso será palco de lutas jamais vistas no Brasil. De acordo com a opinião deles, tudo está ruim e necessita de reformas desde as bases. Concluindo, um verdadeiro *bellum omnium contra omnes*<sup>92</sup> é o que o Brasil parece estar esperando num futuro próximo.

Diante dessa situação, todos chegarão à conclusão de que a restauração da monarquia é uma evidente necessidade. Mas não é bem assim. Tal como no momento da queda da monarquia não apareceu ninguém que tivesse a corajosa hombridade de colocar-se em sua defesa, da mesma forma agora seus inúmeros adeptos simplesmente não demonstram estar dispostos a uma intervenção ativa. Como em toda a parte e em tudo, também nessa situação a indolência e a inércia prevalecem. Um espera que o

---

92 Guerra de todos contra todos. (N. da T.)

outro faça; mas todos esperam com ansiedade uma transformação, contanto que isso aconteça sem a sua participação, mas principalmente que eles saiam incólumes. Assim como o acaso criou a República, do mesmo modo o acaso ou uma coincidência poderá reconstruir a monarquia.

Existe, porém, um grave perigo: ameaça à integridade do Brasil, e é para isso que ele é empurrado com todas as forças pela atual situação: a sua divisão em algumas repúblicas autônomas menores. Para entender que esse perigo não é apenas uma utopia, basta levar em consideração a sua enorme extensão territorial, em que uma administração enérgica e forte é de fato impossível. Além disso, a força produtiva de algumas províncias criadoras de riquezas não é igual.

Por isso, elas são obrigadas a trabalhar em ritmo desigual para manter um imenso mecanismo nacional. Por exemplo, províncias como o Pará com produção de borracha, Pernambuco com cana-de-açúcar, São Paulo com café, o Paraná, Santa Catarina e até Rio Grande<sup>93</sup> com erva-mate e produtos agrícolas, e finalmente o Rio de Janeiro com sua riqueza metropolitana, não têm termos de comparação com províncias como o Maranhão, o Piauí, Sergipe, a Paraíba, Mato Grosso, Goiás e outras, que permanecem em primitivo estado agreste, não produzindo nada ou quase nada, mas custam muito ao Tesouro Nacional. Enfim existem idéias separatistas há muito tempo entre as províncias do primeiro bloco. Haja vista os paulistas, moradores da Província de São Paulo, que se consideram algo superiores aos demais e se apropriam do privilégio de presidir e governar o Brasil inteiro. Já o paranaense, por sua vez, está convencido de que sua província é a maçã de ouro de todo o Brasil.

– O senhor já viu Minas Gerais? – perguntou-me certo comerciante mineiro.

Ante minha resposta negativa, afirmou:

– Mas isso é uma grande pena! Pois é a pérola de todo o Brasil. O que é que o país seria sem Minas Gerais?

---

93 Está Rio Grande no original. Pelo contexto, o A. deve querer referir-se ao Rio Grande do Sul. (N. da T.)

Frases semelhantes ouvem-se a cada passo. Finalmente o gigantesco militarismo que – desde o começo da República está dominando a capital – provoca um brado de indignação nas províncias:

– Então foi para isso – clamam – que derrubamos a monarquia? Foi para criarmos com nosso suado dinheiro o despotismo militar?

Contudo o exército – hoje quase duas vezes mais numeroso que no tempo da monarquia – é a força da República, da qual esta não poderá por muito tempo separar-se sem minar a própria existência.

O separatismo, portanto, de uma maneira ou de outra, é a mais grave ameaça que paira sobre o Brasil. Não tenho a pretensão, tampouco, de apresentar, nestes breves traços, um quadro das condições políticas no Brasil, mas acredito que estes são suficientes para dar uma idéia das frágeis bases que servem de apoio ao atual estado de coisas. O governo republicano de hoje – de qualquer maneira, mil vezes melhor e principalmente mais honesto que o anterior – não encontra, apesar de tudo, apoio suficiente dentro da própria República para poder contar com uma prolongada existência. Ademais, se no Brasil, como em qualquer país cuja civilização ainda está de fraldas, existem inúmeros fatores perigosos impossíveis de dominar e manter sob controle, o que se dirá, então, quando essa força unificadora e organizadora é representada, nessas condições, pela recém-nascida República dos “Estados Unidos do Brasil”?

.....

## X

PRIMEIRAS IMPRESSÕES – PRAÇA DOM PEDRO II – RUAS PRINCIPAIS – BONDES – LAPA – BOTAFOGO – JARDIM BOTÂNICO – CORCOVADO – TIJUCA – HIPÓDROMO – VILA ISABEL – SANTA CASA DE MISERICÓRDIA – FEBRE AMARELA – BERIBÉRI – DOCAS – IGREJAS – ADMINISTRAÇÃO DAS IRMANDADES – DUAS VISITAS – ÚLTIMAS IMPRESSÕES

O

RIO DE JANEIRO, sob muitos aspectos, resume em si o Brasil inteiro: suas qualidades e defeitos, sua riqueza e pobreza, seus encantos e horrores.

Quem do lado do mar observa a cidade, espalhada fantásticamente ao pé dos morros e subindo pelas encostas, é capaz de acreditar que dentro da cidade encontrará verdadeiras maravilhas da mão-de-obra humana; todavia, basta pôr o pé na calçada da capital brasileira para experimentar amarga decepção.

Quem é admirador daquelas riquezas da natureza desconhecidas até agora, que prendem o olhar deslumbrado, sem dúvida imagina que aqui alguém deve viver num país das maravilhas. No entanto, a realidade descortina todo um mar de lágrimas, que o infortúnio faz brotar. Quem, ao sentir a fresca aragem da baía, é capaz de jurar que aqui se respira a vida a plenos pulmões, infelizmente logo se convencerá que a alguns passos o espreita a peste e a morte.

Assim é o Rio de Janeiro, assim é o Brasil.

Na verdade, ao percorrer vários bairros e ruas da cidade para tratar de assuntos de meu interesse, eu teria oportunidade de admirar, desde o começo, as particularidades da capital brasileira, mas nem meu pensamento nem o ânimo e a disposição concorriam para isso. Diante da imagem de tanta infelicidade e da impossibilidade de remediá-la efetivamente, lágrimas sem fim, súplicas de rasgar o coração levam a um estado de irritação em que se perde o ânimo para qualquer coisa, e a vontade é sumir debaixo da terra para nada mais ver nem ouvir. Por isso, o bondoso Álvares (filho), querendo provavelmente tirar-me desse abatimento, não parava de insistir para que eu dedicasse pelo menos um dia e meio exclusivamente para olhar a cidade. A princípio, rejeitei a sugestão, mas quando, por motivos alheios à minha vontade, minha partida para o interior foi adiada em dois dias, aceitei-a para com essa companhia tão gentil partir em visita à cidade.

Há apenas três anos, o Rio contava com 500 mil habitantes somente; atualmente esse número cresceu para 800 mil, mas há quem afirme que ele passou de um milhão. O motivo desse incrível aumento populacional se deve em parte à febre especulativa, que, desde a proclamação da república, tomou grande impulso, atraindo gente ávida de conquistar fortuna fácil. Mas o que contribuiu muito mais para isso foi a afluência de estrangeiros da Europa e da Argentina. Principalmente quem pôde evadiu-se para o Rio, na esperança de que aqui poderá recuperar os prejuízos sofridos lá fora.

Devido a essas circunstâncias, reina um grande movimento nas ruas. Multidões transitam pelas calçadas estreitas, para cá e para lá, impedidas para o meio da rua a cada passo, devido aos tapumes das construções novas. A par do calor reinante, essa azáfama contínua incomoda seriamente, e garanto que um dos meus amigos em Varsóvia só por isso já ia praguejar a valer contra a capital do Brasil. Mas, paciência! Aos poucos é possível se acostumar com tudo; por isso, depois de alguns dias, espremer-se no meio de transeuntes brancos ou negros torna-se algo comum, natural.

Conforme já mencionei, enquanto a vista do Rio, para quem olha do mar em direção à terra, é deslumbrante e pode-se dizer até inigualável, no entanto as primeiras passadas na calçada abrasadora desde logo preparam desagradável decepção.

A Praça Dom Pedro II, onde costumam atracar os barcos e navios a vapor de pequeno porte com viajantes, não oferece nada de interessante. É um vasto quadrilátero, contornado de edifícios comuns e de aparência não muito asseada; seu enfeite é uma rotunda de madeira, contendo no interior a vista panorâmica da capital do Brasil. Essa vista, executada por dois pintores locais, segundo dizem, recebeu medalha de ouro na Exposição de Paris. Acredito, porém, que o júri deve ter sido bastante indulgente, pois o quadro, sob muitos aspectos, deixa muito a desejar.



*Vendedora de frutas no Rio.*

A mesma praça termina em pequeno largo malcuidado. De lá, no sentido sudoeste, segue a rua principal, a Primeiro de Março. Esta não possui nenhum edifício significativo, e a Bolsa de Valores, que está sendo construída, é o único prédio que atrai a atenção, pecando pelo seu estilo pesado e ornamentação exagerada. Os prédios, como em todo o bairro antigo, construídos ainda pelos portugueses, são pequenos, estreitos e com as partes mais altas voltadas para a rua.

Apesar de seu caráter principal, essa rua em nada o justifica. Ela é, antes de tudo, estreita e suja, e a necessidade de usar o lenço para tampar o nariz se manifesta a cada passo. Enfim, o saneamento da cidade inteira deixa muito a desejar. Embora a canalização tenha sido feita há pouco tempo – entre parênteses, muito malfeita e defeituosa –, o cheiro que exala de bueiros e esgotos é insuportável. A rua está cheia de lixo, bagaços de laranja e cascas de banana, recortes de papel, bem como vez por outra um gato ou rato mortos, que são retirados somente à noite. As calçadas, embora de granito, são estreitas e irregulares; além disso, ocupadas pelo comércio ambulante e pelos engraxates, atrapalhando a circulação dos pedestres.

A partir da Rua Primeiro de Março, seguem-se outras ruas em ângulo reto, cortadas por outras ruas que correm paralelamente com a primeira, de forma que toda essa parte da cidade lembra perfeitamente um simétrico tabuleiro de xadrez. A maioria dessas ruas tem apenas de quatro a cinco metros de largura; apesar disso, passam por elas pequenos bondes, puxados por mula, os quais obrigam os pedestres a buscar abrigo na primeira porta que encontram, se não quiserem ser atropelados. O condutor, geralmente um negro ou mulato, simplesmente pouco se importa com isso, segue assobiando estridentemente e corre com todas as forças que a mula tem. É evidente que o público já está acostumado com isso, pois ninguém se zanga, e todos, vendo aproximar-se o bonde, escapam o mais rápido possível. Das ruas laterais, a mais característica e a mais movimentada é a Rua do Ouvidor. Aqui se encontram as lojas mais ricas e as redações de jornais. Ela tem apenas cinco metros de largura e serve de ponto de encontro de todos os que têm algum assunto a tratar. Por esse motivo, nela reina, durante o dia e até bem tarde da noite, uma verdadeira aglomeração. Aqui, a passagem de veículos é proibida até as dez horas da noite. Todo brasileiro

não costuma resolver seus negócios ou tratar de algum assunto sério na própria residência ou no escritório: faz isso simplesmente na rua. Então, vai ele à Rua do Ouvidor, certo de que encontrará lá a quem procura, ou então, parado na rua, ou entrando em uma das confeitarias, resolverá seus negócios. Das onze às doze é um tal formigueiro de gente que é difícil abrir caminho. À noite, quando a azáfama diminui, principalmente em dias de feriado nacional, quando se acendem as lâmpadas instaladas nos arcos transversais a cada dez metros, somando centenas de lâmpadas a gás, a Rua do Ouvidor tem aspecto verdadeiramente majestoso.

Entre as outras ruas destacarei a Rua Sete de Setembro, batizada com esse nome em homenagem à data da proclamação da Independência do Brasil em 7 de setembro de 1822; essa rua é uma das mais comerciais, mas ao mesmo tempo a mais suja e apertada; na Rua da Quitanda, na São Bento e na da Alfândega, é onde se encontram a Câmara, o telégrafo submarino, bem como as agências de todas as companhias de navegação transatlântica.

Todas essas ruas, quanto à sujeira e ao reduzido espaço, são parecidas umas com as outras.

No fim da Rua do Ouvidor, fica a espaçosa Praça de São Francisco<sup>94</sup>, de onde parte a maioria dos bondes. Deve-se realmente concordar que talvez não exista cidade no mundo com tão extensa rede de bondes como o Rio de Janeiro. Pequenos ou maiores, puxados por uma ou duas mulas, vagonetes e vagões correm para todos os lados, unindo os mais distantes subúrbios ao centro da cidade. A passagem, dependendo da distância, custa de 100 a 300 réis.<sup>95</sup> Correndo a todo o galope, o bonde para ao sinal dado. Todos eles estão geralmente superlotados, a ponto de os passageiros viajarem pendurados nos estribos. Muitas vezes fiquei admirando a força das mulas. Dois desses animais de porte médio, geralmente de cor pardacenta, orelhas grandes e com rabo de cavalo, correm a todo o galope, puxando o bonde com mais de 50 pessoas. É verdade que são golpeados sem piedade, mas dizem também que são bem alimentadas. Nas subidas é atrelado em geral mais um par de mulas, mas também é agregado mais um brutamonte com longos chicotes para açoitá-las impiedosamente, sem parar.

---

94 Atual Largo de S. Francisco de Paula. (N. da T.)

95 O equivalente a cerca de R\$ 3,31 e 9,93, respectivamente (ago. 2009). (N. da T.)

Por falar em bondes, contaram-me um caso que testemunha expressivamente como o brasileiro é avesso à ordem e à disciplina. As companhias de bondes – das quais, segundo dizem, existem quatro no Rio –, querendo pôr fim aos abusos dos cobradores, pretenderam implantar o sistema de cobrança por bilhete. Por esse motivo surgiu uma revolta na cidade. O público nem quis ouvir falar em semelhante novidade, mas quando a administração da companhia de bondes insistiu, chegou ao ponto de acontecerem enfrentamentos com ameaça de destruição dos carros. Então, a polícia interferiu no caso e, para acabar com os distúrbios, ficou resolvido que o condutor não entregaria o bilhete ao passageiro, mas, depois de destacá-lo do bloco, ele próprio o inutilizaria. Esse sistema permanece até hoje, sendo fácil imaginar o quanto, em consequência disso, as companhias ficaram dependendo da generosidade dos condutores.

Aproveitando, pois, de meio de transporte tão facilitado, tomamos um desses bondes para conhecer a zona norte da cidade. Depois de transpor um verdadeiro labirinto de ruazinhas, chegamos a uma praça um tanto mais espaçosa, na qual de um lado se encontra um belo edifício, onde estão instaladas as tipografias do governo, e, do lado oposto, o seminário eclesiástico. Este é um prédio antigo, construído pelos portugueses, capaz de alojar mais de 60 alunos. Infelizmente, neste momento, só tem cinco. Daí se pode deduzir como existem poucos candidatos à carreira sacerdotal. Os atuais diretores do seminário, os padres lazaristas, me esclareceram que já houve anos em que tiveram apenas dois alunos. Tornei-me um visitante frequente do seminário, pois o padre Hehn, vice-reitor e professor, sacerdote muito zeloso, culto e solícito, prontamente me forneceu informações e com toda a disposição me prestou vários favores. Ele é o único sacerdote no Rio que se interessa vivamente pelo destino de nossos emigrantes e está sempre pronto a prestar-lhes ajuda.

Do seminário, fomos seguindo por uma rua larga, que se estendia margeando a baía até o subúrbio da Lapa. Este é um dos mais bonitos bairros do Rio. Uma extensa vista para o mar, casas novas e limpas, bem arborizado e muitas praças, lhe dão um ar festivo. E aqui também, infelizmente, o cheiro desagradável estraga a primeira boa impressão.

Sob o ponto de vista de salubridade, a Lapa não difere do resto da cidade. Aqui, a febre amarela também reina persistentemente, e para

isso muito concorrem o terreno pantanoso e as exalações da baía. Apesar disso, a Lapa é habitada pela população mais rica, pelo que se podem observar palacetes e casas de muito bom gosto, cercadas de jardins com centenas de palmeiras e dracenas apontando para o céu.

A prefeitura dedica-lhe um carinho todo especial, abrindo novas ruas, onde, sobre os escombros de antigas casas portuguesas, surgem lindos prédios que atendem plenamente ao gosto e conforto modernos. Não fossem a presença de negros e a vegetação tropical, se poderia supor estar numa das belas cidades européias.

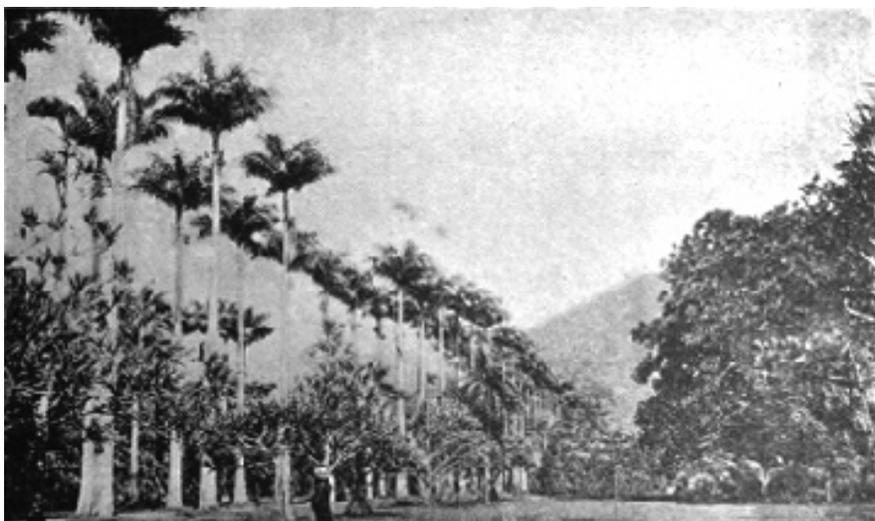
Depois da Lapa, começa o subúrbio de Botafogo, que sob o aspecto exterior é completamente idêntico ao primeiro. Aqui se encontra uma enorme tecelagem, uma sociedade anônima, que, porém, só fabrica tecido de algodão e percal um pouco grosseiro. A administração da fábrica construiu casas espaçosas, nas quais, por um preço relativamente módico, os operários têm confortável moradia. É necessário destacar que a localização não foi feliz na escolha, visto que Botafogo é famoso pela febre amarela, concorrendo para isso um grande banco de areia que impede o escoamento da água da maré, e por esse motivo, sob ponto de vista de salubridade, o local é quase mortífero. É bem verdade que a prefeitura pretende sanear o lagamar, mas esse projeto existe há já alguns anos, sem se apresentar, contudo, possibilidade de concretizá-lo. Apesar disso, muitas pessoas possuem aqui palacetes principalmente na parte vizinha ao Jardim Botânico. Realmente, se existe algo de que o Rio pode se orgulhar é do Jardim Botânico.

Por um bellissimo portão, se entra direto em longa alameda de palmeiras, que atravessa todo o jardim em sua largura. Essa alameda representa o maior orgulho dos moradores do Rio, que consideram um dever primordial mostrá-la aos estrangeiros. De fato, quanto sacrifício e desvelo foram necessários para que essas centenas de palmeiras se criassem dentro daquela simetria e uniformidade! Uma não é mais alta que a outra sequer um palmo, mesmo quanto à envergadura elas são absolutamente iguais. Elas atingiram a altura máxima, e as frondosas coroas, juntando-se no alto, formam sobre a alameda um baldaquino como se fossem penas de avestruz. Lástima que os dias desta alameda estão contados, pois a palmeira vive até uns 30 anos no máximo, e elas já estão com 25. Já se pode notar

começo de apodrecimento na base de algumas. Não demorará muito e o Jardim Botânico perderá o seu mais belo ornamento.

Depois das palmeiras, as gigantescas touceiras de bambu são o que mais chama a atenção dos mortais. Elas chegam a alcançar a altura de dez metros. Ao mais leve sopro de vento, eles produzem um som estranho, que faz lembrar uma árvore se quebrando. As varas, hastes verdes e retas, quase não possuem folhas, tendo apenas em seu topo um penacho de folhinhas estreitas e compridas. Essas touceiras de bambus também formam fantásticas alamedas e canteiros. Não entendo quase nada de botânica, mas Álvares, que é um grande apaixonado por plantas, esclareceu-me que o Jardim Botânico possui todas as variedades existentes de palmeiras e dracenas do Brasil, bem como os exemplares das mais nobres árvores do país. Além disso, ele é mantido na mais exemplar ordem, assim como nos idos tempos da monarquia. Na atualidade, não se economizam verbas para seu embelezamento e ampliação.

Em dias de grandes festas e feriados nacionais, são realizados festejos populares, e o público tem um respeito tão grande pelo jardim que se desconhecem casos de depredação de árvores, canteiros ou gramados.



*Alameda das Palmeiras no Jardim Botânico do Rio de Janeiro.*

Sob esse ponto de vista, quanto Varsóvia fica abaixo do Rio?!

A visita ao Jardim Botânico nos tomou quase duas horas. Por isso, era preciso apressar-se para ver o Rio do alto do Corcovado antes do pôr-do-sol.

Há oito anos, uma companhia inglesa construiu, por 800 contos de réis,<sup>96</sup> o trem que leva até o topo desta montanha, em trilhos com cremalheira. Foi realmente um empreendimento insano. Olhando de baixo para as paredes quase verticais deste gigante, que – como já mencionei – em forma de púlpito domina a cidade, o oceano e a baía, parece impossível para um homem chegar lá em cima, quanto mais para um trem! Também posso dizer com toda a certeza que este é o caminho mais perigoso que já trilhei na vida. A linha do trenzinho serpenteia praticamente os recortes da rocha ou passa sobre rendilhadas pontes, uma dos quais tem cem metros de comprimento e setenta de altura.

Mas o trecho mais perigoso começa na última estação, Paineiras, onde há um grande hotel. Nele muitas pessoas procuram abrigar-se durante o tempo da febre amarela na cidade. Por estranho capricho da natureza, daí em diante o trem não passa sobre rochedos e sim por sobre terra, sendo, além disso, obrigado a contornar metade da montanha para chegar ao pé do cume. Esse contorno se realiza sobre um terrível abismo, que vai até o próprio sopé da montanha, de modo que, debruçando-se um pouco pela janela do trem, se tem a sensação da profundidade de 650 m sobre o nível do mar, e de lá os navios parecem barquinhos. Há momentos em que realmente dá para sentir calafrios. Por isso a maioria dos passageiros desembarca na estação Paineiras e de lá segue a pé até o topo.

Todas as emoções dessa perigosa aventura, contudo, são recompensadas sobejamente pela inigualável vista que se estende diante dos olhos, desde o cume do Corcovado.

O dia estava maravilhoso e o ar tão limpo que pudemos ver Cabo Frio a 100 milhas marítimas. A cidade, fantasticamente recortada, estendia-se a nossos pés, como na palma da mão.

---

96 O equivalente a cerca de R\$ 26.480. 000,00 (ago. 2009). (N. da T.)

Só daqui se pode ver como é enorme a área ocupada pela capital do Brasil.

O contorno da baía, pontilhado de rochedos, o animado movimento dos navios, rebocadores e barcos que nela navegam, tudo isso se apresenta com todo o encanto. E ainda, como para completar a maravilhosa paisagem, o sol começou a se inclinar para o ocidente, inundando de luz dourada todo esse panorama encantador. Sem querer, lembrei-me de um trecho do evangelho, em que Cristo é tentado por Satanás. Inegavelmente, o gênio do mal só tentaria a partir de semelhante pico e com uma vista destas.

O ocaso já ia bem adiantado, e o apito do condutor nos chama para o retorno: assim embarcamos no trem. Como se estivesse hipnotizado pela força da emoção vivida, cada um cerrava os olhos para gravar na memória o quadro magnífico.

Se o Rio, visto do lado da baía, pareceu uma fantasia, visto do alto do Corcovado dava visão de toda a sua imponente realidade. Lá o desejo é ser um poeta, aqui, um pintor, mas eu sinto que pena alguma, pincel nenhum seria capaz de reproduzir as belezas que os olhos viram; apesar disso, o número de pessoas que procura subir o Corcovado é relativamente pequeno e em consequência disso a companhia faliu e foi obrigada a vender a linha com todo o equipamento por 200 contos de réis<sup>97</sup> para um francês, que é o mesmo tempo o dono do hotel em Paineiras. Por isso ele tem chance de compensar o prejuízo tido com o trenzinho com as diárias e a alimentação dos hóspedes.

No dia seguinte, desde cedo, partimos para outra jornada pela cidade.

Nossos primeiros passos se dirigiram ao Museu Nacional, que fica bem em frente da Praça da Aclamação. É um edifício simples, de um andar, mas encerra uma abundante coleção de exemplares de objetos, bem como da fauna brasileira. Extremamente interessante é a coleção de adornos, armas e ferramentas indígenas, apresentados com reproduções de tipos indígenas de várias tribos, feitos em *papier mâché*. O mundo dos répteis principalmente está muito bem representado. Numerosa varieda-

---

97 O equivalente a cerca de R\$ 6.620.000,00 (ago. 2009). (N. da T.)

de de cobras grandes, jacarés, crocodilos, lagartos, lagartixas, sapos e rãs ocupa duas espaçosas salas. Num armário isolado, a coleção de numerosos colibris é muito atraente. Cada um dos exemplares apresenta belíssima gama de cores, que com o reflexo da luz do dia cintilam com centenas de matizes. Digno de ser admirado também é o rico colorido da plumagem das araras, vindas geralmente do Norte do Brasil.

Por isso não me admira que o artesanato de flores feitas de penas de aves seja uma das particularidades do Rio. Mais tarde tive a oportunidade de admirar buquês inteiros dessas flores, leques caprichosos, riquíssimas toalhas feitas de penas, que representam não só enorme variedade de cores, mas dão ilusão perfeita de flores naturais. Por vezes, esse artesanato alcança altos preços, dependendo da qualidade das penas e do acabamento artístico. Certo príncipe, ao passar pelo Rio alguns anos atrás, comprou um leque de penas por dois contos,<sup>98</sup> ou seja, perto de 4.000 francos. Na última exposição em Paris, as flores feitas de penas do Rio de Janeiro receberam o prêmio máximo. Esse artesanato é feito geralmente por moças de casas de família, e o preço alto que é cobrado depende de seu gosto e criatividade. O artesanato de penas de aves colocado no comércio, geralmente como peças únicas, não possui, entretanto, uso prático.

Dizem que a coleção de peças da flora no Museu é muito preciosa, o que, porém, não tenho condições de avaliar. O que chamou muito minha atenção foi a rica coleção de lâminas de madeira, que realmente surpreendem pela beleza das cores e do desenho.

Deixando o Museu, seguimos para a Praça da Aclamação, situada à frente dele. A denominação é recente, pois foi dada pela República; essa praça, outrora objeto de particular desvelo do imperador, levava seu nome. Ao mudar de nome, a República pensava ao mesmo tempo em apagar todas as características do Império, e nesse sentido a expôs a um ridículo vandalismo. Para citar um desses “melhoramentos”, nas colunas de ferro rendilhado da grade que cerca o jardim, por exemplo, existiam brasões nacionais com a coroa do império. Os brasões foram deixados, mas subtraídas as coroas. Assim, no lugar delas restaram atualmente feios

---

98 O equivalente a cerca de R\$ 66.200,00 (ago. 2009). (N. da T.)

buracos. De modo idêntico, as lanternas sofreram as mesmas subtrações: no lugar das coroas, foram colocadas agora bolas de latão.

É evidente que a República se esforça em apagar todos os vestígios da monarquia, mas o seu pedantismo republicano foi ao ponto de negar-se a dar qualquer apoio e auxílio a algumas centenas de famílias de indigentes, para as quais o nobre monarca prestava auxílio com fundos particulares, para que eles não morressem de fome.

Voltemos, porém, à praça. Ela não é tão imponente como o Jardim Botânico, principalmente porque não ocupa área tão grande, mas constitui belo ornamento da cidade e à noite, quando a canícula diminui, é um lugar muito agradável para passear. É uma praça com árvores, palmeiras, azaléias harmoniosamente arranjadas em gramados e canteiros. Um engenheiro local construiu aqui uma gruta artificial de estalactites, que se torna abrigo agradável a transeuntes quando o calor é intenso, graças a um curso de água habilmente instalado. Na frente da gruta, imitações de árvores, fantásticamente arrumadas, e pedras executadas em cimento por artesãos servem ao mesmo tempo de passadiço sobre o tanque ali instalado.

Do lado oposto à Praça da Aclamação, encontra-se o Corpo de Bombeiros, cuja habilidade e valentia são o orgulho dos cariocas.

Inestimável em sua amabilidade, Álvares preparou-me aqui uma agradável surpresa. Quando entramos no quartel dos bombeiros, o comandante, previamente avisado por Álvares, tocou o alarme. Dado o sinal com toque de trombeta, abriram-se automaticamente as portas das estrebarias e a todo galope saíram trinta pares de mulas já com os arreios. Cada par colocou-se ao lado do varal do seu carro com mangueiras ou barris, o qual num piscar de olhos foi atrelado pelos bombeiros. Do momento em que foi dado o sinal, não levou um minuto contado com o relógio na mão, e os bombeiros estavam prontos para partir.

Os bombeiros são recrutados geralmente entre índios, o que logo se nota pelos traços fisionômicos, ou outros chamados “caboclos”. Eles são tidos como os mais ágeis para este tipo de serviço. Quando não estão atendendo a chamado, ficam fazendo exercícios continuamente. As mulas também recebem treinamento.

Graças ao perfeito treinamento dos bombeiros e à admirável rapidez, assim como à ótima comunicação telefônica com bairros distantes, os maiores incêndios, apesar do intrincado das casas da cidade, são raros. Deve-se acrescentar, ainda, que todos os mais modernos melhoramentos foram aqui adotados: por exemplo, em cada destacamento do corpo de bombeiros – existem quatro deles no Rio – há um hidrômetro, que indica a quantidade de água existente em cada bairro em dado momento, sendo esta trazida à cidade de até três pontos distantes a algumas dezenas de quilômetros.

E por falar em singularidades da capital brasileira, deve-se antes de tudo mencionar a Santa Casa de Misericórdia, edificada na Rua Santa Luzia. Esse hospital surgiu de maneira bastante original.

Dom Pedro II – conhecendo bem a vaidade dos brasileiros e sua paixão pelos títulos e medalhas – resolveu explorar essa tendência a favor de uma obra de caridade. Depois de ele próprio destinar uma soma polpuda para a construção do novo hospital, a obra distinguiu os doadores com diversos títulos e condecorações de acordo com a importância. Graças a isso, o número de condes, viscondes, barões, comendadores e cavaleiros aumentou em grande número no Brasil, mas em compensação o Rio possui um dos magníficos hospitais do mundo.

Dessa maneira, se conseguiu reunir aproximadamente 2.000 contos de réis,<sup>99</sup> que pelo valor da moeda brasileira na época representava uma soma de mais de quatro milhões de francos. Com esse dinheiro foi construído um enorme edifício de 10.000 metros quadrados, com acomodação para 1.200 leitos. Todas as exigências modernas de higiene hospitalar foram ali adotadas. As paredes das salas espaçosas, altas e bem iluminadas são revestidas de azulejos até a metade da parede. As camas largas e confortáveis são colocadas a boa distância umas das outras, e cada uma é protegida por um cortinado de algodão branco. Os espaçosos corredores, envidraçados, servem de passarela para os convalescentes. A farmácia, ambulatórios, rouparias, cozinhas e lavanderias são instaladas de forma cômoda e confortável. Mas o que me causou grande admiração foi o sistema de ventilação. Graças a ele não se sente o odor característico de hospital. A

---

99 O equivalente a cerca de R\$ 66.200.000,00 (ago. 2009). (N. da T.)

ordem aqui é exemplar, tudo tinindo de limpo. O hospital é atendido pelas Irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo, que, como em toda a parte, aqui também são anjos protetores dos doentes.

Infelizmente, os dois outros hospitais do Rio, o São Sebastião e São Francisco Xavier, onde geralmente são internados os doentes de febre amarela, simplesmente não são nem um pouco parecidos com a Santa Casa de Misericórdia. Por isso, nos meios mais carentes do povo circula a fama de que todos os que lá se internam infalivelmente morrerão.

Inúmeras vezes fui abordado aqui na Polônia por pessoas que me fizeram perguntas sobre a natureza da febre amarela; por isso gostaria de dar, nesta oportunidade a descrição dessa virulenta doença, de modo pelo menos superficial. Naturalmente ninguém pode exigir de mim exatidão de patologista; por isso, passo a relatar tão somente o que vi e ouvi com olhos e ouvidos de leigo.

A febre amarela (*Febris amarella*) no Rio não é uma epidemia contínua, mas propaga-se principalmente no verão e no outono, mais ou menos de fevereiro a maio. Este ano, excepcionalmente ela se prolongou por mais tempo, de maneira que – quando eu estava deixando o Brasil em meados de junho – ela ainda grassava em sua fase maior.

Os primeiros sintomas dessa peste consistem em provocar leves mas características dores de cabeça e nas pernas, uma quebraadeira nas costas e nádegas. Desde os primeiros momentos, a pele do doente torna-se amarela, daí, parece-me, se origina o nome da doença. Em seguida vem a febre muito forte, vômitos e a perda dos sentidos. O socorro, nem sempre eficaz, só é possível nos primeiros quinze minutos e consiste em remédios depurativos violentos, que também provoquem suores. Geralmente a morte sobrevém em doze horas, porém acontece, às vezes, o doente lutar durante dois ou três dias, entre a vida e a morte. Contudo, quem suportou este último estágio geralmente consegue sobreviver. Para os estrangeiros a febre amarela é mortífera em 80% dos casos.

Contaram-me um detalhe singular: em tempo de chuva, os doentes morrem, mas ao mesmo tempo, se alguém sobrevive, depois de alguns dias a febre diminui, e a possibilidade de tornar a contraí-la também é mais rara.

Não existem, na realidade, meios de preveni-la.

Os médicos, contudo, recomendam levar uma vida calma e sujeita a dieta durante o tempo da epidemia, evitar frutas e bebidas estimulantes, bem como refrigerantes, mas sobretudo evitar a permanência na cidade, desde o começo do entardecer até o amanhecer. Mesmo assim acontecem casos de pessoas que observam todos esses cuidados e são vítimas dessa peste.

O foco principal da doença se instala no fígado.

Outra doença, muito presente entre os moradores do Rio, é o chamado beribéri. Ela se manifesta por inchaço no corpo inteiro de maneira violenta e monstruosa, acompanhado de dores horríveis e geralmente, após duas ou três semanas, ocorre a morte.

A medicina ainda não descobriu remédio tanto para a febre amarela quanto para o beribéri. Dizem que o único meio eficaz consiste em permanecer alguns dias no mar. Constatou-se que os doentes que fizeram viagem do Rio à Bahia, no espaço de quatro dias chegavam ao local já sãos sem recorrerem ao uso de qualquer medicamento. Em ambas as doenças, a convalescença é muito demorada e penosa.

Devido a essas horríveis condições de higiene, quem possui recursos financeiros foge para fora da cidade. Por esse motivo toda a população abastada reside nos subúrbios e arredores do Rio. O lugar preferido dos ricos da capital é o bairro da Tijuca, assim denominado em razão do mais alto pico com esse mesmo nome, na serra que circunda o Rio.

Distante uns sete quilômetros, começando num declive quase imperceptível, segue uma larga rua que tem de ambos os lados magníficos palacetes e residências. Esses prédios, sob o aspecto do estilo e estética, deixam muito a desejar, pois são geralmente espalhafatosos, mas em compensação se apresentam com diversificada originalidade. Os jardins, com toda a riqueza da flora tropical, aumentam particularmente o encanto dessas construções.

Pela manhã, perto das nove horas, os moradores desse bairro se dirigem a cavalo, de bonde ou com carruagens próprias ao centro da cidade, onde seus afazeres e compromissos os detêm até as quatro horas da tarde, e é quando a capital começa a se esvaziar, voltando todos para as residências fora da cidade. Lá ficam apenas os pobres ou aqueles que são obrigados a trabalhar até tarde da noite para ganhar o pão de cada dia.

Lastimei muito que justamente nesse dia a neblina cobrisse a cidade, a baía e os morros vizinhos. A paisagem vista de cima do cume já não foi tão imponente, mas de qualquer forma pude ter a impressão de quão esplêndido é o panorama que se estende diante dos olhos, não tão amplo como o do Corcovado, mas em vez disso, mais pitoresco e com belos detalhes que valorizam o ambiente encantador.

É surpreendente o fato de que a floresta aqui não foi tocada por mão humana; por isso, ao lado de rebuscadas obras do homem desejoso de luxo e conforto, pode-se apreciar a natureza primitiva, convivendo lado a lado com toda a majestosa fantasia humana.

Em meio dessa natureza selvagem, está situado o Hotel Vila Moreau, onde nos hospedamos, e a ele se chega de bonde numa hora e quinze minutos desde o centro da cidade. A maioria dos estrangeiros procura abrigar-se aqui da febre amarela. Infelizmente o fluxo de hóspedes é tão grande que pode considerar-se de sorte quem consegue alojamento. No sopé da Tijuca, existem ainda dois outros hotéis: o Brasil e o Weita, ambos igualmente lotados, como o Vila Moreau.

Depois da Tijuca, outro lugar igualmente privilegiado para morar é o bairro Vila Isabel.

Ao seguirmos até lá, passamos próximo do Hipódromo. Álvares, que é esportista fervoroso, me esclareceu que as corridas de cavalos constituem um dos maiores divertimentos dos moradores da capital. Também existem aqui cinco sociedades que realizam corridas, e – como nenhuma estação do ano lhes oferece obstáculo – quase não passa semana sem que se realize uma ou duas corridas hípcas.

Na maioria dos casos, os cavalos, os melhores exemplares, são importados da Europa, pois as várias sociedades não economizam para isso.

As corridas não têm qualquer influência sobre a criação de cavalos, a qual ainda se encontra em estado primitivo no Brasil. Os cavalos de montaria e tração para carruagens são geralmente trazidos da Argentina e custam caro. Ultimamente, o Estado do Rio Grande do Sul começou a se interessar pela criação de cavalos, mas ela até agora não se desenvolveu a ponto de satisfazer a demanda. No entanto, quase todas as mulas vêm

de lá. Uma boa mula custa entre 150 a 400 mil réis.<sup>100</sup> Como é natural, animais excepcionalmente belos têm preço mais alto.



*Vila Moreau na Tijuca.*

O hipódromo, tanto quanto pude ver de passagem, está instalado com luxo. Uma área muito grande é cercada de ripas. As tribunas, de muito bom gosto quanto ao estilo, são construídas na maior parte em ferro. Nos dias de corrida, uma condução especial traz os milhares de espectadores ávidos de emoções. Cada pessoa que chega se sente, antes de mais nada, na obrigação de jogar. Asseguraram-me que até mocinhas fazem sua fezinha com muito entusiasmo. Por isso há um sem-número de guichês de atendimento. Além do mais, empresários também aceitam apostas, sem falar nas apostas entre os próprios espectadores. Pelo que ouvi, fiquei convencido de que é principalmente a paixão pelo jogo que atrai as multidões ao hipódromo.

O bairro Vila Isabel não possui aparência tão soberba quanto o da Tijuca. Principalmente porque está situado numa planície e por esse

---

<sup>100</sup> O equivalente a cerca de R\$ 4.965,00 a 13.240,00, respectivamente (ago. 2009). (N. da T.)

motivo a vista não consegue abarcá-lo por inteiro. Falta-lhe também aquele ar selvagem, que tanto enriquece a paisagem tijuana. Os palacetes e residências não são menos suntuosos, porquanto os jardins estão repletos de belíssimos exemplares da flora tropical.

A corrida febril da construção, que está acontecendo no Rio em consequência do excessivo afluxo de população, influiu espantosamente na alta de preços dos terrenos mesmo nos subúrbios. Para citar um exemplo, serve o caso de Álvares, que mora numa bela residência em Vila Isabel: ofereceram-lhe 80 contos de réis<sup>101</sup> por um terreno de 2.000 m<sup>2</sup>, isto é, 140.000 francos. Contudo, ele não o vendeu, por achar o preço muito baixo.

A quem possui olfato muito sensível, aconselho que por nada deste mundo vá passar pela zona comercial próxima do porto do Rio. Ali, decididamente não se pode tirar o lenço do nariz. Nossos bairros de Pocijow, Gnojna, Franciszkańska ou Bugaj são o ideal de limpeza, ordem e ar puro em comparação com este recanto da capital brasileira. Ao mesmo tempo, esta é a parte mais antiga da cidade. Ela é cortada por ruas estreitas e sujas, e as casas não veem pintura há muito tempo. Lixo e detritos estão espalhados por toda a parte.

Existem numerosos armazéns, e por isso o movimento de carros de carga é tão grande que é quase impossível passar por ali. Depósitos de carne-seca, peixe e bacalhau, assim como destilarias de cachaça, exalam odores insuportáveis, e sobre tudo isso a fumaça das chaminés dos navios e das fábricas, o cheiro característico do mar e por fim as exalações dos bueiros tornam o ar atordoante. Apesar disso, garantiram-me que justamente essa parte mais repugnante da cidade é a menos sujeita à febre amarela. Presume-se que nem os micróbios – aos quais a medicina até agora mal pôde atribuir a causa da febre amarela – conseguem sobreviver naquela atmosfera horrível.

Várias providências foram tomadas para tornar limpa essa parte da cidade, mas pouco ou quase nada resolveram. Seria necessário demolir tudo e construir tudo de novo.

---

101 O equivalente a cerca de R\$ 2.648.000,00 (ago. 2009). (N. da T.)

Explicaram-me que atualmente o cais está bem melhor, mas nesse caso fico a pensar: que aspecto deveria ter antigamente, se – sendo “melhor” agora – já é horrível?!

Respirei, pois, mais aliviado quando, fora das docas, me encontrei na cidade, que sob todos os aspectos é mais interessante. O porto do Rio é um dos mais movimentados, já que todos os navios que vêm à América do Sul fazem escala aqui. Para tanto, foram construídas enormes docas de maneira que os maiores monstros marítimos possam encontrar aqui acomodação adequada em caso de necessidade. É um enorme leito, lavrado dentro de uma rocha alongada, com 60 m de profundidade e 175 de comprimento, fechado com portões de ferro, cuja água é bombeada por máquinas a vapor a fim de secar seu compartimento para as operações de reparo nos navios.

Tive a oportunidade de ver mais tarde o nosso infeliz *Portugal*, que, durante uma tempestade, perdeu uma das hélices na viagem entre Montevideu e o Rio e se viu obrigado a sujeitar-se a um conserto de sete dias.

As docas pertencem a uma sociedade anônima, que exige pagamento bem salgado pelos serviços prestados. Sua construção custou 3.000 contos de réis,<sup>102</sup> o que significa, no câmbio atual, mais de sete milhões de francos.

Devo ainda falar um pouco das igrejas do Rio.

A capital brasileira possui ao todo 36 templos. Porém todos eles não representam nada de particular interesse. Estão situados geralmente em ruas estreitas, apertados entre as casas de maneira que a fachada não sobressai. A catedral é a única igreja que se destaca; na verdade não é muito grande, mas é soberba pela sua magnífica cúpula bizantina. Infelizmente, ela se achava em reforma por ocasião de minha visita, assim não me foi possível conhecer o interior do templo.

Também é bela a igreja de Nossa Senhora Virgem Maria, situada na Rua Primeiro de Março. Sua fachada de estilo romano constitui verdadeiro ornamento da cidade.

---

102 O equivalente a cerca de R\$ 99.300.000,00 (ago. 2009). (N. da T.)

A maioria das igrejas peca no interior pela desordem, pobreza e abandono. A causa disso provém de serem as igrejas administradas pelas irmandades às quais interessa tudo menos servir à glória de Deus.

A maior parte dos membros dessas irmandades é maçom. No ano de 1886, os bispos procuraram estabelecer reformas nas irmandades e nesse sentido proibiram, antes de tudo, a participação de maçons. Em consequência, eclodiu uma ferrenha luta de cultos, durante a qual dois dos bispos foram mandados à prisão. Esse conflito durou mais de um ano e terminou, infelizmente, com a volta ao sistema antigo. Os maçons, tal como antigamente, ainda agora dominam as igrejas e seus bens, até mesmo grande parte da renda delas.

Por aí se pode imaginar que situações lamentáveis se criam como resultado desse fato.

O clero, com as mãos completamente atadas, de nada pode dispor dentro da igreja sem o consentimento das irmandades; mesmo quanto aos ofícios religiosos, a palavra decisiva é delas. Já aconteceram casos em que as irmandades, de acordo com seu capricho, fechavam igrejas e proibiam os padres de realizar a cerimônia religiosa. Estes últimos estavam sujeitos aos seus favores e desfavores.

Naturalmente, as irmandades não se preocupam em absoluto com a ordem, o asseio e a integridade das casas de Deus. Não prestam contas a ninguém do uso dos recursos e tiram das festividades o quanto podem de seu caráter religioso. Por isso, as igrejas se encontram numa falta de respeito revoltante. Entra-se nelas acompanhado de cachorros, fuma-se cachimbo no seu átrio. Durante as missas, o templo ecoa de tão vazio, mas em compensação, fora dela, ao som de música alegre, corre a tômbola, soltam-se fogos de artifício e se faz toda a sorte de divertimento.

Em vista desse estado de coisas, no Brasil inteiro reina um apavorante indiferentismo religioso.

Já me aconteceu encontrar pessoas cultas que não possuíam sequer as mais elementares noções sobre as bases da fé, isso sem falar sobre o conhecimento da prática e do ritual religiosos. Já ouvi pessoas sérias declarar na maior ingenuidade que, conforme as circunstâncias, decidirão a que religião pertencem.

Essa é uma ferida aberta na situação social brasileira, que só Deus sabe quanto tempo ainda ficará nesse estado doentio e que consequências provocará no futuro.

Como pretendo seguir para as províncias a fim de conhecer de perto o destino dos imigrantes, bem como as condições em que vivem e trabalham, achei por bem avisar sobre isso a Acióli de Vasconcelos, Inspetor-Geral da Imigração e Colonização, a quem já me havia apresentado anteriormente. Acióli é um homem de certa idade. Embora, dizem, professe as regras da monarquia, mesmo assim a República reconheceu nele inestimável experiência de longos anos, deixando-o permanecer no antigo cargo. Pessoalmente, nada tenho a acusar o inspetor-geral; muito pelo contrário, em relação a mim, ele se mostrou muito bondoso e cordial o tempo todo. Observei, entretanto, que ele é partidário da imigração maciça, sem levar em consideração a maneira e os meios que a motivam, declarando, em princípio, que sempre uma parte dos imigrantes se estabelecerá no Brasil, sem se levar em conta aqueles que sucumbirão ou voltarão para a Europa. Resumindo, ele me deu a impressão de um burocrata rotineiro, míope, embora honesto.

A minha intenção de conhecer as províncias não foi, na verdade, recebida com entusiasmo por Acióli, mas com bastante amabilidade, o que fica provado pela oferta que me fez de passe livre em trens e navios, bem como qualquer ajuda que fosse necessária da parte das autoridades e departamentos de imigração e colonização locais. Da primeira oferta me esquivei delicadamente, julgando que ela pode em consequência causar-me embaraços e eu até correr o risco de ser considerado ingrato. Quanto à segunda, limitei-me a fazer um pedido para que não me colocassem obstáculos de nenhuma espécie. Graças às relações que consegui travar nas províncias de São Paulo e do Paraná, não me foi necessário recorrer nem à proteção nem à intermediação dos departamentos de colonização; mas devo confessar que eles por sua vez não me criaram obstáculo em momento algum. Eu entrava livremente nas casas dos imigrantes, visitava colônias, conversava com os imigrados, interrogando-os sobre detalhes com a maior liberdade.

Fiz outra visita semelhante a Fanor, diretor de uma das numerosas companhias colonizadoras, a Companhia Metropolitana, que, no Estado do Paraná, possui extensas regiões para colonização.

Fanor, homem extremamente hábil e esperto, se apresentou, propondo primeiro uma visita às colônias já estabelecidas, com o objetivo de certificar-me que o sistema colonizador adotado pela companhia, o clima local e o solo eram adequados à fixação de imigrantes poloneses. Propuseram-me fazer essa jornada à custa da Companhia, com o que também não concordei, porém aceitei de bom grado a oferta do secretário da Companhia para acompanhar-me. Homem muito agradável e ao mesmo tempo um talentoso literato, Vítor Nestor<sup>103</sup> deveria servir de guia para mim na viagem pelo Paraná. Por isso, como antes deveria viajar para o Estado de São Paulo, combinamos o dia em que o Nestor chegaria a Santos, de onde partiríamos de navio para prosseguir viagem.

Como os candidatos à volta para a Polônia já estavam escolhidos, e a entrega das passagens para eles ficara a cargo de Glinka, nada mais eu tinha a fazer no Rio.

Resolvi viajar a 2 de maio.

Não fosse a separação do querido companheiro de viagem, o dia de minha partida teria sido muito agradável, pois a capital brasileira tem isso de particular: alguém chega a ela com curiosidade, mas dela se despede sem saudade e com o desejo ardente de não voltar lá pela segunda vez.

Fim da primeira parte.<sup>104</sup>

---

103 Assim está no original; mas o nome desse paranaense é efetivamente Nestor Vítor, nascido em 1868 e falecido em 1932, segundo SAMWAYS (1988, p. 23). (N. da T.)

104 No original está “Fim do primeiro volume”. O texto acima foi adaptado ao formato desta edição, em apenas um volume (N. da T.)



## II PARTE



.....

*I*

PARTIDA DO RIO – RECORDAÇÕES – ESTRADA – REFLEXÕES – SÃO PAULO – PRIMEIROS CONTATOS – POLONESES ESTABELECIDOS HÁ MAIS TEMPO – IMIGRANTES NOVOS – CONDIÇÕES DE TRABALHO – SALÁRIOS – PREÇOS – TRABALHOS EXTRAS – O IDEAL DA VOLTA – SAUDADE – NA IGREJA

São Paulo, 8 de maio.

*Q*

UEM se dignou ler minhas anotações sobre o Rio certamente adivinhará a sensação de alívio em que me encontrei, 12 dias após, no trem que deveria levar-me para São Paulo. Estava deixando para trás essa insuportável canícula e clima que, como chumbo, pesava sobre minha cabeça; estava deixando para trás também a lembrança daquelas cenas de evidente infortúnio que presenciei, de apertar o coração, diante das quais me senti desesperado. Enfim estava fugindo do horror da febre amarela, que este ano teimosamente se prolongara por mais tempo que de costume, espalhando sua ação mortífera. Além disso, um pensamento me deprimia dolorosamente: acima de tudo, era o fato de uma força maior me ter separado de meu caro e nobre companheiro; depois de ter ele resolvido o principal problema, sua saúde não lhe permitiu prosseguir a jornada pelo Brasil. Senti com pesar o quanto irá me faltar a cada momento esse inigualável coração, essa nobre e serena alma, com o qual até agora eu dividia todos os difíceis, tristes e dolorosos momentos. Uma pena! Fiquei sozinho!

Quanto mais me distanciava no trem correndo a incrível velocidade tanto mais sentia o ar refrescante, que me permitia respirar mais aliviado, a plenos pulmões.

A estrada, cavada entre rochas, verdadeira obra-prima do trabalho e gênio humanos, serpenteava por entre rochedos, descortinando a cada curva um novo panorama de incomparável beleza. Podia-se ver esse estranho contraste entre a natureza selvagem, ainda não dominada pela mão humana e pelo florescente progresso; áreas imensas de florestas virgens pareciam compacta massa verde-escura emaranhada de cipós, ao lado de plantações de café, milho e cana-de-açúcar. Não podia entender o enorme esforço e persistência que foram necessários para a mão do colono, armada apenas de foice e machado, poder arrancar dessa imensidão verde um pedaço de terra e torná-lo adequado para o plantio. Quantos não haviam sido sacrificados antes de quem hoje colhe os frutos do trabalho insano dos antecessores!

Às 7h da noite, eu já me achava em São Paulo. Depois de algumas horas de procura, finalmente encontrei um hotel e lá, em parceria com um brasileiro, consegui alugar algo que aparentava ser um quarto.

Se acontecer a alguém, como a mim, que o destino leve ao Brasil, aconselho que muito tempo antes de partir durma no chão; assim, ser-lhe-á mais fácil se acostumar com a cama brasileira, que é um verdadeiro leito de torturas. E, por Deus!, também deixe na Europa todas as perspectivas de conforto, e, quanto ao estômago, traga emprestado um de avestruz. Do contrário, inúmeros pequenos aborrecimentos e incômodos, que às vezes deixam marcas dolorosas para muitas pessoas, o estarão aguardando.

São Paulo é a capital da antiga província, que atualmente é um estado com o mesmo nome. Não resta dúvida que se trata da mais rica região de todo o território brasileiro graças ao solo fenomenal e às plantações de café, produto que no momento chegou a preços fabulosos. Disso, porém, tratarei mais extensamente adiante.

Há apenas dez anos, São Paulo contava com aproximadamente 40.000 habitantes; hoje, porém, já possui mais de 130.000. Fixou-se aqui um grande número de imigrantes alemães, tantos que sem exagero esta

cidade pode se chamar de meio alemã. Eles até conseguiram que um dos seus fosse eleito deputado na Assembleia Estadual.

A riqueza desde estado e o enorme crescimento da cidade fizeram com que em São Paulo tenha se formado o núcleo do separatismo, que, mais cedo ou mais tarde, certamente desmembrará a atual República brasileira em numerosas repúblicas autônomas menores. Ou seja, como antes eu já havia demonstrado, é a consequência inevitável das condições de estagnação em que se encontram os atuais “Estados Unidos do Brasil”.

Além de alemães, vivem em São Paulo italianos e portugueses, e de dois anos para cá, em número expressivo, os nossos emigrantes.

Apenas caminhei alguns passos pela rua e já dei com um rosto sobre o qual jamais poderia equivocar-me quanto à sua origem.

Era um andrajoso, um miserável camponês da Polônia.

– Deus seja louvado – disse eu. – De onde vens, irmão?

– Oh!, por Deus! – ouvi em resposta – por todos os séculos dos séculos! – E no mesmo instante o homem se prostrava aos meus pés, soluçando e rindo alternadamente, com aquele riso em que havia mais dor que nas próprias lágrimas.

Esse foi o meu primeiro cicerone. Há dois dias ele havia fugido da colônia, onde sepultara a sua mulher e seus dois filhos, vindo para São Paulo, maltrapilho e magro, com feridas nas pernas, com os outros dois filhos que lhe restaram. Sua roupa rasgada deixava aparecer o corpo nu através dos buracos. Levou-me até uma família polonesa, que lhe dera abrigo. De lá pude entrar facilmente em contato com outros poloneses.

Atualmente, existem em São Paulo mais de 1.000 imigrantes poloneses. Entre eles, conheci alguns que vivem aqui há mais tempo, que são os sapateiros Gawronski e Furmankiewicz, procedentes da região de Tarnow, gente muito trabalhadora e prestativa. Igualmente aqui se fixou, vindo recentemente da Argentina, o engenheiro eletrotécnico Bloch, assim como Szedzowski, ambos sinceramente interessados em cuidar do destino dos seus conterrâneos. Graças à gentileza e solicitude deles, me inteirei rapidamente, e com todos os pormenores, do destino dos nossos emigrantes aqui.

Realmente, eles dão uma impressão completamente diferente daqueles coitados lá do Rio.

Antes de tudo, o bom clima faz com que não se depare com aqueles rostos e figuras esgotadas e macilentas, com que a própria aparência testemunha a enormidade de sua infelicidade. Ademais, em consequência do crescimento incomum da cidade, aqui é mais fácil encontrar trabalho principalmente para operários de profissão definida.

Contudo eles não devem se iludir com as aparências nem com a atual situação vantajosa, porque basta puxar uma conversa para constatar que se trata de situações isoladas em que circunstâncias favoráveis ou felizes ocorrências os fizeram privilegiados da sorte; mas é uma pequena porcentagem em relação aos que sucumbiram sob os golpes do infortúnio na nova terra.

A história de cada um deles é apenas capítulo de um autêntico drama que lembra a história do náufrago que se salvou, enquanto dezenas de outros se afogaram.

Todos chegaram à procura da felicidade nestes “campos paradisíacos do Brasil”, atraídos pelas promessas dos agentes que lhes acenavam com ouro e fartura. A miséria, as doenças e o fantasma da fome os expulsaram da terra natal. Depois de longas lutas, conseguiram aqui conquistar o pão de cada dia.

– Deus teve piedade de nós – dizem em meio a lágrimas amargas – e assim estamos vivendo; mas talvez algum dia, como filhos pródigos, voltaremos para o meio dos nossos.

Há uma coisa que é evidente: o sonho da volta à terra natal é o único incentivo de cada imigrante. A primeira pergunta que fazem é: “Quanto custa a passagem, mesmo que fosse só para a Itália? Porque de lá, mesmo a pé, pedindo esmola pelo caminho, chegaremos à Polônia.” Cada um deixa inclusive de comer para juntar algum dinheiro para os sonhados “custos da passagem”.

– Vou ficar aqui ainda... meses – dizia um deles – porque já tenho tantos mil réis, e, se Deus me der saúde, então terei o suficiente para partir.

É preciso convir que as condições de vida em São Paulo são muito melhores que as do Rio. Um simples operário ganha em média

2.000 réis<sup>105</sup> por dia. Profissionais como sapateiros, serralheiros, pedreiros ou ferreiros recebem 3, 4 e até 5.000 réis.<sup>106</sup>

O custo de vida daqui é quase o mesmo que o do Rio: um quilo de carne, por exemplo, custa de 400 a 500 réis<sup>107</sup>, um pãozinho de farinha de trigo – 320 réis<sup>108</sup>, o de farinha de milho – 280 réis<sup>109</sup>, o alqueire<sup>110</sup> (50 litros) de batatas – de 8 a 12.000 réis.<sup>111</sup> Por um pequeno cômodo, o aluguel é de 30.000<sup>112</sup> réis mensais.

Mas a roupa é muito cara. O terno mais simples custa entre 40 e 50.000 réis.<sup>113</sup> Um par de sapatos, de 9 a 12.000 réis.<sup>114</sup> Resumindo, aqueles que deixaram as suas famílias na Europa podem sobreviver e até mesmo economizar algum dinheiro para a volta; mas aqueles que vêm sobrecarregados por uma família numerosa, exceto os felizes privilegiados, ganham apenas para manter-se. Muitos superam a escassez da miséria com atividades alternativas extras. Como é do nosso conhecimento, os operários das nossas fábricas de Lodz, Tomaszow e Zyrardow, formam o grande contingente de imigrantes. Estes não encontram aqui nenhuma colocação, a não ser como simples operários. Eis alguns exemplos de como um ou outro conseguiu arranjar-se.

---

105 O equivalente a cerca de R\$ 66,20 (ago. 2009). (N. da T.)

106 O equivalente a cerca de R\$ 99,30, 132,40 e 165,50, respectivamente (ago. 2009). (N. da T.)

107 O equivalente a cerca de R\$ R\$ 13,20 a 16,55, respectivamente (ago. 2009),. (N. da T.)

108 O equivalente a cerca de R\$ 10,59 (ago. 2009). (N. da T.)

109 O equivalente a cerca de R\$ 9,27 (ago. 2009). (N. da T.)

110 Assim está no original. No entanto, HOUAISS (2001, s.v.) define alqueire como “antiga medida de capacidade us. sobretudo para cereais, mas de volume variável (na região de Lisboa equivalia a 13,8 litros)”. ROCHA FILHO (1988, 29 e 77), com base em documento histórico, estipula que “1 alqueire, ‘unidade de volume legal no Brasil do século XIX’, são 36 litros e 27 centilitros (36,27L)”. (N. da T.)

111 O equivalente a cerca de R\$ 264,80 a 397,20, respectivamente (ago. 2009). (N. da T.)

112 O equivalente a cerca de R\$ 993,00 (ago. 2009). (N. da T.)

113 O equivalente a cerca de R\$ 1.324,00 a 1.655,00, respectivamente (ago. 2009). (N. da T.)

114 O equivalente a cerca de R\$ 297,90 a 397,20 (ago. 2009). (N. da T.)

B., de Lodz, trabalhou como pedreiro. Suas forças foram diminuindo; senti que não poderia continuar nessa atividade. Um dia ele aprendeu a fazer massa para janelas; então com as economias, comprou o diamante, alguns vidros, fez uma caixa de madeira, aprendeu a apregoar em português “Olha o vidraceiro!” e dessa forma percorre as ruas da cidade e vai ganhando os seus 4 a 5.000 réis<sup>115</sup> por dia.

Um outro, também de Lodz, tem um filho aleijado, o qual toca violino nas ruas, ganhando assim o sustento para a família inteira. Mas pode-se bem imaginar que isso é uma atividade lamentável para manter-se.

N., da região de Kalisz, trabalhava com peles, mas se transformou em alfaiate de senhoras.

Já encontrei também um costureiro que se tornou relojoeiro. Na verdade dizem que os relógios que passam por suas mãos não andam, mas sempre vai ganhando a vida de forma modesta. Infelizmente, não levará assim muito tempo, pois o coitado sofre de tuberculose.

Eu poderia citar muitos exemplos desse tipo, mas bastam esses para se ter ideia das chances de ganho. Todos, a bem dizer, não só trabalham como também vivem instáveis, sem esperança de futuro melhor, com o único propósito de retorno mais rápido. Não encontrei nem um sequer, mesmo entre aqueles que estão progredindo, que não contasse os dias de permanência no Brasil. A cada um deles, quando não é a miséria ou o infortúnio, é a saudade que terrivelmente os atormenta, fazendo-lhes falta o apoio moral e religioso.

Pode-se fazer ideia da grande alegria que surgiu entre esses coitados ao se reunirem na igreja dos padres salesianos, para assistir à santa missa, ouvir o sermão e poder confessar-se. Não vou descrever aquele momento tão comovente, porque isso até agora é difícil inclusive para mim. Infelizmente, todo o meu estoque de lembrancinhas religiosas já tinha se esgotado. Cada um queria possuir algo da terra natal; agora, não sei como lhes irei negar?!

Não sei dizer se foi a imagem da miséria no Rio que me tornou mais insensível, mas me senti um pouco mais tranquilo aqui.

Pelo menos não vi aqui aquele horror da morte.

---

115 O equivalente a cerca de R\$ 132,40 a 165,50, respectivamente (ago. 2009). (N. da T.)

.....

## II

CASA DO IMIGRANTE – PRIMEIRA IMPRESSÃO – NARRAÇÃO UNÍSSONA – LAMENTÁVEIS INFLUÊNCIAS – MOMENTO CRÍTICO – CONVERSA COM O DIRETOR – HOSPITAL – VERDADEIRO DESESPERO – EM TERRA APROPRIADA – O ADEUS

**C**ERTAMENTE estava marcado no meu destino que eu não teria sossego por muito tempo aqui, no Brasil. Escrevi as anotações anteriores com disposição bastante tranquila. Pelo menos, o que tinha visto aqui, em São Paulo, não me pareceu tão deprimente como lá no Rio. Minha estada na Casa do Imigrante<sup>116</sup>, apesar de ter sido avisado, ultrapassou tudo o que eu poderia imaginar em profundidade de pobreza, principalmente a moral. Não sei se conseguirei descrever fielmente minhas impressões, mas de algo estou certo: saí de lá atordoado de dó e de tristeza.

Às 2h da tarde, depois do almoço, em companhia de Bl. Gawr. e Szel, fomos à Casa do Imigrante, aqui chamada simplesmente “Imigração”.

É um prédio de grandes proporções, com ótima aparência externa.

Construído em 1888, no subúrbio de Mooca, dele os paulistas sentem orgulho, e em qualquer livro sobre o Brasil se encontra alusão elo-

---

116 O prédio ainda existe, atualmente restaurado, com a denominação de Memorial do Imigrante ([www.memorialdoimigrante.org.br](http://www.memorialdoimigrante.org.br)), na R. Visconde de Parnaíba, 1.316, São Paulo, SP. Os dados do A. nem sempre coincidem com os desse *site*. (N. da T.)

giosa ao “Portal da Felicidade dos Emigrantes”. Basta, porém, transpor o portão do muro que cerca o prédio para se convencer de quanta tristeza se esconde por detrás destas imponentes paredes. Nada sei quanto aos outros imigrantes nem tampouco quanto ao seu sentimento por este local em que eles ficam, mas somente desejo descrever o que vi sobre os nossos e sobre o destino deles. Pelos corredores encontrei grupinhos desses coitados. Assim que me viram, chegaram-se ao meu redor de maneira que – ao subir as escadas para o primeiro andar – o grupo todo foi me acompanhando. Sabiam da minha chegada e imaginavam que eu viera salvar a todos. Infelizmente, fui obrigado a tirá-los desse engano.

Por fim entramos numa sala enorme, onde, no chão, se sentavam 500 famílias, umas cobertas por trapos, outras nuas. O ar, o cheiro, indescritíveis. Quem conseguiu chegou-se do lado da parede a fim de pelo menos poder encostar a cabeça. Os outros estavam deitados no meio da sala. Restos de roupa rasgada ainda lhes cobriam o corpo maltratado e magro. Esse era mais ou menos o aspecto de cada um. As crianças pequenas se agarravam às mães, as mais velhas perambulavam pelos cantos. Tristeza, dor, decepção estavam gravadas em todos os rostos.



*Barracão de imigrantes.*

É difícil para mim reunir histórias isoladas; afinal todas elas são parecidas. Todos tinham sido trazidos até aqui. Cada um deles exigia o pedaço de terra que lhes fora prometido; então foram para a terra. E é ali que começa o infortúnio e a decepção!

– Que terra essa! – dizem. – É floresta e mais floresta! A gente não é capaz de cortá-la a machado, senão depois de levar alguns dias em cada árvore. E ela não cai nem depois de a cortar. A gente vai cortar a segunda, a terceira: todas continuam em pé, porque estão como que sustentadas por cordas grossas como o braço da gente, que são os cipós. Tudo isso cresceu junto, tudo está seguro pelos galhos entrelaçados, abraçados como um homem com outro.

– Dizem que é preciso queimar o mato.

– Mas queimar como, pois o fogo não pega no molhado, e por baixo é banhado. E mesmo que você consiga derrubá-lo e queimá-lo, daí vai levar meio ano para destocar as raízes de uma árvore.

– Estávamos morrendo de fome.

– Traziam comida toda semana. Mas que comida!? Era de virar a cara. Em nossa terra, nem porco poria isso na boca. Por outro lado, os vermes começam a nos comer. Não dá para ficar em pé, de tantas feridas. No corpo se aninharam bichos parecidos com lagartas.

– Uma criança morreu. Nem padre, nem cemitério. Então a gente fez como para um animal: cavou um buraco e jogou terra por cima. Logo depois morreu outra, contaminada! Minha mulher está ficando fraca. Eu mesmo já estou ficando debilitado. Então juntei o que ainda restou vivo e nos arrastamos dia após dia, até chegarmos aqui. Comecei a gritar e a xingar: “Deem as terras que nos prometeram, patifes, não essa selva, que até parece possuída pelo demônio. E onde estão a vaca, os bens, as ferramentas?” Tudo isso joguei fora, porque nos prometeram dar aqui coisa bem melhor.

– Eles ouvem, não dizem nada e só falam qualquer coisa entre eles. Mandaram que viéssemos para cá e esperássemos. Então estamos esperando deitados já há três meses, talvez até mais. Duas vezes trazem essa boia, de fazer a gente virar a cara, e a gente come para não morrer de fome. Isso aí deve ser bem ruim, porque a gente fica doente e as crianças morrem com os mosquitos. Dos que ainda andamos não sobrou nem a metade.

– Mesmo assim não sairemos daqui para essas florestas e banhados. Ou nos dão a terra, como prometeram, ou nos mandam de volta ou morreremos.

Esses são os casos narrados por eles, com pequenas diferenças todos são iguais. Quando um fala, os outros o interrompem. Cada um acrescenta um novo detalhe de sua desventura.

As mulheres se puseram ao lado dos maridos, chorando apenas com a lembrança das infelicidades e misérias vividas. As crianças ingenuamente repetem o que dizem as mães, e assim se forma um único gemido geral, um unânime choro desesperado!

Deve ter sido assim a visão do Purgatório de Dante.

Palavras de consolo foram inúteis; não é possível consolar. Pelo contrário, avivam ainda mais o desespero.

São, contudo, vítimas da desdita, desanimados, desesperados. Entre eles, porém, ouve-se de vez em quando uma voz grave. Não é um camponês, mas um morador de pequena cidade, que no meio desses coitados aflitos assumiu a posição de líder. Ele não lamenta, não chora, mas ameaça!

– Não é de consolo que precisamos – exclama com infernal arrogância – nem de conselhos, mas dinheiro. Um padre veio aqui, e apareceu acompanhado de um senhor, e trouxe 100 réis<sup>117</sup> para cada um. Se não é assim, então é conversa fiada.

– Talvez nem seja um padre – brada um outro, parecido com o primeiro – mas um espião disfarçado.

– Deus o livre! – interrompe um terceiro – eu conheço o padre de Varsóvia; quantas vezes o levei na minha charrete: é um sacerdote digno.

– Fique quieto – interveio o primeiro – você é igual a ele!

Começou a gritaria; de alguns lados chegavam ameaças dirigidas a mim. Meus acompanhantes ficaram apavorados.

– Gente, – clamei entre lágrimas – então vocês chegaram a esse ponto de receber assim o seu sacerdote, que veio aqui para ver a sua desgraça e levar para os outros a notícia do que vocês sofrem?

Ao certo, nem eu mesmo me lembro mais dessas palavras, mas me lembrei delas depois. Não era eu, a minha pessoa, que estava em questão, nem o desrespeito que me causaram, mas francamente fiquei petri-

---

117 O que consta no original são 100 réis, o equivalente a cerca de R\$ 3,31 (ago. 2009). (N. da T.)

ficado diante das influências a que esses coitados estão sujeitos. Devo ter falado horrores, porque num instante se fez um profundo silêncio e depois algo parecido, não a um choro, mas a um berreiro.

Mulheres e homens cercaram aqueles líderes e já não os vi mais. Senti que essa situação não poderia continuar mais dessa maneira, que alguma coisa deveria ser feita para impedir tais influências nocivas, que, mais cedo ou mais tarde, elas provocarão problemas para os outros.

Nesse momento, chegou um funcionário, convidando-me para o gabinete de Antônio Alves, diretor do Departamento da Imigração, que desejava falar comigo.

– O que fazer com essa agente? – pergunta-me Antônio, já na entrada. – Todos os recursos para obrigá-los a trabalhar foram inúteis.

– Os senhores estão colhendo os frutos de sua sementeira – respondi. – Seus agentes prometeram para essa gente ingênua coisas incríveis, eles chegaram aqui seduzidos. Agora estão vendo que foram enganados, traídos nas suas esperanças. É o desespero que fala por eles. Não há mais como resolver isso nem como persuadi-los. Mas, o que os senhores pretendem fazer com eles agora?

– Mais uma vez tentaremos obrigá-los a trabalhar. Se isso não adiantar, os levaremos à força para o navio e os desembarcaremos na ilha. Lá são obrigados a trabalhar!

Esse é o futuro que os espera.

O diretor prometeu que no dia seguinte, já pela manhã, isto é, no domingo, deixará sair todos para a igreja. Lá, pressenti, será o único lugar onde conseguirei conter a sua revolta, tranquilizá-los e talvez proteger ainda a todos esses coitados contra um perigo inevitável.

Quando saí do gabinete do diretor, fui barrado no meu caminho por pessoas que me pediram que eu administrasse a extrema-unção a alguns doentes. Dirigi-me ao hospital. Havia relativamente poucos doentes, cerca de 12 adultos e umas 15 crianças. Quero lembrar que antes tinha visto lá, na sala do imigrante, muitos dos que deviam estar hospitalizados, ou então que tinham recebido alta cedo demais.

Para quem nunca viu na vida um verdadeiro desespero, eu o mostrarei aqui, neste hospital.

Numa cama, junto à parede, agonizava uma menina de 16 anos. Aos seus pés, de olhar transtornado, estava sentada a mãe.

– Veja, padre – disse ela com voz abafada – já sepultei cinco. Na semana passada, morreu meu marido e agora até esta, Deus a está levando de mim!

Ao deixar o hospital mais ou menos uma hora depois, ainda dei uma passada pela cozinha. Encontrei caldeirões onde estava sendo cozido o arroz, e nas mesas havia carne cortada em pedaços. Disseram-me que isso era para os imigrantes. Não tive oportunidade de verificar.

No dia seguinte, desde bem cedo, a igreja dos salesianos estava repleta de gente. Não vou descrever os momentos que lá passei. Lamentei, porém, não poder me dividir em dez. Todos nos encontramos no ambiente certo, nos reconhecemos e nos entendemos, e tenho esperança de que Deus me dê força e eficiência nos meus frágeis esforços.

Perto do meio-dia, separamo-nos, cantando na despedida “Sob Vossa Proteção” (*Pod Twoja obrone*).<sup>118</sup>

---

118 Hino de invocação a N. S.<sup>a</sup> de Czestochowa, padroeira da Polónia. (N. da T.)

.....

### III

PLANTAÇÕES DE CAFÉ – A FEBRE DO CAFÉ – PREÇOS  
– ESPECULAÇÃO – ORIGEM DAS INFORMAÇÕES – CA-  
RACTERÍSTICAS DE TRÊS FAZENDEIROS EXEMPLARES  
– O TRABALHO DOS ESCRAVOS – O TRABALHO DOS  
BRANCOS – ACORDOS PRIMITIVOS – MUDANÇA DO  
SISTEMA – SALÁRIOS ATUAIS – SEU NÍVEL E ESPÉCIE DE  
TRABALHO – RESUMO GERAL – O IMIGRANTE POLO-  
NÊS NA FAZENDA – PRIMEIROS PASSOS – EXPERIÊNCIAS  
AMARGAS – DIMENSÃO GLOBAL DA DESGRAÇA E SUAS  
CAUSAS – O EXEMPLO DE PAULINO – SEM EXAGERO –  
IMPRESSÕES GERAIS

**N**ÃO resta dúvida que a vida numa fazenda, o trabalho, as condi-  
ções e os salários constituem o lado mais interessante da convivência dos  
brasileiros, tanto sob o ponto de vista econômico, quanto do social e até  
mesmo do ético. Como se sabe, o café é a mais importante fonte de riqueza  
do Brasil, e por isso, naturalmente, sua produção há muito tempo foi tra-  
tada com especial cuidado. Na verdade, apenas três províncias, a saber, Rio  
de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, possuem terras e clima adequados  
para o cultivo do café, mas é o bastante para que esse produto constitua  
90% de todo o valor da exportação brasileira; os outros produtos são a  
borracha, cultivada no Pará, e o fumo, na Bahia.

Primeiramente começou-se a plantar o café no Rio de Janeiro; por isso lá se encontram as fazendas mais antigas. Sua terra, porém, não é bastante fértil, para que depois de tantos anos pudesse produzir com tanta fartura como antigamente, sem muito investimento e trabalho. Em Minas Gerais, só a parte sudeste é adequada ao cultivo do café.

Por isso, a autêntica terra do café é atualmente a Província de São Paulo, possuidora daquela terra roxa fabulosamente fértil, terra róseo-avermelhada, cuja fecundidade ultrapassa realmente a de todos os tipos de solo até agora conhecidos. É uma argila de cor vermelho-escura, segundo me explicaram, com grande teor de potássio. Até agora, depois de mais de cinquenta anos, ela ainda não recebeu nenhum fertilizante auxiliar, apesar de o café ser o tipo de planta que esgota enormemente a fertilidade do solo.

Até há vinte anos, o cultivo do café – apesar de estar já bem desenvolvido – não constituía objeto de interesse tão febril e generalizado. Basta dizer que, há pouco tempo, o volume da exportação de açúcar, cachaça, extraída da cana-de-açúcar, e também do fumo superava o valor da exportação do café. Daquele tempo para cá, contudo, à medida que o preço do café começou a subir aumentou também sua produção. No decorrer dos últimos quatro anos, isso passou a acontecer com fabulosa rapidez.

Para provar isso, basta citar alguns números.

Em 1887, pagava-se por arroba de café de 6 a 7.000 réis.<sup>119</sup> O ano de 1889 – em consequência da abolição da escravatura e de previsões de que, por isso, houvesse mudanças nas condições de trabalho até então vigentes – motivou uma temporária estagnação. Os velhos fazendeiros tarimbados, temendo a falta de braços para o trabalho, começaram a vender as fazendas a troco de quase nada. No mercado consumidor de café, criou-se um verdadeiro pânico; os preços começaram a oscilar. Ninguém sabia o que o futuro lhes reservaria.

Tudo isso, porém, não era nada, comparado com o ano em curso.<sup>120</sup>

---

119 O equivalente a cerca de R\$ 198,60 a 231,70, respectivamente (ago. 2009). (N. da T.)

120 Trata-se do ano de 1891. (N. da T.)



*Fazenda de café*



*Tipo de negro de fazenda.*

Emancipados, os negros na sua maioria permaneceram nas fazendas, como trabalhadores livres, e além disso começou a imigração, em massa, da força de trabalho da Europa. Essa inesperada consequência da abolição da escravatura impeliu a todos de novo para o café. Os preços começaram a subir. Em 1890, já se pagava de 9<sup>121</sup> a 10.000 réis<sup>122</sup> por arroba. Os felizes compradores das fazendas duplicavam suas fortunas no espaço de meses, muitas vezes até em semanas. Citaram-me exemplos de fazendeiros aos quais foram oferecidos preços três ou quatro vezes maiores pelas mesmas fazendas, compradas há apenas poucos meses.

A febre do café tomara conta de todos. Em consequência dos estragos causados por um fungo virulento (*Hemilea vastatrix*) nas plantações de café no Ceilão e Java, o café brasileiro perdeu o concorrente. Além disso, simultaneamente, começou a queda da moeda brasileira. Os preços do café, então, cresciam fabulosamente. Quando se pagava 10.000 réis por arroba no começo da safra do ano passado, no final o preço já alcançava 11 e 12.000 réis.<sup>123</sup> Em janeiro recebia-se 13.000 réis,<sup>124</sup> em fevereiro e março 14 e até 15.

---

121 O equivalente a cerca de R\$ 297,90 (ago. 2009). (N. da T.)

122 O equivalente a cerca de R\$ 331,00 (ago. 2009). (N. da T.)

123 O equivalente a cerca de R\$ 364,10 a 397,20 respectivamente (ago. 2009). (N. da T.)

124 O equivalente a cerca de R\$ 430,30 (ago. 2009). (N. da T.)

Agora todos os recursos já estão esgotados. Os felizes possuidores do remanescente estão fixando preços simplesmente fantásticos. As coisas chegaram a tal ponto que hoje, nos armazéns de venda a varejo, pagam-se de 1.500 a 1.800 réis<sup>125</sup> por quilo, isto é, 22.500 a 27.000 réis<sup>126</sup> por arroba.

Cito esses detalhes para se ter ideia das condições em que se encontra atualmente a produção de café. Todos estão sob o efeito de uma verdadeira paranoia cafeeira. Cada pedaço de terra que ainda há pouco ficava ocioso, agora quem dispõe de mão-de-obra transforma-o em fazenda. Os preços destas ultrapassaram todos os limites. Para provar o que estou citando, vou apelar para o testemunho dos fazendeiros cujas plantações visitei.

O Barão Geraldo de Resende me mostrou sua fazenda na região de Campinas, comprada no ano passado por 110 contos de réis<sup>127</sup> (perto de 230.000 francos), pela qual lhe ofereceram, não faz muito tempo, 550 contos, mas, conforme ele disse, não aceitaria nem 700<sup>128</sup>, ou seja, perto de 1.300.000 francos.

José Negreiros, com quem percorri suas fazendas, comprou há 14 meses plantaçoão que hoje vale 1.500.000 francos por 200 contos<sup>129</sup> (350.000 francos).

Paulino Carlos de Arruda Botelho, da região de São Paulo, de quem fui hóspede durante dois dias, possui, em sociedade com os filhos, uma fazenda com 600.000 pés de café produzindo e mais de 400.000 com menos de 3 anos. O valor da fazenda inteira está calculado em 4.000 contos de réis<sup>130</sup> (7 milhões de francos.)

Nessas condições, naturalmente é fácil de imaginar a amplitude e a diversidade do campo aberto a especulações, principalmente aqui, onde o desejo de enriquecimento rápido está enraizado no sangue, e a febre de negócios especulativos arde em todos quase tanto quanto o sol brasileiro.

---

125 O equivalente a cerca de R\$ 49,56 a 59,58, respectivamente (ago. 2009). (N. da T.)

126 O equivalente a cerca de R\$ 744,75 a 893,70, respectivamente (ago. 2009). (N. da T.)

127 O equivalente a cerca de R\$ 3.641.000,00 (ago. 2009). (N. da T.)

128 O equivalente a cerca de R\$ 18.205.000,00 e 231.700.000,00, respectivamente (ago. 2009). (N. da T.)

129 O equivalente a cerca de R\$ 6.620.000,00 (ago. 2009). (N. da T.)

130 O equivalente a cerca de R\$ 132.400.000,00 (ago. 2009). (N. da T.)

Por isso, na Bolsa de Valores, segundo dizem, acontecem coisas inacreditáveis. O café equivale às nossas ações europeias. Nela, as pessoas ganham e perdem grandes fortunas.

Mas o meu objetivo não foi o conhecimento desses pormenores. Estou lembrando-os apenas de passagem, apoiando-me naquilo que ouvi. Todos compreenderão, contudo, que – diante do significado e do valor que a produção do café tem para o Brasil – o conhecimento mais detalhado das condições de trabalho na fazenda constitui talvez o mais interessante e o mais importante aspecto para qualquer pessoa que se dispõe a analisar, mesmo superficial e transitoriamente, a situação aqui existente.

Além disso, deve-se ainda acrescentar que a maioria dos imigrantes procura ter chance de sorte justamente na fazenda, e é para lá que eles se sentem atraídos não só pela esperança de um trabalho mais lucrativo, mas porque há numerosos agentes e intermediários que estão atentos em cada imigrante que chega. Este, mal põe os pés na terra, é assediado por eles, que procuram atraí-lo para este ou aquele fazendeiro.

Teoricamente, eu poderia conhecer uma fazenda através da obra de Kaergerer *Brasilianische Wirtschaftsbilder*<sup>131</sup> e de Santana Nery *Brésil en 1890*, ou de outros, em maiores ou menores brochuras, que comprei em Berlim e Paris. Além do mais, circunstâncias felizes me ocorreram a ponto de – desde o primeiro momento em que pisei no navio e durante todo o tempo da minha estada no Brasil – encontrar a cada passo brasileiros atenciosos, sempre prontos para prestar favores e informações. Dessa forma, consegui realmente, num espaço relativamente curto, reunir considerável cabedal de conhecimentos. Tampouco me cabe mérito quanto a isso, pois tudo foi resultado de excepcionais coincidências favoráveis.

Resolvi checar minhas hipóteses com o efetivo conhecimento *in anima vili*.<sup>132</sup> Aproveitando, portanto, minha estada em São Paulo, dediquei uma semana para visitar algumas fazendas. Para isso, encontrei maior

131 Em português, *Aspectos Econômicos do Brasil*. (N. da T.)

132 *In anima vili*, expressão latina, que significa literalmente *num animal*, referência ao fato de uma teoria ou conhecimento terem de ser experimentados concretamente. (N. da T.)

facilidade graças à inestimável gentileza de Gaad, um dinamarquês, e de José Negreiros, que conheci ainda no navio.

Antes de abordar esse assunto das fazendas e do trabalho que nelas se faz, devo dar o perfil, mesmo em traços gerais, de meus amáveis anfitriões, para, dessa maneira, proporcionar ideia mais exata sobre as condições das propriedades que visitei.

Dei meus primeiros passos em direção à propriedade do Barão Geraldo de Resende, proprietário de cinco fazendas na região de Campinas: Santo Antônio, Santa Genoveva e de outras três cujos nomes me esqueci de anotar. Geraldo tem pouco mais de 40 anos. Quando moço, viajou bastante pela Europa, é católico fervoroso e monarquista ardente. Sob muitos aspectos, eu poderia chamá-lo de Ludwik Gorski<sup>133</sup> brasileiro. Sua fazenda é exemplar, ou, como chamam aqui 'modelo', no mais amplo sentido da palavra. Todo o tipo de máquina e de invenção foi aqui aplicado. Ele é igualmente zeloso e solícito tanto pelas fazendas quanto pelos seus trabalhadores. Aqui encontrei somente italianos e apenas alguns alemães. O próprio Geraldo me levou para ver as habitações e me permitiu examinar detalhadamente as carteiras de trabalho durante os últimos três anos.

Minha segunda visita foi à propriedade de Paulino Carlos de Aruda Botelho, na região de São Carlos. Com mais ou menos 60 anos, é pai de 16 filhos, deputado do Congresso Nacional e considerado pela comunidade como um dos mais ricos fazendeiros da Província de São Paulo. Até os últimos tempos, ele presidiu o Partido Conservador. Poderia chamá-lo de idoso, nunca em sentido pejorativo. Não é entusiasta de reformas e mudanças, mas pelo que se faz aqui é sério e pessoa de destaque. Voltarei a falar sobre Paulino. Aqui, porém, encontrei 16 famílias polonesas e 35 trabalhadores, também poloneses. O restante é constituído por italianos. As fazendas de Paulino chamam-se Baixada, Ponte Alba, Invernada e Giasinga, mas a propriedade toda é chamada de Quebra-Canela, certamente por ser muito acidentado o terreno.

---

133 Ludwik Gorski (1867-1931), político polonês, formado em agronomia (Berlim). Participou do Conselho de Estado provisório e depois do Conselho de regência da República da Polônia. Deixando a política, dedicou-se a atividades agrícolas, constituindo significativo patrimônio. (N. da T.)

Finalmente meu terceiro anfitrião foi o advogado José Negreiros, conhecido do navio. Ele tem apenas 27 anos, porém já é casado há 9 anos e tem dois filhos. A uma indescritível amabilidade alia incomum inteligência, energia e grande disposição para o trabalho. Recentemente foi escolhido para ser eleito deputado para o Congresso pelo Estado de São Paulo, mas não aceitou essa honrosa indicação para o cargo, porque, segundo diz, não tem tempo nem experiência para entrar na política. Suas duas fazendas na região de Rio Claro – a Cafezal e Boavista – são testemunho de um trabalho heroico. A última, principalmente, que ele adquiriu em estado de abandono, apresenta incontestáveis provas de trabalho e progresso.

Pelo que antes apresentei, é fácil deduzir que vi o que há de melhor em São Paulo. Observei fazendas de três tipos, boas, se não exemplares. Não me iludo nem me iludiram de que os fazendeiros do tipo de Geraldo, Paulino e Negreiros constituem a absoluta maioria. Não vi fazendas ruins ou fazendeiros negligentes, mas pelas histórias que me contaram sobre isso, mais precisamente quanto ao destino miserável de nossos emigrantes, pude fazer uma ideia exata. E por isso também posso, com pleno conhecimento do assunto, descrever abertamente o quadro da vida e do trabalho numa fazenda.

Há apenas dez anos, a maior parte do trabalho numa fazenda era feito por escravos negros. Eles eram comprados ao preço de 600 a 1.000 réis<sup>134</sup>, e até mesmo por 1.200 réis<sup>135</sup>, de acordo com a capacidade e a força. O escravo não recebia salário, apenas alimentação, roupa, habitação e assistência. Nas propriedades de bons fazendeiros, eles tinham uma vida razoável. Houve até casos em que se criava um relacionamento patriarcal. Os negros não abandonaram seus senhores, quando bons, e continuam trabalhando até hoje, depois da abolição da escravatura, como trabalhadores livres. Seu trabalho, contudo, não pode ser comparado com o trabalho dos brancos, e, mais, eles vivem sem nenhuma previdência, não pensam no amanhã, gastam todo o salário com bebida ou para satisfazer a gula.

---

134 O equivalente a cerca de R\$ 19,86 a 33,10 respectivamente (ago. 2009). (N. da T.)

135 O equivalente a cerca de R\$ 39,72 (ago. 2009). (N. da T.)

Nas propriedades dos maus fazendeiros, o negro representava a força do trabalho, o animal de carga. Atrocidades e falta de qualquer sentimento humano eram patentes e normais no dia-a-dia. A história da escravidão no Brasil está escrita com sangue e lágrimas.

Mesmo naquela época, talvez prevendo aproximar-se a abolição da escravatura, ou ainda pela avaliação da superioridade do trabalho dos brancos, começou-se a dar o maior apoio possível à afluência destes ao Brasil. Desde 1871, a imigração começou a crescer constantemente, dia após dia.

Os primeiros imigrantes que aqui chegaram fixavam-se nas fazendas, com o trato de trabalhar a meias. Esse trato consistia em que o trabalhador com a família dele se obrigava a fazer, durante o ano inteiro, todo o serviço, ou seja, carpir, revolver a terra ao redor, limpar e colher o café, trazê-lo para a tulha e em seguida proceder ao tratamento final, etc. No final do ano, o fazendeiro calculava o montante do café colhido pelo trabalhador, vendia-o e descontava os custos da amortização do capital gasto com máquinas e comissões e a porcentagem devida: dividia então o saldo do dinheiro recebido com o trabalhador, metade para cada parte.



*Tipo de negra de fazenda.*

Um ajuste desse tipo sempre criava dificuldades e divergências. Os trabalhadores acusavam os fazendeiros de trapaças. A contabilidade ficava muito difícil, visto que, por norma, o café devia ser recebido ao natural, ou seja, recém-colhido, mas ele nem sempre era produzido de modo

uniforme. Em breve esse sistema de acerto foi abandonado e substituído por outro, que é praticado até hoje.

Atualmente, o trabalhador recebe, de acordo com o número de pessoas da sua família, certo número de pés de café novos e em produção. Esse número é muito difícil de definir. Ele está sempre sujeito a mudanças. A partir do que consegui constatar, uma família composta de quatro pessoas em condições de bom trabalho recebe, aproximadamente, de 5.000 a 7.000 pés de café em produção e de 2.000 a 3.000 pés novos. Às vezes, todavia, acontece que esses números podem ser menores ou bem maiores. Na fazenda de Geraldo, por exemplo, vi uma família italiana que recebeu apenas 3.000 pés, apesar de ser composta de cinco membros, ao passo que, na de Negreiros, encontrei uma família, também italiana, que contava com até três gerações, que recebeu 25.000 pés, 6.000 em produção e 2.000 novos são tidos como números normais.

O pagamento do trabalhador é feito de duas maneiras. Primeiro, pela limpeza, capinação e todo o trabalho relativo ao café, excluída a colheita, ele recebe a partir de 50 mil réis<sup>136</sup> por ano para cada mil pés. Esse é o pagamento fixo e, tanto quanto pude verificar, em todas as fazendas é igual. Na colheita paga-se por alqueire (50 quilos)<sup>137</sup> de café colhido *in natura*. Esse pagamento varia muito, mas em geral ele fica em torno de 300 a 400 réis<sup>138</sup> por alqueire. Nossos emigrantes me contaram de fazendeiros que tiveram o descaramento de lhes pagar 200 réis<sup>139</sup> por alqueire, aproveitando-se do desconhecimento dos preços por parte dos colonos.

As colheitas também influem no preço. Nos anos de colheita muito abundante, paga-se menos, e nas menos abundantes, mais.

Citarei um fato bem típico. Apesar do aumento vertiginoso dos preços do café, o salário do trabalhador continuou o mesmo. Kaergerer apresenta-os como sendo do mesmo valor e, às vezes, até maior do que os que encontrei. Os próprios fazendeiros confirmaram esse fato, acrescentando que – se o preço do café for mantido – então eles estão dispostos a

---

136 O equivalente a cerca de R\$ 1.655,00 (ago. 2009). (N. da T.)

137 Ver nota 1 no capítulo I desta II parte. (N. da T.)

138 O equivalente a cerca de R\$ 9,93 a 13,24, respectivamente (ago. 2009). (N. da T.)

139 O equivalente a cerca de R\$ 6,62 (ago. 2009). (N. da T.)

fazer, por colheita, um pagamento adicional ao atual, mas isso somente a título de gratificação, única e espontânea.

Sem dúvida, ao ler esses dados, logicamente se impõe a pergunta: afinal de contas, quanto é que ganha em média o trabalhador? A resposta exata é praticamente impossível, pois isso depende da abundância da colheita do café, bem como da dedicação e habilidade do trabalhador.

Devo mencionar aqui que o modo próprio de colher o café se realiza de três maneiras diferentes. A primeira consiste em passar a mão de leve sobre o ramo do café, acompanhado de adequado movimento dos dedos fazendo os grãos maduros cair no chão, sem danificar os ramos e as folhas. A segunda maneira é bater com um pau sobre os galhos. E por fim a terceira – hoje totalmente proibida e punida com severidade pelos fazendeiros – consiste em chamuscar os galhos com frutos e folhas. Os ramos, assim despojados, geralmente acabam secando. Da mesma forma, a segunda maneira de colher revelou-se prejudicial para a produtividade da árvore e por isso foi abandonada. A primeira maneira de colher é a mais usual e, como é fácil de entender, exige certa prática e habilidade.

Pois bem, um trabalhador acostumado, laborioso, numa boa colheita pode apanhar de 5 a 6 alqueires por dia, o que soma 1.100 réis<sup>140</sup>, tomando por média o preço de 350 réis<sup>141</sup> por alqueire. Mulheres e crianças colhem bem menos. Em resumo, examinando os livros de pagamentos de Geraldo e Negreiros, posso considerar como lucro médio de uma família comum durante um ano, cerca de 900 mil réis<sup>142</sup>, incluído o pagamento fixo.

Nas fazendas bem instaladas, uma família, de acordo com o número de pessoas, recebe uma casa inteira ou a metade dela para morar. As casinhas que vi eram arrumadas, limpas e confortáveis. Nas outras fazendas, ainda existem até hoje as choupanas de pau-a-pique, ocupadas por negros escravos, onde os colonos não encontram nem abrigo nem conforto adequados. Além disso, o colono pode, para o uso próprio, plantar milho e

---

140 O equivalente a cerca de R\$ 36,41 (ago. 2009). (N. da T.)

141 O equivalente a cerca de R\$ 11,59 (ago. 2009). (N. da T.)

142 O equivalente a cerca de R\$ 29.790,00 (ago. 2009). (N. da T.)

batatas entre as fileiras de café novo. O resto dos mantimentos é comprado no armazém do fazendeiro. É obvio que os preços desses artigos dependem completamente da honestidade do fazendeiro.

Nessas circunstâncias, o salário total do trabalhador se apresenta de forma que geralmente o primeiro ano termina para ele com uma dívida para com o fazendeiro, decorrente das despesas com instalação e da falta de produtos por ele produzidos, bem como também do pouco conhecimento e habilidade no trabalho. No ano seguinte, ele paga as dívidas do anterior; no terceiro, porém, se ele é laborioso e econômico, talvez já possa ter algum saldo. Devo acrescentar que o preço dos produtos alimentícios, roupa, calçado, etc., nas fazendas costuma ser mais alto que na cidade.



*Casa antiga para moradia em fazenda.*

Todos esses pormenores devem ser considerados normais. Eles se referem a imigrantes portugueses e italianos. Os primeiros chegam aqui com perfeito conhecimento da língua; os segundos têm um idioma tão aparentado (com o português) que desde o primeiro momento têm possibilidade de se comunicar. Tanto uns como outros encontram no Brasil um clima muito aproximado ao de sua origem, uma alimentação quase idêntica, e por fim, e o que é mais importante, todos eles deixaram seu país por absoluta falta de trabalho, e não movidos pelas promessas mentirosas

dos agentes. Por isso os imigrantes portugueses e italianos se sentem como em sua terra; precisam de apenas algumas semanas para se acostumar a diferenças insignificantes.

Mas é completamente diferente a situação do imigrante polonês.

Em primeiro lugar, ele foi atraído para o Brasil pela ideia de um enriquecimento fantástico. Prometeram-lhe satisfazer todos os seus sonhos, a saber: em primeiro lugar, ele esperava receber terra, criação, trabalho leve e total independência. No entanto, mal pisou aqui na terra e já o esperava a decepção.

Ele se convence de ter sido enganado de modo infame. Teimosos e ingênuos, se iludem ainda com o sugestivo nome de colônia e se dirigem para florestas virgens, sobre as quais não têm a menor ideia e é onde encontram dificuldades sem limites, se não a própria morte. Alguns, mais espertos, pressentindo uma situação crítica, se limitam a reivindicar apenas trabalho e estes seguem para as fazendas.

Nesse caso, já de começo, aparece o primeiro obstáculo – a impossibilidade de comunicar-se. O coitado do camponês, coçando desesperadamente a cabeça, está então diante do agente ou um improvisado intérprete, que não conhece suficientemente a língua polonesa e que é compreendido menos ainda. Finalmente, mais através de gestos, eles acabam se entendendo, e decidem seguir para a fazenda não tendo sequer ideia aproximada do tipo de trabalho e de salário. É a necessidade premente que o obriga a aceitar, sentindo, porém, todo o lado difícil da própria situação.

Devo acrescentar que geralmente um camponês assim cai nas mãos de um mau fazendeiro, pois o bom prefere trabalhadores portugueses e italianos, com os quais pode se comunicar com facilidade, e ainda não recorre à intermediação de agente ou intérprete, pois os próprios trabalhadores lhe recomendam ou buscam na Europa parentes, amigos, conhecidos, etc. O imigrante polonês em geral cai nas mãos de um mau patrão, que explora seus empregados, aproveita-se da ignorância deles e também facilmente se desembaraça deles.

Aqui o espera desgraça dobrada, e, com o terror dela, despojado de qualquer ilusão, geralmente foge na calada da noite para o abrigo da Casa do Imigrante. Desiludido até o âmago, apavorado, esgotado, a partir desse momento ele não arredará o pé de lá sob nenhum pretexto e, mes-

mo com as mais formidáveis promessas, ninguém conseguirá persuadi-lo a procurar outra fazenda. Fica sentado, resignado diante de tudo, inclusive para a morte, até chegar o momento em que o tocarão à força para o navio e o levarão para bem longe, para um destino cem vezes pior.

Mas vamos supor uma situação diferente, em que por um feliz acaso o nosso imigrante vá parar nas mãos de um fazendeiro bom ou sofrível. Desde o primeiro momento, ele se sente dentro de um ambiente totalmente estranho. Ninguém o entende nem ele a ninguém, portanto começa a sentir toda a sua fraqueza e desamparo no mesmo instante. O trabalho é para ele completamente desconhecido, assim como a terra e aquilo que deve plantar nela. A alimentação diferente lhe desperta aversão desde o primeiro instante. O arroz, o feijão-preto, o milho, a farinha, a carne-seca, tudo isso de fato ele não consegue engolir, mas infelizmente nada podem lhe oferecer de diferente. Por fim, a fome vence essa repulsa, e o coitado, arrepiando-se, começa a engolir a comida por necessidade de sobrevivência.

Para provar, como essa diferença de alimentação exerce uma forte influência, vou narrar o seguinte episódio: na fazenda de Paulino, encontrei um trabalhador de 23 anos de idade, procedente da fábrica Hendlke, de Varsóvia, que – em consequência de resfriado apanhado no navio – contraiu tuberculose. Os dias desse coitado estavam contados. Depois de administrar-lhe a extrema-unção, perguntei-lhe o que é que desejava.

– Ah! padre, – respondeu entre lágrimas – se eu ganhasse um pedacinho de pão de centeio, ficaria bom na mesma hora.

Infelizmente procurei em vão, em Rio Claro e em São Paulo, tal “iguaria”, que sem dúvida serviria de consolo nos últimos momentos de vida daquele coitado.

Vencer a aversão ao alimento estranho, contudo, é apenas o começo do infortúnio; depois deste, seguem-se lutas muito mais atroztes. Aí vêm os males da aclimação, que o imigrante sequer havia imaginado: são abscessos, feridas nas pernas, inchaços, fraqueza e outros males bastante incômodos. Para muitos, a aclimação é mortal, mas as crianças são as maiores vítimas, geralmente entre 70 e 80%. Dessa maneira, o coitado entra em contato com a morte, que – se poupou a ele próprio – levou dele, entretanto, o que lhe era mais caro, os filhos. Posso afirmar sem receio que não encontrei uma família sequer em que a morte não tenha causado terríveis privações.

Tudo isso acontece logo nas primeiras semanas.

Mas eis que, depois de longos e duros sofrimentos, conseguiu escapar da morte e aflito, magoado pela decepção e desespero, agarra-se àquele trabalho como única tábua de salvação.

Será que a série dessas terríveis surpresas termina nesse ponto? De modo algum!

Ainda está a sua espera aquela pulga-da-areia, ou bicho-de-pé, que, numa troca de meia, se enfia debaixo da unha do pé e lá deposita ovos algumas horas depois. Bastam apenas dois dias para que esse minúsculo animal preto crie uma ferida do tamanho de uma ervilha, contendo centenas de minúsculos e ativos seres vivos. Imaginando que esse tipo de pulga costuma se alojar às dezenas, teremos noção do estado em que se encontrará aquele coitado! Então, vêm de novo a dor e o leito de doente. Aos poucos ele vai aprendendo que deve examinar os pés diariamente, retirar com alfinete essas pulguinhas, e, se isso não resolver, será preciso lançar mão de querosene ou de infusão de fumo em que banhar os pés. Que lição dura e dolorosa!

Nem tampouco termina aí o problema. Na floresta, no campo, em toda a parte, ele encontra a mosca maligna, que, ao picar, põe no corpo ovos de larvas. Em três dias, o lugar da picada começa a inchar e o imigrante horrorizado nota que tem dentro de seu corpo uma larva de 8 a 10 milímetros de comprimento, chamada berne, a qual, além de causar dor, provoca uma insistente e aborrecida coceira. De novo outra experiência dolorosa o ensinará, que o único meio de combater isso é aplicar o calomelano<sup>143</sup> ou também a infusão forte de fumo.

Agora pergunto: quanta resignação, energia e resistência são necessárias para superar tudo isso e quantos conseguirão resistir a essas provocações desesperadoras enfrentando tais condições? Sinto que serei acusado de exagerado. Então pedirei que perguntem a cada um dos que vêm do Brasil, e será fácil concluir de suas narrações fragmentadas que eu pequei somente num ponto: a incapacidade de apresentar a total realidade da dimensão dessa desgraça.

---

143 Calomelano é, segundo HOUAISS (2001, s.v.), “cloreto mercurioso (Hg<sub>2</sub>Cl<sub>2</sub>) us. como purgativo, antissifilítico e como elétrodo de referência (mais us. no pl.); dragão-amansado, protocloreto de mercúrio”. (N. da T.)

Confesso que, no princípio, ao ler e ouvir sobre o trabalho numa fazenda, pareceu-me que tão-somente aqui o imigrante polonês, se quisesse, poderia encontrar boas condições de vida. Mas bastou entrar em contato com a realidade para que eu mudasse completamente de opinião. Declaro categoricamente que apenas algumas exceções, simplesmente casos de natureza e caracteres fenomenais, podem salvar-se, porque, quanto aos restantes, um destino cruel os aguarda.

Acrescentemos a tudo isso o trabalho em meio a intenso calor, completo desconhecimento do nível de salário, perspectiva de crescente dívida durante o primeiro ano e por fim a indescritível saudade e a falta de tudo aquilo que pode servir de apoio moral ou alento. Francamente, as forças humanas não têm nenhum poder para remediar tal destino.

Nem mesmo o fazendeiro com a melhor boa vontade o ajudará em nada. Disso tive prova evidente na propriedade de Paulino, onde, como já mencionei anteriormente, se encontram 16 famílias polonesas e 35 homens solteiros. Todos eles, com lágrimas de gratidão, falavam da bondade desse patrão, da sua compreensão e cuidados. Citaram exemplos dos filhos deles, que – quando estavam doentes – ele os levava para sua casa para tratamento e cura. Apesar disso, eles se sentiam extremamente infelizes. A saudade, a lembrança das mágoas vividas e o temor de continuar na mesma penúria os transformou em criaturas inseguras, taciturnas, feridas pela desesperança.

– Voltaremos para nossa terra, de joelhos, com pão seco – clamavam. – Parece que Deus quer mesmo que a gente morra aqui. É um castigo merecido porque não quisemos ouvir conselhos.

Cada um deles sabe quanto custa a passagem, e seu maior sonho é “chegar ao menos até a Itália, que de lá para frente, mesmo que seja pedindo esmola, chegaremos a casa”.

Repito, portanto: encontrei esse estado de coisas na fazenda de Paulino; o que deverá acontecer em outros lugares, junto àqueles fazendeiros que não encaram o problema de forma tão perspicaz quanto ele, ou ainda mantêm, com pequenas diferenças, o sistema da época da escravatura? Então compreendi a assustadora alternativa dos fugitivos das fazendas, que se encontram na Casa do Imigrante, em São Paulo:

– Antes morrer que ir para a fazenda!

Essa é a impressão trazida da jornada pelas fazendas. Não interessa saber como se sente lá o português, o italiano ou mesmo o alemão, mas uma coisa é certa: o camponês vindo da Polônia está lá infinitamente infeliz, tanto que toda e qualquer palavra sobre sua infelicidade se torna fraca.

Bem por isso, dediquei esclarecimentos mais amplos sobre as condições de trabalho numa fazenda qualquer; foi para deixar bem claro que não julguei superficialmente, mas observei tudo fria e imparcialmente tanto quanto o meu pobre coração conseguiu suportar.

.....

## IV

MOTIVOS QUE ME LEVARAM A CAMPINAS – O NEGRO  
COMO TRABALHADOR – BRANCOS EM RELAÇÃO A  
NEGROS – UMA NOITE SEM SONO – BATE-PAPO COM  
CARLOS – “O CASTIGO DE S. BENEDITO”

**D**ESEJANDO conhecer as condições de vida e de trabalho nas fazendas, segui o conselho do estimado dr. Gaad, um dinamarquês já por diversas vezes mencionando, e viajei para Campinas, região onde se encontram inúmeras e exemplares plantações de café. Estava munido de carta de recomendação para o Barão Geraldo de Resende e para outros plantadores. Realmente, não poderia ter sido feita escolha mais feliz. Os três dias passados nos arredores de Campinas me permitiram reunir considerável cabedal de informações e fatos, que dividi com os leitores no capítulo anterior.

Além da situação dos emigrantes nas fazendas, me interessava muito conhecer as antigas condições, quando quase só negros escravos trabalhavam. Antes de mais nada, procurei recolher detalhes nesse sentido junto aos fazendeiros. Contudo, tinha uma ponta de desconfiança de que, como interessados diretos, eles me apresentariam tais condições em tons róseos demais, tanto mais que aquilo que eu sabia sobre o estado da escravatura brasileira não era muito elogiável para a grande maioria dos senhores daquela época.

A julgar pelo que ouvi, o negro não era bom trabalhador, mas por outro lado, em parte alguma tiveram consideração para com ele, que

nunca representou outra coisa senão simples mão-de-obra. A escravatura não foi apenas uma forma de relação entre o trabalhador e o senhor, mas geralmente uma realidade muito lamentável. Aconteceram casos aqui e ali em que existiram relações patriarcais. O escravo se sentia ligado ao seu senhor não somente pelos laços de dependência material, mas pela gratidão moral; na verdade, ele constituía um objeto secundário, mas nem por isso um objeto menos estimado quanto a proteção e zelo. Essa posição, contudo, faz parte de exceções muito raras. Geralmente o negro levava vida miserável sob todos os aspectos: vilipendiado, explorado, mal alimentado, ultrajado e espancado, ele caía em total apatia, e suas obrigações, ele as cumpria mecanicamente, sob o temor do castigo. Faziam o negro sentir seu deplorável estado, praticamente a cada passo. Não é de admirar que dentro de seu coração se enraizasse o desdém aos brancos e muitas vezes até o ódio contra os severos opressores. Tais sentimentos, eles os reprimiam dentro de si, sabendo que qualquer demonstração atrairia sobre si raiva e vingança.

Não era pequeno o efeito que exercia, nessas relações, o desprezo com que os brancos tratavam os negros. Esse desprezo tinha suas raízes não só na consciência da superioridade de civilização, mas igualmente naquela aversão natural aos descendentes de Cam, a qual é atenuada, ou simplesmente tolerada, pelo sublime sentimento cristão de amor ao próximo. Infelizmente, esse sentimento não tinha lugar nos corações dos senhores brasileiros. Por isso era mais penoso para os negros suportar a humilhação moral que a material. Ainda hoje, apesar de ter sido abolida a escravatura e a situação dos negros tornar-se completamente diferente, dentro deles, contudo, continua viva a lembrança do passado recente, e, se o sentimento já não é outro, no mínimo a sensação é de mágoa e rancor, que certamente perdurará por muito tempo.

Tive uma prova real e expressiva dessa disposição na seguinte oportunidade.

Percorrer as fazendas não é coisa fácil. É preciso fazê-lo a cavalo, que realmente é de uma admirável resistência e habilidade: sobe montanhas, desce vales e se esgueira por desfiladeiros e precipícios. Infelizmente, minhas habilidades hípicas pertencem a um passado longínquo. Por isso uma viagem dessas, de três dias, me deixou marcas doloridas no corpo. Voltei para Campinas cansado e completamente exausto. O repouso, mas

principalmente a cama, tornou-se o ideal de meus desejos. Infelizmente, esse tipo de desejo é difícil de satisfazer no Brasil, muito mais quando é o Hotel l'Orient, que serve de hospedagem em Campinas. Inutilmente procurei pregar os olhos para ver se pegava no sono. Dentro do quarto, o calor chegava a 28°C, uma quantidade incalculável de insetos de todas as espécies, sem falar de nuvens de mosquitos e pernilongos, e por fim a cama, dura como pedra, tudo isso junto dissipou minha ilusão quanto a sono e descanso. Por isso, me levantei em seguida e acendendo a vela peguei a caneta.

Isso chamou a atenção do bondoso Carlos, um negro, que há três anos ainda era escravo numa das plantações da região, hoje, porém, é um criado seminu e ao mesmo tempo garçom do Hotel L'Orient, em Campinas. Em vista de minha condição de sacerdote, ele me cercou de singular desvelo. Introduziu-se silenciosamente no meu quarto e perguntou se eu precisava de alguma coisa, se eu não estava confortável, etc. O que poderia eu dizer, quando já sabia de antemão que, mesmo na sua maior boa vontade, o coitado nada poderia resolver. Então, me surgiu a ideia de preencher pelo menos parte da noite, de outra maneira.

Quem, senão Carlos – que, desde a infância, experimentara, ele próprio, a vida na escravidão – poderia falar-me dela fornecendo-me inúmeros detalhes? O quanto me permitia o conhecimento da língua portuguesa, começamos a falar dos tempos antigos e do modo de viver. No princípio, Carlos esquivava-se com respostas breves às minhas perguntas; ao notar, porém, que o meu interesse se intensificava cada vez mais, sua língua foi se soltando aos poucos.

Prosseguindo a conversa, passamos a abordar o assunto sobre a epidemia, que há quatro anos flagelara Campinas, causando grande devastação entre os brancos. Perto de 1/8 de toda a população fora vitimada. O efeito dessa calamidade paira sobre a cidade até agora, que desde aquele tempo não consegue voltar ao esplendor de outrora, como berço das mais ricas plantações de café. Nem a causa da epidemia nem sua natureza jamais ficaram devidamente esclarecidas. Os negros, no entanto, teceram sobre esse acontecimento uma verdadeira lenda, que o bondoso Carlos com toda

sua boa-fé me contou, atribuindo a epidemia a um castigo de São Benedito, que caíra sobre os brancos devido a suas graves culpas. Pois bem, procurei apanhar integralmente essa narrativa do Carlos, e ela ao mesmo tempo pode, a meu ver, constituir uma prova típica e original das antigas predisposições dos brancos quanto aos negros.

Acompanhando a convicção do negro tagarela, dei à sua história o título abaixo.

---

#### O CASTIGO DE SÃO BENEDITO

No Brasil não é só o sol que queima, mas também o homem é dominado por estranha febre, cuja marca se faz presente em todo o seu trabalho. Não há o que falar sobre uma perseverante e gradativa maneira de enriquecer: quem semeou hoje amanhã já quer colher. Vale como exemplo o pé de laranja, que, se não vergar com o peso das frutas quatro vezes ao ano, vai para o fogo; assim também é o homem, desprezando o trabalho que não lhe der lucro quadruplicado. Cada um vive e respira com o único e grande desejo de enriquecer. Pouco se importa se, para alcançar esse objetivo, tiver de passar por cima da miséria e dores dos outros, se tiver de mergulhá-los num mar de lágrimas humanas. Que importa isso? Ele é o único no Brasil, e o Brasil inteiro é só para ele.

A luta pela vida e a lei do mais forte são a marca gravada em quase cada pedaço de terra arrancado da natureza selvagem!

A terra, dominada pela implacável mão do homem, torna-se fértil, mas, em troca, sua ferocidade se transfere para o coração dele. Ervas daninhas, parasitas, infundável emaranhado de cipós, não podendo mais brotar da terra, escolheram a alma humana para lhes servir de morada, e lá brotaram e a cobriram, embaraçando-a com tanta força que já não há mais lugar nela para abrigar sentimentos mais elevados.

É assim que tudo se realiza dentro dessa febre. Ninguém sequer tem tempo de olhar para o céu, do qual emana toda a bonança; o homem, porém, com olhos fixos na terra, nela procura Mamona,<sup>144</sup> o seu deus.

---

144 Deus fenício e sírio das riquezas (HOUAISS, 2001, s.v.). (N. da T)

A obra dessa febre, fruto da avidez do homem, é hoje a extensa e bela cidade de Campinas. Há apenas 40 anos, nenhum pé humano havia pisado aqui. Apenas a indevassável floresta farfalhava, cochichavam as palmeiras altaneiras, e a serpente rastejava no chão. Os animais de maior porte procuraram regiões mais extensas. Os macacos por sua vez divertiam-se sobre o emaranhado dos cipós. Vez por outra, sobre os galhos de frondosa árvore, pousava um possante macuco, para cantar em abril sua canção de amor. Os jacus ou as esguias juritis sobrevoavam rápidos como flecha, mas isso só de passagem, por cima das copas das árvores, pois aqui não havia alimento para eles. Os colibris, por sua vez, esvoaçavam de flor em flor, perseguindo alguma mosca ou outro pequeno inseto, sorvendo ora uma gota de orvalho em cima da folha, ora o néctar das flores.

Havia paz e harmonia dentro da floresta. Se acaso alguma velha palmeira deveria cair, não aguentando o pesado fardo da idade, suas vizinhas a seguravam envolvendo-a com o emaranhado dos cipós tanto tempo que a coitada só podia cair aos seus pés, quando se transformava em pó, de podre.

E só Deus sabe por quanto tempo ainda a floresta estaria falhando calmamente, com seus habitantes selvagens, serpentes e bandos de pássaros, se não fosse a cobiça humana. Nos arredores de Itu, fundada pelos portugueses há vários séculos, faz muito tempo os brancos exerciam sua profissão. O milho crescia em vastos campos. Aqui e ali se cultivava café. A terra produzia boas colheitas, mas ao longo dos anos a fertilidade foi se esgotando. Era necessário muito trabalho e trabalho bastante penoso para tirar proveito compensador. Os habitantes de Itu começaram a resmungar, a queixar-se da sorte, e cada um maquinava como poderia conseguir maiores lucros com menos esforço e menor despesa.

Então, certo dia, armados de foices e enxadas, com longos facões na cintura, necessários para abrir caminho na floresta virgem, quatro ituanos partiram na direção leste. Andaram muito tempo, subindo rochedos e montanhas, cortando o emaranhado dos cipós e de vez em quando fincavam os facões na terra. Evidentemente não encontraram o que procuravam, por isso continuaram caminhando cada vez mais longe.

Depois de três semanas de penosa caminhada, cansados, com as roupas rasgadas pelos galhos das árvores, já então arrependidos da infrutífera

jornada, resolveram enfiar os facões na terra pela ultima vez. Mas, que surpresa! Ao puxá-los de volta, os facões pareciam estar molhados de sangue.

– Terra roxa! – exclamaram todos os quatro, admirados.

Sim, realmente era a terra roxa! Quem não a conhecia ou pelo menos já não ouvira falar da sua extraordinária fertilidade? Tanto o nome quanto a cor procedem do sangue, com o qual ela se parece, e – quando gotas de sangue brotarem das costas do escravo, fustigado pelo chicote do capataz, e escorrerem em torrente ao chão – a terra as absorverá, como se fossem irmãs gêmeas e não será possível distinguir o que é terra e o que é sangue. Os velhos até dizem que tanto sangue escorreu das costas dos negros através dos séculos que não só a cor da terra, mas sua fertilidade provém dele. Quem se incomodaria de verificar isso? O que é que alguém ganharia em saber o quanto e como se castigavam os negros por aqui?

A alegria dos ituanos não tinha limites. As palmeiras de grande altura os observavam angustiadas, os cipós começaram a tremer, os pássaros fugiram aos gritos procurando galhos mais altos e até a serpente rastejou para dentro da mata fechada. Enquanto eles, felizes e satisfeitos, contavam nos dedos as futuras vantagens.

Daquele tempo para cá, dez anos haviam se passado.

Lá, no lugar onde outrora a floresta intransponível murmurava, toda essa imensa região se transformou, depois, em plantações de café. Os cafeeiros chegavam a vergar ao peso das frutinhas vermelhas.

Aqui e ali, ainda sobressaía um tronco de pinheiro, ou então uma tora semicarbonizada de mangueira jazia no chão, esperando que o tempo a transformasse em pó. Adiante, a palmeira esguia ainda apontava para o alto. Eram os últimos vestígios de um passado que jamais voltará.

Agora uma vida completamente diferente reina aqui. Nem o possante macuco nem o jacu, rápidos como flechas, nem as esguias juritis jamais vaguearão por estas bandas. Em vez disso, bandos inteiros de urubus sorumbáticos aguardam o seu festim. Esses tristes pássaros costumam reunir-se nas proximidades de povoados e cidades. Acontece às vezes, quando morre uma mula velha ou outro animal mordido por cobra venenosa; então logo, como uma nuvem de gafanhotos, eles baixam sobre o animal, e em menos de uma hora só restam ossos brancos. Ora, acontecia que, por falta de tempo, um negro morto fora enterrado às pressas em qualquer

parte, numa cova rasa demais, e então, quando o dia amanhecia, já se via seu esqueleto, despojado de carnes, aparecendo por cima da terra.

Que estranho é o fenômeno da vida e da morte!

Os urubus acompanham o homem, mas só para limpar a podridão da frente de seus olhos. E o homem, por sua vez, nutre grande respeito por eles e não os molesta nem por brincadeira.

Na parte mais baixa podiam se avistar os telhados vermelhos das casas, e – entre elas e nos morros circunvizinhos, parecendo montinhos de feno, cobertos de folhas de palmeiras – pontilhavam as modestas cabanas dos negros. Podia-se contar um número considerável daqueles telhados vermelhos. Como sempre costuma acontecer entre os brancos, atrás daqueles primeiros ituanos, seguiram-se outros, filhos, parentes, amigos, conhecidos, enfim basta dizer que só o conjunto das moradias deles formava respeitável povoado, que até tomou o nome de Campinas, porque localizado num vale, cercado de morros por todos os lados.

Passaram-se outros dez anos.

Campinas já contava cerca de mil habitantes, naturalmente só brancos, pois quem haveria de contar os negros? Cada fazendeiro possuía todos os necessários para tratar da plantação. Então, com todo o orgulho os ituanos olhavam para sua obra, pois o café saído de suas fazendas abastecia o mercado de Santos e São Paulo, enchendo seus bolsos de cintilante ouro, todos os anos. Por vezes, um ou outro se lembrava de que um respeitável povoado como Campinas já deveria possuir igreja, talvez até um padre, para abençoar casamentos, batizar crianças e também sepultar os mortos. Somente nesses momentos os habitantes de Campinas sentiam falta do contato com Deus, o que, a bem dizer, era mais motivado pelas lembranças dos anos de infância do que por necessidade do espírito e do coração.

Mas não se sabe por que essa ideia foi sendo adiada de ano para ano, encontrando sempre novas dificuldades, geralmente baseadas na sôvinice e avaréza.

Aliás, poucos pensavam em rezar, trabalhando mesmo nos dias santos e domingos, sem parar, sem folga. Só os velhos e os doentes descansavam.

Entretanto, no meio das cabanas dos negros, aqui e ali, via-se uma cruz branca, lavrada em madeira, diante da qual todas as manhãs e à noite se ajoelhavam grupos de negros, molhando o chão com as lágrimas que o sofrimento ou a esperança fazia brotar de seus olhos.

Provavelmente o Senhor, que sente os corações humanos e conhece o ardente desejo das almas, resolveu conceder aos negros um inesperado consolo.

Certo dia, espalhou-se o boato de que, por recomendação do bispo de São Paulo, chegaria a Campinas um sacerdote, que lá deveria exercer o sacerdócio durante algum tempo. Depois de várias semanas, apareceu em Campinas padre Antônio.

Era um bom velhinho, perto de seus 60 anos, mas ainda forte e ativo, de cujas faces irradiava estranha e arrebatadora bondade. Era conhecido por todos os pobres de São Paulo, pois fora entre eles que padre Antônio vivera dedicando os últimos dez anos. Anteriormente ele tinha estado em missão no Rio Grande do Sul, depois catequizara os índios na região de Ponta Grossa e São Mateus. Lá, porém, atingido por grave enfermidade, teve de ir a São Paulo para restabelecer a sua já tão abalada saúde. Entre os que o queriam e esperavam, logo ele encontrou seu rebanho e no meio dele passaria o resto da vida, não fosse a vontade do bispo que o enviara para Campinas.

Meu Deus, que imensa alegria foi aquela quando, no dia de Natal, num barracão armada às pressas, feito de troncos de palmito,<sup>145</sup> o padre Antônio celebrou a santa missa pela primeira vez.

Perto do altar se posicionaram os brancos, vestidos com roupas domingueiras, pois a eles pertencia o lugar da frente.

Nesse momento, vibrava também no coração deles uma nota mais enternecida quando os pensamentos corriam para bem longe, buscando no passado recordações dos idos anos do temor de Deus. Alguns, encabulados, baixavam os olhos, talvez pelo peso do remorso ou talvez por sentir nesse momento, mais que nunca, a insignificância e a fragilidade perante os superiores desígnios da Onipotência.

---

145 No original polonês, está *palmitów*. (N. da T.)

Lá fora, à frente do barracão, formara-se vasta multidão de negros. Com as mãos levantadas para o céu, olhos marejados de lágrimas, suspiros abafados saídos do fundo do coração, eles davam testemunho: quanta ternura e também sentimento de respeito a Deus, esta santa missa despertara nos seus corações.

O verão estava em pleno desabrochar, e por isso os raios do sol desciam do céu sobre os rostos mergulhados na oração ardente, dando a eles um aspecto parecido com bronze e às lágrimas, que rolavam das faces, o fulgor de brilhantes. Realmente, é preciso ser de natureza forte como o bronze, para suportar o negro destino. Quem sabe nesse momento, sob aqueles raios de luz, Deus não irradiaria sobre os oprimidos a têmpera, a força e a resistência?...

Depois de terminada a missa, quando os negros, com o espírito fortalecido, iam se dirigindo para as míseras cabanas, padre Antônio reuniu ao seu redor os mais destacados fazendeiros de Campinas. Havia entre eles dois velhos ituanos, que há 30 anos tinham chegado aqui com machado e facão. Os outros dois já repousavam em seus túmulos, levantados numa colina, em meio aos cafeeiros. Não havia sinal de cruz, somente quatro palmeiras se debruçavam sobre eles as frondosas copas.

O padre falava com entusiasmo e demoradamente, e os presentes o ouviam com atenção. O negro velho José, que sorrateiramente se aproximara do baracão, não pôde ouvir tudo; só lhe chegavam aos ouvidos algumas frases soltas:

– Deus... bênção... a recompensa eterna, casa de Deus... etc.

Depois, padre Antônio calou-se e entre o grupo reunido soou um zunzum parecido com o de colmeia.

– Pra que igreja? – gritavam uns.

– O nosso orgulho exige isso – respondiam outros.

– Quem é que vai frequentá-la? Só se forem os negros – ouviu-se uma voz, que mais parecia coaxar de sapo.

– Sim! Não!... Queremos! Não queremos! – cruzavam-se vozes de todos os lados.

– Silêncio! – ouviu-se finalmente um brado possante.

José reconheceu a voz de Demétrio, o velho ituano.

Ele gozava de grande estima, respeito e consideração no povoado, primeiro, pela sua idade, depois, por causa da mente perspicaz.

Realmente, silenciaram as discussões, somente aqui e ali, como um zumbido de moscas, se podiam ouvir cochichos abafados.

– Sim – disse o velho ituano – padre Antônio está com a razão! Devemos tudo isso a Deus, que abençoou nosso trabalho e nosso esforço. Campinas, não vai demorar muito, será uma cidade. Seria uma vergonha, se isso fosse feito por outros. Será, portanto, conforme o senhor disse, padre. Eu me encarregarei disso, o resto me seguirá. Não é mesmo? Será que não podemos gastar nisso?

Ninguém respondeu palavra.

Naquela mesma noite, já circulava a notícia por todo o povoado de que logo seria erguida uma igreja em Campinas. Os brancos a passavam com orgulho uns para os outros; porém, nas cabanas dos negros, ela fez verter lágrimas, mas desta vez lágrimas de alegria e de grato enternecimento.

De fato, não se passou nem um ano até que a igreja de Campinas já estivesse em pé, modesta, é verdade, e não muito grande, feita de pedra bruta; a sovínice não permitiu a construção do campanário: só uma cruz de ferro, que brilhava com a luz do sol, e o sino foram colocados no centro do telhado, para chamar os fiéis para a oração, de maneira a distinguir a casa de Deus do resto das casas de Campinas.

Novamente no dia de Natal, padre Antônio celebrou a missa pela primeira vez na nova igrejainha.

Foi um dia festivo para todo o povoado.

Desde bem cedo, pela manhã, estouravam com sibilo centenas de foguetes, que com a luz do dia pareciam apenas nuvenzinhas de fumaça, alegrando os festeiros unicamente com o estrondo dos petardos no ar. Em compensação, quando caiu a noite, milhões de fagulhas brilharam sobre Campinas: aí então, foguetes, bombas e outros tipos de fogos de artifício não tinham mais fim. De modo que já é costume no Brasil, até para reverenciar o Criador, demonstrá-lo de forma bem barulhenta.

Num espaçoso terreiro, na frente da fazenda de Demétrio, realizava-se a festa para os negros. Desde muitos anos, pela primeira vez foi lembrado que também para eles se deve proporcionar um momento de

alegria. Rolaram grandes barris de cachaça e dentro de enormes panelas estava sendo cozido o feijão-preto com carne-seca e arroz.

A festa ia de vento em popa, porém decentemente.

As moças, formando roda, exibiam-se uma após outra, com aquela dança monótona que obtém certa graça quando acompanhada pela expressão do rosto. Os jovens – enquanto não chegava a sua vez de ficar diante das dançarinas e acompanhá-las no passo – cantavam no ritmo dos músicos, que tocavam flautins e tambores. Enquanto isso, os mais velhos, deitados na grama, mascavam tocos de cana-de-açúcar e discretamente comentavam a vida. Os jovens esqueceram a realidade, inebriados com a festa, aliás ela já lhes impregnara o sangue, os ossos e a vida por inteiro, sacudida pelo trabalho sobre-humano; não é, pois, de admirar que até nesse momento ela estivesse presente em seus pensamentos. Estavam se consolando apenas, porque pelo menos hoje teriam como desabafar as mágoas e chorar, quando o destino cruel os atormentasse demais.

Nas janelas da espaçosa casa de Demétrio, resplandecia o clarão das luzes, e o alarido alegre da festança se espalhava bem longe no sereno da noite, sumindo no meio do cafezal; os cafeeiros, porém, acostumados a ouvir somente lamentações e queixas, admirados abafavam esses ecos até agora desconhecidos.

Todo mundo atendeu ao convite do velho ituano, que com orgulho se empenhava em animar a festa em meio aos convidados, dando ordens a cada instante aos negros, que andavam de cá para lá, distribuindo bebidas refrescantes e frutas. Os músicos, trazidos de São Paulo, tocavam peças para dançar, e as moças fortemente abraçadas a belos rapazes, que lhes faziam par, lembravam um bando de gaivotas brancas fazendo piruetas no ar sobre a reluzente superfície do mar. De tempos em tempos, o barulho aumentava, fundindo-se num coro estridente. Por sobre ele sobressaíam vozes meio embriagadas de festeiros: naquele momento estava sendo levantado um brinde pela saúde de um dos honrados cidadãos de Campinas.

Quando chegou a vez do próprio Demétrio, seis morteiros explodiram estrondosamente. Este foi ao mesmo tempo um sinal de que ia começar o foguetório.

Todos saíram para olhar o espetáculo.

Ardiam dezenas de barris de querosene, e os multicoloridos fogos de artifício iluminavam com luz estranha e mutante as faces brancas e negras dos curiosos.

Enquanto isso, o pirotécnico local produzia obras-primas da sua arte, acompanhadas de gritos de admiração de centenas de peitos.

Já fazia um bom tempo que a lua havia mostrado seu rosto redondo no horizonte pontilhado de estrelas, mas na casa de Demétrio a festa ainda continuava na melhor. Gritos dos embriagados ouviam-se cada vez mais frequentes, e de tempos em tempos se esgueirava um vulto que cambaleante desaparecia na sombra da noite tépida.

Há mais de duas horas, os negros tinham ido para suas cabanas, pois no dia seguinte os esperava a costureira, monótona e sangrenta lida. Assim, o anjo do sono estendeu as asas sobre as cabanas concedendo-lhes descanso e alívio.

No dia seguinte, realmente tudo voltou à antiga rotina. Nas plantações, os negros trabalhavam, pois estava se aproximando o tempo da colheita, que exigia a perfeita limpeza da terra para os grãos, ao cair no chão, não se misturar com areia. O sol queimava como sempre, e nuvens de mosquitos, zumbindo, rondavam acima das cabeças cobertas de suor.

Padre Antônio, a quem o bispo provisoriamente tinha nomeado vigário de Campinas, celebrava a missa diariamente na sua igreja. No princípio os brancos, até mesmo em dias úteis corriam ao templo: interessava-lhes a novidade. No domingo, porém, a igreja estava tão cheia que o sacerdote – quando subia ao púlpito – só enxergava massa compacta de cabeças humanas, que se movia, pela força do aperto, como se fosse uma plantação de milho maduro balouçando ao sabor do vento norte. Os negros não entravam na igreja, não havia mais lugar para eles: ajoelhavam-se sob o céu aberto, imersos em silenciosa oração, tão ardente como os raios do sol a lhes queimar as costas seminuas e as cabeças descobertas.

A devoção dos brancos foi enfraquecendo aos poucos. Nos dias úteis, era o trabalho que os impedia de frequentar a igreja. Mas com o correr do tempo, contudo, até nos domingos e dias-santos apareciam obstáculos cada vez mais repetidos. Assim, à medida que foram diminuindo os brancos, começaram a aparecer mais negros, no princípio timidamente; depois, vendo o templo sempre vazio, foram criando coragem, até que

decorridos alguns meses, eram eles próprios que enchiam a modestíssima casa de Deus.

Padre Antônio lastimava muito a inconstância das suas ovelhas brancas, lastimava muito mais por entender que ela decorria de corações fracos e indiferentes para com os sentimentos mais elevados da devoção. Esforçava-se ainda padre Antônio em animar essas almas arrefecidas com visitas que ele próprio fazia à noite a suas casas confortáveis, alentando-as, aconselhando-as e reclamando. Mas, infelizmente, quase sempre retornava entristecido e abatido. Percebia quanto era pequena a colheita dos frutos do seu trabalho. Por vezes, um ou outro, sentindo-se comprometido com a dedicação do padre, acabava aparecendo na igreja, mas era notório que se tratava de reflexo de vergonha ou dever, e não por desejo do coração. Afastando-se cada vez mais, até mesmo do padre, quando por acaso avistava o servo de Deus no seu caminho, cada um se escondia no primeiro beco que encontrasse a fim de evitar aquele olhar de mansidão que transmitia tanta mágoa e repreensão.

Tal qual um pai que, quando perde um filho, passa toda a atenção paterna para o que permaneceu com ele, assim padre Antônio se dedicou inteiramente aos negros.

Acontecia frequentemente, quando apenas o dia começava a clarear, inundando de rósea luz o povoado e os morros vizinhos, que padre Antônio já estava a postos à frente de sua igreja, para abençoar as longas filas de negros que seguiam para as plantações. Cada um dobrava os joelhos, e ele fazia o sinal-da-cruz sobre a cabeça, acrescentando bondosamente um “Vá com Deus!”

Durante o dia, nas horas de calor mais intenso, ele próprio com um chapéu de palha de arroz e empunhando um bastão, seguia para as plantações e lá socorria, com palavras animadoras, aqueles que sucumbiam sob o peso do trabalho. Todos passavam a sentir-se reconfortados e fortalecidos com nova energia a animar-lhes os membros cansados.

Assim que começava a anoitecer, um clarão de luz já saía pelas janelas e portas abertas do templo. Diante do altar fartamente iluminado, ajoelhava-se padre Antônio e começava as orações da noite. A cada momento adentrava um grupo de negros na igreja; só se ouvia o som abafado de joelhos se dobrando e caindo no chão de tábuas, ou suspiros reprimi-

dos, às vezes lamentos não contidos dentro do peito. Depois, as vozes se fundiam com a oração do sacerdote, formando uma espécie de coro uníssono, terno, implorando piedade, consolo e resistência.

Graças à intervenção de padre Antônio, o trabalho aos domingos e dias santificados foi abandonado; assim, a criançada negra se reunia dentro do templo, já depois de meio-dia, quando o padre lhes pregava sobre a bondade de Deus, a grandiosidade da misericórdia, a fé, a esperança, o amor ao próximo, o perdão às ofensas e tantas outras belas coisas, sobre as quais, mais tarde, ficavam contando nas cabanas, à noite, para os mais velhos.

Então negro algum morria sem a extrema-unção, também não mais era enterrado em qualquer lugar, a esmo, mas, sim, num túmulo do cemitério, onde já no dia seguinte mãos invisíveis colocavam uma cruz branca, talhada em madeira, em sinal de que ali descansava um corpo cristão.

Por meio de misterioso recurso, o sacerdote sempre soube onde estavam sendo derramadas lágrimas, onde a infelicidade se fazia sentir mais ou onde a tristeza feria o coração. Ao anoitecer, inesperadamente entrava nas cabanas. Em geral permanecia lá um bom tempo; o que fazia, o que dizia, ninguém jamais soube a não ser os próprios infelizes. Contavam apenas – e houve gente até que jurava, pois havia visto com os próprios olhos – que um anjo consolador estendia suas asas sobre as cabanas. Quando o bom velhinho deixava a cabana, realmente representava algo angelical: cabelos brancos esvoaçando ao sabor do vento noturno e vulto todo iluminado pela luz prateada da lua.

Certa vez, padre Antônio desapareceu.

Não foi visto por longo tempo, quase quatro semanas. Os negros tremiam de aflição, sem saber o que teria acontecido ao seu “padrinho”, pois era assim que o chamavam, de padrinho.

Até que, num sábado, quando o sol já começava a se deitar no ocidente, e os negros voltavam do trabalho a essa hora como de costume, olharam com saudade, ao passar em frente, a igreja fechada: mas com grande alegria avistaram o padre, que estava voltando.

Padre Antônio estava sentado numa carroça, puxada por duas mulas: pela aparência cansada e flancos chupados, podia-se notar que acabara de fazer uma longa viagem. Todos os olhares se dirigiram para um grande pacote que estava á frente do sacerdote, que – pelo cuidado que

ele lhe dispensava – parecia tratar-se de algo muito valioso, protegendo-o contra uma excessiva inclinação da estrada acidentada. Mas ninguém se atrevia a perguntar-lhe onde estivera e o que é que estivera trazendo, pois era bastante vê-lo são e inteiro.

Num instante, a carroça estava cercada pelos negros que se apertavam para beijar pelo menos a batina empoeirada do querido viajante, se não fosse possível a mão. Os mais atentos notaram que padre Antônio estava com o rosto estranhamente radiante e ao mesmo tempo um tanto misterioso, e o seu semblante irradiava uma espécie de felicidade e satisfação. E o que haveria de estranho nisso, se estava voltando para junto do seu rebanho?

Todo esse cortejo finalmente chegou à frente da igreja. Padre Antônio desceu da carroça e, ajoelhando-se, encostou a cabeça na porta fechada do templo, e rezou, rezou demoradamente. Depois, se levantou, abençoou os negros, que a exemplo dele também se ajoelharam, agradecendo pela volta do seu pastor, e sem dizer nada o padre desapareceu atrás da porta de sua casa modesta.

Todos estavam admirados, tanto que durante muito tempo, ainda pela noite adentro, luzes tremulavam dentro da igreja. Via-se também a sombra de um vulto em constante movimento nas janelas. Depois as luzes se apagaram e a escuridão da noite tomou conta de tudo.

Quando apenas o sol nascente começou jogar os primeiros raios sobre a terra ainda adormecida, nas cabanas os negros já começaram a se levantar rápidos. Era domingo, e, com tanta saudade da casa de Deus, era preciso se apressar para chegar o quanto antes e apresentar aos pés de Deus Todo-Poderoso os próprios sentimentos e desejos. Logo se ouviu o som do sino chamando para a oração matinal, e as portas do templo se abriram, como se estivessem convidando os devotos a entrar. De novo vinham se aproximando longas fileiras de negros, mas não mais de cabeça baixa, como na hora de seguir diariamente para as plantações, mas de cabeça erguida, rosto radiante.

Quando o primeiro negro se aproximou da porta da igreja, parou e ficou petrificado; a mesma coisa aconteceu com o segundo, o décimo, o centésimo, até se formar uma multidão de figuras imóveis de negros.

Seria sonho ou realidade?

Esfregavam os olhos, que pareciam querer sair das órbitas. Fixavam a vista cada vez mais atentamente, em muda admiração, não acreditando no que viam.

Não! Aquilo não era ilusão nem visão de sonho! Era pura realidade!

Lá, ao lado do altar-mor, entre velas acesas, estava a estátua de São Benedito. A face negra, os lábios proeminentes, o grande branco dos olhos abertos, o cabelo encaracolado, tudo um negro quase em pele e osso, que conquistara pelo martírio da escravidão a coroa da santidade e se tornara o intermediário dos negros ante o trono do Supremo.

Sim, era ele, São Benedito!

O pardo hábito de monge lhe cobria o corpo e a mão preta estendida parecia convidar: “Venham a mim, irmãos de desdita!”

A multidão não podia mais resistir.

Um estranho clamor se desprende de centenas de peitos trasbordantes de felicidade e todo esse grupo, como um trigal cortado por foice, caiu ao chão e foi se arrastando de joelhos, entre lágrimas de alegria, até o santo padroeiro.

Diante do altar, lá estava de pé padre Antônio, paramentado-se com as vestes sacerdotais. Ele também não conseguiu reprimir a emoção, deixando que um longo filete de lágrimas – nesse momento radiantes de satisfação – rolasse pelas faces enrugadas.

– Sim, filhos meus – começou a dizer – eu trouxe essa estátua para que ela lhes lembre das grandes virtudes do irmão de vocês, hoje, porém um intercessor no Céu, e para que com sua luz anime o amor ao trabalho, o temor a Deus, a perseverança. Todas as vezes que a sorte lhes for cruel, se lembrem que o santo a suportou pacientemente; quando o desespero tomar conta de seus corações, ele se defendia com bravura; quando a fúria de vingança dominar vocês, ele só sabia perdoar; quando a tentação pairar sobre suas cabeças, ele a venciu corajosamente; quando a esperança abandonar vocês, ele a procurou e a encontrou unicamente no Céu.

Um verdadeiro delírio de felicidade dominou os negros. Não sabiam o que deviam fazer antes, se beijar a estátua do santo ou os pés do sacerdote, se deviam rezar ou gritar de alegria. As mães levantavam seus filhos, os mais velhos erguiam as costas arqueadas, os mais baixos se pu-

nham nas pontas dos pés, todos desejavam inebriar-se com o espetáculo. Algum dia por acaso teriam eles sonhado em poder ver de perto a querida imagem do santo de quem sabiam, apenas pelas narrativas dos velhos, que ele contava diante de Deus todas as lágrimas dos negros?

Durante todo o dia até tarde da noite, a igreja permanecia cheia: ninguém pensava sequer em comida. Uns cediam lugar aos outros, mas tão somente para – quando voltassem – colocar enfeites sobre a estátua, como uma moeda de prata, a fita vermelha usada em dias de festa ou então uma coroa de folhas cuidadosamente trançada, enfeitada com grãos de café.

Os mais velhos se reuniram na casa de padre Antônio para uma decisão: escolher seis dos rapazes de melhor aparência, indicados não apenas pela boa estampa física, mas também pela virtude, aptidão e trabalho. Eles carregariam aos ombros a venerada estátua durante uma procissão.

As devotas matronas deveriam indicar doze mocinhas de incontestável bom-nome, para, com lenços vermelhos nas cabeças, cingir o santo como uma coroa, atirando-lhe flores e entoando cânticos de gratidão.

Quando no domingo seguinte partiu da igreja o magnífico cortejo, os corações dos negros quase saltaram para fora do peito, transbordantes de alegria. Sobre a multidão negra se erguia a negra figura de São Benedito, que – inclinando-se ora para um lado ora para outro, conforme os passos dos jovens carregadores concentrados em devoção – parecia abençoar a todos. Doze cabeças enfeitadas de turbantes vermelhos, a cercavam junto ao pedestal, como se fossem uma coroa de flores. Um doce canto fluía do peito desses jovens, num tom único, impregnando o espaço, para bem longe e para cima, até chegar ao trono do Altíssimo.

Os brancos, parados ao longo do trajeto, observavam com curiosidade o cortejo. Estavam por demais admirados, estranhavam sobretudo como e de onde poderia ter surgido aquilo. Não tendo frequentado a igreja, nem sabiam da viagem de padre Antônio nem da oferenda que ele trouxera a seus protegidos. Aos poucos, porém, a inveja começou a lhes dominar os corações. Então fora para os negros que eles tinham erguido a igreja, para essas imponentes procissões de escravos? Sobre São Benedito nenhum deles ouvira falar nem tampouco quisera acreditar que o Céu aceitasse tais monstros, pois ele fora criado só para os brancos! De mais a mais, não era um desaforo para eles que esses negros ousassem lhes apresentar cortejos

com seu santo negro? Uns comentavam entre si, outros vociferavam indignados; havia também quem prometia dispersar a chicotadas a ralé negra, da próxima vez.

No dia seguinte, foi o próprio Demétrio que procurou padre Antônio.

Demorou lá bastante tempo e, quando saiu, sua testa estava enrugada de raiva.

Alguns dias depois o velho ituano viajou. Também não foi visto durante algumas semanas e, quando voltou, trazia consigo um grande pacote bem parecido com aquele de Padre Antônio, só que bem maior.

No domingo, o altar-mor resplandecia de tanta luz e do lado direito brilhava, com suas vestes douradas, uma estátua magnífica de Nossa Senhora. Os negros não cabiam em si de tanta alegria. Era ela, a rainha dos Céus, a consoladora dos aflitos, a quem dedicavam tantas orações na hora do desespero, que agora dava a graça da sua presença entre eles e, ao lado do querido patrono, se fixava na paupérrima igrejinha! Tanta graça, tanta felicidade mal podia caber dentro de seus pobres corações. Não era a veste dourada que atraía os seus olhares, mas o grato amor por aquela de quem tantas vezes fluíam torrentes de alento e consolação.

Aproximava-se o dia de Corpus Christi.

Na casa de Demétrio, reuniu-se o conselho-geral para deliberar sobre qual seria a maneira mais impressionante de apresentar pela primeira vez a nova estátua nesse grande dia e ao mesmo tempo programar a procissão com o maior esplendor. Os ruidosos debates se prolongaram até muito tarde da noite, transformando-se por vezes em barulhenta gritaria. Parecia haver dificuldade em se entenderem os que estavam reunidos.

Já de manhãzinha, três dos mais representativos fazendeiros, com o velho ituano à frente, dirigiram-se à casa paroquial, a fim de apresentar suas decisões a padre Antônio.

O bom velhinho ficou gelado.

Exigiram dele, nem mais nem menos, apenas isto: que fosse proibida a participação dos negros na procissão, e até mais: que nesse dia fosse retirada da igreja a estátua de São Benedito. O meigo sacerdote ferveu de indignação. A amargura, por muito tempo reprimida, abriu as comportas

para descarregar, em largas torrentes, palavras ásperas que fustigaram como chicote os mensageiros, boquiabertos com a explosão do bom velhinho.

Enfim a questão ficou resolvida: a procissão dos negros partiria na frente, depois, a certa distância deles avançaria o cortejo dos brancos.

Padre Antônio não lhes deu consentimento, mas, abanando a mão, irritado, apenas disse:

– Que Deus lhes perdoe esse orgulho! – e saiu para a sala ao lado.

Finalmente chegou o dia festivo.

Na cidade inteira, reinava um movimento febril, pois alguns meses antes Campinas fora elevada à categoria de cidade e como prova disso recebera uma guarnição de 40 maltrapilhos soldados. Nas ruas apressavam-se virtuosas moças, vestidas de branco, que pareciam nêveos pombos a levantar voo a qualquer momento nas asas presas aos ombros. Os jovens, vestidos com roupas domingueiras, traziam grandes ramalhetes de flores, e largas faixas vermelhas lhes cingiam os quadris. Os mais velhos seguravam tochas nas mãos. As crianças por sua vez corriam por todos os lados, fazendo travessuras e preocupando os que estavam ocupados com os preparativos.

O maravilhoso dia de outono aumentava o encanto incomum da solenidade. O sol já não queimava com tanta intensidade, e suaves raios iluminavam a cidade com aquela clara e transparente luz que nem sempre nessa época do ano pode ser vista no Brasil. No céu não se via nuvem, e um suave vento do oeste movimentava as folhas das palmeiras, que pareciam rezar baixinho uma oração. Nessa hora, os sonolentos urubus abandonavam os telhados das casas e voavam para os campos bem longe, mas as borboletas azuis, num bailado aéreo, brilhavam como estrelas, refletindo miríades de cores à luz do sol.

Padre Antônio deu início à santa missa. No seu rosto notava-se, contudo, tristeza e abatimento: era inútil procurar nele aquela serenidade que a natureza hoje esbanjava tão majestosamente.

Tal como em outros tempos, quando a igreja constituía novidade para os brancos, também hoje os negros ficaram sob o céu aberto porque o interior do templo de novo estava ocupado pelos brancos. Os negros simplesmente não estranharam isso, pelo contrário, estavam satisfeitos, pois nesse dia solene, pela graça de Deus, todos se reuniram como antigamente.

São Benedito já se achava sobre os ombros dos rapazes negros, que torciam para poder ficar com esse peso querido o mais possível.

A sacratíssima oferenda havia terminado. Demétrio e mais três outros fazendeiros armaram o púlpito dourado sobre a cabeça do sacerdote (o púlpito era mais um presente do velho ituano), e a procissão em meio a tochas acesas começou a se mover lentamente.

Os negros seguiam concentrados, ordenados numa interminável fila dupla, cabeças baixas, passando por entre os dedos as contas do rosário.

A estátua de São Benedito, iluminada pelo sol, parecia estar dentro de uma auréola, e suas mãos estendidas indicavam a todos o caminho a ser percorrido.

Nisso, ressoaram os trombones, rugiram os tambores, e, parecendo aves espantadas, subiram dezenas de foguetes a estourar. Nessa hora a procissão dos brancos estava saindo da igreja.

O espetáculo era realmente soberbo.

A reluzente estátua de Nossa Senhora espalhava reflexos dos raios solares para todos os lados. Meninas vestidas de branco a cercavam como lírios, e oito dos mais apresentáveis jovens, com olhos a faiscar de orgulho, carregavam a santa nos ombros. Os mais eminentes cidadãos de Campinas formavam dois grandes cordões, que pareciam molduras de magnífico quadro.

Padre Antônio, segurando a custódia, caminhava devagar, e seus olhos fixos no céu pareciam estar procurando lá, não se sabe ao certo, se uma torrente de graças ou de perdão.

Subitamente bateu uma corrente de vento mais forte vinda do norte, marcando sua passagem com redemoinhos de poeira. Algumas tochas se apagaram, e os longos véus das donzelas se levantaram no ar.

Mas logo tudo passou e a procissão continuou andando.

Momentos depois um novo pé-de-vento bateu forte, depois um terceiro, um quarto, e de todos os lados começaram a se levantar redemoinhos de poeira.

Instintivamente as cabeças levantaram-se olhando para cima.

O que acontecera?

No claro e límpido firmamento, deslocava-se uma escura nuvem com bordas brancas. O vento a impelia rapidamente por sobre o horizonte, e o abafado som de um trovão, cada vez mais próximo, predizia a evidência de uma tempestade iminente. A grande nuvem escura foi parar bem em cima da cidade como negra mortalha. Do meio dela partiu um longo relâmpago acompanhado em seguida por fatídico estrondo. O ar tornou-se abafado e escureceu.

Caíram os primeiros pingos, e as pessoas mal se deram conta disso, até que grande e tépida rajada de chuva parecia repentinamente abrir as comportas do céu, e um aguaceiro torrencial desabou sobre a terra. O estrondo dos trovões e o estouro dos raios quase ensurdeciam os participantes da procissão. Todo mundo correu em pânico para todas as direções, à procura de um abrigo. Depois, uma chuva de granizo com grandes pedaços de gelo – fenômeno quase desconhecido no Brasil – começou a fustigar os que fugiam.

Na confusão e pânico, gritos se ouviam por toda a parte, mas o estrondo da tempestade em parte os abafava.

Padre Antônio, sem se importar com as torrentes de água da chuva, ia voltando tranquilo e sério para a igreja, como devia estar quem trazia nas mãos o Santíssimo Sacramento. Sobre seus cabelos longos, escorria copiosamente a água; os quatro carregadores do pálio já não mais protegiam o sacerdote e, como os outros, tinham se evadido. A exemplo do padre, os negros por seu lado prosseguiram calmos e em ordem, iluminados de tempos em tempos pelo clarão dos relâmpagos, tal como a face negra de São Benedito.

O temporal começou a diminuir, os raios caíam cada vez mais espaçados, e o eco dos trovões ia enfraquecendo, o que provava que a tempestade estava se afastando. Aos poucos até o sol apareceu brilhando como antes, apenas com maior intensidade: o calor e a umidade, oprimindo o peito, tornavam difícil a respiração.

O cortejo dos negros ainda não havia entrado no templo, quando os brancos começaram a sair dos seus esconderijos, molhados e sujos de lama. A ambição e o orgulho deles fora severamente castigado. O que restara daquela pompa que ainda há pouco brilhava? Roupas amassadas, coladas ao corpo com o peso da água que as encharcara, sem qualquer ves-

tígio da recente brancura, ou talvez tochas apagadas e quebradas, água suja que escorria das roupas.

Realmente uma terrível transformação!

Então os brancos ficaram possuídos de raiva e ódio. Procuraram alguém em quem pudessem se vingar.

Nesse momento ia se aproximando São Benedito.

– É ele o culpado de tudo! – gritou alguém do grupo dos brancos e em seguida dezenas de punhos brandiram o ar em direção à majestosa e balouçante estátua de São Benedito, carregada nos ombros dos negros.

– Sim, é ele o culpado disso, esse negro mostrengo! – repetiram engasgados pelo desejo de vingança dezenas de vozes, e num instante uma saravada de pedras e lama atingiu a estátua negra, bem como as cabeças e os ombros dos carregadores.

Os negros ficaram petrificados. O pavor fez com que seus pés se afundassem na terra, enquanto a lama e as pedras os atingiam cada vez mais e mais fortes.

– Sumam de nossos olhos, vocês monstros horríveis, com seu santo nojento! – ouviu-se uma voz, com a qual ecoaram outras num uivo selvagem de multidão bestializada.

Um abafado e magoado gemido partiu do peito dos negros.

– Como assim? Então não só nós, mas ele também, o santo, é objeto de desprezo e infâmia? – dizia-lhes uma voz íntima.

Soluçando, os negros junto com sua estátua desapareceram dentro da igreja, onde padre Antônio já os esperava ao lado do altar, para dar-lhes a última bênção com o Santíssimo Sacramento. Logo que o sacerdote soube do ultraje cometido contra o santo, ele próprio pegou nas mãos o seu imaculado lenço branco e com todo respeito foi limpando os respingos de lama.

Os negros humilhados voltaram para seus barracos.

Estranho foi o pôr-do-sol naquele dia: a cidade inteira saiu às ruas para observar o espetáculo.

Do lado do poente, um clarão sangrento se espalhou por todo o horizonte, formando sobre a cidade um ninho de labaredas. Entre as labaredas, passavam nuvens compondo sempre novas visões. Ora parecia um

grande campo de batalha forrado de cadáveres; ou ainda formava um rosto humano inundado de lágrimas; e por fim uma chibata de fogo voltada contra a cidade. O povo estava estranhando, e ao mesmo tempo o temor se apoderava dos seus corações tanto mais que os velhos inclinados a superstições viram nisso um aviso de extraordinários e terríveis acontecimentos.

Por fim, o sol desapareceu, mas o clarão vermelho permaneceu ainda por muito tempo no horizonte. Só se apagou por completo, quando a lua surgiu no firmamento, numa hora em que toda Campinas já se encontrava adormecida num profundo sono.

Algo de estranho devia ter acontecido na cidade desde manhã cedo. Foi vista nitidamente uma mulher com cabelos soltos, que corria entre soluços desesperados e aos gritos clamava por socorro. Em outro lugar ainda, um negro – ao passar diante de uma casa – ouviu um choro tão desesperado que o som dele ainda ressoava a seus ouvidos. A cada passo, se esgueirava um vulto errante com o rosto coberto de lágrimas, louco de dor.

Pior ainda era quando anoitecia. Quem estivesse parado no caminho que levava ao cemitério, podia ver como passavam os ataúdes, um após outro, acompanhados de cortejo fúnebre. O velho José chegou a contar até vinte e oito deles. O coveiro por sua vez contou que fora obrigado a chamar três ajudantes, pois sozinho não dava conta de cavar sepulturas.

O dia seguinte revelou o horrível mistério!

Uma terrível peste se abatera sobre Campinas. O povo morria como moscas. Quem ainda há pouco estava são de repente caía de cama, ou na rua e, em meio a convulsões e dores horríveis, morria em poucas horas. Mas, coisa mais estranha: a peste atacava só os brancos, cujos cadáveres se tornavam pretos como carvão, totalmente parecidos com negros.

Não havia se passado uma semana ainda, e já não havia uma casa na cidade da qual o anjo da morte não tivesse levado alguma vítima. Quem podia, apavorado e em pânico, deixava a cidade. As casas ficaram vazias, as portas eram deixadas abertas: somente os negros perambulavam ociosos pelas ruas, pois não havia quem os obrigasse a trabalhar. Bandos incontáveis de urubus sobrevoavam a cidade e invadiam as praças.

E assim, durante quatro meses, a peste se desencadeou a toda, e o cemitério ficou repleto de covas novas, até onde a vista podia alcançar.

Chegaram cientistas de diversas partes a fim de pesquisar as causas do terrível estrago. Permaneceram bastante tempo, debateram, abanavam a cabeça e por fim partiam sem nada ter conseguido definir.

Pena que não procuraram entrar nos barracos dos negros: lá lhes diriam que isso fora castigo de São Benedito.

Sim, sem duvida foi São Benedito quem castigara terrivelmente a cidade não só pelo ultraje a ele próprio, mas também pela infâmia, lágrimas e humilhação secular de seus irmãos. Por isso, a humilde igreja agora estava sempre repleta de brancos, que entre lágrimas e soluços imploravam perdão.

E São Benedito teve compaixão, porque os corações dos negros não costumam maltratar os oprimidos. A peste cessou. A cidade começou pouco a pouco a crescer em população, contudo ainda por muito tempo perdurou o medo e a mágoa.

Na mais bela praça, com donativos da comunidade, foi construída uma suntuosa igreja que recebeu o nome de Nossa Senhora da Consolação, e numa capela, separada, foi instalado o altar de São Benedito. Era também a sala dos ex-votos, em que objetos de considerável valor cobriam as paredes de baixo até a abóbada, e o chão revestido de pedras era diariamente regado por lágrimas. Todas as mães traziam aqui seus bebês recém-nascidos; todo novo casal vinha em busca da bênção de São Benedito; quem estava para iniciar um novo empreendimento antes ia pedir proteção ao santo negro, e todos imploravam piedade e perdão.

São Benedito deu, contudo, ainda uma prova mais expressiva da sua força de intercessão. Por seu intermédio, Deus inspirou o coração da nobre princesa que, em meio à admiração do país inteiro, proclamou a abolição da escravatura, irmanando negros e brancos!

---

Ao chegar a Campinas, fui caminhando por uma comprida e larga rua, que, saindo da estação ferroviária, vai até a cidade. Deparei com um magnífico templo, diante do qual se aglomerava uma multidão de devotos, que certamente não haviam conseguido entrar nele.

Quando perguntei que dia santo era aquele, me responderam que era o dia de São Benedito.

Com muita dificuldade, consegui abrir caminho no meio da multidão e entrar na igreja.

Lá dentro, de cabelo branco como um pombo, o sacerdote, o mesmo padre Antônio estava cantando a ladainha de São Benedito.

O meu olhar deteve-se sobre a massa compacta de cabeças brancas e negras abaixadas, que, unidas pela oração, repetiam as últimas palavras da ladainha cantadas pelo sacerdote:

– Que Deus por seu intermédio afaste de nós a peste!

O coro dos brancos respondia:

– São Benedito, rogai por nós!

– São Benedito, rogai por nós! – repetiam os negros com sentida compaixão na voz.

Naquele momento, tive a impressão de ter visto lá no alto, na abobada do templo, as brancas asas abertas do anjo da concórdia, da paz e do amor.

.....

## V

SURPRESAS – “PACIÊNCIA!” – HOSPITAL EM SÃO PAULO  
– ASSISTÊNCIA AOS DOENTES – SANTOS – MAIS UMA  
VEZ “PACIÊNCIA!” – IMIGRANTES – O QUE OS TRAZ A  
SANTOS? – LAMENTÁVEL DESTINO – CEGUEIRA

**A**BEM da verdade, não tinha o propósito de escrever sobre Santos, achando que ficaria por lá apenas algumas horas. Porém o Brasil é a pátria das surpresas de toda espécie! Em vista disso, tampouco se podem fazer planos a longo prazo, caso não se queira estar sujeito a sofrer decepção a qualquer hora.

Assim, por exemplo, o navio em que deveria viajar a Paranaguá estava para chegar havia uma semana. Só apareceu no dia 16 de maio. Presume-se, por isso, que devido a atraso tão significativo ele será obrigado a acelerar a marcha? Qual o quê! Por alguma formalidade não satisfeita, fomos obrigados a permanecer nesse horrível e malcheiroso porto, em meio da febre amarela, que está grassando precisamente lá. O mais estranho de tudo isso é que ninguém se exasperava por isso; pelo contrário, todos repetiam calmamente: “Paciência!”

É de fato singular essa “paciência” brasileira. Ela não tem o sentido da paciência virtude, mas, sim, da inércia, da indiferença e da indo-

lência escancarada. O brasileiro parece não possuir por completo noção de tempo. Tal como no trabalho, é simplesmente preguiçoso quanto ao tempo, sequer se preocupa com ele: por isso, é tão desperdiçado. Quase toda atividade que deva acontecer leva em si a característica dessa inércia.

Como prova, eis alguns exemplos.

Antes de partir de São Paulo, de acordo com a proposta de nosso já conhecido dinamarquês, dr. Gaad, fui visitar o hospital local. Fiz isso de boa vontade tanto mais por saber que ali se encontravam alguns dos nossos imigrantes, gravemente enfermos, aos quais desejei administrar, nessa oportunidade, a extrema-unção.

A construção desse hospital teve início há 10 anos, mas até agora apenas está terminada uma terça parte, pois o dinheiro destinado para tal finalidade, 400 contos de réis,<sup>146</sup> ou seja, por volta de 800.000 francos, evaporou-se, não se sabe onde foi parar. E vocês por acaso pensam que por esse motivo levantou-se alguma questão ou foi designada comissão de inquérito ou coisa parecida? Deus os livre! “Paciência!” Algum dia o hospital estará terminado.

O que já está pronto, devo chamar de magnífico. As salas são enormes, claras e altas, os leitos – limpos e confortáveis. Há de tudo: falta apenas um pequeno detalhe: médicos! Isto é, a bem da verdade, os médicos estão lá, mas não para atender os doentes com aquele desvelo e dedicação próprios dos médicos europeus, não. Ninguém os controla, e eles próprios não se sentem na obrigação de cumprir o dever assumido espontaneamente no dia da formatura. Em contrapartida, é possível ver doentes que permanecem há mais de um ano no hospital. Suas queixas e lamentações recebem sempre a mesma resposta: “Paciência!”

Na sala de oftalmologia, por exemplo, onde – no tempo de um médico europeu – se realizavam anteriormente perto de 300 cirurgias por ano, nos últimos dois anos o médico brasileiro realizou apenas treze, literalmente treze cirurgias. Vi doentes com os quais conversei e cujos nomes figuram no livro de registro como operados, porém nem eles nem os funcionários do hospital sabem coisa alguma sobre isso. O atual médico, ao detectar vestígios de operação realizada, nada pôde encontrar. Se esses

---

146 O equivalente a cerca de R\$ 13.240.000,00 (ago. 2009). (N. da T.)

senhores tratam dessa maneira os seus, o que então deve acontecer com os imigrantes!?! Por isso compreendo agora que – os nossos coitados indo a um hospital – era para a morte certa, como eles me contavam lá no Rio.

Mas, voltemos ao assunto Santos. A estrada de São Paulo a Santos é uma obra-prima de engenharia. Foi construída por uma companhia inglesa por um preço fabuloso. Num percurso de 20 quilômetros, máquinas gigantescas nas estações descem os vagões em cabos de aço. As paisagens são magníficas. É de se imaginar que por uma estrada dessas se chega a uma cidade perfeitamente organizada, tanto mais que Santos é um dos principais centros do comércio brasileiro. Mas, qual nada! É preciso imaginar um lugar situado em meio de banhados, repugnante e malcheiroso, sem nenhum conforto, um porto péssimo – isso é Santos. A isso tudo se acrescenta um clima quase tropical, sujeira sem precedentes por toda parte, e então compreenderemos porque a febre amarela leva daqui tantas vítimas todos os anos. Mas a cidade é rica, possui meios para resolver o problema. De novo, “Paciência!” Esperemos uns 50 anos e talvez, finalmente sob a pressão dos alemães que habitam por aqui, se faça alguma coisa.

Em Santos, encontrei uma revolução *sui generis*. A julgar pelas notícias dos jornais, poderia supor que a cidade inteira se achava em ruínas, as lojas e os armazéns destruídos e centenas de cadáveres estendidos nas ruas. Confesso que para mim foi tremendamente desagradável ter de viajar, mas, que fazer, é necessário – por isso viajei. Qual não foi a minha surpresa, quando cheguei e encontrei as ruas calmas, e só aqui e ali se comentava sobre os estivadores de café que estavam em greve.

É fato que os comerciantes e os armazenários do lugar exploram os estivadores de maneira revoltante. Eles pagam 100 réis<sup>147</sup> por saca de café que o estivador, geralmente italiano, português ou negro, leva até o navio. Era o mesmo preço de há 10 anos, quando a arroba de café custava 6 mil réis.<sup>148</sup> Hoje, porém, quando o preço do café dobrou e o dos artigos alimentícios subiu mais que o dobro, os estivadores exigem um aumento de 100 para 160 réis.<sup>149</sup>

---

147 O equivalente a cerca de R\$ 3,31 (ago. 2009). (N. da T.)

148 O equivalente a cerca de R\$ 198,60 (ago. 2009). (N. da T.)

149 O equivalente a cerca de R\$ 3,31 a 5,30, respectivamente (ago. 2009). (N. da T.)

No caso, temos novamente um exemplo da “energia” brasileira. Nos primeiros dias, os grevistas tomaram uma atitude realmente agressiva. Saíram em massa às ruas praguejando e ameaçando. Aqui e ali se ouviram tiros. Algumas pessoas até ficaram feridas. Diante dessa situação ameaçadora, foi pedido a São Paulo socorro por telégrafo, apesar de o contingente local ser composto de 40 homens armados com rifles velhos. As autoridades de São Paulo decidiram mandar, 14 horas depois, um comissário de polícia. De novo, 24 horas depois, chegaram mais 40 soldados equipados a pedido do comissário. Parece que até os próprios grevistas são adeptos do popular lema “Paciência!” Agora, sentados calmamente, estão comendo bananas. Com tudo isso, quando não havia mais nenhuma ameaça, chegaram do Rio duas canhoneiras e cem soldados. Certamente os telegramas já chegaram até a Europa noticiando como esse caso terminou. Enquanto isso, todo o comércio de Santos ficou simplesmente parado.

Em Santos e nos arredores, encontra-se bom número de nossos emigrantes. Alguns chegaram aqui, como sempre acontece, por absoluta falta de informação. No Rio, está sendo realizada a comédia da inscrição para as diversas províncias. Imaginemos agora um camponês da Polônia que deve escolher esta ou aquela província. Geralmente o primeiro gesto dele é coçar a cabeça, depois menciona, terrivelmente alterado, qualquer nome que por acaso tenha ouvido falar. Por exemplo, para Paraná diz “Barana”, Porto Alegre – “Portaleguem”, e assim por diante. Dessa maneira, Santos foi escolhida por uns e por outros. Aqui não existem colônias onde eles possam trabalhar; por isso, no lugar delas, trabalham em aterros, no meio de banhados e cavam valetas por 1.500 réis<sup>150</sup> por dia. Isso naturalmente dura apenas algumas semanas, porque logo caem doentes. Francamente, não sei como poderia classificar a situação de um habitante do hemisfério norte neste clima e nestas condições. O italiano e o português mal conseguem aguentar aqui; então o que dizer do camponês da Polônia? Se ele não morre entre banhados e pântanos dos arredores, vai se refugiar na cidade, onde o espera um destino não muito melhor.

Para a maioria dos imigrantes, porém, a ideia do porto de Santos foi um atrativo pela esperança de voltar à sua terra de alguma forma

---

150 O equivalente a cerca de R\$ 49,65 (ago. 2009). (N. da T.)

milagrosa. Eles vagueiam pelas ruas, errando pelas avenidas, maltrapilhos e miseráveis vivendo geralmente de esmola. Muitos são fugitivos de colônias ou fazendas, porque já experimentaram a vida no Brasil, já perderam toda a energia e a vontade de trabalhar. Só sabem se queixar e chorar. O único sonho deles infelizmente é ilusório: “embarcar no navio nem que seja como trabalhador de bordo!” Andam de agência em agência, para perguntar sobre o preço da passagem e calculam que esses poucos mil-réis que lhes sobraram no bolso dariam para a passagem de volta. Encontrei alguns deles bêbados. Infelizes, procuram afogar o desespero num copo.

Aqui em Santos, tive um exemplo, ainda mais expressivo que aquele de Bremen, de como vai longe aquela tapeação dos agentes. No navio, em que estou para viajar, o *Porto Alegre*, encontram-se perto de 30 famílias de imigrantes poloneses com destino ao Rio Grande. Estes foram procurados por muitos que já residem aqui há mais tempo e lhes contaram suas mágoas. Enfim a aparência já falava por eles. Acham que alguém acreditou neles? Nunca! As mulheres ainda suspiravam ou soluçavam, principalmente aquelas que já perderam seus filhos. Mas os homens persistiam na ilusão. Alguns, com pouco caso, sacudiam os ombros, outros por sua vez achavam que a culpa da infelicidade deles era a sua incapacidade. Naturalmente, eles me evitavam tanto quanto lhes foi possível. Por ter presenciado isso com muita tristeza, confesso que não tive coragem de privá-los, nessas poucas semanas, da ilusão e esperança. Bem cedo, eles próprios provarão esse lamentável destino para o qual correm cegamente, mas logo se convencerão que a realidade é muito mais cruel que toda esta minha narração.

Em Santos encontrei um único homem em situação sofrível. Era Josef Lukaszewicz, de Varsóvia, um carpinteiro. Ele atribui essa situação um tanto vantajosa pelo conhecimento que tem da língua alemã. Ganha 3.000 réis<sup>151</sup> por dia e fica contando os dias para poder juntar o suficiente e com o filho poder voltar para casa, dizendo que cada hora vivida aqui lhe parece um inferno.

Deixei Santos quase com a mesma impressão que tive no Rio. Aqui e lá é a mesma coisa; além disso, o clima contribui para o indescritível desespero do imigrante.

---

151 O equivalente a cerca de R\$ 99,30 (ago. 2009). (N. da T.)

.....

## VI

PARANAGUÁ – MORRETES – ANTONINA – A MARAVILHOSA ESTRADA PARA CURITIBA – RECEPÇÃO INESPERADA – CORTESIA BRASILEIRA – *SUUM CUIQUE* – FELIZ ESCOLHA – LEVIANA FEBRE IMIGRATÓRIA – CASAS DE IMIGRANTES EM TOMÁS COELHO – O EPISÓDIO DE 10 DE MAIO – BARBÁRIE – O ESTADO DE ESPÍRITO DOS IMIGRANTES – EXPLORAÇÃO – DOIS IRMÃOZINHOS – OS ESTRANGEIROS EM CURITIBA – FALTA DE ENTENDIMENTO – OS PREÇOS DOS MANTIMENTOS – “CAS-CUDOS” E FARRAPOS – UM PROVÉRBIO – A MANEIRA DE SER DOS PARTIDOS

**A** VIAGEM de Santos a Paranaguá, que dura 18 horas, não apresenta nada de interessante. Aliás, viajamos durante a noite e já às 11 h da manhã o navio ancorou numa pequena baía, onde um barco foi preciso para chegarmos ao trapiche.

Paranaguá, uma pequena cidade fundada pelos portugueses, possui uma casa provisória para imigrantes, que naquela ocasião se encontrava vazia, pois justo no dia anterior os imigrados da última leva tinham embarcado para Curitiba.

Resolvemos, então, Nestor e eu não perder mais tempo e com o próximo trem chegar a Morretes e Antonina, duas estações distantes de Paranaguá.

Na estação, avisado sobre nossa chegada, estava à espera Lajus, um francês, diretor de usina de açúcar do lugar, com quem deveríamos a cavalo conhecer a região.

Depois de passar um dia e meio em Morretes<sup>152</sup> e Antonina, onde visitei justamente as colônias onde se planta a cana-de-açúcar, cheguei à capital do Paraná, Curitiba. Se eu estivesse procurando emoções pessoais, então a estrada entre Morretes e Curitiba me satisfaria plenamente. Realmente, parece uma coisa quase inconcebível que mãos humanas encontrassem um modo de transpor de trem altíssimas montanhas. Isso foi realizado por engenheiros franceses. Num certo trecho de 30 quilômetros, em desnível de 30 graus, a estrada serpenteia sobre viadutos presos à parede das rochas, passa por túneis e pontes. Tenho nervos fortes, contudo muitas vezes senti vertigens e preferi em certos momentos fechar os olhos. Parecia-me que inevitavelmente cairíamos junto com a composição toda, abismo abaixo, ou que estávamos voando. Na verdade, Semmering<sup>153</sup> é sem importância se for comparada com esta estrada. Dizem que ela custou mais de 10 mil contos de réis<sup>154</sup> e constitui uma das maiores conquistas dos paranaenses.

Não foi pequena minha surpresa, quando na estação se aproximou de mim, acompanhado de alguns senhores, um oficial e se apresentou como sendo o coronel Norberto de Américo Bezerra declarando que viera me receber em nome do Governador. À frente da estação, já estava à minha espera uma carruagem, bem como no hotel, um aposento para hospedagem. Não consegui entender o que significaria aquilo. Revelou-se mais tarde que tudo isso se devia aos jornalistas locais e do Rio de Janeiro, que me transformaram em homem importante. Naturalmente

---

152 As colônias ao redor de Morretes – apesar de muito ricas – são impróprias e até fatais para os colonos, devido ao ambiente pantanoso e ao clima tropical, como acontece em toda a orla litorânea do Brasil. Somente os italianos se adaptam melhor após algumas dezenas de anos e geralmente alcançam uma situação próspera. (N. do A.)

153 Pequena cidade austríaca a 80 km de Viena, alcançada por estrada de ferro de qualidade, construída entre 1848 e 1854, um dos orgulhos locais e precursora de ferrovias em regiões montanhosas, a primeira a cruzar os Alpes de norte a sul, com 16 túneis e muitas pontes (OLIVEIRA, AE). (N. da T.)

154 O equivalente a cerca de R\$ 331.000.000,00 (ago. 2009). (N. da T.)

fiz todo o possível para tirá-los desse engano. Apesar disso, continuei recebendo inestimáveis provas de cortesia, que por vezes me deixavam em situações embaraçosas.

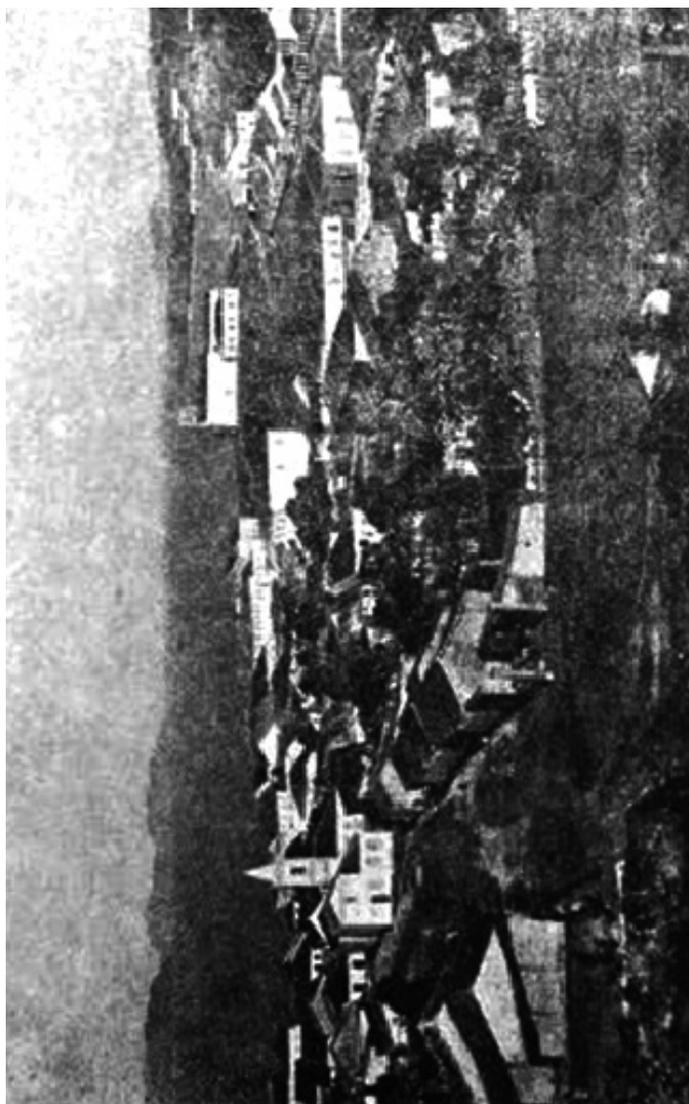
É preciso reconhecer que a arte da cortesia, hospitalidade e obsequiosidade é tão desenvolvida no Brasil que é difícil encontrá-la em outra parte. Essa cortesia não me impediu que eu visse tudo o que quisesse e ainda recebi colaboração e facilidades de muitas pessoas. Por fim – até isso preciso reconhecer – todas as vezes que me aconteceu de chamar a atenção para coisas ruins referentes aos imigrantes, sempre concordavam comigo e não poupavam tampouco frases de indignação contra os culpados. Jamais ocultei minha opinião acerca de qualquer pergunta a mim dirigida e lhes disse mais ou menos tudo o que se encontra nestas anotações. A honestidade e a justiça se impõem neste caso, e me fazem declarar a todos os brasileiros que aqui encontrei inteira consideração para meu trabalho.

No dia seguinte, comecei o trabalho depois de cumprir visitas obrigatórias, entre as quais em especial ao imensamente gentil general Cerqueira de Lima<sup>155</sup>, Governador do Paraná.

De fato, quem desejasse conhecer ao menos superficialmente as condições da colonização não poderia ter escolhido melhor terreno que a Província do Paraná. Antes de tudo, encontrei aqui um clima diversificado, a começar pelo tropical do litoral, terminando no moderado do interior da Província. Igualmente a produção agrícola é variada, e por fim, o que é mais importante, pude ver aqui o resultado da colonização em quase vinte colônias de estrangeiros, que vivem aqui há anos, bem como o atual sistema de colonização. Como, porém, essa matéria não poderá ser tratada devidamente em poucas linhas, por isso – assim como me dediquei a descrever a imigração e os agentes, bem como a vida nas fazendas – a este assunto também dedicarei observações mais extensas, separando cada questão.

---

155 José CERQUEIRA de Aguiar LIMA foi o 63.º presidente do Estado do Paraná, de 27 dez 1890 a 03 jun. 1891 (PARANÁ, CASA CIVIL). (N. da T.)



*Antonina*

Em Curitiba, mais uma vez tive oportunidade de constatar até que ponto foi justa a minha observação ao afirmar que a imigração forçada foi obra da imprudência, empreendida de maneira leviana e caótica, muitas vezes até realizada de má-fé. De janeiro até a presente data, haviam chegado à Província do Paraná mais de 5.200 imigrantes, contudo Curitiba, que servia de primeira pousada, não estava preparada para mais de algumas centenas. A solução foi improvisar a acomodação em casas particulares na Rua Aquidabã<sup>156</sup> e Praça do Rosário. Na primeira casa, encontrei 491 pessoas e na segunda, 301. Com esse número de pessoas, o aperto se fez sentir; agora imaginemos o que deveria estar acontecendo nessas casas quando, poucas semanas atrás, foram obrigados a permanecer o dobro de gente? Naturalmente, não havia a menor possibilidade de manter as mais elementares condições de higiene. Em volta das casas, tudo é barro malcheiroso. É bem verdade que os nossos emigrantes são bastante desleixados, mas mesmo que fossem ordeiros não adiantaria quase nada. Lá encontrei o dr. Meyer, um alemão, que, por consideração, trata dos doentes com dignidade e dedicação. Contudo ele está aqui há pouco tempo, e, quanto ao seu antecessor, muitos de nossos emigrantes se queixaram dele para mim.

É grande a mortalidade entre as crianças. Apesar do clima muito mais suportável, assim mesmo elas morrem em número assustador vítimas da disenteria e inanição. E mesmo em relação a Curitiba, a minha opinião anterior mais certa é que todas as crianças até dez anos estão condenadas à morte, no Brasil.

Se nas duas casas que citei anteriormente, com número de imigrantes não muito grande, a permanência é mais ou menos sofrível, então causa revolta o barracão em Paragui, na colônia Tomás Coelho, situada a dez quilômetros da cidade. Imaginem uma casa de quatro paredes, de madeira, rodeada de banhados, a ponto de ficar alagada após chuvas mais prolongadas. Dentro do alojamento, ao longo das paredes, foram colocadas duas fileiras de beliches, destinados ao descanso dos imigrantes. Os leitos não possuem colchão, apenas palha ou tábuas nuas. São constantes os casos de tifo, febre, disenteria ou outras doenças. Atualmente tiveram

---

156 A rua é a atual Emiliano Pernetta, e a praça – a atual Garibaldi (NICOLAS, s.d., 3, e BPP, 2009). (N. da. T.)

pena dos coitados e levaram para São Mateus os que ainda estavam em boas condições de saúde. São Mateus está localizada a 200 quilômetros de Curitiba, e lá estão sendo fundadas a cidade e as colônias. Dentro do barracão, encontrei perto de 30 famílias, à espera da morte ou da melhora de seus familiares. Para se ter ideia da mortalidade aqui constatada, serve de prova o fato de que o vigário local, padre Soja (polonês) sepultou 86 pessoas, num período de quatro meses, na maioria crianças, tanto que foi obrigado a ampliar o cemitério.

No barracão de Tomás Coelho, aconteceu um fato que prova a absoluta falta de assistência aos imigrantes, bem como a selvageria da soldadesca local.

No dia 10 de maio, os soldados designados para proteger os imigrantes tentaram violentar a mulher de um deles. Indignados com essa infâmia, as demais pessoas correram para acudir. Começou a briga. Vencidos, os soldados foram obrigados a bater em retirada. A título de vingança, porém, arrastaram até o mato próximo um inocente, que naquele momento estava dormindo, Jozef Lakomy, um camponês da região de Kalisz, distrito de Brudzewo; amarraram-no a uma árvore e o seviciaram da maneira mais cruel. Uma chuva torrencial interrompeu o trabalho dos carrascos, que o abandonaram inconsciente e sem sentidos, depois de lhe aplicarem uma impiedosa surra com espadas. Lakomy mostrou-me uma grande ferida que ainda tinha na cabeça. Ele havia saído do hospital poucos dias atrás. O fim que levaram os patifes, ninguém sabe, mas acho que o Governador General Lima, homem justo que é, não deixou passar o fato sem lhes aplicar boa reprimenda. Os jornais locais noticiaram o acontecido com indignação, entre outros o *Beobachter*, n.º 21, de abril deste mesmo ano<sup>157</sup>, exigindo severa punição dos culpados. Esse é o comportamento daqueles que deveriam zelar pela segurança dos imigrantes!

A situação dos imigrados não difere nada daquilo que vi até agora. Muitos deles já provaram o amargor nas colônias, e acabaram evadindo-se das Províncias de Santa Catarina, e até do Rio Grande, vindo a pé até Curitiba. Semanas após semanas, ficaram errando pelas matas, até que finalmente chegaram aqui. Eles estão tão arrasados com sua desdita,

---

157 O A. se refere a 1891. (N. da. T.)

que é de cortar o coração da gente, ainda mais quando começam contar seus casos dolorosos. Todos, sem exceção, derramam lágrimas amargas só de pensar que ainda vai demorar muito tempo até voltarem para sua terra ou talvez nunca mais voltem. Qual não foi o desespero deles quando fui obrigado a retificar suas errôneas esperanças de que eu não teria poderes de devolvê-los todos para casa!

Apenas de passagem menciono aqui que muitos estão há mais de seis meses nos barracões de imigrantes esperando receber seu quinhão de terra nas colônias. Enquanto isso, perambulam pela cidade ociosamente. Alguns pedem esmola, outros bebem, mas em todos a miséria moral é mais lamentável que a material.

Artífices, com algum conhecimento da língua alemã, principalmente os carpinteiros, serralheiros e sapateiros, encontraram trabalho. Alguns deles ganham de 2.000 a 3.000 réis<sup>158</sup> por dia. Outros procuraram trabalho na construção da estrada de ferro Curitiba-Lapa. Prometeram pagar-lhes 2.000 réis por dia, mas se queixam de que os empresários os tapeiam, dificultando o pagamento, de modo que foram obrigados a abandonar o serviço e até desistir do que deveriam receber. Falaram-me também sobre certo T., irmão de um dos funcionários do Departamento de Imigração, que contrata imigrantes e não os paga. Além disso, esse sujeito se permite praticar torpezas, que até dão nojo só de lembrar. O padre Andrzejewski – ao ser chamado para dar assistência a uma doente – foi testemunha involuntária de repugnante bacanal, que teve lugar em casa próxima, organizada por esse elemento, o que prova a que ponto sua libertinagem foi capaz de levá-lo. Disseram-me que as autoridades locais ficarão atentas aos atos desses seus patrícios, mas, como sempre acontece no Brasil, é preciso ter “paciência!”

Para terminar, cumpre dedicar algumas palavras só a Curitiba. Ela conta aproximadamente com 20.000 habitantes e – apesar de fazer grandes progressos nos últimos tempos – sob muitos aspectos deixa muito a desejar. Os estrangeiros se estabeleceram em número considerável, sendo a maioria deles alemães, bem como 50 poloneses aproximadamente, procedentes da Prússia, do Condado e da Galícia. Na maior parte, eles

---

158 O equivalente a cerca de R\$ 66,20 a 99,30, respectivamente (ago. 2009). (N. da T.)

são comerciantes ou artífices. Alguns, principalmente os alemães, chegaram a possuir considerável fortuna. Entre os poloneses, conheci aqui os irmãos Waberski, Szulc, um comerciante de Poznan, Stachowski, também comerciante, e outros. Todos trabalham com dedicação e honestidade. Este ano, os estrangeiros tiveram o privilégio de eleger 5 deputados à Assembleia Estadual, entre os quais o comerciante Bertold Adam representa os interesses dos poloneses com muita dedicação e honestidade. Sobre as colônias daqui, que surgiram em 1870, darei um relatório detalhado em outro capítulo. É de lamentar que a falta de união entre os estrangeiros não lhes permita formar uma frente maciça. Se assim se organizassem, eles conseguiriam realizar inúmeros benefícios e evitar muitos abusos da parte da administração brasileira.

Em Curitiba, a vida é mais barata que em outras cidades. No hotel, pode-se conseguir uma diária com todas as refeições, por 3.500 réis.<sup>159</sup> Um quilo de carne custa 280 réis,<sup>160</sup> meio quilo de pão – 100,<sup>161</sup> 1 alqueire<sup>162</sup> (40 litros ou 50 em outros lugares) de milho – 3.000 réis,<sup>163</sup> farinha de centeio – 3 (às vezes até mais barato). Resumindo: um trabalhador pode ter seu sustento por 800 a 1.000 réis<sup>164</sup> por dia, e de 1.500 a 2.000 réis<sup>165</sup> com a família. O aluguel também não é muito caro. Um pequeno quarto com cozinha custa perto de 6.000 réis<sup>166</sup> por mês. O comércio varejista e as profissões específicas são geralmente dominados pelos estrangeiros.

Aqui se trava uma luta renhida entre dois partidos: o dos conservadores, chamados “cascudos” (que os poloneses transformaram em *paskudy*, que em polonês significa “feiosos”), ou seja, os “grossos”, e os

---

159 O equivalente a cerca de R\$ 115,80 (ago. 2009). (N. da T.)

160 O equivalente a cerca de R\$ 9,27 (ago. 2009). (N. da T.)

161 O equivalente a cerca de R\$ 3,31 (ago. 2009). (N. da T.)

162 Ver nota 1 no capítulo I desta II parte (N. da T.)

163 O equivalente a cerca de R\$ 99,30 (ago. 2009). (N. da T.)

164 O equivalente a cerca de R\$ 26,48 a 33,10, respectivamente (ago. 2009). (N. da T.)

165 O equivalente a cerca de R\$ 49,65 a 66,20, respectivamente (ago. 2009). (N. da T.)

166 O equivalente a cerca de R\$ 198,60 (ago. 2009). (N. da T.)

liberais, os farrapos, ou seja, os “sem-culotes”<sup>167</sup>. Sobre ambos os partidos corre aqui este ditado: “Um rouba, outro rapa”. Atualmente estão no poder os liberais, tendo à frente o advogado dr. Generoso<sup>168</sup>, que dizem ser um homem honesto, existindo, portanto, a esperança de que sob sua administração o partido se libertará dessa fama até agora corrente.

Falando em partidos, não se deve comparar os daqui com os de moldes europeus. Os daqui não se prendem a convicções. Estas se transformam de acordo com o que lhes convém. É bem engraçado o partido que existe desde os tempos da proclamação da República, o dos “republicanos históricos”, sob cujo manto se abrigam os conservadores e os ex-monarquistas, que declaram vir nutrindo por ideais republicanos muito tempo. Contudo, ainda existem aqueles adeptos tanto do monarquismo quanto do republicanismo, mas estes tampouco almejam cargos do governo e geralmente se mantêm a distância.

Essas são mais ou menos as impressões que trouxe de Curitiba.

---

167 “Sem-culotes” (do francês *sans-culottes*) “era a denominação dada pelos aristocratas aos artesãos, trabalhadores e até pequenos proprietários participantes da Revolução Francesa a partir de 1771, principalmente em Paris. Recebiam esse nome porque não usavam os elegantes *culottes*, espécie de calções justos que apertavam no joelho que a nobreza vestia, mas uma calça de algodão grosseira. Na época da Revolução Francesa, a calça comprida era o típico traje da época usado pelos burgueses”. (Fonte: WIKIPEDIA. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Sans-culottes>>. Acesso em 10 abr. 2008.) O A. deve se referir à expressão depreciativa usada pelos imperiais (partidários da monarquia) aos republicanos rio-grandenses da Revolução Farrroupilha de 1835, que usavam bombachas, calças largas e compridas, abotoadas nos tornozelos.

168 Possivelmente GENEROSO Marques dos Santos (1844–1928), o 64.º e o 66.º Presidente do Estado do Paraná, nos períodos de 3 jun. 1891 a 29 nov. 1891 e de 19 nov. 1891 a 29 nov. 1891. (N. da. T.)

.....

## VII

COLONIZAÇÃO – SUA HETEROGENEIDADE – QUAL A PARTE DO BRASIL MAIS ADEQUADA PARA COLONIZAÇÃO? – ITALIANOS, PORTUGUESES, ESPANHÓIS E HABITANTES DO NORTE – TOTAL DESPREPARO PARA A COLONIZAÇÃO – MULTIDÃO À ESPERA – LAMENTÁVEL OCIOSIDADE – FLORESTA VIRGEM – PROBLEMA DE ENGENHEIRO – PRIMEIROS PASSOS – ROÇA – QUEIMADA – ÉPOCA DIFÍCIL – A TRIBO SELVAGEM DOS BOTOCUDOS – A ABSOLVIÇÃO DE DYGASINSKI – PRIMEIRA COLHEITA – SALÁRIOS DO GOVERNO – PAGAMENTO – MERCANTILISMO – CONDIÇÕES DE ESCOAMENTO – COMUNICAÇÕES – SÃO MATEUS – RIO NEGRO – PONTA GROSSA – SÃO BENTO – RIO GRANDE – COLÔNIAS EM CURITIBA – LAMENHA E O DR. BLUMENAU – A HISTÓRIA DESSAS COLÔNIAS E AS CONDIÇÕES DE SEU SUCESSO – EXEMPLOS DE INSUCESSO – NÃO HÁ COMPARAÇÃO

V

OU abordar agora o assunto – indiscutivelmente mais interessante, mas ao mesmo tempo mais complicado e mais doloroso – das condições da imigração no Brasil: as colônias, esse tal chão aurífero, com que os agentes atraíram e enganaram os ingênuos camponeses e os transviados artífices, esse tal paraíso sonhado, em que camponeses e artífices pensam encontrar riquezas e fartura, enfim tudo aquilo que sua imaginação desorientada podia criar.

A bem da verdade, esse assunto não deveria ser tratado em geral, pois as condições da colonização são simplesmente diferentes, não só em cada província, mas ainda em cada região da mesma província. Não é o objetivo, contudo, de minhas modestas e superficiais anotações esgotar completamente

o assunto; não vi o bastante nem conheci o suficiente para poder enfrentar problema tão vasto. Desejo apenas dar uma ideia geral aos leitores, possíveis emigrantes, para estarem plenamente cientes do destino que os espera.

Por isso, já de entrada devo assinalar que o Brasil inteiro pode ser dividido em duas partes: a primeira, adequada para a colonização, e a segunda completamente inadequada para assentamento especialmente de habitantes do Norte da Europa, parte em que, além de inadequada, é impossível a entrada de imigrantes. Nessa segunda categoria, podem ser incluídas todas as províncias do norte do Brasil, como Amazonas, Bahia, Espírito Santo, Pará, Rio de Janeiro, a parte sul e oeste de Minas Gerais, e finalmente todo o litoral, até o Rio Grande. Sei que por isso ouvirei muitas críticas da parte dos brasileiros.

– Como é – dirão eles – que aquela província tão rica, como o Pará, famosa por sua produção de borracha, poderá ser inadequada à colonização? E quantos italianos já se instalaram por lá e não estão satisfeitos? Até uns poucos alemães não se queixam de seu destino!

Antes de tudo, quanto aos italianos, portugueses e espanhóis, o caso se apresenta bem diferente. Sendo eles habitantes do sul da Europa, podem, mesmo com alguma dificuldade, se aclimatar com o tempo. Visitei, por exemplo, na Província do Paraná, colônias italianas nos arredores de Morretes, no próprio litoral, situadas em pleno banhado; lá, os italianos plantam a cana-de-açúcar e alguns estão até prosperando. Tentou-se também assentar lá alemães, mas estes, ou morreram ou fugiram. De mais a mais, a alimentação dos habitantes do sul da Europa é bastante parecida. Praticamente foi a própria miséria que os fez abandonar sua terra; por isso, a escolha entre a morte por fome e certa esperança de futuro no Brasil; no mais, vencem com maior facilidade as moléstias relativas ao clima e até enfrentam com mais coragem a própria morte. Não se deve, portanto, medir todos os colonos com a mesma medida. Por isso afirmo, com toda a convicção, que toda tentativa de assentar habitantes do norte da Europa nas províncias e localidades de clima tropical ou próximas deste, é simplesmente crueldade, e a exposição de pessoas completamente ignorantes a uma situação de perigo é condená-las ao inevitável extermínio. Quanto a isso, eles concordaram unânimes sobre a justeza de minha afirmação, sendo também a opinião geral dos brasileiros mais responsáveis.

De maneira geral, faço advertência a todos que leem livros e publicações sobre o Brasil, escritos geralmente pelos que aproveitam a oportunidade para fazer propaganda emigratória na Europa, para que as expressões superlativas “clima paradisíaco”, “terras auríferas”, “fertilidade inesgotável”, etc., sejam aceitas com boa vontade em relação a quem inventa coisas. Na realidade, tudo tem outro aspecto e este é bem diferente, desde o momento em que o colono pega no machado e na enxada e começa o seu trabalho penoso. Refiro-me particularmente às províncias das categorias já mencionadas, sobre as quais tantos elogios eu havia lido.

Pois bem, sobre uma colonização racional e honesta, só pode se falar a respeito das províncias do Sul – parte de São Paulo e Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Tanto quanto me foi possível saber, esta última província está sendo estudada detalhada e escrupulosamente já há alguns meses pelo cônsul russo, dr. Bogdanow. O material por ele colhido será, sem dúvida, muito mais detalhado, mais rico e mais completo que minhas impressões superficiais, pois é assim que posso chamar estas observações. Antes, porém, de o dr. Bogdanow publicar o seu trabalho, é possível que estas ligeiras observações sirvam pelo menos de advertência para muita gente.

Num dos capítulos anteriores, procurei demonstrar que a febre emigratória ao Brasil foi provocada pelo temor da falta de mão-de-obra consequente do já adiantado movimento e da resultante concretização da abolição da escravatura. Por isso, tudo levava a crer que a maior parte da febre imigratória seria encaminhada nesse sentido. Mas não é isso o que está acontecendo. A maioria da imigração prefere e está sendo impelida para as colônias. Afinal, como bem se sabe, é exatamente com essa isca que os agentes atraem e seduzem os incautos. Já que é assim que acontece e trilhando pela lógica mais simples, seria de se pensar que o governo brasileiro já deveria ter preparado tudo que fosse necessário para a colonização.

E é aqui que se constata a primeira falha e, digo mesmo, uma culpável omissão e leviandade do governo brasileiro: o país não está preparado para o assentamento nem mesmo da centésima parte dos colonos que para cá afluem. Meses a fio, essa gente fica deitada nas casas dos imigrantes, esperando receber as colônias que lhes foram prometidas. Em Curitiba, encontrei muitos dos nossos emigrados que já estão lá há 7 meses e até agora

ainda não fazem a mínima ideia de quando serão assentados. O mesmo acontece em Rio Negro e São Mateus, onde foram construídas às pressas barracões, nos quais só Deus sabe por quanto tempo estarão esperando os ditos lotes tão esperados, que ainda estão sendo demarcados. Num cálculo geral, chegaram ao Paraná aproximadamente 6.000 pessoas, das quais só uma pequena porcentagem receberá gleba. Previno, porém, que a expressão “colônia” não deve ser interpretada à maneira polonesa, pois veremos mais adiante o que ela significa na realidade.

Imaginemos agora pessoas por mais pacientes que sejam, há meses confinadas e ociosas em barracões, expostas às tentações decorrentes dessa situação, e ainda desiludidas em suas esperanças e aflitas com as histórias contadas pelos companheiros que escaparam daquelas colônias; assim teremos ideia clara do elemento colonizador que hoje são e serão no futuro próximo. Entre os que deixaram a terra natal, nem todos possuem moral a toda prova, como constatei durante minha estada no Brasil; por isso, os de caráter mais fraco se entregam ao vício da bebida, ao roubo e a outros delitos que estão na ordem do dia. Seguidamente encontram-se grupos inteiros perambulando pelas ruas sem destino: só sua aparência causa impressão deprimente. Sobre a desmoralização entre os imigrantes em Rio Negro e São Mateus, contaram-me coisas assustadoras. Muitos deles, que deixaram suas esposas e famílias no além-mar, levam a vida mais selvagem, de maneira que – se não aparecer logo alguma ajuda moral – deve-se considerar essa gente como perdida.

Quando critiquei o governo brasileiro por não estar preparado para a colonização, devo, mesmo superficialmente, explicar a razão da suspensão dos tais preparativos.

Existem dois tipos de terra que estão sendo demarcados para os colonos: o campo, extensão de terra coberta por apenas capim e certo tipo de pequenos arbustos, e a mata virgem. O campo requer, já de saída, um tratamento corretivo, pois existe o preconceito, entre os colonos, de que o campo é estéril. Digo preconceito porque só os italianos o escolhem e instalam vinícolas, que lhes dá um bom lucro, porém conquistado a duras penas. Para o colono polonês, a mata virgem agrada mais, já porque a floresta sempre foi a sua maior tentação, já pelo fato da ideia errônea de que lá encontrará terra muito melhor.

Pois bem, para aquela floresta, onde pé humano jamais pisou, se dirige primeiramente o agrimensor, que aqui chamam de engenheiro, acompanhado de sua equipe. O primeiro problema consiste em traçar a linha principal, ou seja, a picada, que será a futura estrada. Meu Deus! Essa estrada só existe na imaginação, porque decorrerão ainda muitos anos, antes de passar por ela a primeira carroça de colono. O trabalho do agrimensor consiste em apenas no corte de arbustos e árvores de pequeno porte. As maiores ficam. Dentro de alguns meses, com essa vegetação incrivelmente exuberante, não restará sequer um sinal da demarcação da picada. Devo acrescentar que tais trabalhos de engenharia absorvem milhões, dos quais apenas uma pequena porcentagem será devidamente aproveitada. As especulações e abusos reinam aqui em larga escala.



*Vista de floresta virgem.*

Após a demarcação da picada principal, chega a vez das laterais, que deverão constituir os limites dos lotes em separado, ou as chamadas colônias. As dimensões desses lotes são diversas: os que são situados nas proximidades de Curitiba, geralmente são de 1,5 a 3 alqueires<sup>169</sup>; em São Mateus e Rio Negro, eles são bem maiores, pois medem de 7 a 9 alqueires; em Ponta Grossa, são até maiores, mas em contrapartida a terra é muito mais fraca. Em cima desse lote, segundo a lei, deve ser construída uma casa para o colono, mas na realidade, porém, ele deve se considerar feliz se encontrar alguma espécie de abrigo; na maioria das vezes, é obrigado ele mesmo a fazer um rancho coberto com folhas de palmeira. No entanto, o colono é obrigado a pagar a terra e a casa em prestações anuais, conforme o preço da terra determinado pela agência de colonização.

Esses lotes, ou chácaras, como chamam os colonos mais antigos, não foram ainda preparados na Província do Paraná: estão fazendo isso agora, enquanto os imigrantes, deitados nos barracões, aguardam o término dos trabalhos preparatórios.

Mas finalmente chegou o momento tão esperado: o colono está assentado no seu lote, demarcado às pressas, e se instalou dentro da cabana que deverá servir de morada ainda por muito tempo. Só então ele percebe com assombro a enormidade de trabalho que o espera e o que vem a ser essa floresta virgem que ele tanto desejava.

Ninguém pode ter ideia do que seja uma floresta virgem, ou melhor, uma floresta brasileira, se não a viu com os próprios olhos. É uma compacta massa verde. Milhares de cipós entrelaçados envolvendo tanto as árvores menores como as gigantes, centenárias. Do meio dela apenas as folhas e as pontas sobressaem. (Não tenho noções de botânica, ou pelo menos esqueci o que me ensinaram sobre ela, por isso posso incorrer em muitos erros.) Do solo despontam milhares de espécies de samambaias e arbustos. Em suma, quando se diz que tudo aqui é tão apertado que “nem cobra consegue se esgueirar”, a frase tem plena aplicação.

---

169 O alqueire tem 10 medidas prussianas e abrange uma área em que se plantam de 40 a 50 litros de sementes. (N. do A.)

Diante dessa enorme vegetação estrangulada, está lá esse colono frágil, perplexo, sem saber o que fazer nem por onde começar. Ninguém o instruiu nesse sentido, ninguém lhe ensina nada, nem ele pode obter conselhos sem entender a língua.



*Casa rústica na floresta*

Depois de enfrentar muitas dificuldades, de uma maneira ou outra, começa a enfrentar o trabalho, que, além de aborrecido, é extremamente pesado e requer paciência sobre-humana. Então, primeiramente começa pelo corte do mato e dos cipós com uma ferramenta apropriada que tem forma de um alfanje curto, a foice, ferramenta desconhecida na Polônia. Assim que consegue vencer o primeiro obstáculo, apanha o machado e empenha-se no corte de árvores de menor porte. Em seguida, chega a vez das maiores e por fim das gigantes.

Naturalmente, deve-se imaginar, sem dúvida, que assim se passam meses, antes que parcela muito pequena do lote esteja em condições para começar uma roça. Nessa lida os brasileiros têm uma prática incrível, enquanto que o nosso homem pode às vezes levar dias, lidando desajeitado, antes de conseguir derrubar um gigante. A madeira é extremamente dura e, além disso, endurece mais ainda após os primeiros cortes.

Então é preciso esperar algumas semanas de tempo bem seco, para que o roçado murche e fique em condições de ser queimado. Mas até queimar a roça requer certa prática e habilidade, porque, caso contrário, o fogo se apagará ou a queimará parcialmente. A segunda tentativa é muito mais difícil. Árvores muito grandes nunca queimam de todo: seu tronco fica deitado no chão ao lado do toco, até que ele se transforme em pó com o passar dos anos.

Quanto tempo, pois, terá decorrido, quanto trabalho insano para enfim conseguir arrancar da natureza selvagem aquele pedaço de terra necessário para o plantio de um pouco de milho e feijão, talvez até um pouco de batata, se o solo assim o permitir; em suma, só aquilo que é indispensável para alimentar o colono e a sua família. Além do mais, trata-se de uma época das mais difíceis, porque ele está atravessando justamente o período de aclimação; por outro lado, é atacado por aquele terrível bicho-de-pé, mosquitos e outros insetos, sem falar nas cobras, de espécies desconhecidas, que, já pelo perigo real, já pelas suas formas, enchem de pavor o colono. A umidade por sua vez dá origem a diversas doenças. Se ele tem filhos menores de 10 anos, ele terá a certeza de que eles morrerão nessa época. Ele próprio, junto com outros mais velhos, vai perdendo as forças e a energia. Não recebe apoio de parte alguma nem alento moral nem

qualquer incentivo. Se conseguir atravessar a floresta e chegar até a casa do vizinho, é talvez só para ver que este também está nas mesmas condições.

Tenho certeza de que muitos desses males, cuja dimensão ultrapassa o potencial e a habilidade da minha força de expressão, com um pouco de boa vontade e uma efetiva dedicação da parte dos encarregados da colonização, poderiam ser em parte evitados para os colonos. Mas quem há de se importar com isso? A colonização se realiza dentro dos padrões estabelecidos: o colono, já assentado dentro da mata, que se vire como pode e como quiser.

A cada passo, ouvi por aqui comentários de indignação contra Dygasinski, que, segundo dizem, teria escrito que no Brasil o colono é devorado por animais selvagens. Não sei se ele, ao escrever, estava afirmando isso no sentido literal da expressão; francamente não sei dizer o que é melhor afinal: ser devorado por uma onça ou ser aniquilado aos poucos pelos insetos, conforme já descrevi no capítulo sobre a “Vida nas fazendas”<sup>170</sup>, porquanto dentro da floresta esse drama tem dimensões muito maiores. Em contrapartida, dirão que todo começo é difícil, que, dentro de cinco anos, esse mesmo colono se encontrará em outras condições e talvez esquecerá o sofrimento por que passou. É possível que isso aconteça, mas quantos conseguirão sobreviver com todas essas dificuldades? Quanta força espiritual e física é necessária para as superar e perseverar? Que porcentagem deles perecerá, antes que alguns apenas consigam emergir à tona das águas tranquilas de uma vida melhor? Digam o que quiserem, mas o atual sistema de colonizar é simplesmente desumano e bárbaro.

Mas volto ainda ao assunto dos animais selvagens. Na verdade, nunca ouvi falar, ainda, que algum colono morresse atacado por uma onça ou outro animal feroz, mas de uma picada de cobra venenosa morre muita gente, e sobre isso vou narrar o seguinte fato.

Estão sendo abertas colônias em Rio Negro, distantes aproximadamente 40 quilômetros além do rio com esse nome. Exatamente naquelas florestas vive a mais feroz tribo indígena, a dos botocudos, que – considerando-se legítimos donos daquelas terras – as defendem bravamente e ademais se acostumaram à pilhagem, roubando especialmente meninas e haveres,

---

170 O A. se refere ao capítulo III da II Parte. (N. da. T.)

e atualmente se tornaram mestres em ardis de toda sorte. Não faz muito tempo, dois homens – que trabalhavam como ajudantes de engenheiro nas medições de terras e, de acordo com a história contada por um francês, o engenheiro Léon, da estrada de ferro que está sendo construída – esses dois homens foram vítimas dos botocudos, sendo mortos da maneira mais cruel.

Os botocudos, para atrapalhar o avanço da estrada dentro de suas terras, prepararam uma armadilha terrível. Espiando a distância o progresso da picada, calcularam sua direção e bem à frente dela cavaram enorme buraco, levando a terra para bem longe. Dentro desse buraco fixaram estacas com pontas muito afiadas e temperadas a fogo, cobrindo tudo isso com folhas. Dessa maneira, em meio a horrível martírio, dois homens perderam a vida.



*Cacique da tribo botocuda.*

Não averigüei esse fato, mas é dessa maneira que os botocudos agem, o que me foi confirmado por muitas fontes, entre as quais a palavra do engenheiro alemão Eisenhart, bem como de alguns brasileiros aos quais perguntei detalhes. É nas proximidades de gente assim que vivem nossos colonos, geralmente desarmados, afastados a grande distância um do outro e sem nenhuma proteção militar. Diante desse fato, apresso-me a inocentar Adolf pela falta de exatidão, se é que realmente ele a cometeu. Será que se pode imaginar descaso maior, quando se trata não só da própria vida, mas pelo menos da tranquilidade humana?

Mas voltemos ao nosso colono na floresta virgem.

Certamente a qualquer pessoa que esteja lendo minhas anotações, assalta logo a pergunta: de que é que vive o colono enquanto está preparando a roça, isto é, antes que ele consiga a duras penas extrair daquele pedaço de terra a primeira colheita? Isso foi pensado, mas de uma maneira tão esquisita como tudo o mais.

Em termos oficiais, se diz o seguinte:

“O colono, até sua primeira colheita, trabalha 15 dias de cada mês nas obras de construção das estradas que cortam as colônias, recebendo do governo o pagamento de 1.500 a 2.000 réis<sup>171</sup> por dia.”

Pode haver algo mais belo que isso?

Mas que diferente é a realidade comparada com isso!

Para começar, o colono não recebe o seu dinheiro na mão, mas somente vales, ou, na maioria das vezes uma caderneta, por meio da qual o vendeiro fornece a mercadoria solicitada. Ainda assim não haveria nada de estranho nisso, se não fossem os seguintes detalhes. Em primeiro lugar, o vendeiro não está sujeito a nenhum controle, portanto coloca os preços conforme sua vontade, quase sempre eles são triplicados ou quadruplicados, desculpando-se com os custos do transporte. Em segundo, geralmente o vendeiro está bem distante de colônias separadas. No Rio Grande do Sul, na colônia Alfredo, a venda mais próxima se encontrava a dois dias de viagem, por caminhos incrivelmente difíceis. Portanto, para conseguir mantimentos será necessário, no mínimo quatro, na maioria das vezes seis

---

171 O equivalente a cerca de R\$ 49,65 a 66,20, respectivamente (ago. 2009). (N. da T.)

ou mesmo oito dias. Então, se 30.000 réis<sup>172</sup> seriam suficientes para manutenção do colono com sua família durante um mês, e levando em conta que ele é obrigado a pagar o preço dos mantimentos três ou quatro vezes mais caro, perdendo, a cada dez dias, de quatro a oito para conseguir abastecimento, facilmente teremos o cálculo de quanto ele ganha na realidade, ou por outra: quanto tempo lhe sobrar, para tratar da sua própria colônia. Por isso, não é de se estranhar que dos 2.500 colonos assentados no Rio Grande do Sul, 750 se evadiram, espalhando-se por todo o território brasileiro. Conversei com alguns desses fugitivos, que chegaram ao Rio de Janeiro. “A situação daquela colônia é extremamente lamentável”, descreveu-me também um tal de Okominski, jardineiro proveniente de Samow, distrito de Mlawy, que encontrei em Curitiba, aonde chegara a pé, completamente extenuado.

É preciso se dar conta do seguinte fato: o colono – recebendo o seu salário dessa maneira – passa a menosprezá-lo e na primeira oportunidade encontra um jeito de saciar seu vício lá na venda: esse é enfim um caminho aberto para toda a sorte de abusos e excessos. Além disso, nenhum governo, talvez em parte alguma do mundo, permitiria que fosse efetuado semelhante pagamento entre particulares; mas que dizer quando o próprio governo é o pagador? Essa é uma das muitas provas da perversão, diria eu, até das monstruosas armadilhas daqui. É mais ou menos a mesma coisa, por vezes em até piores condições, o que se pode encontrar em outras colônias, entre quais estão – eu sei – São Bernardo, na Província de São Paulo, e São Mateus, Rio Negro e Ponta Grossa, na Província do Paraná.

Quando finalmente, depois de anos de tanto sofrimento, o colono conseguiu – como é de se supor, com excepcional força de vontade e esforço físico – preparar seu lote inteiro ou parte dele, deixando-o em condições de lavoura (isso se a terra é realmente fértil, ou em outras palavras, se puder produzir durante os primeiros cinco anos sem necessidade de adubação), aí sim, com enxada ou pá nas mãos, recomeça a trabalhar. Trabalhar com arado, nem pensar, mesmo depois de longos anos, pois as toras e os cepos que não queimaram por completo ficam atrapalhando na terra, e, como já disse, só o tempo se encarregará de transformá-los em pó. Contudo, a questão do êxito

---

172 O equivalente a cerca de R\$ 993,00 (ago. 2009). (N. da T.)

real depende do escoamento do produto. Se a colônia estiver situada nas proximidades da cidade, a situação é favorável. Por isso, é mais vantajosa a situação do colono que se encontra à beira da estrada de ferro, à margem de um rio ou mesmo de qualquer estrada que seja. Mesmo que ele não possa vender diretamente sua colheita, sempre hão de aparecer negociantes prontos a adquirir a produção. Porém as coisas se apresentam bem diferentes para o colono desprovido de qualquer via de escoamento; neste caso, ele será obrigado a transportar sua colheita no lombo de mula, com grande perda de tempo, ou a ficar à mercê dos negociantes casuais, que geralmente fazem negócio na base da troca, tais como tecidos, ferramentas, roupas, ou recebem os produtos por preços arbitrariamente estabelecidos. Ocuparia espaço demais se fosse descrever a lamentável situação existencial destes últimos. Aos interessados em conhecer esse assunto com mais detalhes, recomendaria a obra do dr. Kaergerer, *Brasilianische Wirthschaftsbilder*,<sup>173</sup> em que o próprio autor descreve detalhadamente e com exatidão a situação dos colonos alemães nas colônias de São Francisco, São Bento e Joinville, na Província de Santa Catarina, os quais experimentaram semelhante destino. Devo apenas acrescentar que – quando uma companhia de Hamburgo empreendeu essa colonização, tendo interesse direto em atender, com a máxima eficiência, às condições existenciais dos colonos – seu empreendimento acabou sendo atualmente realizado pelo governo brasileiro com todos os defeitos de sua incompetência ou da já desmoralizada administração colonizadora.

E de novo temos aqui exemplos expressivos. Grande parte dos imigrantes, vindos ao Estado do Paraná, foi enviada para a colônia São Mateus, já por diversas vezes lembrada por mim. Essa colônia fica a 216 quilômetros de Curitiba e é tão nova, tão recente, que apenas o lugar foi designado para a fundação da cidade. Por enquanto só existe um barracão, feito às pressas para os imigrantes, casa para os funcionários do Departamento de Colonização e duas casinhas de vendeiros. É um lugar escolhido com total infelicidade por se encontrar a grande distância das projetadas artérias de comunicação; num futuro ainda mais distante, talvez dentro de algumas dezenas de anos, na melhor das hipóteses, os colonos terão ali um meio razoável de escoamento.

---

173 Obra já citada no capítulo III desta II parte. (N. da T.)

À colônia Rio Negro, também fundada recentemente, a linha férrea chegará dentro de alguns anos, saindo de Curitiba e passando pela Lapa. Enquanto isso, porém, essas colônias estão afastadas de todos os mercados de consumo, pois a construção das estradas, pelo já conhecido sistema moroso baseado na inércia brasileira, certamente demorará ainda muito tempo. Sob esse aspecto, as perspectivas dos novos colonos em Santa Catarina e Rio Grande devem ser muitas vezes piores, segundo ouvi dizer.

Foi, portanto, nessas condições, através de agentes, que se formou a imigração ao Brasil. Conforme vimos, ele está completamente despreparado para uma colonização em tão grande escala, com administração colonizadora e organização defeituosas, perspectivas de sucesso muito duvidosas, por vezes simplesmente desvantajosas! Não teríamos o direito de censurar o governo brasileiro por esse motivo nem de fazer comentários acerca de sua leviandade, se os imigrantes viessem para cá por sua espontânea vontade. Nesse caso, afinal de contas, seria como diz o provérbio popular: “Você dorme conforme arruma sua cama”. Mas, como é do conhecimento de todos, os nossos emigrados chegaram aqui enganados pelos agentes na origem, atraídos com promessas mentirosas; abandonaram seu país, não por motivo da miséria ou outros quaisquer, mas na esperança de encontrar o Paraíso na Terra. E como esse paraíso é diferente na realidade! E a situação deles é muito mais lamentável agora. A sensação de desilusão, a decepção sofrida tornou-se uma carga muito pesada, enchendo-os de desespero em presença da realidade, desencorajando-os, tirando-lhes a energia e a esperança quanto ao futuro.

Todas as vezes que eu chamava a atenção para a lamentável situação dos nossos emigrados, eles sempre admitiam que eu estava com a razão, reprovando unanimemente o sistema de atrair imigrantes, bem como as falhas gritantes do aproveitamento e colocação dos recém-chegados. Contudo, sempre terminavam seus esclarecimentos com os seguintes argumentos:

– Certamente, tudo isso é verdade, julgamos da mesma maneira que o senhor; porém basta ler os nossos jornais para constatar a constante crítica ao sistema colonizador. Além do mais, deve-se concordar que todo começo é difícil e embaraçoso. Das colônias dos arredores de Curitiba, ha-

bitadas pelos poloneses vindos da Galícia, do condado de Poznan, da Prússia e da Silésia, pode-se ter a ideia do futuro que aguarda os seus patrícios.

Esse invariável e quase repetitivo “porém”, bem como igualmente tantos outros motivos que justificaram o empreendimento desta minha modesta viagem, sugeriram-me fazer uma viagem à Província do Paraná. Observei essas colônias “em plena prosperidade”, mas – como antes da minha vinda da Polônia já circulavam notícias sobre Curitiba –, atualmente elas podem dar motivo a uma avaliação apressada, se baseada nelas, a respeito de todo o sistema de colonização, e pela mesma razão, servir de estímulo àqueles nos quais ainda arde a febre emigratória. Por isso mesmo, desejo dedicar àquelas colônias observações mais extensas e explicar as excepcionais condições que contribuíram para seu sucesso.

Já de início quero assinalar que não se deve avaliar a situação das que estão sendo fundadas atualmente, a partir da situação das colônias curitibanas.

O Brasil tem à sua frente nomes de alguns colonizadores humanistas: os Silvas, os Prados, os Taunays e outros. É muito pouco o conhecimento que tenho da história desse país, para poder julgar se realmente essas pessoas tiveram méritos tão grandes. Suponho, contudo, que assim seja. Mas havia dois homens de estado, cujos nomes ninguém lembra, e de cujas atividades poucos têm conhecimento, mas que, na minha opinião, mereceriam a consagração eterna dos seus nomes por deixar ótimos exemplos de como se deve colonizar com honestidade, rigor, praticidade e eficiência. Eram eles Lamenha, ex-Presidente da Província do Paraná, fundador das colônias ao redor de Curitiba, e Blumenau,<sup>174</sup> um engenheiro alemão, fundador da colônia que leva o seu nome, na Província de Santa Catarina. É realmente uma pena não só ter-se apagado a lembrança desses dois beneméritos personagens como também não ter seu bom exemplo encontrado seguidores entre os colonizadores brasileiros de hoje.

---

174 Adolfo LAMENHA Lins (1845-1881) foi o 31.º Presidente da Província do Paraná entre 8 maio 1875 e 16 jul. 1877 (PARANÁ, CASA CIVIL). Hermann Bruno Otto BLUMENAU (1819-1899), filósofo, administrador e químico alemão, fundador da cidade de Blumenau (SC), em 1850, inicialmente como a colônia São Paulo de Blumenau (WIKIPÉDIA, 16 jul. 2009). (N. da. T.)

Não sei que razões incentivaram as ações de Lamenha e de Blumenau, mas o fato é que uma colonização racional e honesta se tornou a ambição de suas vidas. Eles não procuraram tirar vantagens pessoais: Lamenha deixou literalmente pobre seu cargo, e Blumenau, dizem, fez uma economia de 40 contos de réis<sup>175</sup> para o governo; porém o ideal deles era contribuir efetivamente para a prosperidade dos colonos.

O trabalho de Lamenha sempre teve o apoio de sua esposa, segundo a opinião geral, mulher de inteligência e coração incomuns. Seus nomes vivem até hoje na grata memória dos colonos, que todos os anos vão à capela de Santa Cândida, padroeira da senhora Lamenha, fazer preces de agradecimento e rezar pelas almas desses nobres personagens.

Os primeiros imigrantes aqui chegaram em 1873, não aliciados por agentes, mas por espontânea vontade, alguns providos até de recursos materiais, outros com a determinação de enfrentar trabalho duro. A maioria deles originários da Silésia. A imigração maciça ocorreu somente anos mais tarde, entre 1876 e 1878.

A esses colonos foi determinado estabelecer-se nas proximidades da cidade, que realmente estão ao redor de Curitiba, em forma de meia-lua, numa distância que varia entre 3 a 20 quilômetros do centro da capital do Paraná. Essa foi a primeira e imensamente importante condição para o desenvolvimento bem-sucedido das colônias.

Dessa maneira formaram-se quatro grupos das seguintes colônias. Delas apresentarei em resumo a época de fundação, o número de famílias, bem como os lotes do governo e de particulares:

#### I. Grupo *Abranches*.

1) Colônia *Abranches*, distante 5 quilômetros da cidade, fundada em 1873. Conta com 65 famílias, oriundas da Prússia ocidental,<sup>176</sup> as quais receberam somente lotes do governo. O custo da instalação desta colônia foi em torno de 2 contos e 775 mil réis.<sup>177</sup>

175 O equivalente a cerca de R\$ 1.324.000,00 (ago. 2009). (N. da T.)

176 Parte da Polônia ocupada pela Prússia desde 1772. (N. da T.)

177 O equivalente a cerca de R\$ 91.852,50 (ago. 2009). (N. da T.)

2) Colônia *Pilarzinho*, formada um pouco mais cedo, dista 3 quilômetros da cidade; 30 famílias vindas da Silésia receberam aqui, igualmente, só lotes do governo.

3) Colônia *Lamenha*, fundada em 1876, a 9 quilômetros da cidade. 155 famílias, provenientes da Prússia ocidental, receberam 139 lotes do governo, sendo o restante adquirido de particulares. O custo de instalação foi de 61 contos e 387 mil réis.<sup>178</sup>

4) *Santa Cândida*, fundada em 1875, a 8 quilômetros da cidade, com 77 famílias silesianas, que receberam 66 lotes do governo; as outras adquiriram seus terrenos de particulares. O custo da instalação saiu por 51 contos e 860 mil réis.<sup>179</sup>

5) Colônia *Prado*, fundada em 1885 pelo sr. Taunay,<sup>180</sup> para 40 famílias silesianas.

6) Colônia *Gabriela*, fundada em 1888, possui apenas 7 famílias silesianas; o restante da colônia é constituído por imigrantes italianos. As duas colônias distam 4 quilômetros da cidade. O número de lotes do governo e o custo da instalação são desconhecidos.

## II Grupo *Orleans*.

1) Colônia *Santo Inácio*, a 3 quilômetros de Curitiba, fundada em 1876, para 70 famílias da Prússia, Galícia e Silésia, as quais receberam 68 lotes do governo, porém 20 foram adquiridos de particulares. A despesa com sua instalação ficou em 43 contos e 52 mil réis.<sup>181</sup>

2) Colônia *Orleans*, a 15 quilômetros de Curitiba. Fundada em 1878, para 50 famílias da Prússia, que receberam 50 lotes

---

178 O equivalente a cerca de R\$ 2.031.909,70, (ago. 2009). (N. da T.)

179 O equivalente a cerca de R\$ 1.716.566,00 (ago. 2009). (N. da T.)

180 Alfredo D'Escagnolle TAUNAY – Visconde de TAUNAY (1843-1899), 47.º Presidente de Província do Paraná, de 29 set. 1885 a 3 maio 1886 (PARANÁ, CASA CIVIL). (N. da T.)

181 O equivalente a cerca de R\$ 1.425.021,20 (ago. 2009). (N. da T.)

do governo, sendo 6 adquiridos de particulares. Os custos de sua instalação ficaram em 42 contos e 788 mil réis.<sup>182</sup>

3) Colônia *Rivière*, a 16 quilômetros de Curitiba, fundada em 1877 para 100 famílias da Silésia e Prússia, que receberam 30 lotes do governo, e 12 adquiridos de particulares. Os custos da instalação ficaram em 27 contos e 750 mil réis.<sup>183</sup>

4) Colônia *D. Pedro*, fundada em 1876, a 17 quilômetros de Curitiba, para 25 famílias da Prússia, as quais receberam 25 lotes do governo, sendo 16 adquiridos de particulares. Custo da sua instalação – 1 conto e 938 mil réis.<sup>184</sup>

5) Colônia *Dom Augusto*, a 14 quilômetros de Curitiba, formada em 1876, para 44 famílias da Prússia, que receberam 36 lotes do governo e 14 de particulares. Custos: 33 contos e 242 mil réis.<sup>185</sup>

6) Colônia *Botiatuvinha*, adquirida por famílias da Galícia, distante 16 quilômetros de Curitiba.

### III Grupo *Tomás Coelho*.

Este grupo é constituído por 750 famílias que aqui chegaram em 1876, sendo a maioria da Galícia, as quais receberam 243 lotes do governo, distantes a 15 quilômetros de Curitiba, adquirindo o restante de particulares. A sua instalação custou para os cofres públicos 117 contos e 445 mil réis.<sup>186</sup> Também fazem parte desse grupo: 1) Colônia *S. Cristina e Alice*, 75 famílias da Galícia, que se instalaram por conta própria, e 2) Colônia *Nova Pampina*<sup>187</sup>, a 30 quilômetros da cidade, igualmente contando com 75 famílias da Galícia e com terrenos por elas adquiridos.

182 O equivalente a cerca de R\$ 1.416.282,80 (ago. 2009). (N. da T.)

183 O equivalente a cerca de R\$ 918.525,00 (ago. 2009). (N. da T.)

184 O equivalente a cerca de R\$ 64.147,80 (ago. 2009). (N. da T.)

185 O equivalente a cerca de R\$ 1.100.310,20 (ago. 2009). (N. da T.)

186 O equivalente a cerca de R\$ 3.387.429,50 (ago. 2009). (N. da T.)

187 É *Pampina* que está no original. Talvez corruptela de *Campina*. (N. da T.)

#### IV Grupo *Murici*.

1) Colônia *Murici*, distante 30 quilômetros de Curitiba, com 109 famílias da Silésia e do Condado de Poznan, que em 1878 receberam 50 lotes do governo, sendo o restante adquirido de particulares pelos colonos. Custos com a instalação – 51 contos e 42 mil réis.<sup>188</sup>

2) Colônia *Zacarias*, a 28 quilômetros de Curitiba, fundada em 1878 para 28 famílias de Poznan, que receberam 26 lotes do governo. Os custos da instalação foram 27 contos e 763 mil réis.<sup>189</sup>

Ao todo, nos arredores de Curitiba, foram assentadas perto de 1.600 famílias, ou seja, mais ou menos de 8 a 9 mil pessoas.

A colonização empreendida por Lamenha não estava totalmente isenta de falhas. Antes de tudo, os colonos receberam pouca terra, sendo os lotes de 1 alqueire nas proximidades da cidade, e os mais distantes de 2 a 2,5 alqueires. Assim, os imigrantes ficaram na obrigação de aumentar suas colônias mediante aquisição de terras de brasileiros particulares ou mesmo comprando terrenos dos seus vizinhos, companheiros de destino, que nesse caso partiam para mais longe. Além disso, a melhoria ou construção das estradas demorou demais. Apesar de tudo, encontrei a situação dos colonos bastante suportável, muitas vezes boa e até próspera em alguns casos. Para esse estado de coisas, contudo, contribuíram as seguintes condições excepcionais.

Primeiramente, como já mencionei, a pessoa do colonizador, Lamenha, que foi realmente um pai, conselheiro e protetor para os colonos, sendo o bem-estar deles seu único objetivo. Um de seus seguidores, Taunay, contudo, começou a ocupar-se com experimentos político-nacionalistas e – temendo a demasiada prevalência de uma única nacionalidade – fundou em 1886 a colônia mista de Antônio Prado, composta de poloneses, italianos e brasileiros. Essa seria uma experiência da nacionalização dos estrangeiros. A experiência resultou num completo fiasco, pois as três nacionalidades, embora vivam em harmonia, continuam em total isolamento.

---

188 O equivalente a cerca de R\$ 1.689.490,20, (ago. 2009). (N. da T.)

189 O equivalente a cerca de R\$ 918.955,30, (ago. 2009). (N. da T.)

Para o desenvolvimento das colônias curitibanas, o que influiu decidida e inegavelmente foi a proximidade da cidade de Curitiba, que em dez anos aumentou em dobro e, além disso, tinha a vantagem de estar ligada ao mar pela estrada de ferro. Assim, o colono vende toda a sua produção, a começar pelos laticínios, até os produtos agrícolas, diretamente, a preços da cidade. Do mesmo modo é o caso da lenha, que não representa nenhum valor para o colono, sendo até um empecilho; mas, na cidade, ela chega a ter um valor muito alto, igualando-se ou até superando os preços da Europa.

Enfim, a colonização curitibana se processou ainda nos tempos da monarquia, quando as correntes antirreligiosas não estavam tão soberanas como atualmente. Portanto, o governo construía simultaneamente capelas para os colonos, que, incentivados, mandavam buscar sacerdotes, de modo que todos os grupos possuem os seus sacerdotes, a saber: Abranches – o padre Guranowski, Tomás Coelho – o padre Soja e o padre Andzejewski, e finalmente a colônia Muricy, há um ano, tem o padre André Dziadkowiec, Orleans – o padre Przytarski. Esses sacerdotes, pela natureza da situação, devem desempenhar não só as obrigações de seu ministério, mas sob todos os aspectos servir também de conselheiros e orientadores dos colonos.

No momento, as colônias constituem uma força política expressiva, pois já contam com um eleitorado de 1.600 pessoas, que – junto com os italianos e alemães, diante da luta que se desenvolve entre conservadores e liberais – podem decidir sobre a vitória de uns ou de outros nas eleições para a Assembleia Estadual e a Câmara Municipal e na nomeação de autoridades autônomas. É de se lastimar que pequenas desavenças, ambições e mesquinhas impenções impeçam que essa força seja devidamente aproveitada.

Essas foram, pois, as condições em que se formaram as colônias nos arredores de Curitiba. As circunstâncias totalmente excepcionais dessas colônias não poderão servir de base para avaliar as que estão sendo abertas atualmente, em condições simplesmente diferentes. É deveras bem estranho que – tendo exemplos tão expressivos e, evidentemente, um padrão da boa colonização – os atuais colonizadores se orientem por esquemas bem diferentes. Não possuem a lucidez nem a consciência e, acima de tudo, não têm a honestidade que os primeiros tiveram.

Imaginar-se-ia que – pelo menos é o que a lógica impõe – as novas colônias deveriam ser a continuação das já existentes. Porém não é

isso que está sendo feito. O fato é que uma faixa de 180 quilômetros completamente desabitada e ociosa está sendo esquecida, e se alojam os novos imigrantes bem longe, dentro de matas virgens. A resposta deles a isso é que – por serem de propriedade privada as terras mais próximas e por pertencerem ao governo as mais distantes – estas são doadas, enquanto aquelas exigem pagamento. Mas, por Deus! quem joga fora milhões para pagar os agentes e o transporte dos imigrantes, certamente poderá sacrificar seu capital para a compra de terras de particulares e ainda por preços bem baixos. Afinal de contas, esses proprietários particulares foram agraciados pelo governo, ou por diversos ministros, que dessa maneira premiavam seus partidários. Já mencionei anteriormente esse tipo de desperdício praticado por Glicério, Ministro da Agricultura na época do Governo Provisório. Portanto, isso não representa nenhuma explicação, mas, sim, a confirmação da leviandade com que o governo empreendeu a colonização e continua executando-a atualmente.

Por isso, quem se baseia no exemplo dos colonos curitibanos e desse modo tenta consolar os atuais candidatos a colonos ou procura atrair os incautos e ingênuos, está errando ou induz tendenciosamente os outros a errar. Nesse caso, realmente, “*comparaison n’est pas de raison*”.<sup>190</sup>

---

190 “Comparação não é razão”. (N. da T.)

.....

## VIII

VOLTA AO RIO – IRREGULARIDADE DE COMUNICAÇÃO  
– AINDA A FEBRE AMARELA – DESVELO Malfadado –  
MEUS ESCRÚPULOS – UMA CARTA ABERTA AO *JORNAL  
DO COMÉRCIO* – UM ARTIGO DO BARÃO<sup>191</sup> DE TAUNAY  
– AUDIÊNCIA COM O MINISTRO DA AGRICULTURA,  
BARÃO DE LUCENA – MEMORIAL – DESTINO DOS QUE  
FICARAM – SENADOR GOMENSORO – IMIGRAÇÃO  
COMPROMETIDA – VISÃO DO FUTURO – ATRASO DO  
NAVIO – PARTIDA

**D**EPOIS de conhecer Curitiba e algumas colônias no Paraná, infelizmente tive de me preparar para voltar. Digo infelizmente, não pelo fato de ficar tentado, por qualquer motivo, a prolongar minha estada no Brasil, mas, uma vez estando aqui, gostaria de trazer para meu país, tanto quanto fosse possível, o máximo de detalhes para informar e advertir aqueles que ainda almejam encontrar a felicidade no além-mar.

Não é assim tão fácil pensar em voltar, quando se está no Brasil, ainda mais quando se está no interior de um dos estados. O único meio de transporte, excluindo São Paulo que está ligado por uma estrada de ferro ao Rio de Janeiro, é navio do governo, chamado Lloyd Brasileiro. Esses navios, conforme regulamento, deveriam partir, mais ou menos a cada semana para o Norte, isto é, para a Bahia, Pernambuco, etc., e para o Sul, Santos, Parana-

---

191 No original polonês, consta a abreviatura hr., que significa barão. Ocorre que Taunay “foi feito Visconde de Taunay por D. Pedro II em 6 de setembro de 1889” (WIKIPEDIA, 16 jul. 2009). Para Barão de Lucena, o A. usa Baron. (N. da T.)

guá e Porto Alegre. Porém na realidade isso não acontece. Se por qualquer motivo as autoridades acharem por bem retardar ou transferir a partida de um navio, aí acontece que num mesmo dia atracam no porto dois grandes navios e deixam uma província sem transporte durante duas semanas ou às vezes até por mais tempo. Nessa situação me encontro agora.

Durante três dias, recebemos em Curitiba avisos, via telégrafo, da partida de até três navios do Rio Grande do Sul com destino a Paranaguá, significando que pelo menos durante três semanas não teremos qualquer comunicação. Por isso não havia outra alternativa; se bem que eu poderia demorar-me mais alguns dias em Curitiba e dessa maneira visitar ainda as nossas colônias em São Mateus, tive de abandonar esses projetos e voltar ao Rio e de lá, dentro de 10 dias, teria de partir para a Europa.

É de se imaginar que essa falta de pontualidade da única via de transporte provocaria demonstrações de desagrado na opinião pública, ainda mais sabendo que existe uma solução fácil para isso. Mas, que nada! Ninguém sequer pensa em semelhante coisa: aceita-se com resignação, concorda-se em ficar durante algumas semanas incomunicável com o resto do mundo.

Dos quatro navios que deveriam aportar em Paranaguá, escolhi o último, o *Rio Paraná*. Constatei mais tarde que a sorte me favoreceu na escolha. Dos três navios, que se encontram ancorados, o *Rio Grande* sofreu danos durante a viagem a Santos, o *Alexandria*, fazendo escalas em pequenos portos, chegou ao Rio com cinco dias de atraso, e o *Desterro* não estava aceitando passageiros.

Desse modo, em 4 de junho, encontrei-me são e salvo nas calçadas do Rio. Sim, repito, nas calçadas, porque novamente, até tarde da noite, tive de percorrer vários hotéis antes de conseguir encontrar um abrigo razoável e deitar meus ossos muito cansados numa cama, que é um verdadeiro leito de torturas.

No dia seguinte, pela manhã, já estava à minha espera uma surpresa nada agradável. Eis que a febre aquarela, que já devia, como de costume, desaparecer em fins de maio, este ano continuou grassando a toda. O jornal *O País* anunciava, no dia anterior ao meu retorno, 27 casos de morte que na realidade deveriam significar o dobro, visto que as autoridades sanitárias, por diversos motivos, diminuem o número verdadeiro.

Devo assinalar aqui que o lado mais desagradável dessa doença fatal consiste no fato de sempre estar lembrando-se dela. As primeiras palavras do primeiro amigo que você encontra pela manhã serão com certeza:

– Ontem morreram de febre amarela tantas ou quantas pessoas. Como o senhor teve azar de vir nesta época do ano, agora a situação em geral não está tão mal assim!

A gente vai caminhando pela rua. O sol e o calor fazem com que seu rosto fique coberto de suor, mas, como você está com pressa e não quer perder nem um minuto, vai apressando o passo. Não há a menor dúvida que, de repente, não se sabe de onde alguém pega no seu braço:

– O senhor é um estrangeiro – dirá. – Desculpe, mas preciso lhe avisar: vá devagar, não se canse, porque vai pegar febre amarela!

É hora de sentar à mesa. O desejo é refrescar a língua ressequida com um copo de água fresca, ou procurar apanhar uma laranja ou banana. Na mesma hora, aparece algum dos presentes e com expressão muito preocupada diz:

– Senhor, não coma isso, porque dá febre amarela.

Até o querido, o estimado Franklin – com quem eu não tivera contato durante dois dias, pois pretendia terminar meus trabalhos inadiáveis – no terceiro dia pela manhã me apareceu todo preocupado. Em sua fisionomia, adivinhei que o bondoso homem não podia explicar a minha ausência de outra maneira, a não ser pelo fato de eu já ter passado desta para a melhor. E como ele ficou feliz e satisfeito quando me viu são e sorridente, com a caneta na mão, sentado à minha mesinha!

Eis aí, como é preciso ter nervos fortes e fé na proteção divina para não se emocionar com essas demonstrações de preocupação.

Felizmente consegui superar isso de alguma maneira e – com exceção dos três dias de nervosismo, motivados pela incerteza quanto à data da partida do navio para a Europa – não tive maiores preocupações. Não considero isso uma coragem, mas simplesmente não ter noção do perigo.

No entanto, encontrei gente em tal estado de irritação que simplesmente inspirava piedade. As pessoas perdiam a disposição, o sono, o apetite: viviam em contínua angústia. Garantiram-me que isso é influência do clima sobre os nervos, predispondo altamente a contrair a febre.

Infelizmente, tive oportunidade de convencer-me que muitos dos nossos coitados são vítimas desse estado, sobretudo os de físico mais fraco, esgotados pelo trabalho e penúria, e aqueles entre os quais a peste havia levado entes queridos. Esses infelizes vivem em completa depressão, esperando a morte a qualquer momento.

No hospital Casa de Misericórdia, encontrei uma velhinha de 70 anos procedente de Kalisz, que perdera o marido, o filho, a nora e dois netos, vítimas da febre amarela. A pobrezinha aguardava com ansiedade o momento em que Deus desse fim àquela terrível orfandade.

– Eu queria apenas – dizia – ver minha querida terra mais uma vez.

O estado de sua saúde não permitiria levá-la junto com os outros.

Como já escrevi – excluindo a fria recepção sentida, bem na chegada, da parte do jornal mais lido e meio oficial, o *Jornal do Comércio*, o qual, contudo, agora fazia o maior empenho para superar essa indisposição – não só não senti nenhuma dificuldade, mas, ao contrário, recebi de toda a parte e de todos provas de apreço, prestatividade e hospitalidade. Em vista disso, encontrei-me em situação muito embaraçosa. Assim, de um lado fiquei comprometido pela gratidão, mas de outro, porém, tudo o que vi e pude averiguar pessoalmente não me permitia escrever positivamente sobre as condições de vida no Brasil e muito menos acerca da imigração e colonização.

A bem da verdade, nunca ocultei a minha opinião: declarava abertamente e apontava sem rodeios os evidentes erros só quando se tratava do destino dos imigrantes poloneses. Posso garantir que tudo o que consta em minhas anotações comuniquei aos brasileiros com os quais oportunamente contatei, e em nenhum caso houve alguém que não concordasse com a minha opinião. Apesar disso, a minha preocupação de parecer ingrato me incomodava. Molestava-me a ideia de que alguém, depois da minha partida, viesse me acusar de haver espionado secretamente e, em troca de gentil acolhida, ter eu retribuído com ingratidão, denegrindo as condições de vida no Brasil.

Para estar em paz com minha consciência e com o direito de deixar o Brasil de cabeça erguida, enviei uma carta aberta ao *Jornal do Comércio*, que foi publicada em 6 de junho, no número 156:

Ela continha estes termos:

*Prezado Senhor Redator:*

*Não era intenção do sr. Glinka nem minha fazer de nossa missão no Brasil um caso público, simplesmente pelo fato de considerá-la pequena e modesta demais para, de algum modo, poder chamar a atenção geral. Mas aconteceu de modo diferente, e à nossa missão foi atribuído um significado muito mais importante do que na realidade ela merecia.*

*Enquanto o meu companheiro, sr. Glinka, por motivo de saúde, foi obrigado a retornar para a Europa, eu, no entanto, segui sozinho para os Estados de São Paulo e Paraná a fim de observar de perto as condições de vida dos imigrantes poloneses.*

*Infelizmente, os compromissos no meu país e, em consequência disso, a escassez de tempo me obrigam, no dia 10 de junho, a embarcar no navio Portugal e partir para a Europa, dando desse modo por encerrada a minha modesta missão. Porém, enquanto isso não acontece, considero obrigação de honra e lealdade expor aberta e honestamente as minhas impressões e apresentar de antemão aquilo de que deverei prestar contas ao voltar ao meu país.*

*Encontrei a situação dos imigrantes poloneses aqui na capital deveras lastimável em todos os sentidos. Tanto pelo clima, que é difícil de suportar pelos habitantes do hemisfério norte, bem como pelo péssimo alojamento em barracões provisórios, construídos por empresários particulares, e ainda pelo inadequado aproveitamento das forças e aptidões dos imigrantes, estando dessa maneira sujeitos a decadência moral e material. Encontrei, por exemplo, profissionais qualificados, tais como marceneiros, alfaiates, serralheiros, sapateiros, tipógrafos, etc., que são obrigados a trabalhar na construção de prédios ou cortar pedras, cavar valetas; por desconhecer a língua local, agarram o primeiro trabalho que lhes aparece pela frente para não morrer de fome. Muitos deles estão completamente esgotados, outros ficam periodicamente doentes, mas todos em completa depressão moral.*

*Em São Paulo, em virtude do clima mais adequado, o estado dos imigrantes não é tão lamentável, e por isso minhas impressões não foram tão deprimentes, como as do Rio. Lá, contudo, pude perfeitamente averiguar as péssimas consequências de recrutar emigrantes através de falsas promessas dos agentes na Europa. Todos os meus patrícios chegaram aqui com exageradas es-*

*peranças, tanto que – desde os primeiros momentos em que pisaram nesta terra – sentiram-se iludidos e por isso estão perdendo todo o ânimo para o trabalho.*

*Como um dos exemplos, posso citar o fato de – em visita à fazenda do sr. Paulino de Arruda Botelho na região de São Carlos – lá encontrar 16 famílias polonesas e 34 trabalhadores individuais. Toda essa gente falava-me da bondade do seu patrão em relação a eles e a seus filhos, com lágrimas de emoção nos olhos. Apesar disso, sentiam-se muito infelizes, porque os agentes na Europa lhes prometeram outra vida excelente, sem trabalho pesado.*

*Por essa razão, estão na Casa do Imigrante mais de 500 famílias de imigrantes poloneses. Entre eles, muitos são foragidos de diversas colônias, declaram preferir morrer a arredar o pé dali e unicamente esperam ser devolvidos ao seu país.*

*Operários qualificados, conhecedores do idioma, encontram em São Paulo trabalho até bastante compensador. Os outros dividem sua desventura com os companheiros do Rio.*

*No Paraná, nos arredores de Curitiba, encontrei velhas colônias, fundadas por poloneses vindos da Silésia, Galícia, Prússia ocidental e do Condado de Poznan, em situação satisfatória, por vezes até bem-sucedida. Isso é uma obra nobre e acima de tudo humanitária do sr. Lamenha, ex-Governador do Paraná, e em parte também do Barão<sup>192</sup> de Taunay. O trabalho de ambos pode servir de exemplo de uma colonização racional. Atualmente esse exemplo não está sendo seguido. Para começar, o Paraná não estava absolutamente preparado para receber um número tão grande de imigrantes. Por isso, encontrei gente deitada nos barracões, meses a fio, esperando que as terras com matas virgens nos arredores de São Mateus e Rio Negro sejam medidas. Mesmo se essa gente possuísse as melhores qualificações como operários, a ociosidade prolongada por tantos meses bastaria para depravá-los e fazê-los perder a moral. Pelo visto, novas colônias estão sendo abertas entre 180 e 230 quilômetros de Curitiba. À pergunta que fiz sobre como e onde esses colonos vão escoar seus produtos no futuro, simplesmente não recebi resposta satisfatória.*

---

192 Ver a nota 1 deste capítulo. (N. da T.)

*Nas casas de imigrantes em Curitiba, que em muito deixam a desejar como alojamento, está sendo dispensada uma proteção e assistência médica maior que em qualquer outro lugar. Pelo menos não ouvi ali aquelas queixas de dilacerar o coração. Não posso dizer o mesmo sobre os barracões em Tomás Coelho, os quais foram construídos em meio a um banhado e, por esse motivo, reina ali assustadora mortalidade. Os barracões em São Mateus e Rio Negro, do mesmo modo, deixam muito a desejar.*

*Em suma, devo assinalar a absoluta falta de atenção aos recém-chegados. Em vez de um atendimento humanitário aos imigrantes, um procedimento padronizado é o que se depara a cada passo. Ninguém orienta essa gente sobre como se comportar e o que devem fazer para evitar as diversas doenças. Em nenhuma das casas de imigrantes, encontrei intérpretes e instrutores capacitados. Só a penúria e a experiência sofrida são o único guia desses coitados. Isso faz com que eles se sintam tão infelizes que perdem toda e qualquer esperança de futuro. As grandes vantagens apresentadas pelos agentes não corresponderam à realidade, que lhes preparou terrível decepção.*

*Não devo abusar tanto da gentileza do seu jornal a ponto de enumerar todas as falhas que aqui tive a oportunidade de constatar. Enfim, a impressão sobre as condições dos imigrantes poloneses não foi satisfatória e tenho dúvidas de que as enormes despesas suportadas pelo governo e a esperança que o Brasil deposita na imigração tragam a este país as devidas vantagens. Mas poucos serão os que não ficarão terrivelmente arrependidos por seus atos de irresponsabilidade: disso também não tenho dúvida alguma.*

*E agora, prezado sr. Redator, não poderei partir sem declarar abertamente que, em toda a parte onde estive e da parte de todos, sempre recebi muitas gentilezas, favores, cortesia e hospitalidade, para o que não encontro palavras suficientes para exprimir a minha profunda gratidão. Parto daqui devedor pelo muito que me foi dado, mas por tudo infelizmente nada posso oferecer em troca, além de um caloroso 'Deus lhes pague!'*

*Queira receber, prezado senhor Redator, etc.*

Não resta a menor dúvida que a questão imigratória constitui o mais importante problema no Brasil. Qualquer um que observe com maior frieza o estado das coisas entende perfeitamente quantos erros fundamentais foram cometidos e o quanto essa questão é tratada, em muitos

pontos, de modo falho. Por isso mesmo, a carta acima não causou má impressão; pelo contrário, ela foi recebida como uma apresentação objetiva, mas bem pouco elogiosa, da real situação da questão imigratória e dos próprios emigrados.

Como réplica, em *O Jornal do Brasil*, o Barão de Taunay apresentou um artigo, no qual, alegando o fato de que se referia aos méritos de Lamenha e em parte aos do próprio Barão de Taunay em prol da colonização racional nos arredores de Curitiba, diz entre outras coisas:

*Já se passaram dezessete anos desde o momento em que assumimos com o nobre Lamenha a obra da colonização na Província do Paraná. Quanto petardos maldosos atingiram as nossas cabeças desde aquele tempo! Chamaram-nos de doutrinários e utopistas. Fomos debochados no nosso trabalho, e os nossos conselhos eram recebidos com desdém e desprezo. O pobre do Lamenha, enquanto isso, descansa em seu túmulo, esquecido, desprezado. E eis que atualmente a nossa sementeira está produzindo frutos devidamente reconhecidos e imparcialmente avaliados por um homem vindo da Europa, pouco inclinado ao otimismo, mas que a avaliou com toda a imparcialidade. Nosso sistema de colonização, baseado principalmente no sentimento humanitário, fala por si mesmo. Bondoso Lamenha, nobre companheiro, que seus restos mortais descansem em paz na sepultura, porquanto está próximo o momento em que os méritos serão devidamente reconhecidos, tanto quanto sua obra e sua fadiga servirão de exemplo para os outros.*

O Barão de Taunay é presidente da Associação de Imigração, de caráter filantrópico, e ao mesmo tempo redator da revista *Emigração*, inteiramente dedicada aos imigrantes e à colonização. Seguidamente ele aponta a amarga verdade aos representantes do atual sistema de colonização e com toda a imparcialidade denuncia os pecados e os erros cometidos. Por essa razão, não goza de grande popularidade nesses círculos, apesar de ser respeitado por todos pelo seu caráter e talento. Um malfadado incidente entre ele e Dygasinski foi atribuído ao desentendimento de ambas as partes, se bem que não foi desmentido que ele, no relacionamento social, é bastante rígido e altivo. Por esses mesmos motivos, também não procurei travar conhecimento com o Barão de Taunay. Afinal de contas, esse contato não teria proveito prático algum, visto que o presidente da Associação de Imigração não exerce nenhuma influência real sobre a atual colonização.

Foi, porém, com grande satisfação que recebi a proposta feita por Fanor, Diretor da Companhia Metropolitana, para apresentar-me ao Barão de Lucena, Ministro da Agricultura e neste preciso momento atual chefe do Governo, cuja atividade política já descrevi anteriormente.

Se houve alguém que pudesse, depois da famigerada política dos governos provisórios, assumir a chefia do governo do Brasil, pôr ordem neste verdadeiro curral de Áugias<sup>193</sup> dos ativistas republicanos e salvar o país da inevitável desgraça para a qual estava sendo impelido pelos malintencionados e pelos movidos por interesses pessoais, ou pela leviandade de algumas pessoas que chegaram ao poder sem nenhuma qualificação intelectual, de caráter e de experiência, esse alguém só poderia ser o Barão de Lucena. Sendo presidente da Câmara no tempo da abolição da escravatura, o atual ministro da Agricultura apresentou provas pessoais não só de uma incommon habilidade, mas de uma força de vontade férrea e caráter inabalável.

Antes de tudo, na medida do possível, deu um basta aos notórios abusos a que se permitia o seu antecessor Glicério e o tão falado Ministro das Finanças Rui Barbosa. Toda a composição do atual governo, com algumas exceções, foi escolhida por ele, e seus integrantes são pessoas que talvez não se notabilizem tanto pelas suas habilidades, mas são sobretudo inacessíveis às tentativas de suborno.

Lucena, com a maior sem-cerimônia, se intromete em tudo, sem se importar se dito problema é da alçada de sua pasta ou não. Muitas vezes nem hesita em interpretar a Constituição de acordo com o seu parecer, levando quase à loucura os chauvinistas republicanos e os fariseus democráticos. É o homem de estado mais odiado do Brasil, mas também o único a quem os confidentes de Fonseca ainda têm algum respeito. Segundo a opinião dos seus mais obstinados adversários, apesar das contínuas provocações, apesar de tantas intrigas, Lucena continuará no cargo pelo tempo em que ele bem entender. É um tipo singular de ministro, despótico e autocrata.

---

193 Mitológico curral ou estábulo do rei Áugias, da Élide (Peloponeso, Grécia), objeto de um dos trabalhos de Hércules (o quinto ou o nono, conforme os autores). O herói limpou-o num dia, com o desvio de dois rios, que fez passar por ele, obtendo assim um prêmio, que lhe foi negado, motivo de sangrenta vingança de Hércules (COMELLIN, 1955, p. 227; HAMILTON, s.d., p. 232). (N. da. T.)

Infelizmente, diante da panelinha que cerca o presidente, muitas vezes ele fica sem força para poder agir e – conforme dizem – olha a economia do país com extrema atenção e cuidado por temer maiores complicações.

O Barão de Lucena conta atualmente com cerca de 60 anos. De estatura mediana, de rosto nem tanto simpático quanto típico, emoldurado por uma bem aparada e espessa barba branca, gestos nervosos, causa forte impressão desde o primeiro momento. Fala baixo, mas claramente, enquanto os seus olhos negros não muito grandes, sombreados por espessas sobrancelhas, são profundamente penetrantes até através dos óculos. Sua pele morena logo demonstra tratar-se de um homem do Sul.

Dentro do salão de audiências, bem espaçoso – com um detalhe de elegância, representado por um sofá ladeado por doze poltronas de palhinha, bem como por um bom número de cadeiras colocadas perto das paredes –, encontramos 40 pessoas muito à vontade fumando charutos e cigarros em meio de animada conversa.

Fanor entregou, com o meu, o seu cartão de visita, em que rabiscou algumas palavras a lápis, ao funcionário que desapareceu em seguida atrás da cortina que separava a sala contígua. Momentos após fomos recebidos.

Depois de algumas palavras de cortesia, o ministro foi logo abordando a questão da imigração.

Devo mencionar aqui que a pasta de Lucena abrange também a Seção de Imigração e Colonização, da qual é chefe direto o Inspetor-Geral de Terras e Colonização, Acióli de Vasconcelos, homem de boa índole, mas um burocrata de noções muito limitadas, que imagina ser suficiente trazer multidões de imigrantes para o Brasil e largá-los para decidirem o próprio destino, resolvendo assim o problema no aspecto não só imigratório como também humanitário. Li que o Barão de Lucena compreende muito bem esses erros de insensatez deprimente e a infinidade de abusos que foram permitidos na questão imigratória. Só pelo fato de eu ter mencionado o caso dos agentes na Europa, o ministro, com um gesto nervoso da mão, falou bem alto:

– Essa é a nossa desgraça!

Em seguida começou a me interrogar, nos mínimos detalhes, sobre o modo como os agentes arregimentam emigrantes, interrompendo-me de tempos em tempos, com demonstração de franca indignação. Por fim, Lucena expressou o desejo de que eu apresentasse um memorial alusivo à situação dos imigrantes poloneses, bem como os meios com que se poderia atenuar a sorte deles ou prevenir males no futuro. Fiz tudo isso, e o memorial foi publicado no jornal *O Brasil*, n.º 354, de 9 de junho.

A indignação de Lucena contra a ação dos agentes na Europa não foi de modo algum manifestação esporádica; pelo contrário, com ação idêntica, ele reagiu quase a cada passo. Qualquer pessoa que tome conhecimento mais profundo da questão da imigração compreenderá perfeitamente o enorme dano que causam esses aliciadores europeus tanto para a imigração propriamente dita como aos imigrados. Hoje, sobretudo quando – em vista de tanto protesto levantado em quase toda a Europa – a imigração brasileira está seriamente comprometida, e o número de ingênuos, que porventura ainda se deixam seduzir com as mentirosas promessas dos agentes, será bastante reduzido, hoje, repito, não existem no Brasil duas opiniões de que a responsabilidade principal recai no sistema errado de recrutamento de imigrantes.

Assim, tudo leva a crer que o governo irá coibir a prática até agora levada a efeito ou, pelo menos, passará a controlar de certo modo a abominável ação desses aliciadores. Simplesmente não alimento esperança de que isso aconteça. Primeiro, conforme já havia informado, ainda no tempo da monarquia, foram firmados acordos com diversas agências no propósito de trazer certo número de imigrantes. Tais acordos não foram totalmente executados até agora, porém rompê-los ou cancelá-los torna-se praticamente impossível a não ser que se queira pagar somas astronômicas a título de indenização. Esse detalhe se torna ainda um obstáculo maior em vista dos concessionários arranjados no tempo da famigerada economia de Glicério, a qual dá direito, conforme lembrei anteriormente, de trazer mais de 1.400.000 famílias e, em troca, receber consideráveis valores. As consequências em razão desse compromisso, como se sabe, foram avaliadas pelo diário *O Jornal do Brasil*, n.º 63, em 787.956 contos e 271 mil réis,<sup>194</sup> ou seja, mais de 1,5 milhão de francos.

---

194 O equivalente a cerca de R\$ 26.081.352.570,10 (ago. 2009). (N. da T.)

Por fim, qualquer reforma esperada nesse sentido é paralisada por aquela inoperância característica dos brasileiros. Eles compreendem o mal que há nisso, percebem até as desastrosas consequências para si próprios, contudo ficam conformados dizendo: “Isso se resolverá por si mesmo!” e, como sempre, o problema fica abandonado. Não há quase jornal que não fique apontando os erros da atual colonização, e ainda há os que praticamente fazem campanha contra o Departamento de Colonização. Apesar de tudo, as coisas caminham de acordo com o velho sistema.

Tive oportunidade de entrar em contato com o senador Gomensoro, eleito recentemente para o Senado Federal. É um homem ainda relativamente jovem, cheio de entusiasmo e ambição de subir bem alto e no futuro desempenhar um papel importante na política. Por isso, tomou a questão da imigração como cavalo de batalha, na qual pretende destacar-se num cenário político maior. Morando no Rio, no mesmo hotel que nós, ficamos conversando noite adentro sobre o destino dos nossos emigrados. Gomensoro anotava rapidamente todos os detalhes e prometia fazer deles o conveniente uso. Garantiu-me que – na próxima sessão do Senado, não só ele próprio como todo o grupo de senadores que pensam da mesma maneira – vai insistir, lutar até o fim pela reforma do sistema imigratório, desde suas bases.

Se os bons propósitos de Gomensoro serão coroados de êxito, não quero prejudicar, mas disto estou plenamente certo: muita água ainda passará debaixo da ponte antes que eles se concretizem e antes que a sorte dos colonos brasileiros se torne mais suportável.



*Franklin Álvares (pai).*

Já que fiz menção à boa vontade do senador Gomensoro, é meu dever destacar também a conscienciosa e dedicada ação do Vice-Cônsul russo, Franklin Álvares e seu filho, que desempenha a função de secretário particular no consulado. Sem falar da inestimável cortesia e prestatividade que Glinka e eu deles recebemos, pois foram gentilezas pessoais e particulares de que nos lembraremos com gratidão; o fato mais importante por mim testemunhado foi a perseverança e o sacrifício com que se colocavam em defesa dos interesses dos nossos coitados, destemidos ante os obstáculos que se antepunham a eles, sempre ajudando em situações difíceis.



*Franklin Álvares (filho).*

Por isso, como bom exemplo, vou citar o seguinte fato.

Por força do Decreto-Lei sobre Imigração, desde 28 de junho de 1890 as viúvas que perderam seus maridos durante o primeiro ano de estada no Brasil têm direito a voltar para sua terra de origem por conta do governo e até a receber indenização. Apesar de tal lei ser clara e explícita sob esse ponto de vista, o Departamento de Imigração deixava sem efeito os pedidos das viúvas dos imigrantes falecidos. Essas infelizes mulheres dirigiram-se ao vice-cônsul, o qual insistia, pressionava e movia céus e terra, até que enfim conseguiu forçar o Departamento de Colonização a cumprir o compromisso assumido. Quando eu já estava deixando o Rio, foram retornadas à Europa 43 viúvas por conta do governo brasileiro, graças à influência do vice-cônsul.

O mérito, nesse ponto, cabe única e exclusivamente a ele, do que afinal constam indubitáveis provas nas atas do consulado.

Tendo conhecido a nobre solicitude dos Álvares Franklin, não poderíamos ter feito melhor escolha do que lhes repassar nossas vantagens quanto às passagens de retorno. Eles, com a melhor boa vontade, aquiesceram em assumir esse compromisso um tanto incômodo: a empresa de navegação Norddeutscher Lloyd concordaria, dentro de nosso trato, em conceder um desconto no preço da passagem de volta às pessoas por nós recomendadas e prorrogá-lo por tempo indeterminado. Pelo fato de cumprir essa promessa, qualquer pessoa pretendente a retornar ao país de origem, que – de agora em diante, depois da nossa saída – se apresentar ao consulado, por intermédio dele receberá da Norddeutscher Lloyd a passagem de volta com 25% de desconto. Essa vantagem é para esses pobres coitados muito significativa, quando se leva em conta que cada um deles até deixa de comer para juntar cada real que pode, a fim de se arrancar finalmente deste “inferno brasileiro”, como dizem, para o qual tão ingenuamente se deixaram atrair.

Ao escrever sobre as condições políticas no Brasil, mencionei que a República simplesmente não realizou aquela esperança que o povo nutria em relação a ela.

De fato, o incontrolável terrorismo do Governo Provisório, que existe até agora, deveria, desde o primeiro momento, dissipar qualquer ilusão nutrida nesse sentido, mas embalava-se a esperança de que, mais tarde, quando a situação se normalizasse, a rósea esperança se concretizasse. Não é de estranhar, portanto, que, se até esta última expectativa decepcionou, o descontentamento começasse a se manifestar por toda a parte. Tive oportunidade de constatar a rapidez com que ele progredia ao chegar de novo ao Rio, depois de cinco semanas de ausência.

Antes, é verdade, já havia queixas contra a República e seus militantes, mas naquela época não o faziam tão abertamente como agora e com tanto amargor. Atualmente, por toda a parte onde estive, com quem quer que puxava conversa, logo começava uma série de lamúrias sobre a lamentável situação atual, após o que me asseguravam que as coisas não poderão continuar dessa maneira e que algum desastre está ameaçando o Brasil. Particularmente a administração de uma panelinha de políticos provocou

a maior indignação, quando ela – dominada pelo incapaz Fonseca – começou realmente a aborrecer a todos. Faziam parte dessa panelinha, conforme me asseguraram, um bando de primos, amigos e protegidos do presidente. Em nome do ditado que diz que se deve “bater o ferro enquanto está quente”, procuravam eles apoderar-se de tudo que fosse possível, em seu próprio benefício. Aí, todas as patentes militares, empregos mais lucrativos, concessões rendosas, etc., tudo acabava parando nas mãos deles.

Mas nem por isso ficavam satisfeitos: aqueles senhores se encarregavam ainda, com muita solicitude, de toda espécie de intermediação, naturalmente com a condição de uma devida recompensa por parte dos clientes e protegidos. Fazia-se isso abertamente e até com certa ostentação. Os numerosos sobrinhos de Fonseca, que dois anos antes eram subtenentes das forças armadas, ou simples escriturários de qualquer repartição, surpreendiam os moradores da capital com esbanjamento e luxo. Se ficassem apenas nisso, os cidadãos brasileiros – tolerantes como são para esse tipo de capricho da sorte – certamente os perdoariam. Mas a ambição dos desenfreados mocinhos os empurrava cada vez mais longe. Então passaram a praticar o terrorismo por conta própria. Quem não fizesse parte da panelinha, poderia estar certo de que nunca chegaria a nada, pois a sorte favoreceria, a cada passo, os que fossem protegidos e partidários. Ninguém tinha certeza do amanhã; o nepotismo e o protecionismo, porém, dessa poderosa panelinha espreitavam suas vítimas em toda a parte. Além disso, eles não se contentavam com um cargo ou emprego só, mas se apoderavam simplesmente de vários para cada um de seus preferidos, sem levar em conta se a competência do favorecido correspondia à altura do cargo, geralmente de grande responsabilidade.

Naturalmente, os principais responsáveis e autores dessa usurpadora administração tomaram todas as providências para se proteger contra a insatisfação do povo e da opinião pública cada vez mais inflamada. Nesse ponto crítico da situação, chamaram a atenção do povo para as forças armadas, iniciando com elas um verdadeiro “romance”. Aos oficiais e soldados foi dado um aumento considerável de salário. Particularmente àqueles que favoreceram os interesses da panelinha, aumentaram rapidamente os avanços nos cargos, omitindo os mais antigos e os mais merecedores. A guarnição do Rio foi reforçada, muito embora – à época da monarquia –

um número bem menor de militares na capital já provocasse indignação geral. Secretamente o Corpo de Bombeiros foi equipado de armas e também a Polícia Civil. Em poucas palavras, o militarismo apoderou-se por completo da capital federal.

Tudo isso irritava terrivelmente a opinião pública e a revoltava, perdendo-se assim cada vez mais a confiança na República. Acontecia às vezes de eu me encontrar com ardorosos republicanos de cinco semanas atrás que agora se declaravam abertamente na oposição. Asseguraram-me que o Congresso Federal, que se reuniu justamente no dia de minha saída do Rio, será palco de infundáveis discussões, pois empreenderá uma luta de vida ou morte com o Presidente e a sua panelinha.

E, para agravar, a situação financeira e econômica piorava dia a dia.

Quando Dom Pedro deixara o Brasil, o Tesouro Nacional possuía na verdade 180.000 contos de réis<sup>195</sup> (486 milhões de francos) em papel moeda, mas representava o mesmo valor em ouro, visto que o câmbio estava ao par. Esse dinheiro foi esbanjado com os mais despropositados empreendimentos dos dois ministros anteriormente citados. Porém Rui Barbosa permitiu conceder a um tal Mayrink concessão para abrir o “Banco dos Estados Unidos do Brasil” com o privilégio de emitir vales bancários. Naturalmente, Mayrink aproveitou amplamente esse privilégio, emitindo em seguida papel-moeda no valor de 300.000 contos de réis,<sup>196</sup> ou seja, 840 milhões de francos, desvalorizando assim em 50% a moeda brasileira.

Mayrink é uma das pessoas mais conhecidas no Rio: é apontado com o dedo como um arquimilionário nascido do barro republicano. Esbanjando dinheiro com mão-aberta, comprando popularidade por todos os lados e, hoje, não é o governo que manda nele, e sim é ele que impõe condições ao governo. Recentemente, por exemplo, por exigência sua, foram suspensas as concessões de todos os bancos estrangeiros, o que naturalmente provocou um alvoroço internacional. Mas nada disso importa a Mayrink, pois ele é hoje o “bolso” da República, disse dele um sujeito de espírito. Contudo dele logo restarão apenas – como doce lembrança dos

---

195 O equivalente a cerca de R\$ 5.958.000.000,00 (ago. 2009). (N. da T.)

196 O equivalente a cerca de R\$ 9.930.000.000,00 (ago. 2009). (N. da T.)

bons tempos – montes de papéis representativos apenas do valor desses papéis. E, se as coisas continuarem nesse ritmo, a moeda brasileira fatalmente cairá a zero.

É fácil adivinhar que, nessa atmosfera, com semelhante exemplo vindo de cima, todos ficaram possuídos por uma verdadeira paranoia de fazer fortuna sem fazer força nem trabalhar, trilhando os mais variados caminhos da especulação. Seguiu-se então uma onda de golpes no sentido mais hediondo da palavra. Surgiram sociedades e companhias anônimas baseadas em empresas fictícias, cujo único objetivo era arrancar de qualquer maneira dinheiro dos ingênuos. Eu mesmo vi, por exemplo, uma usina de açúcar construída com grande capital, mas que não se pretendia pôr em funcionamento, mesmo porque os colonos das redondezas não forneceria cana. Ela serviria unicamente para propaganda da companhia. O valor nominal desse tipo de empresa foi calculado em torno de 4 bilhões de francos,<sup>197</sup> dos quais na realidade foi pago apenas um quarto do total. Então, o que dizer sobre as empresas colonizadoras, que constituíam não só um hediondo tráfico, mas além disso expunham milhares de pessoas a um destino cruel?

E para completar todo esse horror que estava acontecendo, o Barão de Lucena, conforme já mencionei anteriormente, teve a infeliz ideia de lançar a taxa alfandegária cobrada em ouro. Então é possível imaginar a carestia que, em consequência, se instalou no país, que – excluindo o café, o fumo, o açúcar, a cachaça e a carne – é obrigado a importar tudo da Europa. Diante dessa situação, os comerciantes e os grandes importadores firmaram um pacto de não importar mais mercadoria alguma; mas – como a principal renda do país era constituída pela taxa alfandegária – o próprio Tesouro recebeu o primeiro golpe. Assim, o orçamento deste ano sofre um deficit de 75 milhões de mil réis.<sup>198</sup>

Esse pacto, contudo, nas condições em que se encontra a produção do país, não poderá se prolongar por muito tempo. Chegará, portanto, o momento em que a importação do exterior se tornará necessidade inevitável. Então se verificará um aumento considerável nos preços dos

---

197 O equivalente a cerca de R\$ 66.200.000.000,00 (ago. 2009). (N. da T.)

198 O equivalente a cerca de R\$ 2.482.500.000,00 (ago. 2009). (N. da T.)

artigos, talvez em dobro, o que provocará paralelamente alta do custo de vida, mantimentos, etc. Nessa situação, o povo começará a sentir as consequências de uma péssima administração financeira, que novamente há de gerar insatisfação e revolta.

Tal estado de coisas não poderá permanecer por muito tempo e, mais cedo ou mais tarde, haverá uma reviravolta. Todos supõem que isso vai acontecer, e, se existe alguma diferença entre as opiniões, é apenas quanto ao fato ou de a monarquia, num futuro próximo, voltar ou não ao Brasil, ou de essa situação chegar a provocar o desmembramento do país em pequenas repúblicas.

Por isso, quando se despediam de mim, era geralmente com estas palavras:

– Em breve o senhor vai ler muita coisa interessante sobre o Brasil, talvez ainda muita coisa triste também.

Foi realmente com essa convicção que eu estava deixando o Rio.

Finalmente estava chegando a hora de meu regresso. A chegada do navio *Portugal* estava anunciada para 10 de junho pela manhã, quando deveria zarpar para a Europa na noite desse mesmo dia. Infelizmente, dessa vez também estava me aguardando uma dolorosa decepção. Depois de fazer as malas em companhia de algumas pessoas gentis, com o coração aliviado segui para o porto ao meio-dia. De lá, num pequeno rebocador deveríamos chegar até onde estava ancorado o navio, um tanto afastado do cais. Para nos certificar da hora exata da partida, resolvemos passar ainda pela agência Messageries Maritimes. Qual não foi a nossa decepção, quando, ao perguntar sobre a partida do *Portugal*, recebemos como resposta de que esse navio não partirá hoje, nem tampouco estava determinada a data certa em que deixaria o Rio.

Essa notícia me atingiu como um raio. Isso significava novo adiamento e demora, justamente no momento em que os meus compromissos haviam terminado e nada mais me prendia aqui, no Rio!

Apesar de tudo, foi preciso conformar-me com a sorte.

Durante o percurso entre Montevidéu e o Rio de Janeiro, o *Portugal* foi surpreendido por terrível tempestade, na qual, ao ser jogado pelas ondas, quebrara uma das pás da hélice. Os reparos exigiam prazo mais prolongado, o que não fora possível avaliar no primeiro momento.

Confesso que vivi os cinco dias mais difíceis de minha estada no Brasil, quando o navio não foi conduzido ao estaleiro e fomos informados de que impreterivelmente no dia 17 partiríamos em viagem.

Finalmente chegou o tão esperado dia 17 e à uma da tarde o *Portugal* começou a cortar as ondas do oceano.

Aos poucos fui perdendo de vista a fantástica Praça Dom Pedro. Passamos em frente a Botafogo e ao Forte Santa Cruz. Logo em seguida até a Tijuca também sumiu por detrás dos rochedos; somente o soberbo Corcovado deu-nos adeus ainda por muito tempo, até que a neblina o cobriu por completo.

Estávamos agora em mar aberto. Mais uma vez nos apareceu uma ponta do litoral brasileiro ao passar perto de Cabo Frio, mas, quando a esfera solar começou a afundar no oceano, perdi de vista a terra que só tornaríamos a avistar nove dias depois, no arenoso Senegal.

Pela primeira vez, depois de tanto tempo, respirei a plenos pulmões. Estava, pois, voltando para junto dos meus, levando tantas impressões dolorosas, mas que hoje são apenas lembranças! Apenas o fantasma da febre amarela ainda nos perseguia como se quisesse espantar uma vez por todas a vontade de voltar ao Brasil, parecendo vir ao encalço do navio ainda durante seis dias. E, realmente, no terceiro dia da viagem, morreu um menino, vitimado pela febre amarela, deixando desesperada a pobre mãe; em seguida foi a vez do jovem açougueiro do navio: ambos encontraram sepultura no mar.

Nove dias depois ancoramos em Dacar.

Em vista da quarentena, não tivemos a permissão para desembarcar. Só do convés do navio, pudemos apreciar a paisagem, acariciando a terra com os olhos. Sim, realmente não se pode definir isso de outra maneira, senão como carícia.

Ninguém pode fazer ideia de quanto encanto encerra esta bondosa terra senegalesa, mesmo sendo apenas um instável areal, ou o despojado, frio e triste rochedo de Gorée, situado em frente a Dacar, depois que nossa vista se perdera muito longe, durante tanto tempo, nas ondas do oceano, e os vagalhões brincaram com a casquinha frágil do navio. Este brado “Terra!” emitido simultaneamente por todas as bocas, ao ser avistado o primeiro sinal da terra em forma de um rochedo, despontando por

entre as nebulosas evaporações das águas, é como uma brecha de esperança na saudade por longo tempo curtida.

Todos correm para o convés. Todos os olhos brilham com o fulgor da alegria e sem perceber ficam apertando a borda do navio, para evitar que num assomo de entusiasmo alguém se atire no mar, na tentativa de chegar mais depressa a nado a esta querida terra e abraçá-la.

Em Dacar fui testemunha de uma cena, cuja impressão jamais se apagará da minha memória.

Todo navio francês que faz viagem de volta da América do Sul costuma levar do Senegal um destacamento militar, que cumpriu aqui os dois anos obrigatórios de serviços, ou doentes que não suportam mais o mortífero clima senegalês.

Não é, pois, sem razão que chamam o Senegal de cemitério da França, já que seus heroicos filhos tombam vítimas de virulentas doenças, pagando com a vida este tributo mortal no altar do sacrifício da política colonial; somente os favorecidos pela sorte retornam para sua terra, depois de enfrentar o mais temível inimigo, a morte, que está ininterruptamente de tocaia sobre suas vidas.

E desta vez também o barco, que se aproximava vindo dos lados de Gorée, trouxe 70 desses infelizes.

Ao avistar o navio com a bandeira tricolor tremulando no mastro, a bandeira francesa, eles ficaram possuídos por um indizível delírio de felicidade. Das 70 bocas irrompeu o brado a uma só voz: "*Vive la France!*" Todos os bonés voaram para cima, e os 70 pares de mãos se estenderam para nós. Entre risos e lágrimas, uns se atiravam nos braços dos outros, até que finalmente toda essa manifestação de alegria se transformou num unísono e possante *Allons enfants de la Patrie*<sup>199</sup>, etc., no que, contagiados pelo entusiasmo, passageiros e tripulantes acompanharam em coro.

Assim, os vimos entrando aos pulos, subindo a escada do pontilhão para dentro do navio, beijando as tábuas do convés, abraçando em lágrimas a todos que por eles passavam, só para transmitir a imensa alegria que dominava seus corações!

---

199 Palavras iniciais do Hino Nacional da França. (N. da T.)

Quando apenas começava a se acalmar o vozerio no convés, diante dos nossos olhos surgiu um quadro completamente diferente; à vista dele ninguém conseguiu conter as lágrimas.

De Dacar vinha chegando uma embarcação de seis remos melancólica e silenciosamente, como se estivesse amedrontada, tocando mansa as ondas da baía. Era um barco hospitalar, levando vinte e poucos daqueles coitados, que estavam voltando, para morrer nos braços dos seus, ou junto a eles recobrar a vida que se esvaía. A morte já gravara sua marca nas fisionomias deles, e esta viagem parecia ser a última graça concedida a condenados. Alguns marinheiros e soldados correram para baixo a fim de prestar ajuda na subida dos infelizes.

Aproximaram-se do primeiro.

Era um jovem de apenas uns vinte anos, conforme me esclareceram mais tarde, um estudante universitário, filho de pais abastados dos arredores de Lyon. Nele não havia mais nenhum sinal de juventude: a pele amarelada do rosto macilento fundia-se estranhamente com os cabelos louros. Apenas um par de olhos encovados, dos quais, com a visão do navio, se irradiava estranha luz de esperança, como para provar que dentro desse corpo extenuado ainda pulsava um resquício de vida. Colocaram-no em pé. Ele endireitou o corpo, passou um olhar a seu redor, levantou os olhos para cima, como se quisesse medir a distância do espaço até o convés.

– Afastem-se de mim! – gritou. – Eu lhes mostrarei como se volta para a nossa terra! – e agarrando-se com as duas mãos à escada do pontilhão, começou a se arrastar de quatro para cima.

Inutilmente tentaram interromper essa desesperada escalada: não podendo se defender com as mãos, começou a morder aqueles que se esforçavam para erguê-lo.

Com o coração palpitando e lágrimas nos olhos, observávamos a cena. Instintivamente cada um tirava o seu chapéu para reverenciar esse majestoso potencial de esperança.

Ao atingir o convés, o rapaz caiu no chão. Corremos todos para ajudá-lo a levantar-se.

– Não se preocupem – disse sorrindo – agora já não vou morrer!

Era tão forte a expressão de fé e esperança naquele rosto que a própria Divina Providência não permitiria que ele morresse.

O exemplo dele foi seguido por outros seis. Os outros restantes nem isso conseguiram fazer, faltou-lhes força. Esses coitados tiveram que ser carregados para cima.

Francamente, o que é que eu não daria para fazer qualquer um desses políticos coloniais da França ou da Alemanha assistir a essa cena. Eles, sentados em suas confortáveis poltronas, nos gabinetes de além-mar, especulam ou em seu próprio interesse ou a favor de imagináveis vantagens para seu país, manobrando com milhares de vidas dos heroicos filhos da nação.

Nesse mesmo dia, às nove da noite deixamos Dacar, partindo em direção a Lisboa.

Depois de cinco dias de viagem, quando já estávamos entrando no porto, a inóspita capital de Portugal fechou seus portões para nós, condenando todos os que atingiam o alvo da sua viagem a uma quarentena de alguns dias. E, para compensar essa falta de hospitalidade, vinham chegando barcos até o navio, trazendo cerejas, amoras e morangos.

Foi com isso que a Europa estava nos recebendo na entrada.

Nada em minha vida me agradou tanto quanto essas modestas frutinhas, fazendo-me lembrar da proximidade dos meus.

Mais dois dias no mar, mais um dia de horrível balanço do navio no golfo de Gasconha e eis que finalmente ancoramos em Bordéus. Atirar-se para dentro do primeiro trem, percorrer num ímpeto a distância que me separava de Varsóvia, parecia-me uma coisa tão natural e necessária que nenhuma força humana seria capaz de me deter. Não sentia mais cansaço, parecendo-me apenas que o trem corria propositadamente tão devagar que meu desejo era possuir asas de pássaro.

Vendo os mesmos rostos queridos, apertando mãos amigas, aqui estou de novo na estação Varsóvia-Viena, o que até me pareceu que tudo que deixei para trás não passa de desagradável e triste pesadelo.

.....

## IX

### Epílogo

INÚMERAS PERGUNTAS – FALTA DE FÉ – CONDIÇÕES  
GERAIS – QUEM EMIGROU ATÉ AGORA – O QUE CON-  
CORREU PARA A INFELICIDADE DO IMIGRANTE PO-  
LONÊS NO BRASIL – DESCONHECIMENTO DO IDIOMA  
– SALÁRIOS – ALIMENTAÇÃO – CLIMA – TRABALHO –  
SALUBRIDADE – MISÉRIA MORAL

*D*ESDE o primeiro momento da minha volta do Brasil, frequen-  
tamente acontece, e até mesmo muitas vezes, que eu receba tanto verbal-  
mente quanto por escrito a seguinte pergunta:

– Será que realmente lá é tão ruim assim?

Aos que me dirigem tal pergunta, geralmente recomendo a  
leitura de minhas “Anotações de viagem”. Tanto aqueles que já as leram  
quanto os que nunca tiveram a oportunidade de conhecê-las, me respon-  
dem assim:

– Sim, com certeza... mas para publicar escrevem-se coisas di-  
ferentes! Só quero conhecer a realidade; pode contar sempre com minha  
discrição!

Tanto quanto eu, meu querido companheiro de viagem, Glinka,  
está sendo assediado pelas mesmas perguntas.

No princípio, eu ficava profundamente indignado com essa fal-  
ta de confiança. Não foi, pois, sem ressentimento que comecei a provar

que entre o que escrevi e o que vi não há nenhuma diferença. Posso dizer unicamente e sempre a mesma coisa, tanto por escrito, como verbalmente, publicamente ou no mais estrito sigilo: o que espera o nosso emigrante no Brasil é uma desdita moral e material que nem se pode imaginar. Quando tais perguntas começaram a se multiplicar cada vez mais, não me foi possível repetir a cada um sempre a mesma coisa. Passei a desembaraçar-me dos que me perguntavam, com respostas geralmente circunstanciais, sem me preocupar se isso seria suficiente para convencê-los ou não.

Contudo acho que as pessoas que perguntam e depois ainda duvidam de tudo o que chegou a ser do conhecimento de todos sobre o Brasil, queriam apenas levar em conta o seguinte: 1) as particularidades gerais de cada um dos nossos emigrados, 2) as condições que um país como o Brasil pode oferecer ao nosso emigrante e, por sinal, está oferecendo. Assim, é uma questão de perguntar: será que o sistema brasileiro de imigração é capaz, em quaisquer circunstâncias, de garantir, de forma prática, uma existência relativamente próspera para o nosso emigrado? A resposta, em sã consciência, será indiscutivelmente negativa.

Por isso, na esperança de livrar não só a mim mesmo das inúmeras perguntas, mas ao mesmo tempo contribuir para afastar definitivamente quaisquer dúvidas, apresso-me a resumir as condições gerais da imigração no Brasil, o que deve facilitar para formar opinião própria sobre o assunto.

Falando em condições gerais, não posso tomar por base a sorte dos que emigraram até agora. Infelizmente, mas é até com certa satisfação para os interesses do nosso país ter de confessar que boa parte dos emigrados poloneses até agora é culpada em 75% por sua infelicidade no Brasil. São pessoas na grande maioria levianas, que deixaram seu país, não à procura de trabalho mais lucrativo, mas na absurda esperança de conseguir riqueza e outras vantagens sem esforço e trabalho árduo. A julgar pelo que observei, posso dizer que emigrou quase exclusivamente a classe inferior de nosso proletariado rural e urbano. Essa convicção está plenamente de acordo com as notícias que chegam e continuam chegando das regiões atingidas pela febre emigratória. Afinal, basta pegar o mapa da Polônia, para constatar que a onda emigratória atingiu particularmente as regiões onde antigamente florescia o contrabando. Um contingente significativo de emigrantes foi fornecido pelas

nossas cidades e vilas: gente sem profissão definida, operários e artesãos marginalizados, bem como toda a sorte de desocupados e aventureiros, correram para além-mar à procura de felicidade imaginária, sobre a qual tanto apregoavam os agentes da imigração, contando histórias mirabolantes. Tais indivíduos, na verdade, nada tinham a perder, e por isso sucumbiram facilmente às tentações enganadoras. De gente nossa, daquela gente trabalhadora, direita, religiosa, que entende que só através do trabalho se alcança a felicidade, desses existem muito poucos no Brasil.

É fácil imaginar que semelhantes indivíduos, tanto no próprio país como em qualquer parte, nunca serão uma aquisição valiosa, mas se tornam um peso morto não só no Brasil como em qualquer parte do mundo. Antes de mais nada, eles não procuram nem mesmo querem trabalhar, preferindo levar vida ociosa. Disso tive inúmeras provas, quando vi gente deitada durante meses, nas pocilgas imundas das casas dos imigrantes, exposta a todo o tipo de negligência e penúria, em vez de procurar qualquer tipo de trabalho; ora, até os que lhe vieram propor algum trabalho com a maior boa vontade foram rechaçados com injúrias, alegando com a costumeira resposta: *“Não foi para isso que viemos para o Brasil. Trabalhar? Podíamos trabalhar lá mesmo, em nossa terra!”*

Quase a metade dos que chegaram ao Brasil deixou família no país de origem. Isso prova que a intenção de se estabelecer definitivamente não estava em seus planos; correram em busca do ouro e pretendiam voltar o mais depressa possível para continuar vivendo na ociosidade. A qualquer pessoa, essa história de ouro e brilhantes que diziam encontrar no Brasil em plena via pública, pode parecer exagero; mas basta puxar conversa com os imigrantes para se convencer de que era exatamente essa a ideia que os atraíu. Mas, acerca daquilo que na realidade os esperava, nenhum deles tinha sequer ideia aproximada.

O valor moral dos imigrantes lá chegados até agora é igualmente um tanto baixo. Latrocínio, alcoolatria, devassidão estão na ordem do dia. Casos em que um presta ajuda a outro são bastante raros, mas trapacear mutuamente, ou roubar, isso sim, são acontecimentos frequentes. Mas nada é tão abominável quanto a mentira a que se permitem continua-

mente. Para exemplificar, vi com meus olhos, na estação de Torun<sup>200</sup>, imigrantes trocando dinheiro brasileiro, aqueles mesmos indivíduos que em São Paulo andavam pedindo esmola e que eu havia trazido de volta para a Polônia, temendo que morressem de fome.

Portanto, repito, desse indivíduo que emigrou até hoje não se pode tirar uma base do que realmente pode acontecer ao imigrante no Brasil. Suponhamos, contudo, que esse indivíduo seja física e moralmente excelente, que constitui um “material” colonizador perfeito; imaginemos agora esse mesmo indivíduo enquadrado nas condições da vida brasileira, só aí então poderemos julgar se de fato o Brasil representa para o nosso emigrante alguma esperança.

Em primeiro lugar, ele enfrentará a absoluta falta de conhecimento do idioma; daí, vem a impossibilidade de comunicar-se. A língua portuguesa que é muito próxima da italiana e da francesa, por causa da sua elasticidade é bastante difícil de aprender; na convivência diária com brasileiros, pode-se adquirir o seu conhecimento depois de decorrido um tempo considerável. A bem da verdade, o governo brasileiro poderia remediar esse problema crucial, colocando intérpretes nas casas de imigrantes, mas isso não foi feito. Dizem que já se fizeram tentativas nesse sentido, mas logo se constatou que os intérpretes começaram a explorar os imigrantes de maneira repugnante, cobrando de ambos os lados.

Assim, já de entrada o imigrado sente total desamparo, sabendo que se tornará joguete do destino; tampouco sabe expressar suas exigências e qualificações profissionais, e menos ainda consegue informar-se sobre as condições de trabalho quando assume um compromisso. Por conseguinte, um trabalhador qualificado, por exemplo, agarra-se ao primeiro trabalho que lhe aparece, geralmente completamente inadequado para ganhar o pão de cada dia. Ademais, todo empregador dá preferência a um português, espanhol ou italiano e mesmo a um francês, com os quais encontra maior facilidade de comunicação, do que um polonês, ao qual só consegue transmitir suas ordens através de gestos. Por esse motivo, mesmo no melhor dos casos, ao imigrante polonês sobram a pior colocação e o salário mais

---

200 Torun é capital da província de Cujávia-Pomerânia, ao norte da Polônia, cidade natal de Nicolau Copérnico. Tem 208 mil hab. (2005) (WIKIPÉDIA, s.v.). (N. da T.)

baixo. Isso sem falar nas inúmeras humilhações que é obrigado a suportar por falta do conhecimento da língua: as explosões de impaciência, quando não consegue entender o que estão exigindo dele, e por fim a exploração da ignorância, passando a ser um alvo fácil dos espertalhões. Tudo são adversidades, que agem como golpes na cabeça já desde a entrada, enfraquecendo-lhe a autoconfiança, a energia e a vontade de trabalhar.

Que extraordinária força de vontade é preciso ter para não sucumbir ao primeiro impacto e não se deixar abater pelo amargor do estranho!

O obstáculo seguinte é o clima.

É verdade que o Brasil com o seu imenso território possui diversos climas, a começar pelo tropical até o temperado. Não reparei, entretanto, se as autoridades encarregadas da imigração e colonização têm de algum modo levado em conta os hábitos climáticos dos imigrantes, deixando-lhes livre a escolha; em outras palavras, os atiram à própria sorte. O que, afinal, um simples camponês da Polônia ou trabalhador poderá saber sobre o clima que irá encontrar nesta ou naquela província? O que geralmente acontece nesses casos é que o coitado se guia pelo palpite e escolhe qualquer localidade da qual talvez tenha ouvido falar ou que alguém a seu lado tenha sugerido. Vamos supor que a escolha por sorte foi relativamente feliz, e o imigrante conseguiu colocação numa província suportável, mas assim mesmo ele terá de suportar inúmeras situações desagradáveis, antes de se ambientar dentro de um clima de uma província como a do Rio Grande do Sul, onde no inverno a temperatura baixa até zero grau. No entanto, durante o verão, a primavera e o outono, lá também o sol o queimará impiedosamente, pois o calor, nessa época do ano, chega muitas vezes a 30 graus à sombra, com temperatura média variando entre 24 e 28 graus.

Simultaneamente um trabalho muito mais árduo que na sua terra natal o espera.

A maioria dos nossos emigrantes procura a lavoura. Até mesmo os operários urbanos, que não possuem a menor noção sobre agricultura, depois de se convencerem de que o ouro e os diamantes não estão à beira da estrada, agarram-se geralmente à terra como a última tábuca de salvação.

A meu ver, isso representa para o recém-chegado um trabalho simplesmente impossível.

Em primeiro lugar, ele estará sujeito a uma solidão absoluta, tendo em vista que o vizinho mais próximo fica geralmente a algumas horas de viagem por estrada difícil ao extremo. Além disso, o tipo de trabalho a enfrentar é completamente desconhecido. A simples preparação da terra, coberta pela mata virgem, exige esforço titânico.

Somente depois de muito tempo e de passar por muitas decepções, adquire certo grau de experiência.

Mas a terra assim preparada deve ser cultivada de maneira bem diferente, já que não poderá ser aproveitada como a terra de seu país. Se bem que nas províncias do Sul já se produz trigo, batata, repolho e outros produtos europeus, mas isso se consegue depois de alguns anos; ademais, a possibilidade de escoamento do produto depende da distância dos centros consumidores. Como as novas colônias estão sendo abertas no interior muito distante, o fornecimento do produto se torna muito difícil, e o custo do transporte absorve boa parte do já minguado lucro.

O trabalho nas plantações de café, que teoricamente pareceria mais viável ao recém-chegado, na realidade é praticamente impossível para o habitante de nosso país. Nas províncias onde o café é cultivado, o clima é insuportável, e até mortífero, quando enfrentado a longo prazo. Afinal, também ali o trabalho será recompensado num futuro ainda distante, particularmente quando o agricultor tenha se instalado devidamente, isto é, quando conseguir extrair do pedaço de terra que lhe coube os produtos essencialmente necessários para sua subsistência – milho, feijão, batata, mandioca, etc. Durante os primeiros dois anos, no mínimo, seu ganho não é sequer suficiente para cobrir o custo de sua subsistência. Por esse motivo é que se ouvem constantemente queixas dos imigrantes, que, desconhecendo a realidade da situação, não percebem ter sido explorados pelos fazendeiros; depois de decorridos alguns meses de trabalho pesado, quando é chegada a hora de acertar as contas, revela-se que não só deixam de receber o pagamento na mão, mas ainda ficam devendo boa quantia para o patrão.

Fundamentalmente, o conceito sobre o nível dos salários no Brasil é errôneo. Em geral eles estão abaixo da média que permite apenas uma modesta sobrevivência. Existem exceções, particularmente para profissionais altamente qualificados, mas, na maioria das vezes, acontece

o contrário, isto é, o salário é péssimo e não chega a cobrir nem o custo de mísera subsistência. Os salários nas colônias são geralmente miseráveis, mas os serviços prestados ao governo, nas obras de estradas de interligação, representam para o colono a única fonte de renda nos primeiros tempos para manutenção. Os salários, além de ser minguados, não são pagos em dinheiro vivo, mas com cartão de crédito junto a comerciantes que o exploram de maneira impiedosa, ficando assim o salário reduzido a um sexto de seu real valor. Além do mais, o abastecimento de provisões absorve todos os meses alguns dias de sacrifício. Pode-se imaginar quantos recursos esse mesmo vendeiro, que é geralmente um esperto português, dispõe para tapear o pobre colono, fazendo com que, mesmo após anos a fio, ele não consiga livrar-se de suas garras, ficando nas mãos do espertalhão a parte do leão do fruto do seu trabalho; é um tributo revoltante, que faz o sangue ferver nas veias. E, como sempre acontece, esse mesmo comerciante se torna o primeiro receptor dos produtos extraídos da terra e, com o colono nas mãos, estabelece preços por critério próprio.

Deixando os salários, passarei agora a tratar da questão da alimentação.

Se, para uma pessoa de classe média e de esfera social mais alta, existem pratos cosmopolitas facilmente encontrados em qualquer parte e substitutos de pratos tipicamente nacionais, as pessoas do povo – embora geralmente acostumada a qualquer tipo de alimento – mesmo assim têm suas preferências por produtos de alimentação, isto é, por aqueles com os quais estão acostumadas e sem os quais lhes é difícil viver. São exatamente esses produtos, que constituem a alimentação básica de povo polonês, que o Brasil não possui; por outro lado, o que lá existe à venda está por um preço tão alto que se torna artigo de luxo. As batatas no Brasil são importadas da Holanda, mas já estão sendo plantadas no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, porém a produção é ainda insuficiente mesmo para o consumo local. O pão de centeio é quase desconhecido, sendo substituído a contragosto pelo pão de milho ou o muito caro pão de trigo. Quanto à carne fresca, no interior nem é cogitada; o jeito é contentar-se com carne-seca ou peixe, que é geralmente muito malcheiroso. O prato preferido do brasileiro e também dos que lá chegam é uma espécie de sopa de feijão-preto com carne-seca, à qual é adicionado um punhado de

uma grossa farinha vegetal, a farinha de mandioca, extraída de raiz com o mesmo nome. Assim, essa sopa se transforma numa espécie de grude preto. Essa comida, para uma pessoa que não está acostumada a ela, tem um aspecto simplesmente repugnante. Naturalmente, quanto às verduras, tais como o repolho, a cenoura ou a beterraba e outras, nem pensar! A própria maneira de preparar a comida já é completamente diferente: tudo é servido demasiadamente salgado, apimentado e impregnado de alho ou cebola. É o motivo de queixa da vida ruim que se ouve por toda a parte, mesmo em lugares onde se procura agradar os imigrantes. Conseguir cozinha própria, o imigrante só consegue no futuro; no começo, porém, ele terá que se contentar com o que lhe é oferecido. E até o imigrante conseguir vencer a aversão ao alimento típico do lugar, até ele conseguir se acostumar mais ou menos, o prato brasileiro é para ele algo bastante sofrido. Não me admira também nem um pouco que um moribundo tuberculoso, que encontrei nas cercanias de São Carlos, implorou, como último desejo, com lágrimas nos olhos, um pedaço de broa preta, desejo esse que infelizmente não consegui satisfazer por não encontrar esse pão em parte alguma.

Eu seria obrigado a dissertar por tempo demasiadamente longo se pretendesse apresentar devidamente as condições de higiene. As terríveis consequências provocadas pela tal pulga-da-areia, conhecida como bicho-de-pé, são bastante conhecidas; proteger-se contra elas, mesmo tendo o maior cuidado, é praticamente impossível. As inflamações provocadas por elas ficam incomodando durante meses a fio; assim, com os pés cheios de feridas, o colono fica completamente inutilizado para o trabalho. A picada de uma mosca varejeira causa igualmente feridas e, se o local escolhido pela mosca é o olho, pode até provocar cegueira. Os pernilongos, mosquitos e outros insetos atacam impiedosamente a pele, cobrindo-a de bolhas vermelhas, que também acabam se inflamando. Para dar testemunho de quanto é indefeso e desamparado um recém-chegado nessa luta contra os insetos, vou citar o seguinte fato.

Em São Paulo, encontrei uma menina de 10 anos cujo rosto, envolto em trapos sujos, estava muito inchado, o que me chamou a atenção. Quando perguntei o que lhe havia acontecido, sua mãe me esclareceu: “Ela tem bichos dentro do ouvido”! Pedi que desatasse os panos e mal pude acreditar no que estava diante de meus olhos – um quadro horrível. Havia

desaparecido a forma da orelha, aparecendo apenas no lugar delas duas horríveis feridas, dentro das quais se mexiam centenas de pequenas larvas. Felizmente eu estava acompanhado de meu já conhecido dr. Gaad, que imediatamente receitou uma água sanitária para fazer a desinfecção, garantindo que a coitadinha estaria completamente boa, dentro de alguns dias.

Qual seria a causa dessa terrível situação?

Durante os dias de canícula, a criança vivia suada, e, como a mãe não a mantinha asseada, o suor, a sujeira e a poeira criaram o ninho ideal para que a mosca ali depositasse ovos. Envolto em trapos sujos, os lugares já com inflamação teriam feito o resto. Sem a ajuda do médico, a criança certamente teria morrido.

Fatos parecidos com esse são narrados em grande número por quase todos os colonos.

Acrescentemos a tudo isso o mal da aclimatação, do qual todos os recém-chegados devem sofrer inevitavelmente, além da diarreia, da disenteria e, nos lugares do litoral, a ameaça da mortífera febre amarela. Então compreenderemos por que as doenças matam não só todas as crianças, mas também um número considerável de adultos. Essa porcentagem varia muito, conforme o lugar, mas é sempre assustadoramente grande. Como prova do lamentável estado de saúde desses coitados, posso citar que das 164 pessoas que no dia 5 de maio embarcamos do Brasil de volta para sua terra, durante os primeiros quatro dias de viagem, sete faleceram antes de chegar à Bahia, e quatro ficaram internados em hospital local.

Sabe-se que a miséria material do imigrante é enorme; no entanto, a miséria moral a supera em alto grau. Já de entrada, ele é atacado de forma doentia pelo sentimento da saudade. Perseguido por ela como por um fantasma que o acompanha por toda a parte, ela o faz sofrer e lhe tira qualquer ânimo e esperança de futuro mais promissor, paralisa sua energia e lhe mata a vontade de trabalhar. A esse estado moral, que é preciso sentir em si mesmo para compreender o sofrimento que causa, junta-se a incerteza: o que fazer, como resolver certos problemas num meio totalmente desconhecido? Alguns, em consequência desse estado de dúvida, caem numa espécie de alienação mental ou em desanimadora apatia.

É sabido que nosso povo é religioso e, numa necessidade tão premente, mais que nunca procura o consolo em Deus, nos santos sacra-

mentos e em outros recursos da fé. Nada dessas coisas ele encontrará no Brasil. Infelizmente o clero local é um tanto indiferente quanto ao estado da alma de suas ovelhas. Então o que dizer quando se trata de estranhos? Quem é que vai compreender as mágoas de nosso pobre coitado, quem há de ouvir pacientemente suas queixas?

Nas cidades maiores ainda existem igrejas; mas o colono, atirado a centenas de quilômetros para dentro do sertão ou na floresta virgem, só tem diante dos olhos uma massa compacta verde-escura das árvores e acima da sua cabeça o imenso firmamento, no qual somente com os olhos da alma pode buscar a ajuda do Misericordioso. Mesmo quando a morte o espreita, ele não tem a esperança de cerrar seus olhos à maneira cristã. Se lhe morre um filho, ou a esposa, ele próprio cava a sepultura próxima ao miserável casebre, mas se chegar a sua vez, ele sabe de antemão que os corvos serão os coveiros. Não há ninguém que o faça aproximar-se de Deus; então, a consciência passa a atormentá-lo terrivelmente. Vive como um animal e por isso os instintos animais começam a dominá-lo, intercalados por explosões de terrível desespero.

Não! Não! Uma caneta não é capaz de descrever o abismo moral em que cai o imigrante; mesmo que se escreva com sangue e lágrimas, ainda assim não será suficiente para, mesmo parcialmente, poder representar a quadro desesperado em que se encontram sua alma e seu coração.

Essas são as condições gerais em que um imigrante se acha invariavelmente. Agora, cada um se coloque em seu lugar, imagine encontrar-se em situação semelhante e assim achará a resposta à seguinte pergunta:

– Que jeito tem a felicidade brasileira?

Fim das anotações da viagem.

.....

*Bem-te-vi*

Um quadro que tem por fundo a vida no Brasil

**A**SSIM como a floresta virgem apavora com tenebroso mistério, causando ao mesmo tempo admiração pela grandiosidade da natureza selvagem, assim o sertão aborrece com sua monotonia, deprimindo pela vastidão inalcançável aos olhos humanos. É um verdadeiro oceano de capoeiras, vimes, juncos, samambaias e outras vegetações rasteiras, que, ressequidas pelo calor do sol tropical, perderam a verde vitalidade, assumindo aspecto de vegetação necrosada: aquela tonalidade amarelecida, queimada pelas geadas do outono.

Quando o vento sopra no sertão, aquele oceano vegetal se anima e começa a ondular. Aquela superfície amarelada e compacta parece retomar vida, erguendo-se e inclinando-se como as ondas do mar; o ruído das hastes que se quebram, o sussurro de capins e juncos secos se funde num misterioso murmúrio, que chega a inquietar e irritar o ouvido humano. Chega a parecer que o sertão conspira contra a gente, guardando sob o seu manto amarelecido ciladas traiçoeiras. A gente sabe que alguma cobra venenosa espera pela vítima, que alguma onça, no meio do capinzal, pode estar deitada no ninho, onde planeja uma jornada sangrenta, e que o ban-

do de porcos-do-mato corre furioso atravessando aquela vastidão, derrubando com possantes presas tudo que representa obstáculo à sua frente. O escorpião ou a tarântula podem provocar a morte, picando-lhe o pé; além disso, centenas de vespas, besouros, pernilongos e mosquitos lhe atacam impiedosamente o corpo.

Preocupado, você se esforça por encontrar algum abrigo ou proteção.

Pois sim! O oceano vegetal já o envolveu por todos os lados!

O olhar percorre rápido, para bem longe, por cima dessa imensidão vivamente iluminada pelo sol, e volta triste, nada encontrando além da deprimente uniformidade e do incomensurável descampado.

Eis que lá, bem longe, sobressai solitário um frondoso pinheiro, que despontou para o alto e estende por cima da capoeira sua coroa verde-escura, mas – aprisionado por centenas de cipós, parasitas e trepadeiras que se debruçam sobre galhos e tronco – elas o amarram fortemente ao chão como cordas.

Aí está ele, um triste escravo do sertão, tal como alguém que se afastou demais e se perdeu, morrendo de saudades de seus irmãos, que crescem livremente na longínqua floresta virgem.

Aqui e acolá, se destacam, por cima das samambaias, algumas arvorezinhas fracas, porém a sorte delas é mil vezes pior que a do pinheiro: cipós as abafaram completamente, estendendo seus cordões por sobre seus desnudos troncos, levando calmamente a vida de parasitas; nem os vimes nem outros arbustos ressequidos escaparam dessa força dominadora dos cipós, que avançaram e se enrolaram em seus próprios cordões quando lhes faltou lugar apropriado, formando tranças fantásticas.

Assim, pois, o sertão inteiro, embaraçado por amarras, fechou-se em si mesmo, criando uma cobertura vegetal sobre a terra.

O homem ávido, que não se amedronta diante da poderosa floresta virgem, avança destemido, espalhando sua obra devastadora no meio dela, na esperança de que, no futuro, seu trabalho lhe renda centenas de vezes mais, destruindo o sertão, onde ele se sente aborrecido e solitário. De um lado, a enormidade de obstáculos lhe estimula a ambição, de outro, a monotonia o desanima, tornando-o preguiçoso. Dentro da floresta, cada gigante derrubado ao chão pelos golpes do machado, representa um pode-

roso inimigo prostrado a seus pés. No campo, porém, o capim, as taquaras, as samambaias e outros arbustos, entrelaçados pelos cipós, despertam o seu desprezo; mas, ao mesmo tempo, esses pequenos obstáculos temperam com amargor seu trabalho e esforço pesado. Lá ele é o senhor, que subjuga a natureza; aqui, um miserável trabalhador que sua a camisa para obter um mísero pedaço de pão.

Porém não são apenas essas ambiciosas razões que afugentam do sertão brasileiro o homem. Ele sabe também que a terra daqui, por ser menos fértil, exige muito mais trabalho para produzir boa colheita. Então, para que serve esforçar-se tanto, para que sujeitar-se, durante o ano inteiro, a uma canícula, sem ter ao menos uma sombra de árvore, sob a qual se abrigar do sol abrasador? Para que, finalmente, encher a vista continuamente, com aquela infundável vastidão monótona, inatingível aos olhos humanos?

Pois foi nesse lugar ermo, há muitos anos, que Paulo se estabeleceu.

Que motivo o trouxe aqui, o que o fez permanecer em meio a uma solidão selvagem? É uma história tanto estranha quanto triste.

Paulo nasceu no Rio de Janeiro, onde seu pai era alto funcionário; a mãe, por sua vez, era famosa pela sua beleza. No entanto, por estranha lei da natureza, ele veio ao mundo marcado pela ascendência negra: nasceu mulato.

Qualquer um que observasse atentamente a mãe de Paulo, a sua pele morena, o cabelo negro encaracolado e, sobretudo, aquela característica mancha escura debaixo das unhas, como se fossem esculpidas em mármore, logo adivinharia que nas veias dos antepassados de Anita de Cordeiro corria sangue negro. Contudo ela era tão encantadoramente bela que ninguém, nem mesmo o perdidamente apaixonado marido, Rodrigues de Cordeiro, conhecia essa verdadeira realidade nem sequer fazia outra ideia.

Afinal, Anita sentia orgulho dos seus três filhos, dois meninos e uma menina, que eram exemplo vivo de beleza infantil. Suas peles brancas como alabastro, feições perfeitas e delicadas bem justificavam o apelido de “meus Anjinhos”, como os chamava a feliz mãe.

Só com a chegada de Paulo ao mundo, ficou desvendado o mistério.

Quando o recém-nascido foi trazido à presença da mãe, e – assim que ela percebeu aquele corpinho moreno, quase negro, a boquinha e os lábios carnudos, os olhos grandes, curiosamente olhando ao seu redor, e a cabecinha coberta de uma penugem preta encaracolada – espantou-se:

– Tirem de minha frente esse monstro! – bradou desesperada e perdeu os sentidos.

Durante as duas semanas seguintes, dona Anita se debateu entre a vida e a morte.

Finalmente conseguiram arrancá-la das garras da morte, mas Paulo ficou sendo “Monstro” para o resto da vida.

Uma ama-de-leite negra foi contratada para amamentá-lo na cozinha, de onde, sob pena de severo castigo, não deveria sair com a criança durante o dia. Somente à noite, às escondidas, Clara se esgueirava para o jardim com Paulo, onde, caminhando pelas alamedas mais afastadas, cantarolava negras canções de ninar para Paulo dormir. Ali ninguém os via, somente a lua, quando saía detrás das nuvens, olhava com compaixão, banhando com luz prateada a infeliz criança e sua ama.

Acontecia às vezes que Clara tinha noites de excepcional euforia.

Então deixava o pequeno sentado na grama e ela mesma – apanhando um ramo de azaléia coberto de flores tal como uma guirlanda – começava uma dança fantástica. Paulo não cabia em si de tanta alegria e, batendo as pequeninas palmas, estimulava a ama, com seu riso, a dançar cada vez com mais entusiasmo.

Estes eram os únicos momentos de felicidade na vida de Paulo. Outros prazeres de criança de sua idade, ele jamais os provou. Desconhecia completamente seus pais. Dona Anita, só de lembrar-se do pequeno “monstro”, caía num incontido acesso de raiva, enquanto Rodrigues, por amor à esposa e temendo pela saúde dela, evitava qualquer alusão ao infeliz menino.

Quando Paulo apenas começava a engatinhar e vagamente emitir as primeiras palavras, Deus lhe levou a única alegria terrena que possuía, a bondosa Clara. Certa noite, a negra morreu de repente, de febre amarela. A criadagem encontrou seu corpo inanimado, restos mortais amarelados deitados no leito debaixo do telheiro, seu lugar de dormir. Paulo dormia tranquilamente ao lado do cadáver já frio.

Pensaram que a peste também o levaria, mas a natureza forte do “monstro” resistiu à morte.

Ele sobreviveu, mas apenas para começar uma longa série de dias de extrema infelicidade infantil.

Desde esse momento, ele se tornou o objeto de desprezo de todos que o cercavam. Empurravam-no, batiam nele, botavam o menino para fora da porta por qualquer motivo, o que acontecia amiúde, pois o pequeno, mal sabendo andar, muitas vezes atrapalhava a criadagem em seus afazeres. Isso geralmente acompanhado de blasfêmias e palavrões para o “monstro”.

Ah, sim! “Monstro!” “Monstro!” ressoava continuamente em seus ouvidos, de toda a parte. Durante algum tempo, ele até pensava que esse era mesmo o seu nome e por isso, ao ouvir o desprezível apelido, atendia ao chamado dos seus gozes.

Aos poucos, porém, o conceito de desprezo, do qual era objeto, amadurecia dentro do pequeno infeliz. À medida que foi se fixando esse sentimento, cada vez mais evitava o contato com as pessoas.

Tão logo o dia clareava, saía do ambiente infecto do sótão e, cambaleando nas frágeis pernas, se dirigia para a mesma alameda das palmeiras, onde outrora passara nos braços da Clara. Lá se distraía com as mais diversas brincadeiras.

Primeiro, bandos enormes de borboletas azuis, que flutuavam no ar. Ou então colibris – brilhando ao sol com mil cores – atraíam seu olhar. Corria atrás de uns e outros, na esperança de agarrá-los.

Outras vezes esgueirava-se furtivamente debaixo da laranjeira ou desaparecia no labirinto das touceiras de bananeiras para apanhar os frutos caídos no chão.

Nessas furtivas jornadas de Paulo, o velho cão, de nome *Caro*, era seu companheiro. Em outros tempos, esse mesmo cão era o favorito da dona da casa. Com a idade, entretanto, quando começou a perder o pelo e o seu corpo foi ficando coberto de repugnantes feridas, foi deixado ao abandono. Agora, ele também se tornara apenas um “monstro”. O destino comum uniu o cão e a criança. Ambos representavam o objeto de desprezo e maus-tratos da parte de todos. O cão até ostentava os sinais evidentes

desse tratamento, arrastando a perna traseira quebrada, efeito de um acesso de raiva de João, o cozinheiro, que o deixara aleijado com uma paulada.

*Caro* com resignação acompanhava o garoto por toda a parte, pois via nele a única criatura amiga. Geralmente ambos ficavam cansados ao mesmo tempo. Aí, era *Caro* quem deitava no chão primeiro, depois a criança encostava a cabecinha encaracolada nele e assim os dois adormeciam. O sol curiosamente observava através das folhas das árvores, com olhos luminosos, essa infeliz dupla adormecida.

A fome impelia ambos para a cozinha. Contudo seguiam para lá tristes e amedrontados. Davam ou, melhor dizendo, lhes atiravam comida, geralmente restos que sobravam da mesa. Então, os dois sentavam-se na soleira da porta. O cão deixava a criança se servir primeiro, e, olhando para a sua boca pequenina, esperava pacientemente até que chegasse finalmente sua vez.

Porém esse banquete não podia demorar muito. Logo o cozinheiro vinha expulsá-los com voz possante:

– Andem, seus “monstros” comilões. Fora daqui! Vão para o jardim!

Tal como tinham chegado assim se afastavam tristes e amedrontados.

Aos poucos, entretanto, os sinais de tristeza e medo começaram a desaparecer do rosto da criança, mas a injustiça praticada contra ele, a ofensa ou as palavras de desprezo começavam a enrugam sua testa. Às vezes, de seus grandes olhos abertos, irradiava algo em forma de raiva ou ódio, e os dois pequenos punhos se encolhiam nervosamente. Em muitas ocasiões, as lágrimas rolavam pelas faces escuras, mas isso só quando longe dos outros. Perto deles Paulo jamais chorou. O único que o via chorar era *Caro*, que ganhava tristemente como se estivesse lastimando a sorte do companheiro.

Nessas condições e em meio a esse ambiente, Paulo foi se criando. Paralelamente se desenvolvia dentro dele o rancor e o temor contra a humanidade. A bem da verdade, ele ainda não se conscientizara do que o tornava tão repugnante; só sabia que não era igual aos outros. A inveja e o ódio alternadamente minavam seu coração; nesses raros momentos de reflexão infantil, o rosto tomava uma expressão terrível de dor, e os olhos ficavam inundados de sentidas lágrimas.

Muitas vezes, encolhido e acabrunhado, apertando os punhos contra o rosto afogueado, soluçava demoradamente, enquanto acima de sua cabeça as folhas das palmeiras pareciam comentar, em murmúrio, sua desgraça e sua dor.

Ao completar oito anos, aconteceu um fato que influiu decisivamente sobre o seu destino.

Embora Paulo tivesse certo cuidado em evitar as pessoas, nem sempre conseguia escapar da maldade dos irmãos.

Eles eram mais compreensivos com ele. Muitas vezes, até ao encontrá-lo no jardim, o animavam a participar das brincadeiras, nas quais geralmente fazia o papel de escravo. Aí, cumpria cegamente as ordens deles, aceitando tranquilamente, nessas ocasiões, os socos que lhe eram dados.

Contudo, era sua irmã Marita que se esmerava, de maneira singular, nas atrocidades praticadas contra ele. Uma linda loirinha, de grandes olhos azuis, que pela sua beleza era apelidada por sua mãe de “Bonita”. Ela aparecia no jardim com o único propósito de maltratar o pobre irmão.

Muitas vezes, encontrando-o adormecido, colhia uma folha de cacto e com os espinhos cutucava o rosto do pequeno.

Outras vezes, ela trazia escondido debaixo da roupa um chicote, e o menino – ao atender ao chamado mais carinhoso da irmã e se aproximar sem desconfiar da traição – era de repente chicoteado por ela com toda a força.

Em outra ocasião, ela o mandava fechar os olhos e abrir a boca, garantindo-lhe que colocaria uma guloseima. Ávido, o pequeno obedecia com boa vontade. Aí, “Bonita” despejava um punhado de areia ou uma pedra ou caroço de pêssego.

Parecia que a cruel menina vivia planejando meios cada vez mais pérfidos de praticar malvadezas. Paulo passou a odiá-la com todas as forças, mas o temor de castigo lhe continha o desejo da vingança.

Finalmente, certo dia, os limites de sua paciência se romperam.

Certa vez, “Bonita” – como era de seu costume atrair o menino sob qualquer pretexto – começou a atormentá-lo impiedosamente. À medida que ele fugia, aumentava a obstinação da menina. Os socos se repetiam cada vez mais fortes. Quanto finalmente, ofegante, ela parou, o pequeno continuou correndo. Atrás dele, seguia *Caro*, de cauda encolhida.

Uma nova e terrível ideia brilhou na mente da pequena “Bonita”. No mesmo instante, apanhando a primeira pedra que encontrou no chão, atirou-a no cachorro.

*Caro* deu um uivo de dor.

Paulo, que estava correndo, parou de repente como se tivesse sido atingido por um raio, olhou o cachorro e logo viu o que tinha acontecido. Rápido como um gato, atirou-se sobre a menina e, antes que ela se desse conta do acontecido, ele a derrubou no chão. Suas mãos frágeis e escuras afundaram naquele cabelo loiro, faíscas brotavam de seus olhos, sons roucos de ódio surgiram de sua garganta.

De imediato, o tresloucado abriu a boca e se abaixou sobre o rosto da menina pasma de espanto. Logo, “Bonita” deu um grito de dor terrível e, ao mesmo tempo, gotas vermelhas de sangue rolaram sobre a pálida bochecha.

Ao ver sangue, Paulo sumiu rápido como um raio por entre o emaranhado da vegetação, enquanto “Bonita”, desfazendo-se em choro a plenos pulmões e encobrimdo o rosto ensanguentado com as mãos, correu para casa.

Naquele dia, a casa dos Cordeiros parecia o dia do Juízo Final. D. Anita, ao ver o rosto ensanguentado da querida filha, caiu num choro histérico, que em seguida se transformou num ataque nervoso. Chamaram o médico, e este afirmou que a mordida fora bastante profunda e dela provavelmente ficaria uma cicatriz para o resto da vida. Recomendou deitar a menina na cama, temendo que o susto trouxesse consequências mais graves. D. Anita se recuperou com certa dificuldade. Porém suas primeiras palavras conscientes foram:

– Matem esse “monstro” imediatamente!

Pela primeira vez, desde muito tempo, o nome “Monstro” voltava a ser pronunciado por toda a família, porém agravado pela raiva e um obstinado desejo de vingança.

Durante os quatro dias seguintes Paulo foi procurado desesperadamente, mas o menino desaparecera sem dar sinal de vida.

No quinto dia, pela manhã ele apareceu de repente. Sua aparência era horrível. No seu corpo, aquela roupa costumeiramente rasgada, agora estava em andrajos. A cara, de escura, se tornara amarelada, os olhos

– fundos, os lábios ressequidos denunciavam fome e cansaço. Apenas conseguia arrastar os pés. Junto a ele arrastava-se também *Caro*, extenuado e emagrecido como o companheiro.

Quando a volta de Paulo chegou aos ouvidos de Rodrigues, este ordenou a todos um profundo silêncio sobre o acontecido diante da esposa, mas ao mesmo tempo mandou o cozinheiro dar uma boa surra no “Monstro”. João executou fielmente a ordem do patrão; o menino suportou o castigo sem emitir gemido algum e sequer uma lágrima brilhou nos seus olhos, apesar de o negro estar batendo horrivelmente e escorrer sangue sobre a pele do pequeno após cada chicotada. Terminado o castigo, João o atirou inerte no chão.

No dia seguinte, o “Monstro” já não se encontrava na casa dos Cordeiros. Um italiano, Scarzanelli, que – numa das estreitas e sujas ruas suburbanas de Botafogo – mantinha uma escola para os filhos da população carente de lá, o levou para educá-lo por um preço bem alto.

Inutilmente durante os três dias seguintes, o bondoso *Caro* o procurou por todos os cantos do jardim. Uivava de tristeza durante a noite. Ele era o único que sentia a falta do companheiro de desdita.

Certa manhã, o cão foi encontrado morto, junto daquela alameda de palmeiras onde costumava brincar com Paulo.

No começo, o menino pensou ter começado vida nova. Scarzanelli, homem frio e indiferente, de fato não lhe manifestava prova alguma de bom coração ou maior desvelo. Os meninos da escola acolheram o novo colega com certa curiosidade. Misteriosamente cochichavam um no ouvido do outro, olhando de esguelha para Paulo, mas o deixavam em paz.

Infelizmente, a desilusão o aguarda para breve.

Não tinha passado um mês, quando por ocasião da primeira rixa, um dos colegas lhe atirou na cara o desprezível apelido de “Monstro”, o que foi aplaudido com escárnio pelo resto dos colegas. Paulo ficou petrificado diante do insulto, se encolheu como o cachorrinho que leva um pontapé e se arrastou até o canto da sala de aula.

Daquele dia em diante, tornou-se objeto de troça e gracejos zombeteiros da parte dos colegas. Ao notarem, a cada dia que passava, a expressão de dor em seu rosto e a crescente timidez, os meninos começaram a atormentá-lo cada vez com maior insistência.

Assim como em casa, também ali não o chamavam de outra forma senão de “Monstro”.

Certa vez, quando Paulo – cansado dos maus-tratos dos colegas, afastando-se para um canto – se pôs a pensar na sua dor, dele se aproximou o pequeno José. Vendo a tristeza e a depressão do menino, José, movido provavelmente por compaixão, começou a lhe falar meigamente. Paulo, a princípio, o escutava inconsciente, porém o tom suave de voz o fez acordar. Levantou o olhar úmido para o interlocutor.

– Venha – dizia José – não lhes dê ouvidos!

– E por que eles fazem isso comigo? – perguntava Paulo com voz abafada. – Que culpa tenho eu? O que foi que eu fiz para eles?

José permanecia calado.

– Ouça – continua a falar por entre lágrimas o menino. – Você, que é melhor que eles, diga-me: por que me chamam de “Monstro”? Assim me chamavam em casa, mas lá também batiam em mim. Afinal, eu sei que perto dos meus irmãos e da minha irmã eu era um monstro. Mas aqui é outra coisa. Olhe o Sebastião, ele tem a mesma cara que eu. Francisco está na cara que é negro, e por que eles não o xingam também?

José mesmo assim nada respondia.

– Você não quer falar? Por piedade, fale – implorava o menino em lágrimas, enquanto para o ouvinte parecia que o coração do coitado estourava de dor.

– Sabe – disse afinal José, gaguejando e com a voz trêmula e tímida – dizem que você saiu diferente dos outros.

– E o Sebastião, o Francisco? – interrompeu Paulo, cerrando os punhos.

– Isso é outra coisa – continuou José. – Sebastião tem um pai negro, os pais de Francisco também são negros, mas teu pai e a tua mãe são brancos, teus irmãos são brancos, toda a tua família é branca. Você é o único...

– Monstro! – terminou o infeliz menino e caiu num choro há muito reprimido.

Depois de uma pausa, que para José pareceu um século, Paulo levantou seu rosto banhado em lágrimas.

– Então, eu ficarei para sempre assim? – perguntou.

José não conseguiu encontrar resposta.

Desde aquela conversa, morreu algo ou algo se petrificou dentro do pobre menino. Até então, ele pensava ser pelo menos a causa de ser provocado. Ele seria o culpado. Mas agora tinha compreendido que estava sendo vítima do preconceito ou mau-olhado, e que nada neste mundo seria capaz de livrá-lo dessa marca infamante.

Daí em diante, uma estranha mudança se operou nele ao mesmo tempo.

Antes, humilde e acanhado, agora se tornara ameaçador para os colegas. Quando certa vez Sebastião lhe atirou na cara o costumeiro apelido, Paulo, agarrando-o, o surrou tanto e com tal violência que o menino foi levado semi-inconsciente para casa.

Daquele tempo em diante, o evitavam, mas também ele se mantinha distante de todos mais que nunca. Não compartilhava mais das brincadeiras dos colegas. Certa vez, José lhe propôs que fossem juntos ver o desfile militar na Praça da Aclamação:

– Vão embora sozinhos! – gritou. – Seus cães brancos!

Acontecia que, no dia de S. Antônio ou de S. João, a cidade inteira borbulhava de movimento e brincadeiras. Nas praças as bandas tocavam músicas, brancos e negros desfilavam pelas ruas, em meio de alegres canções. De cada quintal, de cada jardim, centenas de foguetes subiam para o céu. À noite, a baía inteira se iluminava com fogos de artifício e o povo em peso corria para o Jardim Botânico, onde se realizava a grande festa popular.

A juventude se esbaldava de alegria e contentamento.

Só Paulo, deitado na cama, como um morto, mordida os dedos de raiva e de dor, a ponto de sair sangue. Era bem nesses dias de festa que ele se achava particularmente acabrunhado e não botava cabeça para fora deste mundo de Deus. Ai de quem se aproximasse dele! Ele caía numa fúria selvagem: batia, mordida e arranhava impiedosamente.

Sair de casa não era do seu agrado, mas quando Scarzanelli o mandava às compras ou por outro motivo qualquer, enfiava o chapéu bem fundo para lhe cobrir o rosto e corria numa disparada, sem parar nem olhar para os transeuntes.

Jamais alguém o viu rezando. É bem verdade que ninguém lhe ensinara qualquer oração, mas em troca, por qualquer motivo, na primeira oportunidade, torrentes de palavrões e blasfêmias saíam da boca do menino.

Então passaram a chamá-lo não só de “Monstro”, mas também de selvagem. Contudo nenhum dos colegas ousava chamá-lo assim em voz alta, pois temiam seus socos.

Jamais falou de sua família. Esta deixou de existir para ele desde o dia em que deixara a casa paterna.

De seis em seis meses, Scarzanelli procurava a casa dos Cordeiros, onde Rodrigues pontualmente lhe fazia o pagamento combinado pela educação do menino. Em nenhuma ocasião, o velho professor foi perguntado sobre o garoto; porém, quando certa vez o próprio Scarzanelli abordou o assunto, Rodrigues o interrompeu rispidamente declarando estar apressado, despedindo-o sem demora.

O tempo passa rapidamente. A gente nem se dá conta, e, quando se olha, já passaram meses e anos. Assim foi com Paulo, que – entre amarguras e ressentimentos reprimidos minando cada vez mais sua alma – se tornou moço.

Ninguém podia acreditar que ele já completara 20 anos.

No seu semblante meio abatido, no olhar apagado como de costume, mas de vez em quando irradiando por momentos um brilho selvagem, seria impossível notar algum ânimo, alguma esperança e algum entusiasmo pela inata vida típica de todo jovem. De traços angulosos, bem que próprios da raça negra, cabelos encaracolados e eriçados cobrindo a cabeça grande, postura como vergada sob algum peso, a falta de qualquer traço de juventude fazia com que Paulo parecesse, não feio, mas positivamente repulsivo. Ainda por cima, sua voz adquirira estranha aspereza, de maneira que por si só causava uma impressão desagradável.

Não era de estranhar, portanto, que, assim como ele evitava as pessoas, assim era evitado por todos. Mesmo aqueles que conheciam sua desdita não se compadeciam dela, mas sim atribuíam à sua monstruosa alma o aspecto do seu corpo.

Certa noite, Scarzanelli tinha voltado de suas visitas a Rodrigues. O velho mestre, ao entrar na sala, dirigiu-se diretamente a Paulo:

– Bem, rapaz – disse – trago boas-novas para você.

Paulo levantou seus inexpressivos olhos.

– Seu pai – prosseguiu o velho – deseja que você comece a pensar no futuro. Você já está na idade em que as pessoas ganham o próprio pão. Aqui no Rio vai ser um pouco difícil encontrar emprego. Pois você bem sabe... – aqui Scarzanelli gaguejou. – Bem, afinal você já entende – continuou falando após uma breve pausa – que aqui você é bem conhecido. Pois bem, o senhor Rodrigues aconselha que você deveria procurar a sorte em outro lugar. Se você o obedecer, o nobre senhor lhe enviou por mim quatro contos de réis,<sup>201</sup> que lhe entregarei. Será uma bela ajuda para um começo. Caso contrário, o dinheiro voltará para o bolso do senhor seu pai. Então, faça o que bem entender.

À medida que Scarzanelli falava, a testa de Paulo foi se cobrindo de rugas de ira, e os olhos desprendiam chispas de fogo. Aos poucos, porém, a raiva foi se dissipando, cedendo lugar a uma expressão de escárnio.

– E o que mais o nobre senhor Rodrigues me ordena? – disse cerrando os dentes.

– Como? Isso não lhe é bastante? – perguntou o professor.

Paulo atirou-se na cadeira apoiando os cotovelos sobre a mesa, os dedos no cabelo. Estava evidente que dentro do peito de Paulo se trava uma luta feroz.

O silêncio dominou o ambiente, e nele se ouvia apenas o pesado e difícil respirar do infeliz jovem e o bater compassado do velho relógio de parede. Um leve sopro de vento trazia para dentro da sala, pela janela aberta, o cheiro das magnólias acompanhado de eco da música que centenas de cigarras e grilos faziam ao pé do Corcovado.

O velho Scarzanelli, encostado no parapeito da janela, observava impassível, enquanto o rapaz se debatia na indecisão.

Momentos depois, Paulo levantou-se, e seu rosto já não demonstrava sinais de raiva e escárnio, mas sim aquela apatia fria que já se tornara típica de sua fisionomia.

– Muito bem – disse serenamente – vou seguir o conselho do nobre senhor!

---

201 O equivalente a cerca de R\$ 132.400,00 (ago. 2009). (N. da T.)

Dois dias depois, Paulo partia em viagem de navio para o Pará, igualmente frio, indiferente e apático, como quando dera sua firme resposta a Scarzanelli.

Passaram-se então quatro anos desde aquele dia.

Paulo, nesse meio tempo, se alistou no exército. Estava certo de que, no meio daquele turbilhão da escória das diversas camadas da sociedade, das quais é recrutado o exército brasileiro, afogaria sua própria origem. Mas, infelizmente seu sobrenome aristocrático o traiu.

– Mas como – diziam os companheiros – o filho do ilustre senhor Rodrigues de Cordeiro é mulato?! Ah! bem entendido... hereditário!

E de novo caíram em cima de Paulo, com gracejos mordazes, dizeres sarcásticos, seguidos de uma infinidade de humilhações.

Em poucos meses de convivência, ele compreendeu que se continuasse ficando por mais tempo nessas condições, ficaria esgotado pela dor, pela mágoa, pela raiva. Sem refletir por muito tempo, resolveu deixar o Pará.

Durante algum tempo vagueou pelas margens do Amazonas, mas o clima cáustico revelou-se, tal como os homens, igualmente mordaz em relação a ele. Enfim, nem a pesca nesse imenso rio nem o trabalho penoso de um desbravador da floresta virgem o atraíam de forma alguma. Abatido pela doença, desiludido, com a alma amargurada, seguiu para o Espírito Santo.

E aqui também encontrou um destino semelhante.

Para piorar a situação, o dinheiro se diluía rapidamente. Já durante a permanência no exército, Paulo começou a afogar suas mágoas e rancor na cachaça<sup>202</sup>. Agora era visto embriagado cada vez com maior frequência. Taciturno e selvagem, nessas ocasiões ele caía numa verdadeira paranoia de alegria, afundando-se nos mais ignóbeis prazeres. Não era de estranhar, pois, daqueles quatro contos de réis entregues por Scarzanelli, tivesse sobrado apenas a metade.

---

202 Cachaça, bebida alcoólica produzida com cana-de-açúcar. (N. do A.)

Ainda foi tentar a sorte em Porto Alegre, onde encontrou emprego temporário na Polícia Marítima. Isso, porém, teve pouca duração, pois devido ao seu infeliz vício foi despedido.

Dessa maneira, num espaço de quatro anos, se apagaram as últimas esperanças de uma sorte mais favorável. A vida lhe deu toda a sorte de amarguras, e o vício conseguiu lhe deformar profundamente a alma infeliz.

Que mais poderia ele esperar da vida? Somente novas decepções, tormentos e afrontas. O caráter fatal pairava sobre a sua cabeça, como maldição. Em toda parte, sempre e junto a todos, sentia-se o “monstro” que a natureza madrasta fizera dele, por um capricho dela, como exemplar vivo, atirando-o impiedosamente no mundo, mandando que ele vivesse.

Tudo dentro dele se revoltava desesperadamente contra a crueldade do destino.

Se, quando ainda criança, não se dava conta do seu ódio às pessoas e só o sentia instintivamente como um animal constantemente provocado, agora ele se cravara no seu cérebro e no seu coração.

De todos, esse foi o único sentimento que lhe restou.

Passou a odiar terrivelmente também vida, o mundo e a humanidade.

Ah! mas estes últimos com muito maior força! Afinal, o que foi que eles lhe deram senão humilhações, afrontas e desprezo? Quem, senão eles, tinha sido a causa de seu cruel destino? Por acaso, lhe aparecera pelo menos um coração batendo compadecido, quando ele se contorcia de dor e sofrimento? Para eles sempre fora o “monstro”. Por acaso por culpa dele? Desdenhavam-no e o desprezavam antes mesmo de ele saber por quê.

Quem fora, pois, que injetara nele esse ódio, que se tornou o poderoso senhor de todos os seus sentimentos e instintos?

Eles! Somente eles!

Por isso passou a odiar os brancos por causa das suas faces brancas e corações de pedra, dos seus traços perfeitos, mas alma perversa. Mas, centenas de vezes mais odiava os negros, pois partículas infinitamente pequenas de seu sangue gravaram nele esse caráter hostil. Se pudesse vingar a mágoa em uns e em outros, se conseguisse derrubá-los a seus pés, iria torturá-los e gritar a plenos pulmões:

– Sou eu, o “Monstro”, que lhes pago por todas as injúrias e afrontas!

Que prazer inconcebível!

Quando semelhantes pensamentos percorriam a mente de Paulo, a onda de sangue lhe inundava o cérebro, a vista escurecia e um calafrio fazia arrepiar-lhe a pele. Nesses momentos ele se tornava presa da própria fúria. Retorcia tanto as próprias mãos a ponto de estalarem os ossos; suas mandíbulas batiam como se estivesse com febre; os dentes brancos batiam uns contra os outros; o nariz achatado inchava, e a garganta emitia um ofegante arquejar. Não conseguia enxergar ou ouvir mais nada, deleitava-se apenas com as fantásticas quimeras da vingança e do ódio, enxugando na testa, de quando em vez, o suor frio a escorrer.

À medida que passava o clímax dessa terrível revolta, era dominado pela fraqueza e então quase involuntariamente bebia copos de cachaça, um após outro, até cair embriagado.

Geralmente, após essas crises, desaparecia por alguns dias. Diziam então que continuava bebendo para morrer.

Viam-no depois, durante algum tempo, cabisbaixo, triste e abatido.

Foi durante uma dessas crises de completa depressão e daquele abafado e inconsciente desespero que ele decidiu fugir dessa gente odienta, para algum lugar deserto a fim de se isolar com a dor que o consumia pelo anseio de vingança.

Foi dessa maneira que Paulo foi parar no sertão que se estende entre a Lapa e Rio Negro.

Já tinham passado nove anos desde o dia em que Paulo se instalara naquele local solitário.

Dois dias de uma penosa viagem o separavam do povoado mais próximo, no caso, a Lapa, que constituía como que um oásis no meio do sertão, a se estender por centenas de milhas.

O fato é que a oeste, com meio dia de viagem, podia-se chegar a um maciço florestal, os Capões de Mato. Nele cresciam árvores de erva-mate, mas homem algum tinha então chegado lá na época em que Paulo,

ávido por enriquecer, chegou, para ano após ano colher as folhas dessas árvores e preparar com elas o mate<sup>203</sup>, hoje conhecido no mundo inteiro.

Paulo, pois, se encontrava sozinho nesse imenso sertão, que até então nenhum pé humano tinha pisado, fora os índios da temível tribo dos botocudos, que avançavam bem longe, em jornadas de caça e pilhagem, até as margens do rio Iguaçu e do rio Negro.

Sob um pinheiro solitário, que melancolicamente sobressaiu acima da frágil vegetação ao seu redor, à beira de um córrego, que sussurrando rolava as pedras, Paulo construiu um rancho, abrigo do sol escaldante ou das chuvas torrenciais. Algumas dezenas de gado, um considerável rebanho de ovelhas e um pequeno cavalo pardo constituíam seus bens, que aos poucos e com bastante dificuldade conseguira juntar em todos esses anos.

Pela primeira vez na vida, aqui se sentiu, para não dizer feliz, pelo menos tranquilo, só de pensar que, naquele ermo, nenhuma sombra de desprezo humano jamais o alcançaria.

Logo de manhã bem cedo, quando o sol tentava penetrar com seus raios dourados as frestas da cabana, Paulo despertava do sono profundo e, erguendo a cabeça para espiar o mundo, encontrava as ovelhas olhando-o com olhos curiosos e bebendo água fresca do córrego. Olhavam-no com tanta ternura que até o rosto lúgubre de Paulo dava uma expressão mais amena, tal como só a falecida Clara e o bondoso *Caro* podiam ter visto em tempos idos.

Com o olhar percorria o sertão e, com grande satisfação, contava – espalhados ao longe, por todos os lados – vacas e touros, que, sem desconfiar de seu olhar atento, pastavam tranquilamente, abanando as caudas para se defender de moscas, besouros e mosquitos. O ruído dos insetos e a música dos grilos escondidos no meio do capim e vimes acariciavam seu ouvido com música de eterno verão, que enche o coração de paz e consolo.

Solitário, ele se sentia um grande e poderoso senhor no meio desse enorme sertão e, dominado por essa sensação, se punha rapidamente em pé e

---

203 Mate, espécie de chá preparado com folhas secas de árvore do mesmo nome. (N. do A.) Em polonês, para mate está *matta*. (N. da T.)

endireitava as costas, erguia os ombros, levantava orgulhosamente a cabeça e, como para confirmar o poder, emitia um longo e estridente assobio.

No mesmo instante, as ovelhas começavam desenfreada corrida em direção ao campo; o gado, levantando a cabeça, também começava a correr para mais longe, e até as cigarras, por momentos, interrompiam a sua orquestra.

Paulo ficava todo orgulhoso do alvoroço que provocava. Pois ele mesmo, aquele “monstro” humilhado pelos homens, ele agora reinava nesse sertão, e não havia ninguém que tivesse a ousadia de contestar esse domínio. Ele – que tempos atrás se escondia dos olhos humanos para que não escarnecessem de sua feiura – hoje ele próprio contempla com olhar soberbo esses imensos campos, sentindo-se senhor todo-poderoso deles. Eis que um único sinal seu de vida basta para pôr em alvoroço o sertão.

Uma nuvem de tristes recordações, por vezes, pousava sobre a sua cabeça, mas a realidade a dispersava, e Paulo animadamente pegava em seguida no trabalho.

Primeiro ia tirar o laço do pescoço do cavalo que se achava amarrado ao pinheiro. O animal, sentindo-se em liberdade, em saltos alegres corria direto ao córrego e em seguida para o campo, fuçando a grama mais gostosa.

Agora convinha pensar em si próprio, pois a fome começava a apertar terrivelmente. Então acendia o fogo juntando gravetos secos e galhos ressequidos de arbustos, colocava em cima um caldeirão de água trazida do córrego. Pendurada no pinheiro, estava a carne-seca, da qual cortava um pedaço com faca e a jogava no caldeirão. Enquanto isso, antes de a comida ficar pronta, tirava de cima do telhado o queijo e, quebrando-o em pedaços, o colocava avidamente na boca. Às vezes dispunha de alguma fruta ou amora, colhida de passagem pelo mato. Isso constituía uma das iguarias que ele não podia provar seguidamente, pois não era encontrada com facilidade, impossibilitando-o de armazenar maior quantidade. Possuía também bastante milho, que crescia viçoso próximo da cabana, entremeadado de cipós de batata-doce. Junto à cabana, estavam encostadas as

raízes de mandioca secando ao sol, das quais, quando a chuva o detinha em casa, preparava a tão apreciada farinha<sup>204</sup>.

Essas modestas provisões eram plenamente suficientes, e a comida, preparada por ele mesmo, era mil vezes mais gostosa do que aquela que mãos brancas outrora lhe serviam.

Contudo, antes de ele chegar a possuir todos esses bens de hoje, custou-lhe um bocado de trabalho. Foi preciso, antes de tudo, desbravar essa imensidão, cortando mato, samambaias, vimes e taquaras. Sem prática na labuta da terra, com muita dificuldade e demora, conseguiu virar um pedaço de terra para semear um pouco de milho ou plantar alguma batata-doce e mandioca. Além disso, a terra no sertão não era fértil e após três anos de uso perdera sua força produtiva. Por isso, já pela terceira vez, Paulo da mesma maneira recomeçava a lavoura.

Sobre essas dificuldades e sacrifícios, Paulo meditava com satisfação, pois elas excitavam seu orgulho e confirmavam a convicção de que ele realmente reinava no sertão.

Depois de comer, costumava sair para ver as plantações. O sol já começava a queimar bastante, e milhões de insetos levantavam voo quando ele passava. Chapéu firmemente enfiado na cabeça, mangas arregaçadas, Paulo, dependendo da estação do ano, quebrava as hastes de milho, desenterrava as disformes batatas-doces, carpia e revolvia a terra com a enxada, ou nas devidas distâncias enfiava na terra os grãos de milho e hastes de mandioca cortadas em pedaços.

Depois de algumas horas de trabalho, o calor importuno o fazia recolher-se ao rancho, onde ficava sem nada fazer, absorto em pensamentos.

Esses eram os únicos momentos em que lembranças do passado já meio esquecidas se postavam diante dos seus olhos e a raiva começava a lhe atormentar o coração. Contudo, isso acontecia raras vezes, e então Paulo sentia que o ódio à humanidade renascia dentro dele com aquela diabólica força antiga. Nisso, ele saía correndo do barraco e sem atentar para a chuva ou para a canícula, corria como louco, sem destino, pelo campo.

---

204 Farinha de origem vegetal preparada mediante a trituração das raízes da mandioca. (N. do A.)

Ao anoitecer, ele voltava, como sempre, ofegante, indolente, arrastando as pernas uma após outra.

Chegando ao barraco, atirava-se sobre o colchão e logo caía em profundo sono.

O silêncio da noite aos poucos dominava o sertão. As ovelhas se reuniam num grupinho; o gado foi se acomodava sobre o capim macio para o descanso; o zumbir dos mosquitos e pernilongos começava a parar, assim como a orquestra dos grilos do campo. Somente o eco dos gemidos – arrancados do peito do solitário, atormentado por pesadelos – se espalhava pelo sereno.

Geralmente, à noite, quando a canícula abrandava, Paulo saía para o campo, já não tanto para afogar a sua dor, mas como um legítimo soberano desses intermináveis campos e como um zeloso proprietário. Mas para essa jornada também se preparava com grande cuidado.

Começava vestindo um poncho enfiado pela cabeça, cujos lados lhe cobriam o peito e as costas, protegendo-o do sereno e do frio da noite. Na cintura colocava um largo cinturão de couro, no qual era enfiado o revólver e um grande facão escondido na bainha. A tiracolo, jogava um longo chicote e no pé direito descalço fixava uma grande espora de prata, símbolo dos fazendeiros que lidam com criação de gado.

Terminado o ritual do vestuário, batia três vezes as suas calejadas palmas. A este sinal, o cavalo que pastava calmamente levantava a cabeça, abria as narinas e a todo o galope corria para junto de seu dono.

Aí, Paulo trazia de dentro da cabana o selim, que era bordado de fantásticos desenhos de couro multicolorido, no qual cintilavam ao sol dezenas de chapinhas de latão, e ficava preso ao cavalo com largos cintos. De um e do outro lado do selim, pendiam enrolados os laços e as bexigas para o leite.

O cavalo, como que presentindo a partida para uma jornada pelos campos, sacudia a crina e relinchava satisfeito.

Por fim, Paulo colocava o cabresto, enfeitado de tachas reluzentes e atirando as rédeas por cima do pescoço do cavalo, agilmente pulava para cima do selim.

O dono e o animal estavam orgulhosos de si mesmos, pois lhes parecia que o mundo inteiro os observava por aquele único e chamejante olho de sol: exibiam-se diante dele, andando devagar e majestosamente.

Mas já havia chegado a hora de acabar com esse desfile, porque lá, ao longe, estava o rebanho de ovelhas pastando.

O estalido de galhos e taquaras quebrados debaixo dos cascos do cavalo chegara talvez até elas, porque levantavam a cabeça e ficavam assustadas olhando na direção do cavalo e do cavaleiro. A preocupação tomava conta do rebanho inteiro.

Súbito, uma das ovelhas se separa do grupo e começa a correr rapidamente para o lado oposto; atrás dela correm as outras, apressando cada vez mais a corrida.

Nesse momento, o cavaleiro toca de leve as ancas do cavalo, e o inteligente animal parte a galope atrás do rebanho em fuga.

Essa corrida, porém, não durou muito tempo, porque a galope o cavalo já se aproximara do grupinho fugitivo.

Puxando do lado esquerdo do selim, Paulo tira o laço ali fixado e começa a rodeá-lo com braço forte por cima da cabeça.

O cavalo apressa a corrida, mas as ovelhas fogem com toda a força das pernas.

De repente, Paulo solta o laço da mão. A corda, assobiando estridente, se desenrola no ar com a rapidez de um raio e envolve a ovelha feito uma cobra. O pobre animal cai por terra, enquanto o resto foge loucamente, em pânico.

O cavaleiro, desmontando do cavalo, desata do selim uma bexiga e, abaixando-se junto da ovelha, que quase treme de medo, começa a ordenhá-la. Logo depois, solta a vítima em liberdade; ela berra e procura alcançar as companheiras.

A mesma manobra se repete uma, duas, dez vezes, tantas, quantas forem necessárias para encher as duas bexigas penduradas nos flancos do cavalo.

Essas bravatas, no entanto, não animavam nem o cavalo nem o cavaleiro. É bem possível, porque, praticadas diariamente, se tornaram uma espécie de rotina de trabalho. Era diferente, porém, quando a reserva

de carne-seca se esgotava; então era necessário apanhar um boi bravo no laço. Isso exigia grande habilidade e força.

Cavalo e cavaleiro, como um raio, se arrojavam por entre a manada, que se espalhava como se fosse um bando de corças. O sertão parecia tremer sob as patas dos cavalos e os cascos dos bois. O cavalo encolhia as orelhas e esticava o pescoço, inchava as narinas e quase tocando o chão com a barriga, corria como o vento sobre aquele oceano de samambaias e capins.

Os bois, pressentindo o perigo, fugiam dos perseguidores como gazelas em louca carreira. Porém não é com eles apostar corrida com os cavalos. Apesar de fazer o maior esforço, a distância diminuía cada vez mais. Além disso, o cavaleiro em altos brados estimulava essa louca corrida de toda a manada.

Finalmente o cavalo se aproxima da vítima e a separa do resto dos companheiros, obrigando-a a uma fuga solitária.

É agora que a perseguição começa para valer. Cavalo e boi correm furiosamente.

Mas Paulo apanha o laço novamente, só que desta vez é o que está pendurado do lado direito do selim. Num lance hábil e firme, o fatídico nó corredeço se enrosca nos chifres do boi.

A furiosa corrida, contudo, não termina ali, pelo contrário, o grito estridente do cavaleiro faz com que o fugitivo gaste seu último fôlego.

De súbito, no momento em que o boi, nessa louca carreira, tenta pular um arbusto, o cavalo – puxado pelo cabresto e com a nádega no chão – resiste; ao mesmo tempo o cavaleiro puxa o laço.

Como se fosse atingido por um raio, o boi cai de cabeça no chão.

Pular do cavalo e fincar a faca, até o cabo, na espádua da vítima é uma questão de segundos.

O pobre animal ainda se esforça para se levantar, mas inutilmente: o sangue lhe jorra pelas narinas e pela boca. Rodeia tristemente os olhos, como se estivesse se despedindo do campo, que lhe serviu de berço, mas que neste momento está sendo leito de morte. Mais algumas convulsões, e a vítima jaz sem vida.

O cavalo, ofegante, com os flancos a pulsar fortemente, mas orgulhoso da vitória apesar da pouca parcela de mérito que lhe cabe, relincha alegre, cheirando a vítima já morta.

Porém, ainda o aguarda outra tarefa bem pesada, porque Paulo prontamente começa a colocar outro laço nos chifres e, amarrando os dois ao selim, monta no cavalo, que agora terá de transportar não só o peso do cavaleiro, mas também arrastar o animal morto.

Depois de uma jornada dessas, geralmente já ao pôr-do-sol, o cortejo volta em direção à cabana. A longa sombra por eles projetada desliza vagarosamente sobre a superfície dos capins e forma um quadro de gigantescas dimensões, em que cavaleiro, cavalo e rês abatida estão compondo um fantástico e sombrio espetáculo do sertanejo.

É verdadeiramente problemática e surpreendente a natureza humana.

Esse Paulo, que só no meio do sertão encontrou a paz e a proteção contra o escárnio e desprezo dos homens, de tempos em tempos ficava possuído de uma terna saudade. Parecia-lhe então que o mundo lá fora deve ter mudado, que aquelas mesmas pessoas, pelas quais nutria um profundo ódio, se tornaram diferentes, que lhe abririam seus braços e o receberiam como irmão. Em princípio, a ideia de que poderá enfrentar, tal como antigamente, o mesmo desdém e menosprezo, de que novamente poderá sentir-se “monstro” no meio dos outros, o fazia arrepiar-se. Aos poucos, porém, se acostumava com a ideia, e uma voz misteriosa lhe sussurrava ao ouvido. “Vai! Olha! Convence-te!”

Muitas vezes, durante semanas inteiras lutava com essa saudade; houve momentos em que por causa dela chegava a sentir repulsa de si mesmo, mas por fim não conseguia conter-se à tentação.

Por isso, se arrastava até a Lapa, Ponta Grossa e chegou mesmo a ir a Curitiba. Infelizmente, logo se convencia de que para ele nada tinha mudado. Bastavam algumas semanas para que ele se enchesse de amargura e duplicasse o antigo ódio à humanidade. O abominável vício voltava com toda a força. Bebia desmedidamente, sem se conter, até gastar o último mil-réis da importância recebida pela venda de gado ou ovelhas, que costumava domesticar dentro da internada, antes de trazê-los do sertão.

Durante doze anos, já empreendera seis dessas viagens e todas as vezes voltava abatido, aflito, jurando a si mesmo que nunca mais sairia do sertão.

Mas, de novo, como um fantasma, a saudade começava a atormentá-lo. Ele a repelia, blasfemava, procurava afogá-la com a lembrança da última humilhação e desgosto sofridos. Tudo em vão.

Como se não bastasse, certa vez ela apareceu de forma nova, anulando as antigas aparências.

Como já possuía bens consideráveis, já era hora de fazer com que eles lhe devolvessem algumas vantagens. Por isso, se acendeu nele a cobiça pelo dinheiro, pelo qual até agora só tinha desprezo. Iludia-se com o fulgor do ouro para fascinar as pessoas e esmagar seu escárnio e desprezo. Animado por essa esperança, pensava dias e noites.

Despertava do sono com a cabeça em fogo, saía correndo pelo campo, tecendo ambiciosos projetos para o futuro.

Por vezes lhe parecia que a lua, a observá-lo, torcia sua pálida face com escárnio, e daí um pouco de reflexão penetrava seu cérebro. Isso, porém, durava pouco. A fantasia febril ia em frente.

Enfim resolveu ir a Curitiba. Lá vai travar relações com negociantes, para os quais venderá 30 cabeças de gado e 50 ovelhas. Daí a alguns anos, esse número dobrará, e depois manadas inteiras serão vendidas.

Arranjará também alguma ajuda, pois já não bastava lutar sozinho. Desejava ser senhor, possuir escravos, como convém a um fazendeiro.

Ah! que prazer possuir gente que treme diante de sua voz, atenta a cada gesto seu e obedecendo cegamente a todas as suas ordens, senão receberá chicotadas.

Ele será um senhor terrível. Nada escapará impune.

Quando, uma semana depois, Paulo ia a Curitiba a cavalo, tocando pela frente o gado e as ovelhas, seu rosto resplandecia de contentamento e esperança.

A viagem teve um resultado feliz: os negociantes prontamente ficaram com o gado e as ovelhas. No terceiro dia de permanência em

Curitiba, Paulo já possuía, no bolso, uns três contos de réis<sup>205</sup> em ouro reluzente. Os negociantes, por sua vez, combinaram que todos os anos, pelo outono, iriam ao sertão para comprar gado em pé.

O mulato, como um pavão, caminhava pelas ruas da cidade, esbanjando largamente o dinheiro por todos os lados. Trajava roupas suficientemente vistosas: um amplo poncho xadrez cobria em parte a sua roupa de veludo. O chapéu de abas largas, de propósito puxado sobre a testa, e as botas reluzentes denotavam tratar-se de um abastado fazendeiro.

Logo, também achou alguns amigos, que prazerosamente participavam das orgias e farras por ele orgulhosamente organizadas. Duas semanas vividas dessa maneira, sem dúvida absorveram metade do dinheiro recebido dos negociantes, mas isso nada lhe importava: sentia-se orgulhoso do seu sucesso. Porém, se observasse atentamente seus companheiros, teria notado muitas vezes o sorriso escarnekedor nos seus rostos, mas uma ambição inebriante o cegava. Não queria ver coisa alguma, nem saber de nada, estava como que embriagado de satisfação.

Por fim voltava para o sertão, orgulhoso e convencido de que agora o mundo lhe abriria as portas de par em par.

Lado a lado com o cavalo, vinha caminhando um casal de negros, que Paulo tinha comprado em Curitiba.

O homem contava aproximadamente quarenta anos.

O trabalho pesado lhe arcara a espinha, e a cabeça precocemente começava a branquear. Um olho perdido em acidente assim como o outro olhavam tristemente este mundo de Deus.

A mulher, pobre coitada, fraca, tossindo, mal conseguia manter-se em pé, o que era dificultado por puxar pela mão um menino de uns cinco anos, que, cansado de caminhar, montava nas costas da mãe, de tempos em tempos. O suor e as lágrimas banhavam o rosto da negra, mas o amor materno lhe aumentava as forças e a cada passo, contudo, atirava às costas um lençol sujo onde colocava o menino choroso. Porém não conseguia carregá-lo mais que alguns passos, pois a sufocante tosse seca a obrigava a livrar-se do precioso fardo.

---

205 O equivalente a cerca de R\$ 99.300,00 (ago. 2009). (N. da T.)

Paulo olhava indiferente para esse esforço terrível, nem uma centelha de piedade acendia em seu coração. Para que teria piedade de alguém? Piedade dessa monstruosa raça, que se tornara a maldição de sua vida? Ou talvez pela desgraça humana? E não era por acaso que ele próprio sorvia desse cálice transbordante? Então não eram eles sua propriedade? Por acaso ele não os tinha comprado? É bem verdade que os comprara barato, só 400 mil réis,<sup>206</sup> tanto quanto custa um par de cavalos velhos, mas também eles não servem para outra coisa senão para o trabalho no campo. Não, não, ele não sabe o que é piedade e como prova disso, agarrando o chicote pendurado no ombro, exclama ameaçadoramente:

– Vamos! Andem, seus cães malditos! E você jogue fora esse cão uivante!

No mesmo instante o chicote atingiu as costas da mulher e do homem.

A criança deu um grito de dor, e a negra, caindo de joelhos, implorou por entre lágrimas:

– Piedade, senhor, não bata! Eu estou doente e ele é fraco. Não temos força. Vamos servir fielmente, só não bata, senhor!

Havia tanta dor, tanta angústia nesse pedido, que Paulo apenas blasfemou por entre os dentes e não tornou a bater.

No dia seguinte, ao entardecer, finalmente chegaram às cabanas.

Durante três dias a negra ficou deitada na grama, semimorta, apertando contra o seu peito a criança adormecida.

Agora começava uma série de dias terríveis para os pobres escravos.

Paulo se manteve fiel à sua determinação. Não teve uma centelha sequer de piedade e compreensão. Parecia que toda aquela enormidade de ódio, que guardava no peito, toda a raiva e mágoa contra os homens pelas humilhações e injúrias de que tinha sido alvo, ele as descarregava agora sobre essas três infelizes criaturas negras. Eles não eram os seus escravos, mas vítimas, sobre as quais satisfazia seu desenfreado desejo de vingança pela culpa dos outros.

---

206 O equivalente a cerca de R\$ 13.240,00 (ago. 2009). (N. da T.)

Ainda o sol não havia aparecido para dourar este oceano de samambaias e capins, e a penumbra noturna ainda pousava sobre o sertão, e Paulo sorrateiramente saía de sua cabana e se aproximava do amontoado de trapos que servia de cama para os escravos, embaixo de um pinheiro, onde estavam dormindo, e os tocava impiedosamente, a pontapés.

Pondo-se rapidamente em pé, caminhavam em direção às plantações sem uma palavra sequer de queixa.

Nisso, como um possesso, ele se atirava sobre eles, batia neles, os sacudia pelos cabelos e quase sempre determinava um trabalho diferente.

Quando, por acaso, um boi escapava da internada para o campo, ou algum bezerro doente morria inesperadamente, ou quando uma ovelha se tivesse perdido no meio da capoeira ou vime, então aconteciam coisas horrorosas dentro da cabana. Paulo caía num delírio furioso e passava a martirizar sem fim o negro. Inutilmente o infeliz clamava por misericórdia, rastejava aos pés de Paulo, implorava perdão, mas isso de nada adiantava. O algoz não parava de o maltratar sem piedade, enquanto os braços do patrão não se debilitavam de tanto esforço.

Às vezes se passavam dias e dias sem que ele lhes desse um prato de comida, mas, quando os via perdendo as forças, dobrava o já pesado trabalho. Outras vezes, colocava comida em quantidade exagerada, e eles se afastavam satisfeitos; então, batia neles porque não queriam comer mais.

E quanto mais se faziam humildes e abatidos, tanto mais ele os maltratava e torturava. Jamais de sua boca saía uma palavra boa nem sua fisionomia refletia sequer um vislumbre de humanidade ou compaixão. Francamente, era preciso ter uma resistência férrea para suportar tamanha carga de maus-tratos e toda a sorte de torturas, e não entregar a alma a Deus.

Certa vez, quando acidentalmente um boi quebrou a pata, o coitado do negro, temendo um terrível castigo, fugiu. A negra, sua mulher, ficou com a criança; por certo seriam um empecilho ao fugitivo. Paulo, desconfiando do acontecido, pulou sobre o cavalo e como um louco disparou em direção ao campo.

Voltou somente no dia seguinte.

Aos olhos dela, negra, e do seu filho apareceu uma imagem terrível.

Caminhando passo a passo, o cavalo vinha arrastando pelo laço o negro, que mal dava sinal de vida. Seu rosto e todo o corpo estavam respingados de sangue, as costas então pareciam uma ferida só.

A mãe e o pequeno Antônio emudeceram de pavor, enquanto Paulo, apeando do cavalo, com um forte murro empurrou a negra e a criança para junto do negro semimorto.

– Olhe! Sua bruxa negra! – gritou. – E você, seu miserável cachorro, olhe o que os espera!

Somente depois de uma semana é que o negro conseguiu se recuperar, podendo ir até a plantação, com as pernas cambaleantes.

Depois disso, nunca mais tentaram fugir, mas na mente do pequeno Antônio ficou para sempre gravada aquela terrível visão. Seus olhos a reviam seguidamente. Muitas vezes acordava aos gritos e chorando, mas a mãe, apenas com gestos carinhosos, afastava esse pesadelo e, chegando-o ao peito, fazia o menino dormir. Ao avistar Paulo se aproximando, Antônio ficava tremendo e empalidecia de medo, procurando o esconderijo mais próximo.

Entre lágrimas e lamentos, esses infelizes viram passar cinco anos.

Muita coisa mudara nesse tempo, ali no campo. Lá, onde antes havia uma cabana, agora existe uma casa em seu lugar. Não muito vistosa, é verdade, de pau-a-pique, coberta de sapé, mas confortável. Num dos compartimentos estavam os aposentos de Paulo, outro servia para abrigar três cavalos. Não muito distante estava um depósito erguido sobre troncos de pinheiro, onde era colocada grande quantidade de milho maduro.

No campo pastavam mais de 400 bois, vacas e bezerros, e quase outro tanto de ovelhas. De acordo com o trato, todos os anos chegavam os negociantes de Curitiba, deixando para Paulo bastante ouro pelo gado comprado. Há três anos que também os negociantes de Lapa levavam no lombo de burro enormes cestos carregados de milho e mandioca. O dinheiro afluía copiosamente de diversas fontes para o bolso do mulato, sobre o qual já circulavam na Lapa, em Curitiba e Ponta Grossa comentários de ser ele possuidor de considerável riqueza.

Todas essas mudanças, contudo, não influenciaram em nada para mudar a sorte daquele trio negro; sim, porque praticamente agora

eles trabalhavam em três, pois Antônio era um menino de doze anos; embora tivesse herdado da mãe a saúde fraca, mesmo assim, com as forças que possuía, já ajudava os pais no trabalho e na dose de maus-tratos de Paulo. Menino de peito encolhido, membros chupados, raquítico, com expressão inapagável de tristeza em seu rosto, trabalhava quanto podia, ora na plantação, ora junto à criação mais miúda do senhor, ou então atendendo mesmo às necessidades pessoais do próprio.

A voz trêmula do Antônio, o temor, que o diminuía ainda mais, tudo isso provocava no cruel Paulo um alto grau de irritação. Justamente por isso, em nada o poupava nem nas exigências nem nas explosões de raiva.

Algumas vezes, sem nenhum motivo, gritava com ele como um louco; e, quando o menino, apavorado, caía de joelhos diante dele e, juntando as mãos, pedia piedade, aí é que o castigo redobrava.

Na calada da noite, encolhidos junto às paredes do depósito cheio de milho e capim, os três muitas vezes cochichavam baixinho e, engolindo lágrimas, lamentavam sobre seu destino ou levantavam preces ao misericordioso Deus, pedindo a morte.

Eis que o Senhor bondoso, que anotava as lágrimas dos oprimidos, atendeu à sua prece.

Acontece, de vez em quando, que o campo tranquilo, como que entediado com o prolongado sono, de repente desperta e começa a se enraivecer. Então tudo nele se ativa e entra em ebulição; um vento louco se desencadeia, irrompendo pela planície imensa, e, não encontrando nenhum obstáculo, rodopia sobre tudo sem nenhuma resistência. O povo conta histórias fantásticas, dizendo que são fantasmas que escaparam das amarras do Inferno e promovem farras diabólicas no sertão indefeso. É, assim parece, que se trata de uma fábula popular, mas o certo é que, no assobio agudo do furacão, os capins, os juncos e os cipós são arrancados e levados violentamente para o ar, com o vento. Bandos de pássaros assustados se põem em fuga. Tudo isso tem em si algo de satânico.

Muitas vezes, se tem a impressão de que são lamentos estranhos saídos de dentro da terra do sertão, às vezes até se ouvem nítidos sons de gemidos, mas em seguida uma forte lufada de vento os leva por aí, bem longe, assobiando estridentemente. Todos os seres vivos procuram abrigar-se onde podem. O gado se reúne em grupos e muge tristemente, a serpen-

te, o lagarto ou outro réptil qualquer penetram nas fendas da terra; a onça e outros bichos selvagens procuram abrigar-se no bosque mais próximo.

Nessa ocasião, também o homem, em pleno sertão, fica tomado por um estranho pavor; ele sente que a qualquer momento pode se tornar um brinquedo da tormenta. Quando lhe falham as forças para opor-se às correntes do vento, se joga no chão, no meio do capim, ou corre o mais rápido para um abrigo.

Já começava a segunda noite, mas a tormenta ainda não se acalmara. Paulo nem sequer tirava a cabeça para fora de casa. Os dois negros se encolhiam no canto da cabana, tremendo de medo, não por eles, pois o que é que podiam esperar de pior do que o que suportavam dia a dia?; mas por Antônio, que tinha ficado num rancho de internada, até agora não voltara, talvez por não ter forças para lutar contra o vento. O negro consolava a esposa como podia, mas enfim ele próprio não conseguia controlar sua preocupação. Por isso os dois não pregavam os olhos, esperando acordados.

Nisso, sem mais nem menos, ouviram cochichos próximos da cabana. O ruído do vento os abafou. Parecia uma ilusão. Mas não! Momentos depois ouviram nitidamente vozes humanas, que se podiam distinguir facilmente em meio da tormenta, juntamente com um agitado movimento nas cercanias da cabana. Não eram os mercadores ou negociantes da Lapa, e não era hora para isso, nem podiam ser viajantes perdidos por ali, pois quem ousaria sair para o campo numa tormenta dessas.

O escravo tirou a cabeça para fora da cabana e, apesar da escuridão da noite, percebeu um bando de vultos corpulentos, apressando-se, seminus, de cabelos longos e enfeitados de fantásticas plumas nas cabeças. Agora não tinha mais dúvidas de que se tratava de índios, de cujas jornadas de pilhagem já ouvira falar em muitos casos. Aproveitando a ventania, vieram até a fazenda, certamente com o propósito de saqueá-la.

No mesmo instante, ele percebeu que deveria acordar Paulo e enfrentar os larápios. Então, puxando um bambu do telhado da cabana, saiu e começou a clamar por socorro a plenos pulmões.

Surpreendidos, os índios se desnortearam, alguns deles até se puseram em fuga; os restantes, porém, se agruparam e, após momentos de reflexão, juntos atacaram o negro.

O velho, encostando-se à parede, passou a agredir os atacantes com o bambu.

Ao ouvir gritos e alarido, a negra saiu correndo da cabana, mas nem sequer conseguiu chegar até ao marido, pois uma forte mão a agarrou pelo pescoço. A infeliz, antes que pudesse soltar um grito, caiu no chão com o crânio rachado a machadadas,

Sem nem um lamento, sem uma palavra, a escrava entregou a alma a Deus.

Enquanto isso, o negro se defendia bravamente, brandindo o bambu para todos os lados. Cada um dos valentões que se aproximava dele recuava levando um pontaco de bambu.

Despertado, Paulo na hora entendeu todo o perigo. Agarrar uma arma e atirar da janela algumas balas em direção dos atacantes foi para ele questão de segundos.

Os índios, apavorados com os tiros, espalharam-se em várias direções e se puseram em fuga a toda velocidade. Dois deles, mais afoitos, porém, não pararam de atacar o negro, que estava visivelmente perdendo as forças. Nisso, um deles, sem atentar para os golpes cada vez mais fracos, atirou-se nele como uma onça e num piscar de olhos cravou uma comprida lança denteada no pescoço do negro.

Este soltou o bambu e teve o seu pescoço agarrado por duas mãos. O sangue jorrou em copiosas golfadas da boca, e da garganta saiu um confuso arfar misturado com um gemido. Instantes depois, as pernas do infeliz vacilaram e seu corpo foi ao chão. Nisso, correndo da sua casa, Paulo ainda pôde ver dois dos assassinos.

Disparou um tiro; depois, o índio mais próximo, abrindo os braços, caiu de cara sobre a relva.

O outro sumiu na escuridão.

Ao mesmo tempo, o vento uivava desesperadamente. Parecia que a cobertura vegetal do sertão seria arrancada e desfeita em pedacinhos. Não havia, portanto, a mínima possibilidade de perseguição, tanto mais que os assaltantes, recuperando-se, poderiam ainda voltar. Apavorado e preocupado, Paulo passou a noite forçando a vista a cada instante para poder enxergar vultos dos selvagens no meio da escuridão.

O romper da aurora inundou a planície de luz violácea e de silêncio. Amainou o vendaval, somente uma leve brisa soprava ainda vinda do norte. Logo, também a esfera solar em tons de vermelhão começou a aparecer detrás do sertão, espalhando raios sanguíneos sobre os três cadáveres.

Logo que o dia clareou, Paulo montou no cavalo e partiu em direção ao campo para averiguar se os índios não tinham levado o gado ou as ovelhas. Antes de tudo seguiu para a internada. Os bois estavam lá, calmamente beliscando a grama.

Antônio ainda dormia dentro da cabana, pois a ventania e mais ainda o medo não o deixaram pregar os olhos. A tropelia dos cascos do cavalo o despertara. Pondo-se de pé imediatamente, com olhos apavorados, observava Paulo que se aproximava.

– Vá para casa! – gritou para ele e, constatando que dentro do cercado nada tinha sido mexido, seguiu adiante.

O menino admirado por escapar, desta vez, dos costumeiros maus-tratos e repreensões pressentiu que algo de incomum havia acontecido. A curiosidade e a preocupação o fizeram se apressar.

Ofegante, irrompeu no pátio.

Nisso, tropeçou no cadáver de um índio que estava meio encoberto pelo capim.

Um terrível pressentimento passou-lhe pela cabeça e o seu coração começou a se apertar como se estivesse entre tenazes. Apertando a cabeça com as duas mãos, correu para a cabana.

O pobre Antônio ficou petrificado com o que viu! Ao lado da parede, estava lá o negro com o rosto contorcido de dor, segurando o pescoço, onde a lança assassina ainda estava cravada. O menino abriu a boca, a cabeça entre as mãos, e ficou imóvel como se tivesse criado raízes no chão. Seus olhos permaneciam secos, mas a dor e o pavor os dilataram.

De repente, deu um pulo como se tivesse sido picado por uma cobra e no mesmo instante, em gritos dilacerantes, se atirou sobre o corpo inanimado da mãe. A negra, com o crânio partido, estava deitada numa poça de sangue, que a terra ainda não conseguira absorver.

Voltando algumas horas mais tarde, Paulo encontrou Antônio, sem sentidos, sobre o cadáver da escrava.

Nesse mesmo dia, Paulo cavou um grande buraco e sepultou nele os três cadáveres, cobrindo-os com a terra. O menino não participou da horrível operação; antes, porém, sem dizer palavra de queixa, já tinha se arrastado para a invernada. O mulato o acompanhou com o olhar frio, emudecido certamente diante da enormidade da dor.

Antônio ficou, portanto, sozinho no sertão com Paulo. Parece, contudo, que os acontecimentos daquela noite fatídica e a pena do garoto imobilizaram a terrível natureza do mulato. Já não o surrava nem o insultava, só de quando em vez o media com o olhar frio. Em momentos, vendo como o menino executava as ordens quase que maquinalmente, como se estivesse afundado em seus próprios pensamentos, lidando na invernada ou na plantação, a chama da raiva faiscava em seus olhos. Mas certamente se continha, porque se afastava ou virava a cabeça apenas soltando algum palavrão.

No princípio, tudo dentro do pobre Antônio estava adormecido de dor e tristeza. Levava a vida de um autômato e não tomava conhecimento do que se passava em seu redor. Ia para onde o mandavam, fazia o que lhe fosse ordenado, afinal não refletia sobre coisa nenhuma.

Dessa maneira, ele não havia percebido certa mudança em Paulo.

Com o passar do tempo, até a mais terrível dor embrutece, ou pelo menos o pensamento começa a acordar. Algumas semanas depois, o menino começava a se conscientizar da sua orfandade. Compreendia que tinha ficado sem nenhum consolo, sem nenhum motivo agradável para viver. O mulato, é verdade, era diferente para ele, mas bastava observar mais atentamente para perceber que não era tampouco a piedade que havia despertado dentro dele, mas que sua crueldade apenas estava adormecida. Antônio pressentia que aquela calma, tal como antes da tempestade, a qualquer momento poderia desencadear uma força terrível. Paulo evitava o menino como que temendo por si mesmo e pela raiva que, abafada, poderia romper todas as amarras.

Será que se tratava de certo vislumbre de consciência?

Não era, pois, de estranhar nada; o menino com o instinto inato da sua raça parecia adivinhar o que se passava na alma do mulato; por isso, sentia tanto pavor diante dele. Estava ciente de que agora ninguém iria enxugar suas lágrimas, acalentar sua dor, nem o encheria de coragem. Só essa

preocupação de pensar que aquele antigo Paulo cruel poderia despertar, é que o perseguia como um fantasma, sempre e por toda parte. A própria imagem do mulato bastava para que seu coração tremesse de medo, e a tensão do temor lhe apertasse a garganta.

Habitualmente, quando não tinha trabalho nas plantações, ficava dentro da invernada; o próprio Paulo trazia-lhe a boia. Era uma comida miserável: alguns punhados de milho cozido, restos de carne já fria e umas batatas. O menino, porém, morto de fome, pegava tudo avidamente. Ultimamente a fome o maltratava de forma seguida, tanto mais que ele – sendo franzino, natureza herdada da mãe – provavelmente necessitava se alimentar mais e melhor, devido a tantos abalos horríveis.

Além de tudo, Paulo não era absolutamente pontual em lhe servir a comida. Frequentemente ele aparecia com a comida ao cair da noite, quando o pobre menino se contorcia de fome. Começou então a enfraquecer. Por vezes se sentia tão fraco que para ele era difícil se levantar da cama e sair da cabana.

Para cúmulo do azar, a doença da mãe começou a manifestar-se nele. Uma tosse seca e persistente o incomodava cada vez mais.

Antônio suportava tudo indiferentemente, bem como as novas crueldades do mulato, sem uma palavra de queixa. Nem tinha sequer coragem de manifestá-la; diante do temor de provocar a raiva de Paulo, as palavras lhe morriam na garganta.

Em meio à tristeza, ao medo e à fome, foram se passando dias e meses. O menino definhava aos poucos.

Já fazia dois dias que a chuva caía sem parar. Parecia que as comportas abertas do céu tinham deixado cair todo um oceano de água sobre o sertão. Paulo não aparecia na invernada; então a fome atormentava terrivelmente o menino. Em vão ficava espreitando a cada momento em direção da casa, ou melhor, entre torrentes de água e nevoeiro. O vulto do mulato não aparecia. Passaram-se horas de inútil espera.

Por fim, anoiteceu e Paulo não havia chegado. Antônio se contorcia de fome. Pensou que talvez o sono lhe aliviaria um pouco, mas infelizmente este também o abandonara sem piedade. A cabeça quase estourava de tanta dor; as têmporas ardiavam como ferro em brasa. Nos ouvidos, um chiado incessante; pelo corpo inteiro, a febre se intensificava.

Diversas vezes, ele se punha de pé, queria correr para casa e cair aos pés do mulato para gritar a plenos pulmões:

– Bata, senhor! Me mate, mas me dê um pouco de comida!

Mas logo era dominado pelo pavor que o pregava ao chão.

La chegando a madrugada, e o pobre menino, semi-inconsciente, soluçava e gemia desesperadamente.

A chuva já havia parado, somente o vento soprava tocando as nuvens escuras para o horizonte. Do sertão começavam a subir vapores, e com eles uma fraca claridade penetrava por entre a neblina.

Antônio, com certa dificuldade, se levantou daquele emaranhado de trapos que lhe servia de cama, apertou a cabeça com as mãos e febrilmente resolveu tomar uma decisão desesperada.

Não, ele não aguentava mais! O medo estava cedendo, e uma estranha coragem começava a brotar em seu peito debilitado.

Sim, ele iria para lá, para casa, para se atirar aos pés de Paulo, beijá-los e pedir, suplicar tanto até sensibilizar aquele coração empedernido e pedir um pouco de comida, mendigando.

Agora ele já não tem mais dúvida e corre rápido, tanto quanto as pernas enfraquecidas lhe permitem, segurando de tempos em tempos a cabeça para não deixar que ela estourasse de dor.

Eis a casa! Lá, atrás da janela aberta, está repousando o cruel Paulo. O menino vacilou um pouco. “Será que vou acordá-lo?” E se, antes de ouvir seu pedido, começar a açoitá-lo?

– Que açoite, contanto que eu possa comer! Comer!!!

Nisso, a vista de Antônio pousou sobre um caixote debaixo do telheiro da casa, onde aparecia, atrás de um engradado de madeira, uma comprida fileira de queijos brancos.

O garoto se atirou neles como um animal faminto. Arrebentando o engradado, num piscar de olhos agarrou o queijo.

– Bem te vi! – soou sobre sua cabeça. Um arrepio trespassou o corpo inteiro de Antônio; suas pernas amoleceram; as mãos, segurando a presa, tremiam como em febre.

Como um raio, lhe passou pela cabeça a idéia: “Então esse cruel Paulo está me vendo!”

Queria correr, mas o medo o imobilizou.

– Bem te vi! Bem te vi! – soava de novo.

O menino reuniu todas as forças que pôde e num arrancar desesperado disparou como uma flecha rumo ao sertão.

Corria tanto quanto o seu fôlego lhe permitia. Inutilmente os ramos e cipós lhe agarravam as pernas: arrebentava-os desesperadamente; em vão os espinhos dos cardos se cravavam nos seus pés: ele não os sentia; corria e corria para o mais longe possível. Porque Paulo, sem dúvida, o estava seguindo. Enquanto em seus ouvidos batia a voz horrível do mulato:

– Bem te vi! Bem te vi!

Para, pobre menino! Não é o Paulo que está te seguindo, não é sua vingança que o persegue, mas um passarinho amarelo, que canta pulando nos galhos do pinheiro:

– Bem te vi! Bem te vi!

O pavor e a febre perturbaram os sentidos do coitado. Ele não vê nada, não sente nada; só –sobre sua cabeça em febre – a temível mão do mulato e – entre o chiar dos ouvidos – a estridente voz. Tudo sem olhar para trás, pois cairia morto na mesma hora em que deparasse com aquela terrível figura. Por isso corre desenfreadamente para mais longe, mais longe.

O peito, coitado, contra o qual aperta o queijo branco, não aguenta mais o cansaço; a dor o aperta e lhe dá agulhadas, como se fosse a ponta de uma faca; o sangue escorre pelas pernas, e a sola dos pés arde cruelmente. Mas não é nada: ele tem de fugir mais longe, quanto mais longe, melhor!

Tropeçou uma vez e outra, mas em seguida se aprumou.

Será lá – dentro daquela touceira de bambus, que de repente surgiu no horizonte – será lá que ele irá descansar ao menos um pouco.

Não, não. Diante de seus olhos, vem a lembrança de seu pai, torturado e vertendo sangue, puxado no laço pelo impiedoso Paulo. O mesmo destino o aguarda. Reunindo as últimas forças de fôlego que já se exaure, corre o mais longe possível! Mais longe!

Não é bom para você, pobre menino, fugir pelo sertão! Você não sabe como suportar tanta dificuldade, tanta dor e infortúnio!

Mas a resistência de Antônio está diminuindo. Começa a cambalear para um lado e para outro, aspirando violentamente o ar pela boca. Não corre: arrasta as pernas machucadas, tropeçando a cada passo nos cipós, trepadeiras e galhos secos.

Eis aqui de novo um pinheiro, órfão solitário do sertão, tal como ele no mundo. Desde que possa chegar até lá, debaixo dos seus ramos, ele o acolherá, o protegerá.

Mais alguns passos desesperados, e o menino rolou para perto da árvore.

Com o restante das forças, levantou e se encostou no tronco.

Já não sente mais aquele pavor nem pensa mais no horrível castigo, mas, contra o peito que bate convulsivamente, aperta o queijo com as mãos, para que o coração não pule para fora. As pálpebras pesam como chumbo; tenta levantá-las, mas não consegue. Já nem a fome o atormenta mais, até o zumbido nos ouvidos cessou. E, como prova disso, ouve neste momento novamente:

– Bem te vi! Bem te vi!

Mas não era a terrível voz de Paulo, mas um estranho e doce chamado. E até o reconhece nitidamente: é a voz da sua bem-amada mãe, que, em meio a um clarão transparente, lhe estende os negros braços.

Em volta dela somente rostos agradáveis, nenhum parecido com o do terrível mulato, mas todos sorrindo tão bondosamente! De repente, milhões de estrelas cobrem a sua visão. Antônio queria segurá-las, mas seus braços caíram inertes, e também o queijo deslizou para o chão.

A cabeça pendeu sobre o peito e o menino adormeceu com aquele sono do qual não mais despertará para a tristeza e o sofrimento.

– Bem te vi! – ouviu-se então o gorjeio do passarinho amarelo que, levantando voo, deixou o pinheiro e subiu ao ar, sumindo no azul do infinito.

Certamente, nas suas asas, ele levou também a alma do pobre menino para bem perto de Deus misericordioso.

---

Naquela mesma noite, dois negociantes da Lapa, o venerável senhor Pedro Silva e o famigerado Jacó do Pinho, caminhavam em silêncio

por uma das sujas ruas do pequeno povoado, querendo respirar o frescor da noite após um dia muito quente. A noite estava maravilhosa: a lua cheia aparecia agora no horizonte.

Ambos caminhavam imersos em pensamentos sobre os problemas do dia-a-dia.

– Olhe, Jacó – interrompeu repentinamente Pedro. – Vamos ter um temporal no sertão. Você está vendo como vêm vindo nuvens escuras do lado oeste?

– É verdade – respondeu o interrogado – até já aparecem relâmpagos. Bem, isso é coisa muito comum nesta época do ano. – E caminharam adiante, sem se preocupar mais com algo tão corriqueiro.

Não se passaram alguns minutos, quando Pedro puxou a conversa de novo.

– Mas é um temporal e tanto! Está vendo como está caindo um raio atrás do outro?

– É mesmo – murmurou Jacó. – Espie só – prosseguiu momentos depois. – Mas o que é isso? Parece um clarão no céu!?

– É isso mesmo. Não é outra coisa – acrescentou Pedro. – Com certeza, o sertão pegou fogo.

– Mas, falando de sertão – voltou depois de breve pausa. – Jacó, agora me lembrei que deveríamos fazer uma viagem até a fazenda daquele mulato feio. Ele deve ter colhido bastante milho e mandioca, e nós já não temos muita reserva.

– Bem – acrescentou o companheiro – então vamos! Agora não temos muito trabalho mesmo. Sem demorar muito, partiremos amanhã bem cedo. Isso nos tomará sem dúvida uns cinco dias.

Assim, no dia seguinte, quando ainda o sol não havia aparecido, os dois negociantes já estavam a caminho. Viajaram a cavalo, um ao lado do outro, e atrás deles, cabisbaixas, caminhava lentamente uma longa fila de mulas, carregando no lombo, de ambos os lados, grandes cestos, que na volta trariam cheios de milho e mandioca.

O caminho era difícil, por isso a caravana prosseguia lentamente.

Viajavam dia e noite, descansando e alimentando os animais, na hora em que o sol era forte demais, ou algumas horas durante a noite.

No dia seguinte, ao anoitecer, quando a esfera solar começou a baixar para o poente, Pedro foi dizendo:

– Não devemos estar muito longe. Que estrada infernal! Estou louco de vontade para esticar o corpo.

– Ô! e eu também já estou me sentindo cansado – concordou Jacó. – E aqui está o riacho onde o Monstro construiu sua cabana.

– Tanto melhor! – acrescentou o primeiro.

E continuaram viajando de novo.

– Parece que não tem ninguém em casa – disse impaciente Jacó, depois de alguns instantes – mas estou vendo o gado no campo.

– Será que esse monstrengo sumiu debaixo da terra? – rosnou o companheiro. – Precisamos apear do cavalo.

Desceram preguiçosamente e cansados começaram lentamente a caminhar pelo campo, espreguiçando os membros fatigados. Enquanto isso, cavalos e mulas se dirigiram ao riacho, onde avidamente beberam água.

– Será possível? Isso é algo incrível! Será que nos perdemos? – indagava Pedro irritado.

– Que nada! – respondeu o outro comerciante. – Não está vendo o pinheiro? Mas, o que é isso? Olhe! A árvore está partida, e os galhos pendem de ambos os lados!

Apressaram o passo. Não precisaram andar muito para de repente parar petrificados.

Seus olhos se depararam com um monte de brasas. Não tinha ficado um sinal da casa nem do galpão: somente um monte de calça e carvão ocupava o lugar, mas o pinheiro partido e chamuscado era prova do que motivara aquela destruição.

Instintivamente, começaram a mexer nos restos queimados, no carvão e na calça. A procura não demorou muito, quando de repente lhes apareceu um quadro horrível. Debaixo de uma viga carbonizada, estava meio queimado o esqueleto do mulato. As pernas e o tronco inteiro estavam completamente destruídos pelo fogo: apenas o seu rosto, talvez por ter sido soterrado por uma viga, tinha sobrado intacto e guardou a expressão de uma morte cruel.

Os dois homens recuaram horrorizados.

– Ora, ora! Foi desse jeito que chegou o fim dele – sussurrou momentos depois um deles, e o outro concordou, abanando a cabeça.

– Bem te vi! Bem te vi! – soou de súbito.

Despertados de seus pensamentos, levantaram as cabeças e viram um pássaro amarelo, que, pulando sobre os galhos caídos do pinheiro, cantarolava:

– Bem te vi! Bem te vi!

Ambos tiraram o chapéu e piedosamente fizeram o sinal-da-cruz sobre a testa.

E não é de admirar, pois no Brasil quem não sabe que foi o próprio Deus quem ensinou esse passarinho a falar, para avisar as pessoas diante do perigo e da tentação.

FIM



.....

## *Referências bibliográficas da tradutora*

- BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. Tradução da edição em francês. Coordenadores Gilberto da Silva Gorgulho et alii. São Paulo: Ed. Paulinas, 1973.
- BRASIL (11 abr. 2008). Banco Central do Brasil. *Síntese dos padrões monetários brasileiros*. Disponível em <[http://www.bcb.gov.br/htmls/museu-espacos/SíntesePadroes MonetariosBrasileiros.pdf](http://www.bcb.gov.br/htmls/museu-espacos/SíntesePadroesMonetariosBrasileiros.pdf)>. Acesso em 11 abr. 2008.
- BRITANNICA (5 fev. 2008). ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Disponível em <<http://www.britannica.com/eb/article-9031668/Adolf-Dygasiński>>. Acesso em 5 fev. 2008.
- CICHOCKA, Marta (16 fev. 2007). “Les Polonais en Amérique latine: un autre regard”, in *Amérique Latine Histoire et Mémoire*, Número 4, 2002 – *Migrations en Amérique Latine: la vision de l'autre*. [Publicado na internet em 13 jan. 2006. Disponível em <<http://alhim.revues.org/document483.html>>. Acesso em 16 fev. 2007.
- COMELLIN, P. *Nova mitologia grega e romana*. 9. ed. Rio de Janeiro : F. Briguiet & Cia. Editores, 1955.
- ENCYCLOPAEDIA BRITÂNICA DO BRASIL. *Atlas Mirador internacional*. Rio de Janeiro – São Paulo : Encyclopaedia Britânica do Brasil Publicações Ltda., 1975.
- FILIPACK, Francisco. *Dicionário sociolinguístico paranaense*. Curitiba : Imprensa Oficial, 2002.
- HAMILTON, Edith. *Mythology*. Boston : Little, Brown and Company, s.d.
- HOUAISS, Antônio. Mauro de Salles Villar. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Elab. no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. CD-ROM.
- INSEE (30 maio 2008) – Institut National de la Statistique et des Études Économiques. 2008. Disponível em [http://www.insee.fr/fr/indicateur/ chatfranc.htm](http://www.insee.fr/fr/indicateur/chatfranc.htm)>. Acesso em 30 maio 2008.
- LAROUSSE. Petit – Illustré – 1989. Paris : Librairie Larousse, 1988.
- MALCZEWSKI, Zdzisław, SChr. (4 abr. 2008) *Os poloneses e seus descendentes no Brasil: esboço histórico e situação atual da colônia polonesa no Brasil*. Disponível em <<http://www.revistaprojecoes.com/pt/index.htm>>. Acesso em 4 abr. 2008.
- NICOLAS, Maria. *Alma das ruas*. Vol. 4. [Curitiba]: Fundação Cultural de Curitiba, s.d.

- OLIVEIRA, Mary Persia de (dez 2008). Agência Estado. Disponível em <<http://www1.an.com.br/2000/dez/08/0tur.htm>>. Acesso em dez. 2008.
- PARANÁ, CASA CIVIL (19 jan. 2008). *Galeria de Governantes*. Disponível em <<http://www.casacivil.pr.gov.br>>. Acesso em 19 jan. 2008.
- , BPP – BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ. Arquivo *Praças de Curitiba*. Curitiba, 2009. Divisão de Documentação Paranaense.
- ROCHA FILHO, Romeu C., *Grandezas e unidades de medida*. O Sistema Internacional de Unidades. São Paulo: Ática, 1988.
- SAMWAYS, Marilda Binder. *Introdução à literatura paranaense*. Curitiba: Livros HDV, 1988.
- WIKIPÉDIA (16 jul 2009). *Hermann Bruno Otto Blumenau*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki>. Acesso em 16 jul. 2009.
- (1.º jun. 2009). *Polônia*. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Polonia>>. Acesso em 1.º jun. 2009.
- (25 abr. 2007). *SEMMERING*. Disponível em <[www.terra.com.br/turismo/roteiros/2000/11/10/009.htm](http://www.terra.com.br/turismo/roteiros/2000/11/10/009.htm)>. Acesso em 25 abr. 2007.
- (25 nov. 2007). GORSKI, *Ludwik*. Disponível em <[http://pl.wikipedia.org/wiki/Ludwik\\_G%C3%B3rski\\_\(polityk\)](http://pl.wikipedia.org/wiki/Ludwik_G%C3%B3rski_(polityk))>. Acesso em 25 nov. 2007.
- (16 jul. 2009). *Alfredo d'Escagnolle Taunay*. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki>>. Acesso em 16 jul. 2009.
- (21 ago 2005). *Ética Profissional*. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89tica\\_profissional](http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89tica_profissional)>. Acesso em: 21 ago. 2005.

# APÊNDICE

MAPA DA POLÔNIA (2009)<sup>207</sup>



Fonte: Disponível em <http://www.guiageo-europa.com/mapas/polonia.htm> Acesso em 1º fev. 2008.

Assinaladas, no mapa, pela tradutora as cidades citadas pelo A.

207 O mapa atual da Polônia é resultante do Tratado de Versalhes (1918). Ver adiante o mapa desse país em 1891, quando o A. empreendeu a viagem ao Brasil. (N. da T.)

MAPA DA POLÔNIA (1891)

À ÉPOCA DE ZIGMUNT CHELMICKI

(Fronteiras da época assinaladas com -.-.-. sobre o mapa atual.)



Fonte: Mapa atual disponível em <<http://www.guiageo-europa.com/mapas/polonia.htm>>. Acesso em 29 out. 2009. Mapa de época disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:KingdomofPolandi1815.jpg>>. Acesso em 27 out. 2009.



.....

## *Índice Onomástico*

### A

ACIÓLI DE VASCONCELOS – 178,  
281  
ADAM, Bertold – 249  
ADOLF – 261  
ADOLFO XIII – 43  
ÁLVARES, Franklin – 102, 106, 165,  
169, 173, 175, 283, 285  
ALVES, Antônio – 193  
ALVIM, Cesário – 146  
ANDRZEJEWSKI (padre) – 248, 270  
ARARIPE, Tristão de Alencar – 152,  
153  
ARMAND – 87

### B

B. – 95, 188  
BARBOSA, Rui – 135, 143, 148, 149,  
150, 153, 280, 287  
BEZERRA, Norberto de Américo (coro-  
nel) – 243  
BLUMENAU (Dr.) – 251, 265, 266  
BOCAIÚVA, Quintino – 136, 137, 138,  
140, 150  
BOGDANOV (cônsul russo) – 253  
BOTELHO, Paulino Carlos de Arruda –  
201, 277  
BRASILIENSE, Américo – 152

### C

CAMPOS SALES – 144  
CARLOS – 212, 214  
CARLOS AFONSO – 145

CARVALHO, Antônio Luís – 152  
CAVALCANTI, João Barbalho Uchoa –  
152  
CERQUEIRA LIMA (governador) –  
244, 247  
CHERMONT, Justo Leite – 152  
CORREIA DE OLIVEIRA – 126

### D

DANTE – 192  
DIAL-DIOP (rei) – 82  
DIGASINSKI – 29, 32, 33, 48, 51, 105,  
251, 259, 279  
DZIADKOWIEC, André (padre) – 270

### E

EISENHART (engenheiro) – 261  
EU, Conde d' – 139

### F

FAIDHÉRBE (general) – 81  
FANOR – 280  
FERRÃO, Argolo – 46, 48, 49, 51  
FIGUEIREDO (visconde de) – 128,  
129  
FIORITTA, Ângelo – 122, 128, 133  
FONSECA – 280, 286  
FONSECA, Diodoro da (marechal) –  
129, 130, 135, 140, 141, 143, 150,  
151, 152  
FRANKLIN – 274  
FROTA, Antônio Nicolau Falcão da –  
152

## G

GAAD (Dr.) – 77, 78, 89, 103, 201, 212, 238, 302  
GALENOZOWSKI (médico) – 50  
GAWR, Bl. – 189  
GENEROSO (advogado) – 250  
GERALDO – Ver RESENDE, Geraldo de  
GERALDO (barão) – ver RESENDE, Geraldo de  
GLICÉRIO (general) – 135, 146, 147, 148, 149, 271, 280, 282  
GLINKA, Mikolaj – 25, 29, 30, 31, 32, 33, 47, 49, 58, 71, 85, 87, 104, 105, 179, 276, 284, 294  
GOMENSORO – 106, 272, 283, 284  
GORSKI, Ludwik – 201  
GORSKI, Wladislaw – 50  
GURANOWSKI (padre) – 70

## H

HEHN (padre) – 163  
HENRYK – 104  
HESSE – 40

## I

ISABEL, Dona (princesa) – 125, 127  
ISENBERG-BERNSTEIN, Karol (padre) – 36-7

## J

J. E. (superintendente polonês) – 33  
JAROSZ – 63  
JOÃO ALFREDO – 138  
JOSÉ I (rei) – 61

## K

KAERGERER (escritor) – 204, 263  
KOMIEROWSKI – 53

KRUPA – 41

## L

LADÁRIO (barão de) – 143  
LAJUS – 243  
LAMENHA (Dr.) – 251, 265, 266, 269, 279  
LEON (engenheiro) – 260  
LEONARDO – 69, 71  
LIMA – Ver CERQUEIRA LIMA  
LOBO, Aristides – 144, 146  
LUCENA (barão de) – 135, 152, 153, 154, 272, 280, 281, 282  
LUKASIEWICZ, Josef (carpinteiro) – 241

## M

MAGALHÃES, Benjamim Constant Botelho de) – 136, 137, 140, 146, 150  
MAL-DIOP (rainha) – 85  
MARTINS, Gaspar da Silveira – 145  
MARYSIA – 109  
MATEUS – 109  
MAYRINK – 287  
MEUNIER (comandante) – 72  
MICHEL, Ernest – 52  
MICK – 50  
MIKOLAJ – Ver GLINKA, Mikolaj

## N

N. – 188  
NAPOLEÃO POETA – 147  
NEGREIROS José (fazendeiro) – 89, 90, 199, 201, 202, 204, 205  
NESTOR – 242  
NIERDELE, Francisco – 115

## O

OKOMINSKI (jardineiro) – 262  
OLIVEIRA, Cândido de – 145

OURO PRETO (visconde de) – 138,  
139, 144, 145, 149

**P**

P. (jornalista) – 75, 8672  
PARIS (conde de) – 61  
PAULINO – 195, 208, 210  
PEDRO II (Dom) – 58, 122, 123, 123,  
126, 136, 137, 143, 144, 170, 287  
PEIXOTO, Floriano – 146  
PETERS – 39  
PINTO, Joaquim Caetano – 128, 129  
PRADO, Antônio – 50, 126  
PRADOS (os) – 265  
PRAHAZ (padre) – 36, 37, 38, 40, 41,  
42, 45  
PRZYTARSKI (padre) – 270

**R**

RESENDE, Geraldo de (barão) – 196,  
199, 201, 204, 205, 212  
RIBEIRO, Demétrio – 144, 146  
RIO BRANCO (visconde do) – 125  
RODRIGUES – 105  
ROGOZINSKI – 49, 53  
ROTSCHILDS (os) – 94  
RYMKIEWICZ (engenheiro) – 104

**S**

SANTANA – 46  
SANTANA NÉRY – 50, 51, 52, 106,  
127, 200  
SANTOS, José dos – 122, 128, 133

SÃO VICENTE (conde de) – 125  
SCHLOSSER (padre) – 35, 36, 37, 38,  
39, 40  
SIENKIEWCZ (Sra.) – 104  
SIENKIEWICZ (escritor) – 113  
SILVAS (os) – 265  
SOJA (padre) – 247, 270  
STACHOWSKI – 249  
STANCZYK – 54  
SZEL – 189  
SZOBERSKI – 47  
SZULC – 249

**T**

T. – 248  
TAUNAY (barão de) – 267, 269, 272,  
277, 279  
TAUNAYS (os) – 265  
VANDENKOLK, Eduardo – 144

**V**

VIDAL, Fortunato Forster – 152

**W**

W. – 95  
WABERSKI – 249  
WASILEWSKI – 50  
WINNICKI, Josef – 46, 50

**Z**

Z. (conde) – 49, 50



*Imigrantes Poloneses no Brasil*, de Pe. Zygmunt Chelmicki,  
foi composto em Garamond, corpo 12, e impresso em papel vergê areia  
85g/m<sup>2</sup>, nas oficinas da SEEP (Secretaria Especial de Editoração e Publicações),  
do Senado Federal, em Brasília. Acabou-se de imprimir em julho de 2010,  
de acordo com o programa editorial e projeto gráfico  
do Conselho Editorial do Senado Federal.



Zygmunt Chelmicki foi um padre católico, que - além das funções sacerdotais - teve as de ativista comunitário, publicista, editor e político. Descendente de antiga família fidalga, nasceu em 1851 em Varsóvia. Completou seus estudos de seminário com os de teologia em Münster (Alemanha), sendo ordenado sacerdote em 1873, na capital polonesa. Desde 1877, exerceu suas atividades na igreja do Espírito Santo. Nomeado reitor dessa igreja, desempenhou o cargo até sua morte em 1922.

Criou várias organizações e centros de filantropia, como abrigos para professoras aposentadas, refeitórios para carentes e associações de albergues noturnos.

Em 1881, passa a integrar a equipe de redação do jornal *Slowo* (“Palavra”), sendo responsável pela seção político-social do periódico. Em 1891, é na qualidade de redator convidado a participar de uma viagem de mais de cem dias ao Brasil (dos quais 55 passaram em visitas) para pesquisar a situação geral da comunidade de emigrantes poloneses. Com as anotações dessa viagem, publicou este livro em 1892 com o propósito de derrubar, na Polônia, a miragem emigratória, evidenciando o quadro brutal dessas vítimas da fome e da miséria no Brasil.

Desde 1901, Chelmicki dirigiu a publicação da “Biblioteca de Obras Cristãs”. Redigiu um “Compêndio Enciclopédico da Igreja”, dentro de uma série de 44 volumes, editados entre 1904-1916. Na área política, foi diretor do Partido Político Realista e de 1917 a 1918 - ponto alto dessa atividade - foi secretário-geral, principal conselheiro e dirigente da chancelaria do Conselho Regencial, que precedeu o ressurgimento da Polônia como nação, em consequência do Tratado de Versalhes, após a I Guerra Mundial (1914-1918).



ISBN 978-85-7018-308-8

